

A Capoeiragem no Rio de Janeiro

Primeiro Ensaio

A Capoeiragem no Rio de Janeiro

Primeiro Ensaio

Sinhozinho e Rudolf Hermannny

André Luiz Lacé Lopes

Rio de Janeiro – Novembro/2002

Copyright © 2002 André Luiz Lacé Lopes
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 1.825, de 20/12/97.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização
prévia por escrito do autor

Preparação preliminar (digitação e escaneação) e Primeira Leitura Crítica
Dilcéa Maria Lacé Lopes, universitária (Psicologia)

Revisão do texto
Arly Silva e Lisboa Lacé Lopes, advogada e administradora,
e Cecília da Rocha Bastos, fada-madrinha

Capa/ilustrações/fotos:
André Lacé (arquivo particular), Inemar Penna Marinho, Marcelo Alves
de Souza, Tribuna da Imprensa, Jornal dos Sports, Jornal do Brasil & FUNARJ
& Museu do Esporte; Professores Paulo Azeredo, Rudolf Hermann, Hugo
Mello da Silva, Carlos Alberto Pettezzoni e Paulo Amaral

Editoração Eletrônica
Textos & Formas Ltda.
Tel.: (Rio) 2516-7997

Capa e Fotolitos Especiais
Imagem & Texto
Domingos Sávio – Tel/Fax: (Rio) 3852-8252
Editora Europa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lacé Lopes, André Luiz

A Capoeiragem no Rio de Janeiro, primeiro ensaio
Sinhozinho e Rudolf Hermann
RIO, RJ — Brasil, 2002

Registro da Primeira Edição: ISBN: 85-900795-1-1

1. Capoeira, Capoeiragem: Arte Popular Afro-Brasileira — dança,
jogo, luta; 2. Ginástica Nacional Brasileira; 3. Arte Marcial Brasileira; 4.
Capoeira como Desporto; 5. Dinâmica do Folclore; 6. Processo de Institu-
cionalização de um fenômeno popular; 7. Administração da Capoeira; 8.
Governo, Administração Pública e Capoeira; 9. Capoeira e Globalização.

CDD 796.069 (81,84)

Índice

<i>Introdução Geral</i>	7
<i>Duas Palavras</i>	
Carlson Gracie	19
Paulo Amaral	23
<i>Homenagem & Alerta</i>	27
<i>Prólogo – Inspirado em Mestre Cervantes</i>	31
<i>Primeiro Capítulo</i>	
Importância da Capoeira no Rio de Janeiro	39
<i>Segundo Capítulo</i>	
Annibal Burlamaqui, o <i>Zuma</i>	85
<i>Terceiro Capítulo</i>	
Inezil Penna Marinho	95
<i>Quarto Capítulo</i>	
Agenor Moreira Sampaio, <i>Sinhozinho</i>	105
<i>Quinto Capítulo</i>	
Capoeira de Sinhozinho confronta a Capoeira Regional	155

Sexto Capítulo

Rudolf Hermannny	203
----------------------------	-----

Sétimo Capítulo

O Pulo do Gato – Teoria e Prática	241
I — Aquecimento para o Pulo do Gato	241
II — Resumo do Pulo do Gato	244
III — Projeto “Cd-ROM — Bibliografia Crítica da Capoeira” (<i>Projeto Memória da Capoeira</i>)	259
IV — Projeto Capoeira Arte Marcial (<i>Projeto Sinhozinho</i>)	266
Bibliografia	276

Introdução Geral

André Luiz Lacé Lopes

Ao final do livro “A *Volta do Mundo* da Capoeira”, publicado em 1999, adiantei o tema básico do meu trabalho seguinte: “A Volta ao Mundo da *Volta do Mundo da Capoeira*” !

Adiantei, também, o índice e o resumo do livro que já estava sendo gestado com base na aplicação da engenhosa **Teoria da Construção de Instituições** (*Institution Building Theory*) no processo de institucionalização e globalização — lamentável, mas inexorável! — da **Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem**.

Nesse excesso de entusiasmo e planejamento editorial, já se vê, subestimei a opinião do leitor. Que foi e continua sendo, em relação ao livro “A *Volta do Mundo* da Capoeira”, absolutamente surpreendente. Através de telefonemas, cartas e *e-mails*, e, sobretudo, através de contatos pessoais no Rio e durante minhas andanças pelo Brasil afora e pelo exterior, comecei a estocar verdadeiro arsenal de críticas e sugestões muito bem fundamentadas e altamente relevantes. Subsídios que não me permitiram outra alternativa senão a de reformular meus planos editoriais, engavetando por mais algum tempo o livro inicialmente previsto, e partindo para dois outros livros, no momento, bem mais importantes. Decisão que foi consolidada por força de um contrato para publicação da segunda edição do meu livro “A Volta do Mundo...” através da Internet (*e-book: www.novosuniversos.com.br*). Edição que, sábia e finalmente, tomou a forma de uma coletânea desdobrada em cinco volumes, facilitando, assim, a leitura e o entendimento pleno do

trabalho. No primeiro volume tratei de incluir uma apresentação fundamentada nas mencionadas críticas e sugestões.

O que resultou em nova avalanche de comentários.

Destrinchando todo o conjunto de comentários, sugestões, críticas e subsídios diversos, foi possível destacar três grandes vertentes:

1. Considerável lote de críticas sobre a **falta de um tratamento mais acadêmico**: escassez de citações eruditas, desprezo por referências bibliográficas, ausência de definições de paradigmas, nenhuma expressão em latim, nenhum adágio...

Críticas, certamente bem intencionadas, razão pela qual serão, agora, levadas em consideração, como, aliás, já se poderá constatar a partir do Prólogo (“ligeiramente” inspirado em Cervantes). Lamentei, entretanto, que uma das **Introduções** do livro anterior (“Volta do Mundo da Capoeira”), feita pela brilhante Dra. Lilia da Rocha Bastos, não tenha sido suficiente para convencer a esses leitores que meu livro, de então, pelas suas características (coletâneas de artigos e crônicas, experiência pessoal, correspondência diversa, fotos etc) não estava preocupado nem se ressentia de tal aparato. Nem mesmo a apropriada citação, por Lilia, de Jacques Derrida, o filósofo da desconstrução, parece ter convencido a esse grupo academicamente mais impermeável.

2. Outro lote de críticas e sugestões apontou em direção da, **cada vez mais importante, Capoeira Antiga**, Capoeira Tradicional, Capoeira de Raiz, chamada hoje em dia, genericamente, de *Jogo de Angola*. Não obstante tenha incluído em meu livro artigos, crônicas, cartas e relatórios sobre o extraordinário trabalho de mestres como Pastinha, Caiçara, João Grande, João Pequeno, Lorde Bom Cabrito, Pedro Trindade Moraes, Cobrinha Mansa, Camaleão e vários outros, os leitores estão querendo, exigindo muito mais. Com toda razão. Considero esse interesse

uma vitória da Capoeira que deverá prevalecer no mundo. O que é muito bom. Não sem motivo, portanto, este será o tema do meu próximo livro — *Capoeira: Chamada de Angola!*

3. Finalmente, um terceiro lote, a rigor, o maior de todos, foi sobre a **Capoeira Utilitária** do extraordinário e saudoso **Sinhinho**. Nesse bojo vieram, também, críticas contundentes sobre o poderoso (e excessivo) *marketing* que vem sendo feito a favor de uma capoeira estilizada, contemporânea (sic), teatral como folclore e capenga como arte-marcial.

Em função do meu livro, até mesmo algumas revistas especializadas convocaram seus gurus e publicaram alguns artigos sobre Annibal Burlamaqui, Raul Pederneiras, Sinhozinho, Inezil Penna Marinho e outros. Matérias sem grande entusiasmo. Essa importantíssima fase da História da Capoeiragem, portanto, continua merecendo e exigindo tratamento bem mais sério e profundo.

Tal quadro levou-me a apresentar, ao Professor Rudolf de Otero Hermany, o projeto de livro sobre sua extraordinária passagem pelo mundo da CAPOEIRA, incluindo-se no trabalho, embora de raspão, suas vitórias no esporte em geral, particularmente no JUDÔ, e suas realizações no campo da EDUCAÇÃO FÍSICA, onde segue atuando com maestria.

Não deu certo. Sempre modesto, caráter forte e personalidade extremamente positiva e magnânima, Hermannny contra-argumentou e contrapropôs:

— “A idéia é boa, um livro sobre a velha capoeira no Rio, mas porque você não concentra o seu trabalho na figura do **Sinhinho**?”

Resumindo as demoradas e cordiais rodadas de conversa que se seguiram, sob os olhares atentos e sempre cordiais da Arly e da Sandra, acabou prevalecendo um livro centrado nas figuras de **Sinhinho** e **Rudolf**, reservando-se, ainda, dois ca-

pítulos para as extraordinárias contribuições de **Annibal Burlamaqui e Inezil Penna Marinho**.

Livro relativamente fácil de escrever, pois tratei de transcrever, não por comodidade, mas por cautela, eloqüentes matérias jornalísticas de décadas atrás e alguns trechos de artigos e de livros recentes. Estratégia utilizada na própria capa (composição sugerida pela Dilecia Maria Lacé!), ficando a contra-capas, mandingueiramente, encarregada de fazer uma incrível ponte da Capoeira de Sinhozinho com a Capoeira Angola. A Orelha ficou por conta do Dr. João Fontes, mais conhecido como presidente da AMA-Leblon, mas que, no passado, foi grande capoeirista.

Vamos ao roteiro do livro:

Duas Palavras: Professores Paulo Amaral e Carlson Gracie

Dividido em sete capítulos, o livro começa com duas participações surpreendentes. Feitas, não por capoeiristas, não por estudiosos de capoeira, mas por dois grandes especialistas em desporto de combate. Afinal, o livro não é sobre o fascinante **jogo** da capoeira, e sim sobre a **capoeira como luta, como arte marcial!**

Paulo Amaral, além de grande atleta, além de valente e hábil lutador, além de excelente profissional de Educação Física, teve oportunidade de arbitrar (“apartador”!) alguns confrontos emblemáticos da capoeira com outras lutas. Carlson Gracie dispensa apresentações, é uma lenda, tendo enfrentado lutadores de todas as modalidades, inclusive grandes capoeiras.

Ora, está mais do que na hora de ouvir tais personalidades. São depoimentos preciosos para que a **Capoeira-Luta** possa vencer a mesmice na qual está mergulhada e voltar a crescer de verdade, sem textos fantasiosos, delirantes ou, simplesmente, pseudo-folclóricos.

Homenagem & Alerta

Bibliotecas e arquivos históricos são de fundamental importância para a preservação da História dos Povos e do Mundo. Principalmente no Rio de Janeiro, tenho verificado pessoalmente essa importância. Daí a homenagem aos especialistas e auxiliares da área. Daí, também, meu alerta, pois, boa parte das casas de leitura e pesquisa que visitei ressentem-se de maior atenção por parte de seus respectivos governos responsáveis.

Prólogo, inspirado em Mestre Cervantes

A Capoeira vinha sendo transmitida, de geração para geração, através da voz e do gestual do negro. Sem nenhuma perda de qualidade, até pelo contrário. Por força de seu grande fascínio, adentrou na classe média, nos salões elegantes e nas universidades. Foi o que bastou para que começasse a surgir uma avalanche de livros complicadíssimos, pretensiosos, cheios de citações e explicações tortuosas e torturantes. Claro que existem alguns bons livros e artigos, e algumas dissertações doutorais respeitáveis — ver ao final do livro: Bibliografia recomendada — mas são exceções que confirmam a escrita geral.

Pragmaticamente, entretanto, não seria prudente ignorar a pressão dos que exigem a presença de adágios, aforismas e provérbios, se possível, em latim. O patrulhamento é cruel: *não havendo citação, o livro não poderá ser sério!*

O que explica o sucesso acanhado de grandes livros como o do valente e batalhador Mestre Paulo Gomes (*“Capoeira, a arte brasileira”*) e do polêmico marginal-boêmio da Lapa, *Caranguejo da Praia das Virtudes* (Gomes, 1981; e Santos, 1972).

Por feliz coincidência, relendo o grande clássico da literatura mundial, Dom Quixote de La Mancha (sem dúvida alguma, Quixote tinha a alma e o espírito de um verdadeiro

capoeira), percebi que bastaria seguir o bem humorado exemplo do seu Prólogo. Onde Cervantes, após registrar sua revolta contra certos críticos literários, serve um variado prato de citações irresistíveis. Foi exatamente o que fiz — com base no Prólogo do genial Cervantes, construí, humildemente, o meu.

Primeiro Capítulo *Importância da Capoeira no Rio de Janeiro*

A Capoeira é fascinante, mas está dentro da Sociedade, e não o contrário, como alguns, até mesmo levados por compreensiva paixão, acabam acreditando. Cheios de orgulho, alguns capoeiristas baianos defendem que, logo após ser agraciado com linda e ensaiada demonstração de capoeira, o então ditador Getúlio Vargas encaminhou-se para o seu quarto e redigiu decreto tirando a capoeiragem da contravenção. Jamais existiu tal decreto, a história é bem outra e, como não poderia deixar de ser, teve o seu início na capital federal, no Rio de Janeiro. (Esdras Magalhães dos Santos lançará, em janeiro de 2003, esclarecedor e surpreendente trabalho de pesquisa). É assim no mundo todo, os centros urbanos mais avançados irradiando cultura — lato senso — para os demais centros do país.

O mote tem fascinado cientistas sociais e políticos, urbanistas, sociólogos e administradores públicos. Há farta literatura sobre esse assunto, mas, para não complicar muito, bastará lembrar alguns exemplos da influência do futebol do Rio de Janeiro no resto do país: *Flamengo do Piauí*, *Botafogo da Paraíba*, *América de Natal*, *Fluminense de Feira de Santana*...

Neste capítulo, portanto, exploro esse fenômeno social, oferecendo alguns exemplos, inclusive dentro da literatura brasileira. Encerro esta rodada inicial transcrevendo alguns artigos e manchetes que enfatizam a importância dos Gracie, direta ou indiretamente, na divulgação da capoeiragem no Rio de Janeiro e, por via de consequência, em todo Brasil.

Segundo e Terceiro Capítulos
Annibal Burlamaqui (Zuma) e Inezil Penna Marinho

Embora o livro concentre baterias nas extraordinárias figuras de Sinhozinho e Rudolf Hermann, entendi, como justo e oportuno, incluir informações sobre a relevante contribuição de dois outros personagens: Annibal Burlamaqui e Inezil Penna Marinho. Sem pretender, também aqui, nem de longe, esgotar o assunto.

Ambos praticaram capoeira, Zuma mais do que Inezil, ambos escreveram livros, Inezil mais do que Zuma.

Os capítulos receberam a mesma estruturação interna:

I — Ilustrações Especiais

II — O Autor (Zuma ou Inezil)

III — O Livro (livro de um e de outro)

IV — *Reflexões*

Sendo que Inezil recebeu um item a mais para contemplar a sua interessante e premonitória *Oração do Capoeira*.

Quarto Capítulo
Agenor Moreira Sampaio, Sinhozinho

Tempos atrás, estava eu em Salvador conversando com o angoleiro Mestre Barba Branca e o grande Mestre João Pequeno, quando, lá pelas tantas, Barba Branca afirmou:

- “Vai me desculpar, mas eu nunca ouvi falar em Sinhozinho”.

A frase rendeu, na época, pequeno artigo no jornal do Sports (Rio). Serviu-me, também, para a construção inicial deste capítulo, onde o leitor tomará conhecimento de preciosos depoimentos e informações sobre o paulista-carioca Agenor Moreira Sampaio. Selecionei nove registros que, certamente, ajudarão o leitor a saber quem foi Sinhozinho: Agenor Sampaio, segundo Inezil Penna Marinho, Ruy Castro, Mário Pei-

xoto, Eloy Dutra, Sergio Pettezzoni, Rudolf Hermann, Rio Distrito Federal e Waldeir Rego.

Dando sequência a este capítulo, selecionei três interessantes reportagens:

Primeira Reportagem: “Club Nacional de Gymnastica (Capoeira!): Uma Grande Promessa” — Diário de Notícias, Seção Sports. Rio, 1931.

Segunda Reportagem: “Destino da Capoeira”, Jornal O GLOBO Esportivo, Rio, 1951

Terceira Reportagem: “Trabalha-se no Brasil pela sobrevivência da Capoeira” — Jornal Correio da Manhã, Rio, 1951

O capítulo específico sobre Sinhozinho termina com dois artigos:

— “*Sinhozinho*”. Jornal dos Sports. Rio, 1996

— “*Barba Branca e Sinhozinho*”. Jornal dos Sports. Rio, 1997

Quinto Capítulo

Capoeira de Sinhozinho confronta a Capoeira Regional

Um confronto histórico, entre alunos de Sinhozinho e alunos de Mestre Bimba, realizado, em 1949, na cidade do Rio de Janeiro. O capítulo começa pela fase paulista — ainda com a presença de Bimba — da heróica incursão dos baianos ao Sul Maravilha. A exemplo dos capítulos anteriores, neste, também, existem várias transcrições de matérias jornalísticas. Optei pela transcrição pura e simples, até mesmo, em alguns casos, escaneando o texto, para preservar, por inteiro, a verdadeira visão jornalística do autor de cada matéria.

Até hoje, não foi dada àquele evento a importância que realmente teve. Exceção para o revelador livro de Esdras Magalhães dos Santos, aluno de Bimba e que participou da surpreendente excursão. Sendo que a versão de Esdras contradiz,

de modo flagrante, algumas outras versões de pesquisadores baianos. Mais do que esclarecer tal contradição, acredito que seja a hora de prestar homenagem aos capoeiras, cariocas e baianos, que tiveram a coragem de subir ao ringue. Vou mais além – está mais do que na hora de retomar esse tipo de experiência, única maneira de fazer a capoeira voltar a evoluir, realmente, na sua versão LUTA.

O quinto capítulo está estruturado da seguinte maneira:

I — Carta ao Mestre Evaldo Bogado

II — Mestre Bimba e alunos em São Paulo, 1949

1. Segundo alguns livros especializados
 - 1.1 “Conversando sobre Capoeira”
 - 1.2 “Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem”
 - 1.3 “Bimba, Perfil do Mestre”
 - 1.4 “Bibliografia Crítica da Capoeira”
2. Segundo o vídeo “Pastinha, uma vida pela Capoeira”
3. Segundo os jornais de São Paulo

III — Os alunos de Mestre Bimba no Rio, 1949

1. Segundo alguns livros especializados
 - 1.1 “Conversando sobre Capoeira”
 - 1.2 “Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem”
 - 1.3 “Bimba – Perfil do Mestre”
 - 1.4 “Bibliografia Crítica da Capoeira”
2. Segundo o vídeo “Pastinha, uma vida pela Capoeira”
3. Segundo os Jornais do Rio
 - 3.1 Antes dos Confrontos
 - 3.2 Confronto Luiz Aguiar “Cirandinha” versus Jurandir (Bimba)
 - 3.3 Confronto Rudolf Hermann versus Fernando Perez (Bimba)

Sexto Capítulo
Rudolf de Otero Hermann

Está dividido em quatro partes.

As duas primeiras partes estão estruturadas de maneira similar ao capítulo dedicado a Sinhozinho: Ilustrações Iniciais e depoimentos sobre a figura igualmente extraordinária de Rudolf Hermann. Além de Ruy Castro e Mário Peixoto, tratei de transcrever um trecho do *site* do próprio Hermann (<http://home.openlink.com.br/rohermann> (2001)).

A terceira parte é dedicada ao histórico evento “Pró-Flagelados”. Começa com a transcrição de três boas reportagens seguidas de algumas reflexões pessoais do autor:

Primeira Reportagem: “Alunos dos Gracie versus lutadores avulsos”

Segunda Reportagem: “Só não podem matar”

Terceira Reportagem: “Rudolf Hermann e Carlson Gracie — impressionantes!”

A quarta e última parte deste capítulo resume alguns registros de outro confronto capoeirístico, extremamente importante para o entendimento pleno da História da Capoeiragem no Brasil. O confronto entre a Capoeira Utilitária de Sinhozinho (Rudolf Hermann) e o grande capoeirista baiano (Itabuna) Artur Emídio de Oliveira. De início, através da transcrição parcial de um artigo, e por questão de justiça, registro e elogio o extraordinário trabalho que Mestre Artur desenvolveu no Rio. Durante algumas décadas, sua academia, em Bonsucesso, foi uma espécie de quartel general da Capoeira (praticada ao som do berimbau) do Rio e do Brasil.

Fecho o capítulo, transcrevendo três boas reportagens a respeito do mencionado confronto. E, é claro, tecendo algumas considerações pessoais.

Primeira Reportagem: “Capoeira Sensacional — venceu Hermann por Nocaute Técnico”

Segunda Reportagem: “Ontem, no Palácio de Alumínio — vitória espetacular de Hermannny”

Terceira Reportagem: “Declara Hermannny”

Sétimo Capítulo *O PULO DO GATO: teoria e prática*

I – Aquecimento para o Pulo do Gato

II – O Pulo do Gato, resumo geral

III – Projeto CD-ROM – Bibliografia Crítica da Capoeiragem (*Projeto Memória da Capoeira*)

IV – Projeto Capoeira Arte Marcial (*Projeto Sinhozinho*)

Neste sétimo e último capítulo — O Pulo do Gato — como não poderia deixar de ser, faço um balanço geral do livro, conseqüentemente, da importância da contribuição dos autores e mestres que destaco no trabalho. **Pesquisa que pode e deve ser aprofundada e, tenho certeza, certamente será.** Informações extremamente relevantes e pertinentes que não poderiam, sob nenhuma hipótese, ser atiradas para debaixo do tapete da História da Capoeiragem. Das obras pioneiras de ODC (1907) e Zuma (1928) ao campeão Rudolf Hermannny, passando pelo trabalho premiado de Inezil Penna Marinho e pela figura extraordinária de mestre Sinhozinho com sua legião de alunos-campeões em vários esportes, muito especialmente na Capoeira!

A grandeza da Capoeira está justamente no somatório das contribuições de todas essas grandes figuras e eventos. Contribuições que certamente começaram na África, contribuições que surgiram em várias partes do Brasil e seguem surgindo — Graças a Deus — pelo mundo afora.

O leitor perceberá facilmente essa verdade, mesmo aquele cujo **coração** impeça, por algum bairrismo ingênuo e passageiro, mesmo aquele cuja **razão** o confunda por motivos

mercadológicos e comerciais. Percepção que, seguramente, propiciará — relevem a insistência — uma série de novas pesquisas, aprofundando o tema deste livro. Além de homenagens aos seus atores principais, que certamente serão prestadas pelos mestres de capoeira e pelos governos; especialmente, pelos governos municipais de Santos, São Paulo e Salvador; pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia; e, certamente, pelo Governo Federal. Homenagens que farão justiça à própria História da Capoeira. Engrandecendo-a.

Muito embora este livro tenha como objetivo básico registrar a importância da Capoeira de Sinhozinho, entendi como oportuno incluir, em forma embrionária de projeto, duas sugestões objetivas e concretas:

1. Um projeto para dar dimensão ainda maior ao meritoso trabalho desenvolvido pela Fundação Nacional de Arte, do Ministério da Cultura — “Capoeira: fontes multimídia”; e

2. Um projeto para resgatar a verdadeira Luta de Capoeira!

Finalmente, contrariando mandingueiramente minhas críticas e suspeitas sobre listagens bibliográficas, trato de sugerir alguma leitura e registrar algumas outras.

André Luiz Lacé Lopes
Leblon, Rio — 06 de agosto de 2002

Duas Palavras

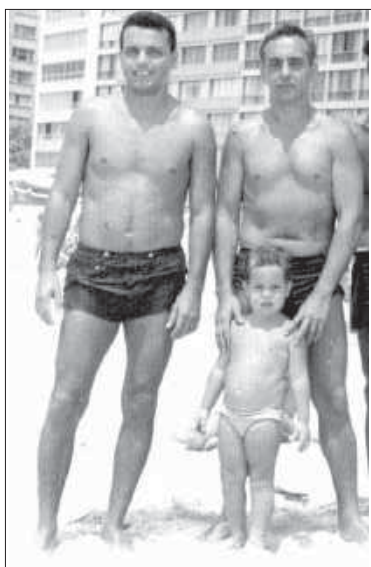
Carlson Gracie

*“A minha primeira luta foi com o “Capoeira”, um dos caras mais fortes do Rio.”**

André Lacé aprendeu capoeira com o saudoso Neyder (Neyder de Oliveira Alves de Souza), um grande capoeirista, lutador desassombrado, sempre bem humorado e meu amigo pessoal. Seria uma injustiça muito grande não inclui-lo na História da Capoeiragem do Rio de Janeiro, daí minha satisfação ao vê-lo citado e retratado no livro *“A Volta do Mundo da Capoeira”*.

Livro este que recebi de presente do autor, André Lacé, juntamente com um convite para escrever algumas linhas no seu

*Revista Tatame, nº 72, fevereiro de 2002. Carlson Gracie dispensa apresentações, trata-se de uma legenda dentro da própria legenda maior chamada Família Gracie. Nasceu no Catete, Rio de Janeiro, num mês de agosto sendo, portanto, um leonino nato. Filho de Carlos e Carmem Gracie, e primeiro sobrinho dos quatro irmãos do pai — Gastão, Oswaldo, George e Hélio — todos professores de jiu-jitsu. Aos 4 anos de idade, orientado pelo seu pai e professor, fez sua primeira exibição. No Estádio Brasil, “uma espécie de catedral das lutas de boxe no Rio de Janeiro, situado nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia”, segundo os registros do meu caro Professor Paulo Roberto Godinho. Aos 16 anos de idade sagrava-se campeão carioca de jiu-jitsu. Foi na modalidade Vale-Tudo, entretanto, anos mais tarde, que Carlson consolidou a sua fama de campeão enfrentando adversários excepcionais como Passarito, Waldemar Santana, Ivan Gomes, Euclides Pereira, Leão de Portugal, Luiz Aguiar Karadagian e outros. Atualmente, Carlson Gracie, além de suas academias no Rio de Janeiro, sempre muito solicitado, presta consultoria aos quatro cantos do mundo.



Carlson Gracie e Neyder Alves.
Copacabana, Rio, 1962.

novo trabalho onde mergulha, ainda mais fundo, na capoeiragem do Rio de Janeiro de algum tempo atrás, desta vez, focalizando, especialmente, as figuras de Zuma Burlamaqui, Inezil Penna Marinho, Sinhozinho e Rudolf Hermannny. Alguns outros capoeiristas são também lembrados, inclusive Luiz Aguiar (Cirandinha) com quem tive oportunidade de lutar, e Artur Emídio de Oliveira que lutou com o meu irmão Robson Gracie.

Sáímos, eu e Robson, vencedores desses dois combates. Daí não ter entendido, inicialmente,

a razão do convite formulado pelo André.

“— A Capoeira está crescendo muito, tomando conta do mundo, mas, ao mesmo tempo, está perdendo qualidade na sua prática como luta marcial, o que há é mais pirotecnia” — argumentou André Lacé. E continuou: “existe uma capoeira moderna, estilizada, que se vende como *luta braba*, mas, na prática, foge de todo combate sério escondendo-se em apresentações pseudo-folclóricas, sempre em palco, e sempre em conjunto com maculelê, puxada de rede etc”.

Tenho corrido o mundo com o jiu-jitsu e sou testemunha do crescente sucesso da capoeira no exterior. Até no Japão...

Concordo, portanto, com as afirmações iniciais de André. Também concordo em relação à análise da capoeira como luta de combate, pois, entendo que a Capoeira atualmente é, acima de tudo, um belo espetáculo de palco. Até porque a associação com o berimbau e demais instrumentos — incomum na ca-

poeira do Rio Antigo — resultou num espetáculo único, cada vez mais aplaudido no mundo inteiro.

Para retomar sua feição de luta plena, como já defendia Zuma Burlamaqui no início do século passado, seria (será) necessário retomar os treinos e os confrontos sem berimbau. Ocorre que o berimbau está tão indissolúvelmente ligado à capoeira de hoje que, entendo eu, não será tarefa fácil partir para este tipo de treinamento e confrontos. Até porque as lutas marciais, especialmente com o surgimento de eventos do tipo “ultimate fighting” evoluíram e continuam evoluindo muito.

Feitas essas considerações iniciais, passo a fazer breves comentários sobre os confrontos entre o jiu-jitsu e a capoeira dos quais participei ou testemunhei. Destacando três desses confrontos: minha luta com Luiz Aguiar (Cirandinha); a luta Rudolf Hermann x Guanair Gial; e a luta Robson Gracie x Artur Emídio.

A luta com Cirandinha foi a principal no evento promovido em 1949, com o objetivo de arrecadar alguma receita para os flagelados do nordeste. Cirandinha era um atleta extremamente forte, talvez por isto não treinasse tanto a sua capoeira como, por exemplo, Rudolf Hermann o fazia. E treinamento intenso, aliado a boa alimentação é fundamental para formar um campeão. Cirandinha tinha talento, também, mas, como se sabe, em qualquer esporte, a resistência física é fundamental. O capoeira que não vencer uma luta nos primeiros minutos, ou melhor, segundos, terá dificuldade de vencê-la mais adiante, pois tenderá a ficar esgotado com tantos saltos e gingas. Foi o que aconteceu, valendo lembrar que na estratégia do jiu-jitsu a situação é quase inversa, pois à medida que o tempo vai passando, sabendo se poupar, o lutador de jiu-jitsu terá cada vez mais chance de finalizar com total êxito.

A luta Rudolf x Guanair, como os jornais destacaram na época, foi surpreendente. Pois, embora ainda conhecendo pouco

sobre luta de aproximação (estava apenas iniciando judô na Academia Cordeiro), Hermann, com muita garra e preparo físico, utilizando basicamente a sua capoeira (**estilo Sinhozinho**) sustentou por mais de uma hora seu combate franco e aberto. Combate que acabou empatado, interrompido que foi por motivos de força maior (era época de “apagão” e havia ainda a luta final).

Quanto à luta de meu irmão, Robson Gracie, melhor seria que ele mesmo comentasse. Mas, como fui testemunha, e com ele muito conversei a respeito, ousou dizer algumas palavras. Baiano de Itabuna, exímio capoeirista (capoeira de muita ginga ao som do berimbau), Artur impressionou bem a platéia no início da luta. Entretanto, como já afirmamos, no transcorrer da luta o jiu-jitsu acabou prevalecendo.

Em todos esses confrontos, entretanto, há que se destacar o mérito da tentativa feita pelos capoeiras envolvidos. Ou seja, a única forma de aprimorar a capoeira como luta de verdade...é lutando de verdade. E minha academia, com muito prazer, apresso-me a dizer, está aberta para todo e qualquer capoeira que queira testar suas habilidades ou — por quê não!? — desenvolver um trabalho conjunto.

Sendo justo, para terminar, deixar claro que concordamos com André Lacé quando este afirma que “capoeira é muito mais do que uma luta”. Ou seja, o caminho do confronto em ringue estará sempre aberto, mas não será absurdo se a capoeira, ou se alguns capoeiras, optarem por trilhar um caminho próprio. Como é o caso, aliás, da tradicional Capoeira Angola.

ACADEMIA CARLSON GRACIE

Rua Figueiredo Magalhães nº 414 gr. 302, Copacabana.
Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2002

Duas Palavras

Paulo Amaral*

Volto a receber a visita de André Lacé, desta vez não apenas para colher algumas informações, mas para convidar-me para fazer uma das apresentações do seu novo livro sobre a Capoeira do Rio de Janeiro de algumas décadas atrás.

Tarefa, de um lado, fácil, pois vivi muito intensamente essa época, tendo o privilégio de conhecer e receber alguns ensinamentos do, então, já famoso Sinhozinho. Acompanhei, também, boa parte da carreira sócio-desportiva-profissional do Rudolf Hermann, tendo, inclusive, a oportunidade de testemunhar três dos seus mais famosos confrontos capoeirísticos: 1. com Guanair Gial Gomes (da Academia Gracie). 2. com Fernando Rodrigues Perez, da Bahia (Mestre Bimba, “estilo” Regional); e 3. com o Mestre Artur Emídio de Oliveira, também

*Paulo Amaral segundo Ruy Castro — **Ela é carioca — uma enciclopédia de Ipanema** — pág. 283. Companhia das Letras. n. 1923, Desportista, treinador de futebol e preparador físico. Paulo, morador de Ipanema de 1935 a 1960, foi aluno de SINHOZINHO, com quem praticou boxe, levantamento de peso, barra e paralelas. Era um superatleta, habituado a subir por seis metros de cordas com quinze quilos de peso amarrado à cintura. Só isto seria suficiente para defini-lo, mas ele ainda gastava suas energias trabalhando como instrutor da Polícia Especial, separando brigas nos bailes do Clube Marimbás e jogando futebol de praia em times de Ipanema, como o Atlântico, o Juventude e o Tatuís. Em 1959, Paulo tornou-se também treinador, primeiro no Botafogo e em outros times brasileiros, depois na Europa e no Oriente Médio. Ganhou títulos, e, quando se aposentou, em 1983, seu escritório passou a ser definitivamente a areia do Marimbás, onde os amigos só não entendem como aquele corpanzil indestrutível consegue conter seu coração, maior ainda.

baiano, de Itabuna, mas há algum tempo radicado no Rio de Janeiro.

Sendo oportuno, também, lembrar o período em que o Professor Hermannny e eu trabalhamos juntos na Seleção Brasileira de Futebol.

Por outro lado, trata-se de tarefa árdua e complicada, uma vez que, embora não sendo capoeirista nem um estudioso na matéria, sei que existem várias formas de se praticar capoeira, todas válidas, sendo que duas se destacam: a capoeira-luta e a capoeira-folclórica.

Mas, tendo aceitado a incumbência, vou-me limitar a dar meu testemunho sobre a extraordinária figura de Agenor Moreira Sampaio (Sinhozinho) e a do meu colega de trabalho e amigo pessoal Rudolf de Otero Hermannny.

.

Sinhozinho, além de excelente desportista, era um mestre em formar atletas. Ou melhor, um mestre em formar campeões em qualquer esporte, inclusive, como comprovou várias vezes, na arte da capoeiragem.

Sinhozinho formou campeões em halterofilismo, salto, remo, boxe, futebol e outros tantos esportes. Tirava água de pedra, inventava aparelhos e exercícios especiais para cada modalidade e, às vezes, para este ou aquele atleta.

.

Rudolf Hermannny era carne de pescoço, muito elogiado por Sinhozinho. Em pouco tempo tornou-se o seu melhor aluno da época (décadas antes, segundo o próprio Sinhozinho, houve também uma safra muito boa, da qual André Jansen foi o seu melhor aluno).

No confronto com Guanair Gomes, no qual fui “apartador”, Rudolf Hermannny sobressaiu-se pela extrema valentia e

resistência. Foi uma luta muita dura de uma hora e pouco. O resultado foi empate, mas, para ele, Hermann e para boa parte do público, houve um sabor de vitória.

No confronto com Perez, da Bahia, também Hermann demonstrou ampla superioridade e, também, muito cavalheirismo como bem lembra André no bojo do seu livro.

O confronto com Artur Emídio de Oliveira foi mais tranquilo. Um confronto verdadeiramente capoeirístico, com Artur Emídio apresentando uma capoeira muito rápida, aprendida com muito talento, ao som do berimbau; e Rudolf apresentando a chamada “capoeira utilitária” de Sinhozinho, aprendida “a seco” (sem berimbau) e com uma ginga funcional. Embora Artur tenha dado alguns saltos e feito um jogo rasteiro cheio de malícia, prevaleceu a objetividade de Rudolf e a luta terminou logo depois de começar o segundo *round*.

Estou certo que este novo livro de André Luiz Lacé vai preencher uma lacuna na História da Capoeiragem do Rio.

VAI FERVER A “BRIGA”: PAULO AMARAL INSCRITO



Com seu amigo Rudolf Hermann, professor de judô, Paulo Amaral lembra o tempo em que aprendiam capoeira com Sinhozinho em companhia do compositor Tom Jobim, que abandonou as aulas de luta por aulas de piano.

Homenagem & Alerta

Na entrada da Biblioteca Nacional da Argentina, fundada em 1810, está escrito “*Biblioteca, Universidade da Vida*”. Não sei como estará hoje, nesta fase de tanto infortúnio neoliberal, esta casa de leitura, mas a reflexão acima, de Jorge Luis Borges, é extraordinária.

A frase emblemática explica, muito bem, a grande importância dada às bibliotecas, públicas e privadas, pelos governos mais atentos, especialmente, nos países do chamado primeiro mundo.

Em minhas andanças, há longas décadas, venho comprovando esta realidade exemplar. Das bibliotecas da Universidade de Syracuse, em Nova York, onde estudei, à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América (Library of Congress, First St. SE. Inaugurada em 1800, reconstruída em 1812), em Washington D.C., onde trabalhei na Organização dos Estados Americanos. Sendo que esta última – Biblioteca do Congresso – atualmente é considerada a maior e mais completa do mundo. Com todo respeito e admiração – é claro! — pela Biblioteca de Alexandria, fundada por Ptolomeu I, sucessor de Alexandre, o Grande, em 306 A.C., totalmente destruída no passado (uma espécie de “queima de arquivo” daquela época) e que acaba de ser, arrojadamente, reconstruída.

Na velha e fascinante Europa o quadro não é outro, começando pela Torre de Tombo, passando pela Biblioteca Nacional de Lisboa, onde tenho feito algumas pesquisas (boa parte da

História da Capoeiragem repousa em algumas estantes e microfílm de daquela biblioteca!), e a nova Biblioteca Nacional da França (Bibliothèque Nationale de France, Quai François Mauriac 75706 Paris Cédex 13), que recentemente visitei. Especialmente esta última, por ter sido construída há pouco tempo, abstraindo alguns senões arquitetônicos, ambientais e urbanos, é impressionante seu vigor institucional, sua capacidade gerencial de atendimento, sua variedade de serviços e cursos.

E no Brasil, como estamos?

Como vem sendo estocada, preservada e disponibilizada a cultura brasileira?

Uma cultura, como todos nós sabemos, como o mundo todo sabe, absolutamente fascinante!?

O quadro é mais do que melancólico, é preocupante, parece até haver uma trama para acabar com a memória nacional. Em que pese, registre-se logo, por uma questão de justiça, o heróico esforço da grande maioria dos abnegados especialistas que trabalham nessa importante área. **Mas, o fato é que a situação de crescente abandono, com raríssimas exceções, é flagrante.**

1. Verbas cada vez mais reduzidas, tanto para manutenção do acervo quanto para sua ampliação.
2. Equipamentos técnico-administrativos obsoletos, insuficientes ou inexistentes.
3. Recursos Humanos igualmente insuficientes, mal remunerados, sem perspectiva de carreira e sem uma política de treinamento constante.
4. Espaços insuficientes ou muito mal aproveitados.
5. Conservação precária do acervo, livros se deteriorando ou desaparecendo.

Claro, bem sabemos que existem gastos governamentais mais prementes, mas a fome de cultura brasileira deve ser também atendida, sob pena de abraçarmos a primeira cultura que nos chegue enlatada através da televisão e dos cinemas.

Tudo, infelizmente, parece caminhar nessa direção, tanto assim que algumas bibliotecas públicas, aqui no Rio, já estão sendo desativadas, algumas até misteriosamente. E, a grande maioria está perdendo qualidade, está perdendo clientela, está perdendo acervo histórico de inestimável valor.

Para escrever o presente livro perambulei por algumas bibliotecas e arquivos, com destaque, aqui na Cidade do Rio de Janeiro, para a Biblioteca Nacional, a Amadeu Amaral (FUNARTE), a Bastos Tigre (ABI), e as bibliotecas do Iate Clube do Rio de Janeiro, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e do valioso e quase esquecido acervo da SUDERJ (no Estádio do Maracanã).

O emblemático livro do misterioso “ODC – Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira, 1907”, devidamente codificado com o número *V-267-1-4-N. 16*, simplesmente, sumiu da Biblioteca Nacional; a mais importante biblioteca brasileira que bem mereceria um apoio maior do governo federal. Urge ampliar seus serviços, suas áreas de atendimento, incluindo-se aí uma área em que o pesquisador possa trabalhar, também, com o seu próprio material (*note book, por exemplo*). Mas, embora longe dos padrões do primeiro mundo, por motivos óbvios, a Biblioteca Nacional está muito acima das demais bibliotecas visitadas. Mesmo guardando as devidas proporções.

Considero heróico o atendimento do *Arquivo Municipal*, e mais heróico ainda o atendimento da Biblioteca Amadeu Amaral, onde parte dos funcionários trabalha com guilhotina sobre o pescoço, sem uma perspectiva estimulante de carreira e, em muitos casos, com o risco de demissão arbitrária e sumária. Um serviço de reprografia, por exemplo, elementar em qualquer biblioteca (resguardados os direitos estabelecidos na bem intencionada, mas ingênua, Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 – Lei dos Direitos Autorais), inexistente na Amadeu Amaral. Com

todos esses percalços, registre-se a bem da justiça, é comovente o desvelo com que tais funcionários tratam suas respectivas casas de leitura.

Na área da capoeiragem existem valiosos acervos particulares. O meu não é dos maiores, mas, mesmo assim, gostaria de vê-lo em algum lugar onde todos pudessem ter acesso. Que lugar seria esse?

Como ter certeza de que, em pouco tempo, meu acervo não sumiria ao vento, como sumiu o precioso acervo da Rádio Roquette Pinto, onde, há quatro décadas atrás, produzi e apresentei o programa *Roda de Capoeira!*?

Em função do crescente interesse do mundo pela Capoeira, finalmente, a resposta caiu do céu. Uma universidade americana acaba de propor-me microfilmar todo meu acervo, oferecendo uma cópia extra do resultado para a Biblioteca Nacional ou qualquer outra interessada. Considerando que a Capoeira, pelo seu fascínio, já pertence ao patrimônio da cultura popular do mundo, por quê não aceitar?

Frente ao exposto, abro o livro agradecendo e prestando minha homenagem aos quadros de servidores lotados nas bibliotecas por onde tenho pesquisado. E, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, faço, não tanto um alerta, mas um apelo para que os governos passem a cuidar melhor da Memória Brasileira. Ou será melhor apagar tudo?

Prólogo

Inspirado no Grande Mestre Miguel de Cervantes Saavedra

Consideração Preliminar

Pela Internet, com facilidade, é possível localizar um surpreendente número de *escritores-pesquisadores-fantasmas*. Também nas páginas de anúncios de alguns jornais e nos quadros de avisos de algumas universidades, no mundo inteiro, é possível constatar a propaganda de um tipo de “ghost writer” muito especial. Alguns se oferecendo apenas para bem redigir e digitar qualquer trabalho acadêmico, mas a maioria oferecendo-se para fazer o serviço completo. Ou seja, definir o tema e pesquisar, estruturar e produzir todo o trabalho, com direito a uma vasta e invejável bibliografia ao seu final. Seja lá em que nível for, de um simples *paper* mensal a uma tese ou dissertação doutoral. Preço módico, resultado garantido. São pessoas que descobriram o segredo da montagem em massa de “pesquisas universitárias de altíssimo nível”. Faz parte dessa montagem, obviamente, salpicar algumas páginas com citações impressionantes e colocar, ao final, uma quilométrica lista de obras (não) consultadas. Todas as citações, claro, cuidadosamente feitas de acordo com os melhores padrões recomendados pela biblioteconomia. Alguns desses senhores chegam a permitir que o pagamento do universitário-cliente só se efetive no caso de total êxito, ou seja, aprovação do trabalho



Fonte: Jornal do Brasil. 11 de agosto de 1995.

pelo professor da matéria, pelo orientador da tese, ou pela banca examinadora (*your total satisfaction or your money back!*).

Como já adiantei na *Introdução* venho recebendo um considerável número de críticas a respeito da falta de citações aforismáticas, bibliográficas e outras no meu livro anterior. Impressionou-me, especialmente, as críticas de um jovem carioca, mestre do Jogo de Angola e, também, um típico professor de educação física (sei que é quase uma contradição — “angoleiro autêntico” e, ao mesmo tempo, “um típico professor de educação física” — mas existem uns poucos, impossível negar, excelentes) que, de modo enfático, apontou no meu livro “apenas dois defeitos”: **falta de citações importantes (?) e falta de uma lista de obras, não menos impressionantes, utilizadas como referência.**

É curioso o fascínio por este tipo de farsa acadêmica. Quem tiver a pachorra de procurar alguma relação entre a exaustiva bibliografia citada e o conteúdo da grande maioria desses trabalhos de pesquisa verificará que essa inexistente. E se levar a investigação ao extremo verificará que o autor jamais leu as obras que cita, quando muito as folheou, desatentamente, ficando sem entender ou entendendo errado cada uma delas (deliberadamente ou não).

A crítica do jovem capoeira da Muda da Tijuca, Rio, fez-me lembrar dos tais anúncios e quadros de avisos acima mencionados e, sobretudo, fez-me lembrar do genial prólogo que o Grande Mestre Miguel de Cervantes Saavedra utilizou para o seu não menos genial Dom Quixote de La Mancha. Daí tirei força e inspiração para, finalmente, escrever um prólogo a “la Cervantes” para o presente livro. Contentando, desta forma, todos aqueles que clamam por citações.

Prólogo

Minha idéia, ao escrever o livro “A Volta do Mundo...”, era apresentar um resumo dos meus 40 e tantos anos de Capoeira. De maneira clara, sem fantasias e sem ornamentos de citações pomposas, tão pomposas quanto suspeitas.

Daí a dificuldade para escrever um prólogo, bem maior até do que o esforço para escrever o próprio livro. Como não poderia estar preocupado com as cobranças que certamente fariam os meus leitores?

Que diria essa gente quando, ao cabo de tantas décadas, trazendo às costas o peso de todos esses anos, e com centenas de artigos e um par de livros publicados, saísse eu com uma história seca, vazia de invenção, minguada de estilo, pobre de conceitos, falha de erudição, de doutrina e de fundamentação capoeirística; sem cotas nas margens nem notas no fim, diferente do que vejo noutros livros sempre salpicados de copiosa bibliografia e de citações complicadíssimas?

Conseguí resistir a todas essas dúvidas e reflexões e publiquei um livro praticamente sem citação nenhuma. Salvo uma ou outra do meu bom e saudoso amigo Mestre Caiçara, alguma coisa de Mestre Pastinha e nada mais. As críticas vieram, mas o saldo foi extremamente positivo, daí este novo livro (com mais um, sobre Capoeira Angola, já na forma).

Só que agora estou bem mais preocupado com os doutores e com as revistas especializadas em capoeira. Afinal, já não terá me bastado a angustiosa experiência dos livros anteriores, onde pretensiosamente ignorei todas as normas de elaboração de um trabalho científico sério?

Como não escrever, desta vez, um livro sobre Capoeira citando o que todo mundo já citou, tendo lido ou não, tendo entendido ou não, tendo deturpado ou não cada obra “consultada”? Se o mundo acadêmico e capoeirístico exige este tipo de comportamento

*como não atendê-lo? Seria tão difícil assim pedir emprestado as últimas páginas — **Bibliografia!** — de um desses livros que andam por aí?*

Seria, para mim seria difícil, daí minha tremenda dificuldade para superar tal impasse. Estou convencido da necessidade de brilhar e de ser consagrado no mundo acadêmico e capoeirístico, mas, confesso, não sei como fazê-lo. Pois, se deixar correr minha própria pena, de tudo isto há de carecer meu livro, já que não tenho muito que cotar nas margens, nem o que anotar no fim, nem muito menos sei de que autores me vali, para relacioná-los, como fazem os outros, seguindo as letras do A-B-C, começando pelo Mestre Aristóteles e terminando por Xenofante, Zoilo ou Zêuxis, passando por Edmundo Luiz “ODC” (?), Zuma Burlamaqui, Inezil Penna Marinho, Raul Pederneiras, Edison Carneiro, Nina Rodrigues, Câmara Cascudo, Calixto, Paulo Gomes, Esdras Damião, Luiz Sergio Dias e tantos outros!?

Dependendo de minha vontade, também há de carecer este meu novo livro de citações célebres atribuídas, sem muita precisão, a esse ou aquele grande mestre de um passado remoto ou recente — Nascimento Grande, Cyriaco Macaco Velho, Juca Reis, Manduca da Praia, Besouro Cordão de Ouro, Sinhozinho, André Jansen, Samuel Querido de Deus, Neyder Alves, Luiz Ciranda, Caiçara, Canjiquinha, Pastinha, Bimba, Cobrinha Verde, Traíra, Djalma Bandeira, Eziquiel Martins, Lorde Bom Cabrito, Paulo Gomes, Abel Magalhães e, certamente, Zumbi dos Palmares...

Estava eu mergulhado neste turbilhão de dúvidas quando ouvi, de minha doce e sempre amiga companheira, uma sonora gargalhada sergipana e, em seguida, um longo e sábio conselho:

— “Por Deus, sempre o achei discreto e prudente, mas, também, audacioso e criativo em suas ações, entretanto, agora vejo, você está tão longe disto como o céu da terra. Como é possível que coisas tão insignificantes e facilmente remediáveis possam ter força para tornar absurdo e absorto um trabalho tão amadurecido e

oportuno como o seu. E, pelo que pude perceber, você já atentou para a solução, bastará agora um pouco de mandinga literária. Por quê não?

Se duvida da minha afirmação é só prestar atenção ao meu conselho:

— *“Quanto a citar nas margens os livros e os autores de onde, supostamente, você extraiu esta ou aquela informação, provérbio ou seja lá o que for, com o objetivo de reforçar seus próprios argumentos, bastará, mandingueiramente, salpicar aqui e ali algumas sentenças ou latinório, que podem ser recolhidos em qualquer almanaque. Por exemplo, quando no seu livro anterior — **A Volta do Mundo da Capoeira** — ao relacionar Capoeira com sonho de liberdade e fim do cativeiro no Brasil Colônia; ou mesmo quando você alerta para a “compra” de cordéis de mestre, você bem que poderia ter inserido a sábia e consagrada reflexão do Mestre Esopo:*

Non bene per toto libertas venditur auro

*(Não se compra com ouro — cordéis de mestre
— a liberdade total)*

— *“Ainda com base no seu livro anterior, quando você reflete sobre a fascinante dialética da Capoeiragem lembrando que o canto de uma Roda, além da função de descrevê-la, pode e deve ter ainda a função de reorientar, quando necessário, o sentido e a dinâmica do jogo remarcando a importância da fraternidade, teria sido a hora de mais outra boa citação. Bíblica, por sinal:*

Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros

(Eu porém vô-lo digo: amai vossos inimigos)

— *“Em seguida você transcreveria uma chula apropriada sobre este mote: “Camarada o que é meu, é teu irmão; mas meu irmão do coração, camarada; é teu irmão”*

— *Até mesmo a frase do nosso querido e saudoso amigo Mestre Caiçara — “Cada qual no seu cada qual” — tão elogiada e repetida em seu livro anterior, poderia ter sido respaldada, para deleite*

dos “phds” de plantão, evocando um clássico aforismo do Direito Romano: *Cuique suum latim* (A cada um o seu)

— “Mas vamos ao *aqui e agora*. Neste seu novo livro a missão ficou mais fácil. Pois é flagrante no seu trabalho a preocupação de mostrar e demonstrar a fragilidade da maioria das pesquisas que estão sendo publicadas sobre a Capoeiragem. Onde grande parte dos registros está baseada no testemunho, suspenso, de uma só pessoa ou de um pequeno e apaixonado grupo de patrulhadores. Consulte qualquer arsenal de frases feitas sobre este mote e verá que três se destacarão:

Audiat et altera pars

(Que a outra parte seja também ouvida)

Um princípio da jurisprudência consagrado que defende a necessidade de sempre se ouvir ambas as partes interessadas numa causa.

Testis unius, testia nullus

(Uma testemunha, testemunha nenhuma)

Um adágio da jurisprudência que, como você bem sabe, defende que o depoimento de uma única testemunha não pode ser considerado suficiente.

“E finalmente, *Cui prodest?*

(A quem aproveita?)

Pergunta que se costuma formular para insinuar que o provável autor de um ato criminoso (ou de um livro mentiroso) é a pessoa que dele tira proveito

— “E quanto às citações dos autores, tão freqüentes em outros livros e tão escassas nos seus?

A solução é assaz fácil, pois tudo que você deverá fazer é reunir meia dúzia desses livros, retirar as páginas de citações, colar uma lista na outra, de A a Z — sim, sim, por quê não? — e anexar o resultado final à sua obra prima. Vai dar certo, é o que a maioria

faz, é só folhear os livros de capoeira. Pegue qualquer um aí na sua estante (pegando um), este aqui, por exemplo: “Notas Bibliográficas: Rugendas, Debret, Shaffer, Johnston, Kubrik, Herskovits, Wetheral...”. Listagem até modesta, mas, sem sombra de dúvida, impressionante, empresta seriedade ao livro, dá um certo ar de pesquisa séria, profunda e isenta. Pegue, pois, três ou quatro listas dessas e termine seu trabalho com elas, não haverá problema nenhum. Ninguém vai conferir, todos vão ficar impressionados: “quanta sabedoria, Deus do Céu”.

*Mesmo que o engôdo fique patente, não terá a menor importância, dada a pouca necessidade do seu trabalho se valer de tais reforços. Mas, quando mais não seja, releve a insistência, este vasto catálogo de autores deverá emprestar alguma autoridade ao livro. Há quem goste. Além do que ninguém se dará ao trabalho de averiguar a fidedignidade de tais referências. Até porque, como Lilia da Rocha Bastos lembrou com brilhantismo na **Apresentação** do seu livro anterior (*A Volta do Mundo da Capoeira*), também esta sua obra de agora não precisa de nenhum desses artifícios. E como o seu trabalho nada mais visa que não seja a desfazer a autoridade e veracidade que o mundo e o vulgo emprestam à maioria dos livros pseudo-intelectuais que estão grassando por aí, a estratégia estará perfeita e oportuna.*

Bastará, portanto, que você procure, com simplicidade, em palavras expressivas, honestas e bem colocadas, em orações e períodos sonoros e persuasivos, revelando a sua boa intenção, explicando seus conceitos, sem complicá-los ou obscurecê-los.

Trate de procurar, também, que, lendo seu livro, ponha-se a rir o melancólico e a gargalhar o risonho, que não se enfade o simpático, que se admire o discreto da sua sabedoria, que o circunspeto não a despreze, nem deixe o prudente de louvá-la. Com efeito, tenha sempre em mira derrubar a mal fundamentada maquinação desses livros sobre capoeira, aborrecidos para alguns mais atentos e

exigentes, mas enaltecidos por muitos desavisados. Se isso você alcançar, não terá alcançado pouco.

Claro, claro, não faltará, seguramente, um irreverente cobrando algo mais moderno, afinal, “quem vive de passado é museu”. E, com efeito, o livro sairá fértil em passado, em citações sábias milenares. Para compensar apele para física quântica — haverá algo mais moderno e na crista da onda?

Nesse caso, não haverá melhor sugestão senão a de repetir o capoeirístico conceito de Mestre Heisenberg: “O processo de se observar um fenômeno altera esse fenômeno”. Imbatível, certo?

Até porque, se a Capoeira segue alguma lei, esta certamente será a Lei da Indeterminação.

Termine com duas citações absolutamente geniais que possam ser interpretadas, cada uma delas ou em conjunto, de duas maneiras totalmente antagônicas:

Habent sua fata libelli

*(Os livros têm o seu destino) e **Timeo hominem unius libri***

(Tema o homem de um só livro).

Em profundo silêncio, fiquei escutando o que me dizia minha querida companheira, e de tal maneira me impressionaram suas razões, argumentos e exemplos, que, sem qualquer discussão, considere-os bons, aproveitando-os para a elaboração deste Prólogo, onde o gentil leitor perceberá, a sabedoria mandingueira e o pragmatismo de minha querida conselheira, e a sorte que tive de ouvi-la na hora certa.

*Isto posto, caro leitor, capoeirista ou não, que Deus lhe dê saúde, e de mim não se esqueça. **VALE !***

*Ou, mais capoeiristicamente, **IÊ !***

Primeiro Capítulo

Importância da Capoeira no Rio de Janeiro

I — Importância das Grandes Cidades. II — Importância do Rio Antigo. III — A Capoeira no Rio Antigo. 1. Na Literatura. 2. Dois Artigos exemplificativos. *Manduca da Praia em CD-ROM. Cyriaco, Hermann, Artur e Hulk*. IV — Os Gracie e a Capoeira. *Combates que Despertam emoção. Capoeira no Rio Antigo: a importância dos Gracie. O Vale-Tudo, Mestre Hulk e a TGA. Os Gracie, a Capoeira e o Berimbau*. V — A Capoeira no Leblon de Antigamente

I — Importância das Grandes Cidades

“A identidade nacional constitui-se na cidade (grandes cidades, cidades-capital!), que dá lastro sociopolítico econômico à formação nacional.” (Lessa, 2000 — p.64)

Sem negar jamais as peculiaridades – quase sempre fascinantes – das cidades pequenas, a tendência geral, ao longo do tempo, é que essas tendam a imitar as cidades maiores. Em todos os sentidos, do tecnológico ao sócio-cultural-desportivo. E não o contrário.

No mundo específico da capoeiragem, pelo menos em tese, terá sido mais provável que Salvador tenha copiado o Rio, do que o Rio copiado Salvador. Não em relação à capoeira angola, folclórica, própria de Salvador, mas, seguramente, em relação à capoeira moderna, estilizada, a chamada Capoeira Contemporânea ou Regional.

.

Aos domingos, o *Washington Post* pode ser comprado em quase todas as bancas de jornais nos Estados Unidos. Dificilmente, entretanto, você conseguirá comprar, em qualquer banca de jornal em Washington D.C., jornais de todos os estados norte-americanos. Salvo, é claro, dos mais importantes, como, por exemplo, um *New York Times*, posto que Nova Iorque é, também, uma grande metrópole. Não apenas com os jornais ocorre este fenômeno, mas com a mídia em geral, revistas, emissoras de rádio e de televisão. Sendo ponto de honra de qualquer cidadão do *interior* dos Estados Unidos, em algum momento da vida, levar a família para visitar Washington D.C. e, se possível, a fascinante cidade de Nova York, também.

O mesmo fenômeno ocorre, nos demais países, na França, na Itália, na Inglaterra, na Espanha...no Brasil, em relação às suas respectivas grandes metrópoles.

De um modo geral, pode-se afirmar que é extremamente difícil um cidadão “do interior” conseguir projeção nacional, ou mesmo mundial, sem antes submeter o seu talento a um teste numa *cidade grande* do seu próprio país..

Anos atrás, trabalhando no Instituto Brasileiro de Administração Municipal, participei de um sem-número de seminários onde todos palestrantes confirmavam essa dinâmica sócio-cultural. Mais recentemente, e já em função deste livro, procurei vários especialistas – historiadores, sociólogos, urbanistas etc – dos quais recebi preciosa munição de argumentos. Desses estudiosos, seria imperioso destacar o historiador Bruno Gomide, extraordinária figura humana, pesquisador atento, com um brilhante doutorado (verdadeira ponte aérea entre a UNICAMP e a Universidade de Cambridge), atualmente em Berkeley, cumprindo um pós-doutorado, como bolsista convidado. Especialmente através de Bruno Gomide recebi valiosos subsídios com vistas à confirmação desta dinâmica natural —

poder de atração das grandes metrópoles — tão natural quanto óbvia. Infelizmente não me foi possível mergulhar tão profundamente quanto gostaria nas dezenas de livros sugeridos por todos a quem consultei, mas será justo ressaltar um constante em todas as listas — Brasil: território e sociedade no início do século XXI — do extraordinário geógrafo Milton Santos que, infelizmente, há pouco tempo nos deixou.

Bruno não se limitou a sugerir leituras, fez muito mais, talvez em consideração a minha longa amizade com o seu pai, Dr. Carlos Henrique Gomide. Através de um objetivo, substancial e cauteloso e-mail fez excelentes ponderações:

1. *Jeffrey D. Needell, em seu importante Belle Époque Tropical (São Paulo, Companhia das Letras, 1993): “Como no caso da pintura e das preferências musicais da elite, a literatura brasileira estava associada principalmente ao Rio, como centro tanto de sua produção quanto de sua difusão. Como mostrarei, a Corte e, depois, a Capital Federal, desempenhou o papel que a maioria das capitais nacionais desempenharam na história literária do século XIX. A pobreza maior das cidades provinciais no Brasil apenas reforçou a força de atração do centro político, social e econômico da nação. Ser aceito como homem de letras significava viver, ou pelo menos ser publicado, no Rio” (p. 211).*

2. *“Outra passagem, de José Veríssimo, ilustre crítico literário do início do século XX, fala da condição central do Rio na vida do país: “Os contatos literários foram poucos na literatura brasileira, a falta de sociedade, as enormes distâncias e as dificuldades de comunicação os obstavam. Começaram-se a fazer mais eficazmente quando o Rio de Janeiro tomou definitivamente a função de nossa capital intelectual. Os exemplos de Vila Rica e do Maranhão não provam contra a impossibilidade das literaturas locais. Tais literaturas não têm reais condições de vida em mesquinhas cidades provinciais. Só uma grande capital lhas oferece. É o fato histórico que o desaparecimento do localismo literário alemão, nos últimos vinte*

anos, vem mais uma vez comprovar. Desde que a Alemanha se unificou e teve uma capital, a sua literatura tendeu a concentrar-se nessa capital, como a inglesa em Londres, a francesa em Paris e, hoje, a italiana em Roma, como a espanhola em Madrid, e a portuguesa em Lisboa (...). O Rio de Janeiro tem fatalmente de absorver tudo. É o que já começa a passar nos Estados Unidos onde, embora federação mais natural que a nossa, e apesar de grandes centros intelectuais como Filadélfia, Baltimore, Chicago, Boston, Nova York se faz de fato a capital literária e artística do país". ("Das condições de produção literária no Brasil", em José Veríssimo, Teoria, crítica e história literária. São Paulo, Edusp, 1978.).

3. *Nessa mesma linha, lembro o inquérito realizado no começo do século XX por João do Rio (O momento literário, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1994), jornalista muito interessante e inovador, que entrevistou personalidades da cultura brasileira. Um dos tópicos abordados foi justamente a relação cultural e literária da capital com a província".*

Ao final do seu e-mail Gomide faz um alerta: *A meu ver a única pedra no sapato da questão da preeminência carioca é o modernismo paulista de 1922, movimento decisivo que triunfou independentemente do Rio (contra o Rio, na verdade, ou ao menos suas instituições mais típicas). O primeiro momento modernista espalhou-se por Minas, Rio Grande do Sul, Bahia sem que houvesse o crivo oficial carioca. Esse é um problema espinhoso, que já fez correr muita tinta, acho que vale a pena fazer a ressalva".*

Ora, exceção que confirma a regra, valendo lembrar que São Paulo, não é de hoje, vem apresentando um desenvolvimento extraordinário, tornando-se, também, um importante pólo de irradiação cultural. Além do que, como sempre afirmo em minhas palestras sobre a *Capoeiragem no Brasil e a Capoeira Angola na Bahia*, jamais coube às cidades grandes determinar o folclore local das cidades menores.

II — Importância do Rio Antigo

*“O resgate da história do Rio é a visita à unidade nacional brasileira.”
(Lessa, 2000 — p. 11)*

*“... o Rio como cartão de visitas do país e certidão de brasilidade, como lugar único que combinava a natureza tropical com a modernidade urbana, foi batizado Ville Merveilleuse pela francesa Jeanne Catulle Mendes, em 1912, Com a marcha de André Filho para o Carnaval de 1935, consagrou-se o epíteto como “hino oficioso” da cidade. Aglutinador da variedade do país, o Rio é percebido pelos brasileiros como a síntese de características e potencialidades nacionais, espaço aberto a todos os que, aqui chegados, seriam cariocas: o lugar que os estrangeiros invejariam. Ser do Rio não dependeria da naturalidade mas de um estado de espírito e da adoção de seus modismos. Todos poderiam ser um pouco cariocas mesmo sem residir na cidade, desde que adotassem os padrões cariocas de comportamento.”
(Lessa, 2000 — p. 13)*

Este fenômeno – poder de irradiação cultural das grandes metrópoles – como adiantei no item anterior, ocorre naturalmente, também, no Brasil. Em função do seu enorme e constante desenvolvimento sócio-econômico atual, São Paulo já apresenta dois jornais de nível nacional; mas, até algumas décadas atrás, os jornais e revistas publicados no Rio de Janeiro imperavam absolutos: O Paiz*, Gazeta de Notícias, Jornal do Commercio (fundado em 1º de outubro de 1827!), Jornal do Brasil (fundado em 1890), Correio da Manhã, O Jornal da Noite, Revista da Semana, O Malho, Tico-Tico, Eu sei tudo, Fon-Fon, Careta, Kosmos.... (Fonseca, 1941).

Todos eles publicados no Rio e distribuídos por todo Brasil. O Rio ditava a moda, ditava os rumos sócio-culturais, desportivos, artísticos, acadêmicos e políticos para o resto do país. O Rio era, então, a capital federal, para onde emigravam as

* “O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América do Sul”

principais cabeças, as principais lideranças do Brasil. A mídia mais forte, nacional e internacional estava também, naturalmente, sediada no Rio de Janeiro.

O futebol nos dá, como já mostramos, um bom exemplo. Quantos clubes de futebol não surgiram nos demais estados brasileiros inspirados nos clubes do Rio de Janeiro? Alguns copiando as cores e até mesmo o próprio nome dos times da então capital federal. Uma espécie de homenagem ao futebol carioca, na época, o melhor do Brasil.

De um pólo a outro, vejamos o mundo encantado da ópera. Em que pese a beleza do Teatro Amazonas, era no Rio que se realizavam as grandes óperas, para onde vinham os grandes cantores. Todos os grandes cantores líricos brasileiros só lograram a fama depois de passar pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Da mesma forma que grandes tenores como Caruso, Mário Del Mónaco, Beniamino Gigli e outros apresentaram-se no Rio, quando muito foram até Buenos Aires e em seguida voltaram para a Europa ou para os Estados Unidos.

E quanto ao mundo do desporto, mais especificamente, o mundo da arte-marcial?

Ora, começando a falar em luta será melhor pular para o próximo capítulo.

III — A Capoeira no Rio Antigo

“Os vetores culturais africanos são decisivos na formação da cultura popular carioca. Nas origens do samba, não apenas como música mas como forma de dançar, está o lundu. A capoeira, tão combatida até o início da República, dava origem a bandos com nome por bairro ou aglomeração. A competição, por vezes violenta, entre os bandos de capoeira é um registro antigo, que antecipa o conflito das galeras funk da atualidade. Entretanto, é certamente o esforço de conversão católica que absolve vetores africanos num original sincretismo.” (Lessa, 2000 – p. 97)

*“Dizer que o método de Annibal Burlamaqui não era conhecido por ninguém na Bahia na década de 30 seria uma desavergonhada mentira, mesmo porque a cidade de Salvador não era uma aldeia... Mestre Decânio, o mais antigo aluno do Mestre Bimba ainda vivo e atuante, e que com ele conviveu desde 1938, participando ativamente da fase do aperfeiçoamento da Luta Regional Bahiana, contou-me que Cisnando, seu grande amigo e alma gêmea, médico como ele, e que colaborou intensivamente com Bimba na criação da Regional, possuía o Método de Annibal Burlamaqui”. Esdras Magalhães dos Santos**

As grandes lutas, as lutas internacionais, os confrontos entre lutadores de diferentes modalidades, tudo isto ocorria em grande escala na cidade grande, na cidade-capital, na cidade do Rio de Janeiro. É só ler os jornais. Para não ir muito longe, do começo do século passado para cá. Sempre lembrando, a bem da verdade que, nas últimas décadas, São Paulo tem-se destacado enormemente nesta área (áliás, nas demais áreas, também...).

Mas o fato é que os jornais da época constantemente destacavam grandes atrações internacionais. Na maioria dos casos essas atrações enfrentavam a clã dos Gracie. Em alguns casos, a capoeira fazia a preliminar — sempre no Rio de Janeiro — desses grandes confrontos.

Este poder de fogo superior das cidades maiores é que deu condições para que Pachcoal Segreto criasse pioneiristicamente no Brasil, o Pavilhão Internacional (Av. Central, Rio) com uma programação sócio-cultural-desportiva primorosa, surpreendente e bem diversificada. Sendo bom exemplo o histórico con-

*Mestre Damião: A verdadeira História da Criação da Luta Regional Bahiana de Mestre Bimba — <http://www.capoeiradobrasil.com.br>. Recomendo a leitura do texto, onde o Sr. Esdras dos Santos defende seus pontos de vista sobre a gênese da Capoeira Regional. Recomendo, não por concordar *in totum*, mas por respeitar muito o autor (como se perceberá ao longo deste livro).

fronto do capoeira campista Cyriaco Macaco Velho com o campeão de judô japonês Sada Myaco (1909).

Os demais estados brasileiros, através dos jornais, revistas, emissoras de rádio e, lá pelas tantas, pela televisão vibravam com tais confrontos. Desnecessário lembrar que toda esta mídia estava sediada na muy hermosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Não apenas vibravam, mas tratavam de seguir, de copiar a moda ditada pela cidade grande. Não teriam as programações de luta no Parque Odeon, em Salvador, onde Mestre Bimba se destacou enfrentando **especialistas locais** de várias outras lutas, inspirado-se no Pavilhão Internacional de Segredo?

Sendo que as lutas realizadas em Salvador, salvo por exceção talvez, não apresentavam um padrão de qualidade tão bom quanto as que eram realizadas na capital federal. Ou seja, sem tirar o mérito de Mestre Bimba, pode-se afirmar que os lutadores de jiu-jitsu com os quais lutou (ou de qualquer outra luta) não eram tão bons quanto os que se apresentavam no Rio de Janeiro. Tanto assim que os promotores do Parque Odeon, quando resolveram apresentar uma luta de capoeira de verdade tiveram que ir ao Rio de Janeiro e contratar André Jansen, um dos melhores alunos de Sinhozinho de todos os tempos. Mestre Bimba abriu o espetáculo fazendo uma demonstração — seqüências combinadas — com seus alunos; vieram então as lutas de verdade, cabendo a Jansen a luta principal da noite. A vitória do carioca, seguramente, deve ter deixado os baianos, especialmente o grande Mestre Bimba, fascinados com o estilo Sinhozinho.

Sem pretender esgotar o assunto será ilustrativo citar alguns exemplos da Cidade do Rio, então capital federal, como irradiadora de moda e cultura também na área esportivo-cultural, incluindo-se aí a nossa capoeiragem:

1. Começemos pela repressão à Capoeira. A história do Brasil registra, logo no início do Século XIX (1809), no Rio de Janeiro, a fi-

gura de Miguel Nunes Vidigal, o famoso Major Vidigal (reinado de Dom João VI, 1808), perseguidor implacável dos capoeiras, imortalizado, por Manuel Antônio de Almeida, no seu interessante livro “Memória de um Sargento de Milícia”. Com o advento da República, surge a figura do paulista João Batista de Sampaio Ferraz, nomeado Chefe da Polícia, por Deodoro da Fonseca, com a missão especial de acabar com a Capoeiragem no Rio de Janeiro (Governo Provisório, 1889). Décadas mais tarde, com o mesmo perfil (algoz da capoeiragem) salienta-se na Bahia o delegado de Polícia Pedro de Azevedo Gordilho, mais conhecido por Pedrito (1920/1927).

2. O famoso caso do capoeirista Juca Reis, que chegou a provocar uma crise ministerial, sobretudo pela importância de seus parentes (co-proprietários do Jornal O PAIS que circulava em praticamente todo o Brasil). A “novela” repercutiu pelo Brasil inteiro. (Marinho, 1945)

3. Mestre Cyriaco e os estudantes de medicina. O grande respeito e admiração que os estudantes de medicina do Rio devotavam ao grande capoeirista Mestre Cyriaco Macaco Velho. Isto bem no início do século XIX. Especialmente a famosa luta de Cyriaco com o campeão japonês de jiu-jitsu, sem sombra de dúvida, animou os acadêmicos de medicina da Bahia, décadas mais tarde, a elegerem como ídolo, um capoeirista local (Mestre Bimba).

4. Livros escritos e publicados no Rio, consagrando a capoeira. Dois livros pioneiros merecem destaque: “Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira”, de um discreto ODC, e “Gymnastica Nacional – Capoeiragem: methodisada e regrada (Annibal Burlamaqui, ZUMA). Correram todo o Brasil, passando de mão em mão entre os estudiosos da arte da capoeiragem. Em todos os estados seguindo a rotina dos demais trabalhos publicados na Cidade-Capital. Sabe-se agora que o livro de Zuma era o livro de cabeceira do excelente atleta, conhecedor de luta e acadêmico de medicina Cisanando Lima, um dos melhores alunos de Bimba e seu referencial para luta

livre. Não há mais dúvida, esses dois livros foram as duas principais fontes inspiradoras do surgimento da Capoeira Regional.

5. O excelente livro de Inezil Penna Marinho, obra que não pode faltar na biblioteca de um mestre de capoeira. Também esse livro correu o Brasil inspirando mestres e estudiosos locais. Aliás, por oportuno, valeria adiantar uma das considerações do final deste trabalho: por que o Governo, que já desperdiçou tanto dinheiro público patrocinando livros de pouca importância, não reedita, simplesmente, os livros de ODC, Zuma e Penna Marinho?

6. A famosa briga do valente e talentoso capoeira “Galeguinho da Saúde” com uma patrulha da polícia (Rio de Janeiro), guarda grande similaridade com um episódio ocorrido, décadas depois, entre Bimba e a polícia de Salvador (para detalhes ver o Jornal A Tarde de 1º de agosto de 1936). Sendo que, entre um episódio e outro, durante anos e anos, tivemos a figura desassombrada, preconceituosa e covardemente perseguida pela Sociedade, do Sr. João Francisco dos Santos, mais conhecido como Caranguejo da Praia das Virtudes. Brigar contra uma patrulha inteira, às vezes duas, era quase rotina na vida daquele capoeira intrigantemente destemido. Para comprovar é só ler os jornais da época, os boletins policiais ou, ainda, as sentenças judiciais (ao final do livro, recomendo o excelente livro, auto-biográfico, do Sr. Caranguejo).

7. O primeiro busto de capoeira colocado em praça pública foi o de Sinhôzinho (em Ipanema, em 1950). Décadas depois o busto de Bimba foi colocado numa praça em Salvador.

8. Assim como todo o resto do Brasil seguia o Rio, o Brasil, como um todo, tende a seguir o bom exemplo das grandes metrópoles de alguns outros países. É a globalização em marcha! Reflita-se, por exemplo, sobre a louvável iniciativa de uma faculdade americana — Upsala College, Nova Jersey — que outorgou, em maio de 1995, o título de *doctor of humane letters* ao grande mestre de Capoeira Angola João Grande (para detalhes ler “A Volta do Mundo da Capoeira”, pág.: 177); um ano e pouco depois, em junho de 1996, alguns

capoeiristas de Salvador, inspirados no bom exemplo de Nova Jersey, pleitearam e conseguiram que a **Universidade Federal da Bahia** outorgasse título similar, *post mortem*, a um outro grande capoeirista baiano, Mestre Bimba ! Uma iniciativa pioneira no Brasil que, para ser completa deveria ter incluído, pelo menos, um nome expressivo da Capoeira Angola. Mestre Pastinha, por exemplo. Pecado que, tenho certeza, um dia será reparado.

9. Em 1963, a extraordinária Campanha Nacional do Folclore, com sede no Rio de Janeiro, publicava um excelente trabalho do Professor Vicente Sales – **A Bibliografia Crítica da Capoeira**. Algumas décadas mais tarde, enquanto a FUNARTE terminava sua pesquisa, no Brasil inteiro, com vistas ao não menos extraordinário trabalho **Capoeira Multimídia**, na Bahia, o dentista, pesquisador e mestre de capoeira Raimundo César Alves Almeida lançava o seu livro — **Bibliografia Crítica da Capoeira** — com base no seu acervo pessoal.

10. A própria **Capoeira Regional da Bahia** só ganhou dimensão nacional e internacional em função do sucesso do **Grupo Senzala**, criado no Rio de Janeiro também por jovens da classe média carioca.

Felizmente não chegou a sair nos jornais do Rio (com circulação por todo o Brasil) o desagradável, inevitável e fatal confronto ocorrido entre Sinhozinho e um assassino profissional contratado para matá-lo. Segundo o testemunho do grande e saudoso atleta e amigo Professor Paulo Azeredo, com grande sangue frio, coragem e talento para arte marcial, Sinhozinho foi obrigado a inverter as posições. Embora levando um tiro na mão esquerda, conseguiu arrancar o revólver do bandido que acabou morrendo com um tiro de sua própria arma. O incidente foi num bar da Lapa, o corpo foi atirado ao mar, na altura do Clube de Regatas Boqueirão (ao lado do Aeroporto Santos Dumont e do atual Museu de Arte Moderna: por coincidência ou não, nas cercanias da antiga *Praia das Virtudes*). Tivesse o episódio sido

publicado seguramente teríamos algumas boas teses doutorais provando que vários outros mestres também mataram bandidos e de maneira muito mais rápida e destemida...

1. Na Literatura

“... o Rio era o ponto focal da literatura nacional. Paris foi a referência principal para Balzac em sua Comédia Humana. A literatura brasileira sobre o Rio permitiria a reconstrução de uma espécie de “Comédia Carioca”. Sem qualquer pretensão de esgotar o percurso, ter-se-ia impregnado com o Rio de Janeiro e sua gente aquele que se dedicasse a ler Manuel Antônio de Almeida (Memórias de um sargento de milícias), Joaquim Manuel de Macedo (A moreninha, O moço loiro, As mulheres de mantilha), José de Alencar (Cinco minutos, A viuvinha, Diva, Senhora, A pata da gazela, Lucíola), Visconde de Taunay (O encilhamento), Raul Pompéia (O Ateneu), Aluisio Azevedo (O Cortiço, Casa de Pensão), Arthur Azevedo (Contos Cariocas, Vida alheia), João do Rio (A alma encantadora das ruas). (Lessa, 2000 – págs. 222 e 223)

“...em 1931, Jorge Amado escreve no Rio de Janeiro O País do Carnaval, e dá partida a todo um ciclo baiano”. (grifo do autor) (Lessa, 2000 – pág.: 262)

Eis aí outra boa idéia para um novo livro: a **Capoeira na Literatura Brasileira e nos jornais antigos de Portugal**. E quase que embarco, precipitadamente, nesta canoa, transcrevendo no presente trabalho alguns contos e trechos literários de autores consagrados. Percebi, em boa hora, que estava caindo na mesma armadilha editorial do livro passado, ou seja, produzir uma obra de muitas páginas tornando-a pouco acessível à boa parte do seu leitor em potencial. Além do que, relendo o livro premiado de Inezil Penna Marinho – “Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem” — constatei que esta tarefa já tinha sido muito bem iniciada. Ou seja, quem quiser aprofundar o assunto, sem dúvida alguma, terá que partir do trabalho do Professor Inezil que, além da parte técnica,

nos brinda com excelente apanhado sobre a Capoeira na história e na literatura brasileira – Arthur Ramos, Manoel Querino, Edison Carneiro, C. Riberyrolles, J.B. Debret, Viriato Corrêa, Manoel Antônio de Almeida, Artur Azevedo, Vicente de Carvalho, Oliveira Lima, C. Kossert, Assis Cintra, Mário Sette, Luiz Edmundo, Dunshee de Abranches. Relevem a repetição, mas uma reedição ampliada e comentada do livro de Penna Marinho seria, inquestionavelmente, um belo projeto para o Ministério da Cultura ou mesmo para o Ministério do Esporte coordenar e oferecer ao mundo da capoeiragem. Não apenas transcrevendo textos, mas fazendo toda uma apreciação sócio-cultural, sobretudo de ordem histórica e sociológica. Iniciativa urgente, de suma importância, até mesmo para neutralizar os malefícios da “mesmice” editorial atual, onde os livros sobre capoeira, embranquecidos e aburguesados, só tratam de vender pequena parte desta rica história, justamente a menos rica, a que apenas louva a capoeira estilizada, tipo exportação de luxo.

Apenas para ilustrar e reforçar ainda mais esta sugestão (reedição de livro) daria três bons argumentos: 1. A importância da inclusão de um resumo sobre o livro do Professor Vicente Salles – “A defesa pessoal do negro – A Capoeira no Pará”; 2. A inclusão do extraordinário conto de Monteiro Lobato – “O 22 da Marajó”; e 3. O aprofundamento da análise feita por Penna Marinho sobre o “Cortiço” de Aluísio Azevedo.

Vicente Salles, como já registramos, é simplesmente autor da primeira pesquisa sobre *Bibliografia Crítica da Capoeira*.

O famoso e pitoresco conto “22 da Marajó” magistralmente contado por Monteiro Lobato, já foi citado em algumas revistas *especializadas*, chegando até a ser transcrito neste ou naquele boletim de capoeira, mas sem a sua parte introdutória onde Monteiro Lobato traça interessante paralelo entre a capoeira brasileira e o “foot-ball” inglês. Texto importantíssimo mas com pouca divulgação. Quadro que deve mudar, a bem da própria História da

Capoeira. Urge, pois, estudos mais aprofundados sobre o assunto, urge destacar a importância de Monteiro Lobato, a importância de sua obra, da sua luta, da sua militância como cidadão brasileiro. Será importante que os capoeiras saibam, por exemplo, que com o livro de contos *Urupês* (1918) em que denunciou a miséria do caboclo brasileiro (simbolizado em Jeca Tatu), Lobato foi louvado por Rui Barbosa em impressionante discurso político. Estando boa parte da capoeira atual (capoeira *estilizada*) nas mãos de pessoas de perfil burguês, será importante lembrar, também, a luta de Lobato para que o Brasil iniciasse atividade de prospecção de petróleo, fase em que perdeu muito dinheiro e chegou a ser preso pela ditadura de Getúlio Vargas. Mais do que nunca, nesta época de misteriosa globalização, de suspeito neo-liberalismo e de sanguinária disputa pelo petróleo do mundo, (para detalhes recomendo a leitura de Marini Filho, 2001).

Quanto a Aluísio Azevedo não bastará falar apenas sobre o “Cortiço”. Até porque o célebre trecho onde o Firmo, negro brasileiro e capoeira trava uma luta quase de morte com o Jerônimo, um truculento português, mestre no manejo do jogo do pau (varapau minhoto), já foi transcrito, um par de vezes, nesta ou naquela revista *especializada*. Falta uma palavra sobre o conjunto da obra, ou seja, uma palavra sobre a importância de Aluísio Azevedo como pioneiro do *Naturalismo* no Brasil. Embora não seja o propósito deste livro estender muito este precioso (e esquecido) lado da História da Capoeiragem, seria um absurdo não transcrever, pelo menos, parte de um dos melhores comentários sobre a obra citada:

“O Cortiço é um dos melhores retratos que já se levantaram do Brasil do segundo império, em que as sobrevivências da estrutura colonial punham à mostra uma numerosa casta de portugueses enriquecidos a empolgar as posições de comando e uma legião mal definida de pretos, mulatos e brancos em pleno processo de caldeamento e formação, constituindo o escalão mais inferior da socieda-

de. A independência havia chegado como que antes da hora e não passava, àquela altura, de uma realidade quase que puramente formal. O abolicionismo era uma campanha em marcha, mas em bases muito ilusórias, deixando em evidência que a emancipação do preto pouco representaria desde que desacompanhada da transformação das classes vigentes. A demagogia essencial que comprometia aquela luta surge estigmatizada nas palavras finais do romance...”. (“Um mundo de galegos e cabras”, Ruy Mourão; introdução ao livro O Cortiço, Série Bom Livro, Editora Ática, 30ª Edição).

Será tudo isto uma grande bobagem?

Será melhor insistir na linha equivocada e manhosa de alguns marqueteiros defensores da falsa dicotomia *capoeira regional / angola* (já estão incluindo nesta fantasia uma terceira linha, a caricata e híbrida *capoeira contemporânea*)?

Será melhor apagar esta parte do passado da Capoeira?

Não creio. Lá fora, no exterior, já se ensaia falar em “Capoeira Européia”, “Capoeira Norte-Americana” etc...

E com toda razão, caso se atente para a inconsistência de algumas versões fantasiosas e fantasiadas que livros, teses e revistas especializadas (sic) estão tentando vender como a Verdadeira História da Capoeiragem.

Para terminar, valerá registrar que tanto o paraense Vicente Salles, como o paulista Monteiro Lobato, e o maranhense Aluísio Azevedo – a exemplo da grande maioria esmagadora dos jornalistas, escritores, pesquisadores de antigamente – cada um deles viveu, vivenciou e publicou seus trabalhos no Rio de Janeiro. Sendo que Monteiro Lobato chegou a ser tema de um magnífico e vitorioso samba-enredo (Grêmio Recreativo Estação Primeira da Mangueira, Rio de Janeiro, 1967; samba de Batista, Darcy e Luiz, com créditos especiais para Hélio Turco e Jurandir), mas, infelizmente, ainda não mereceu, assim como

Aluízio Azevedo e muitos outros também não mereceram, uma ladainha de capoeira ao som de um berimbau...

2. Dois Artigos exemplificativos

- *Manduca da Praia em CD-Rom*
- *Cyriaco, Hermann, Artur e Hulk*



Mestres Carlos, Robson, Hélio Gracie e Artur Emidio.
Confronto jiu-jitsu (Robson) x Capoeira (Artur), Rio 1957.

Manduca da Praia em CD-ROM*

Assisti finalmente o CD-ROM — *História da Capoeiragem* — produzido, ainda como demonstração, por três especialistas em informática. O trabalho definitivo, caso realmente venha a público será, seguramente, um marco na história da comunicação da Capoeira.

Para o seu total sucesso, tratei de lembrar aos responsáveis, será importante vencer três desafios: 1. total correção (honestidade) ao lidar com a massa de informações e ilustrações que surgirá; 2. definir um mecanismo de comercialização; e 3. definir um roteiro ecumênico para o revolucionário CD-ROM. Ou seja, que o trabalho não fique limitado, às vezes até por razões comerciais mal equacionadas, a este ou àquele segmento desta tão fascinante quanto multifacetada arte afro-brasileira da capoeiragem.

O primeiro desafio é auto-explicável. Em relação ao segundo, além do setor privado, acredito que seja aconselhável tentar, também, as três esferas governamentais. Começando pelo recém-empossado governo da Cidade do Rio de Janeiro, cujo secretário municipal de esportes, pelos jornais, tem demonstrado grande sensibilidade em relação ao casamento do esporte com a cultura. Da mesma forma, os governos Estadual do Rio de Janeiro e Federal têm revelado sensibilidade para o assunto, sendo as recentes inaugurações das vilas olímpicas na baixada fluminense um bom exemplo desta vontade política. Valendo

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, Rio (23 de fevereiro de 1997) e transcrito no livro “A Volta do Mundo da Capoeira” (1998)

registrar que algumas dessas vilas, apostando no futuro, estão incluindo cursos de capoeiragem (capoeira, uma nova modalidade olímpica?).

Quanto ao terceiro e último desafio, será importante contemplar os principais aspectos da História da Capoeira, da África à sua recente invasão nos Estados Unidos e Europa, passando — é claro — pelo Rio de Janeiro, pela sempre fascinante Bahia e pelo bravo Pernambuco (Nascimento Grande, João Sabetudo e outros...). De fora, por exemplo, não poderá ficar a dramatização de uma das mais curiosas passagens do livro “O Rio de Janeiro do meu Tempo”, de Edmundo Lins (1938), baseada na figura do famoso capoeira Manduca da Praia. Um monólogo típico do capoeira da época. Tanto assim que textos similares podem ser registrados em vários outros artigos e livros; do célebre monólogo *O Capadócio de Xisto Bahia* (Pederneiras, 1912) ao não menos famoso artigo de Lima Campos publicado pela Revista Kosmos (março, 1906), com antológicas ilustrações de Calixto. Em recente projeto (vídeo), apresentado a uma universidade do Rio de Janeiro, sugeri a inclusão desses textos, devidamente dramatizados. Para efeito deste livro, reproduzo apenas o texto de Luiz Edmundo:

Intróito: “Chega às 7 da manhã no cortiço, Manduca da Praia, vindo da “teorga”, para dormir. Ronca até muito depois do meio-dia. Come, veste-se e vai embora. Quando ele parte, maneiroso e gentil, cantarolando, alegre, o “pinho” entre os dedos, saudando os conhecidos do cortiço — Bá tarde! — muito orgulhoso das suas calças brancas, da sua bipartida gaforinha, há um movimento de admiração que o envolve e o acaricia. Gabam-lhe a voz, o violão, o bom corte do terno, feito na Tesoura de Prata à rua da Saúde. Por vezes, dando-se à importância, pára conversando no pátio da estalagem, ora com um, ora com outro. Fala em gíria carioca num estilo vivaz, cheio de imagens imprevistas:

Monólogo: — “Sala eu, onte de tardinha, do chatô para ir ao chôro do Madruga, no Agrião, quando risca na minha frente um cujo meio sarará e que eu me recordei de haver estragado num dia de festa no arraial da Penha, por motivo de Ermelinda, que então vivia comigo. O cabra vinha zarro para tirar sua desforra e fazer sua deferença. Não dei tempo ao bruto de comparecer com os argumentos. Sacudi longe o pinho e, sem tomar aragem, dansei de velho e fui, logo, cascando o quengo na caixa de catarro do bruto, que ele teve que ir barra a fora, vestido de fato inteiro, indo acomodar os ossos na limpeza da calçada. Virou cobra e cresceu para mim, de novo. Fiz uma figuração. Mergulhei. Foi quando lhe senti, nos dedos o brilho da sardinha. Ele que queria era me cortá! Engoli barriga. Cocei-me achando logo a ferramenta, levantei o rabo do corte e pus-me de guarda à espera do avanço...

— “Veio de cadeira. Marombei, calcei o bicho. Não caiu. Aí, sem abusar do ferro, mandei-lhe um baiano só de lambuja, na altura da bomba do respiro. Pois não é que quase matei o home?! Caiu de borco. E quando eu lhe perguntei: — Então? Seu Jagodes, você esconfiou”? Encolheu de caramaujo e sortou a cusparada”. “Olvidei a ofensa e disse pra ele: — Não dou em home deitado. Se você não aguenta o tranco diga, que eu vou me embora. Cuspiu de novo. Vi sangue. Vôte! É quando pega ajuntá gente. E uns geitos de “não pode”. Depois, meganha. Fui saindo de barriga e, quando o grilo estrilou, abri o arco e caí no mundo. Na minha meia hora vou longe, que eu sou do povo da lira e tenho o corpo fechado”.

Cyríaco, Hermann, Artur E Hulk*

Francisco da Silva Cyríaco, mais conhecido como Macaco Velho, nascido em Campos, no Rio de Janeiro, foi um dos mais afamados capoeiristas do Rio, na virada do século XIX para o XX. Era o mestre preferido dos acadêmicos de medicina, fenômeno que se repetiu na Bahia, décadas mais tarde, com Mestre Bimba. Foram esses estudantes que insistiram no confronto de Cyríaco com o campeão japonês de jiu-jitsu Sada Miyako.

Evento que acabou ocorrendo, no dia 1º de maio de 1909, com um fulminante desfecho: aplicando um literalmente surpreendente rabo-de-arraia, Cyríaco encerrou a luta em alguns segundos.

Mesmo existindo uma versão – jamais comprovada – de que Cyríaco teria utilizado um recurso, digamos, de rua, mesmo assim, luta é luta, vale-tudo é vale-tudo, e ninguém jamais poderá negar o mérito da vitória.

Tanto assim, que Mestre Cyríaco saiu vitorioso do Pavilhão Internacional Paschoal Segreto, com o povo cantando pelas ruas “a Ásia curvou-se ante o Brasil”. No dia seguinte, a Capoeira foi notícia em quase todos os jornais, valendo registrar, por oportuno, a ocorrência de algumas redações cautelosas, quase envergonhadas da própria cultura brasileira, como a nota do Jornal do Commercio (02.05.1909, pág. 7): “*O sportman japonês do tão apreciado jogo jiu-jitsu foi hontem vencido*”

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, Rio (03.set. 1995), transcrito no livro “A Volta do Mundo da Capoeira” (1998) e republicado, em jan/2001, no site do CONI/BRASILE/AICS.

pelo preto campista Cyriaco da Silva, que subjugou o seu contendor com um passo de capoeiragem”.

A nota, curiosamente, não menciona o nome do *sportman* perdedor. Mais adiante, entretanto, no mesmo jornal garimpei o seguinte anúncio: “JIU-JITSU: Mr. Sada Miyako, professor contratado para leccionar na marinha brasileira encarrega-se de dar lições particulares a domicílio. Cartas para a Rua Gonçalves Dias n. 78 ou para a Fortaleza de Willegaignon...”.

Ou será que a nota, de modo até sutil, protesta a respeito do tal recurso de rua acima levemente mencionado?

Décadas se passaram, estamos agora, no final dos anos 40, com a capoeira utilitária de Sinhozinho (Agenor Moreira Sampaio) ressurgindo, subindo aos ringues e colhendo vitórias significativas. Valendo relembrar os confrontos do jovem Rudolf Hermann com um aluno do Mestre Bimba (Fernando Perez) e dos Gracie (Guanair Gial). Nesta mesma época, Artur Emídio de Oliveira, um dos mais talentosos capoeiristas que vi jogar, deixa sua Itabuna, na Bahia, e vem para o Rio disposto a divulgar sua arte em qualquer arena. Realiza uma série de lutas, vence algumas, perde outras (inclusive para o Hermann), mas deixa, sem sombra de dúvida, um exemplo de coragem para os capoeiras-lutadores e, também, escreve seu nome na História da Capoeira.

Mais algumas décadas se passaram, quase meio século, estamos agora nos dias de hoje. Mestre Hulk acaba de vencer, valentemente, o I Tira-Teima Nacional de Vale-Tudo. Já no tempo do nosso saudoso e famoso Sinhozinho (Ipanema, RIO), que formou um respeitável numero de “brigadores de capoeira”, discutia-se até onde a Capoeira poderia ser eficaz no enfrentamento com outras lutas, recolocando, portanto, a questão de a capoeira ser ou não ser uma “luta marcial”.

Reascende-se a discussão.



Mestre Hulk, campeão do I Tira-Teima Nacional de Vale-Tudo, com o extraordinário Mestre Pedro Trindade Moraes um dos grandes nomes atuais da Capoeira Angola (assunto do nosso próximo livro).

Discussão que, fatalmente, ensejará algumas questões preliminares. Como por exemplo, que tipo de Capoeira joga Mestre Hulk, quem foi o seu mestre, joga angola ou regional (aliás, uma falsa dicotomia), que golpes de capoeira mais utiliza em suas vitórias?

Devo adiantar que não acho uma traição, neste tipo de **combate vale-tudo**, utilizar recursos de outras lutas. Todos fazem isto, inclusive o jiu-jitsu,

não há outra alternativa. Será desejável, entretanto, que a base técnica do cada lutador não fique irreconhecível.

No caso em tela — Mestre Hulk — ficou clara sua base capoeirística

Vendo e revendo o teipe da sua luta final, analisando a troca de socos com o campeão de jiu-jitsu Amaury Bitetti, não tenho dúvida que Hulk utilizou, inconscientemente que seja, a incrível noção de distância e de tempo que a Capoeira permite desenvolver. Valendo registrar, ainda, a grande diferença entre um mestre de capoeira que joga e luta e os “mestres” estilizados que lutam quando é para jogar e dançam quando é para lutar (sempre em palcos, jamais em ringue).

A discussão está aberta

Ficando claro, desde já, que o Sr. Sidney Gonçalves Freitas, Mestre Hulk, com o seu talento e com sua valentia, já colocou seu nome na História da Capoeira do subúrbio do Rio (Rocha Miranda!), do RIO/RJ e do próprio Brasil. Que outros bons exemplos apareçam; ou capoeira não é, também, uma arte marcial?

IV — Os Gracie e a Capoeira

- Combates que despertam emoção
- Capoeira no Rio Antigo: A importância dos Gracie
- O Vale-Tudo, Mestre Hulk e a TGA
- Os Gracie, a Capoeira e o Berimbau

Combates que despertam emoção

— Transcrição da Reportagem —

.....
“O sr. Gracie, acreditamos que por desconhecer as regras officiaes, não interpretou fielmente o que ellas ensinam, pois sua proposta está em desaccordo com o que determina o livro do professor Jiguro Kano, inspector geral das escolas de “jiu-jitsu” do Mikado, considerado a maior autoridade no assumpto em todo Japão.

Nelle o seu autor diz que será, também, considerado vencido o lutador que TIVER AS ESPADUAS EM CONTACTO COM O SOLO POR MAIS DE DOIS SEGUNDOS.

Como se vê, há uma chocante contradicção entre o que ficou accordado e o que ensina a regra official. Pelo “accordo”, o jogador de jiu-jitsu, vendo que não póde levar vantagem, deita-se de costas e fica a espera do adversario (como aliás já tem sido feito). Ora, todos sabem que um capoeira nada póde fazer contra um adversário deitado de costas.

O lutador de jiu-jitsu, nessa posição, poderá aguardar indefinidamente o ataque do adversário, o qual terá de se dispor a ataca-lo em inferioridade de condições, sujeitando-se a receber um golpe na perna se o quizer ataca-lo a pés, o que acarretaria a sua inutilização e conseqüente impossibilidade para continuar a lutar, ou a desistir da mesma que redundaria igualmente, em sua derrota.

Eis porque estranhamos o “accordo”, que a ser seguido à risca dá aos cultores do jiu-jitsu 99 probabilidades contra uma dos capoeiras.

3 DE JULHO DE 1931

NUMERO 95

SPORTS

Numero Avulso
100
REIS

Red. e Adm., R. Rodrigo Silva, 5 — 1º andar

Combates que despertam emoção

As gymnasticas nacional e japoneza, face a face — Em torno de um accordo — em que os nossos levarão a peor —

Concluido da 1ª parte, a luta continua igualmente, em sua terceira. Os pontos estranhamente o "accordo", que a este respeito a vitoria da sua cultura do jiu-jitsu se probabilidades, cederá, sem duvida.

O sr. Carlos Gracie e o sr. Jayme Ferreira, do sr. Jayme Ferreira.

O jiu-jitsuista está assim organizado: 1º combate — 3 rounds de 5 minutos cada um, com 10 segundos de intervalo.

Combates que despertam emoção

As gymnasticas nacional e japoneza, face a face — Em torno de um accordo — em que os nossos levarão a peor —

Quando se preparavam, aqui, as bases para a realização de uma série de lutas entre cultores do "jiu-jitsu" e da capoeiragem, que é, no Brasil, o que o "jiu-jitsu" é, no Japão — a gymnastica nacional — o seu organizador, sr. Carlos Gracie, director da Academia de Jiu-Jitsu firmou um accordo com o sr. Jayme Ferreira, director da Academia de Capoeiragem. Por esse accordo — referente ao modo porque seriam proclamados os vencedores — ficou assentado que a luta seria dada como vencida toda a vez que um dos lutadores desistisse, ou pela impossibilidade de vencer o adversario, ou por ser, por elle, posto fóra de combate. Ah, justamente é que "pega o carro", como vulgarmente se diz. O sr. Gracie, acreditamos que por desconhecer as regras officiaes, não interpretou fielmente o que ellas ensinam, pois sua proposta está em desacordo com o que determina o livro do professor Jiguro Kano.



O professor Jiguro Kano, Inspector do jiu-jitsu, no Japão

É, como se vê, um “accordo camboim”...

UM CAMPEÃO JAPONÊZ DE PASSAGEM PELO RIO

A bordo do “Rio de Janeiro Maru” viaja um cultor do “jiu-jitsu”, o profissional Ichi Nagucha, que foi instructor dessa gymnastica japoneza na Escola Naval de West Point, nos Estados Unidos.

O sr. Ichi Nagucha foi alumno da Universidade de Yokoama, e actualmente percorre o mundo fazendo exhibições desse sport. Como, porém, o “Rio de Janeiro Maru” se demore pouco nesta capital, aqui não realizará nenhuma, mostrando-se, até, muito admirado que houvesse cultores do “jiu-jitsu” na América do Sul.

A AMEA DEU LICENÇA AO BOTAFOGO

A Amea concedeu, hontem, permissão ao Botafogo F.C. para que elle ceda seu campo, hoje, aos irmãos Gracie, afim de se realizar uma demonstração de “jiu-jitsu”, à noite, com entradas pagas, por não se tratar de sport regulamentado.

AS LUTAS DE HOJE NO BOTAFOGO

Realizam-se hoje à noite, no campo do Botafogo, os combates de jogadores de “jiu-jitsu” contra capoeiras. Os campeões representam a Academia de Jiu-Jitsu do Sr. Carlos Gracie e a de Capoeiras, do Sr. Jayme Ferreira.

O programma está assim organizado:

1º combate – 3 rounds de 5 minutos cada um, com um de intervalo para descanso – Eduardo José Sant`Anna contra Jorge Gracie.

2º Combate – 3 rounds de 5 minutos cada um, com um de intervalo para descanso – Oswaldo Gracie, professor da Academia de Jiu-jitsu contra Manuel Tito Ferreira.

3º Combate – 3 rounds de 5 minutos cada um, com um de intervalo para descanso – Peres, antigo aluno da Academia de Jiu-Jitsu e professor em São Paulo, contra Ozéas.

Não haverá preliminares.

As lutas serão iniciadas às 21 horas em ponto. Os campeões de luta livre, irmãos Smith, farão uma exibição completa desse interessante systema de lutar, que consiste numa conjugação da força bruta e agilidade nos golpes, quasi sempre imprevistos e pegados como puder.

O “ring” está armado no centro do campo com cadeiras em volta. Méde 6 x 6 metros. Não tem tapetes nem amortecedores. O chão é de assoalho. Os lutadores se apresentarão da seguinte fôrma uniformizados: os lutadores de jiu-jitsu de kimono japonéz e os capoeiras com blusa de linho reforçado, do typo usado na marinha de guerra. Os juizes serão os srs. Carlos Gracie, director da Academia de Jiu-Jitsu e Jayme Ferreira, director da Academia de Capoeiras.”

Comentários do Autor:

1. Notar que já se falava, em 1931, no Rio de Janeiro, em academias de capoeira (!).
2. Jayme Ferreira foi o árbitro (apartador) da famosa luta entre Rudolf Hermann e Artur Emídio de Oliveira; foi, também, um grande “pé de valsa” (bom dançarino).
3. Importância dos Gracie (ver, também, as reportagens e os artigos a seguir).

Capoeira no Rio Antigo: A Importância dos Gracie*

Algumas manchetes significativas e surpreendentes

Em revisão final meu novo livro sobre a *Capoeira no Rio Antigo*. A pesquisa gira em torno da extraordinária capoeira utilitária de **Sinhozinho**. Pequenos capítulos sobre Annibal Burlamaqui e Inezil Penna Marinho, e uma grande ênfase na trajetória exemplar de **Rudolf Hermann**.

Trabalho modesto, entendendo-se como um subsídio inicial para outros, mais aprofundados, que certamente passarão a ser publicados. Corrigindo-se com isto uma grave injustiça que vinha dificultando o entendimento da marcha histórica da capoeiragem.

A seguir, uma pequena mostra do livro, justamente a parte onde procuro mostrar a importância dos Gracie, direta ou indiretamente, para a evolução da *Capoeira-Luta*:



ALLL e o Professor Rudolf Hermann.
Ipanema, Rio, 2001

Diário de Notícias – SPORTS RIO — sexta-feira, 23 de outubro de 1931

Realiza-se, amanhã, no ring da rua do Passeio, o encontro de George Gracie com Jayme Ferreira. Nas provas preliminares tomarão parte alunos de capoeira de Sinhozinho, como André Jansen, Caio Mendonça, Eurico Fernandes, que vão demonstrar ao público o que é a verdadeira capoeiragem. O espetáculo será iniciado às 15:30, conforme informação que nos prestou o Sr. Carlos Gracie.

*Com base no artigo publicado na Coluna CAPOEIRA, na revista <http://www.forumvirtual.com.br> — Rio, maio/2002.

CAPOEIRAGEM AS LUTAS DE SABBADO, NO CAMPO DA RUA RIACHUELO

Serão realizadas sabbado, no campo da rua Riachuelo, algumas lutas de capoeiragem, de que participarão vários alumnos do consagrado athleta Agenor Sampaio (Sinhzinho)

Pela primeira vez, nestes últimos annos, o nosso público vae assistir a lutas de verdadeiros capoeiras, que não se parecem em nada com os pseudo-lutadores, que se exibem no Circo Democrático, segunda-feira última, e com outros que por ahi andaram decepcionando aos apreciadores da luta brasileira. Vae-se ver capoeiragem de verdade, por gente que conhece o o sport e que pode proporcionar ao público momentos de emoção real. *Os irmãos Gracie também tomarão parte no programa que será excelente.*



André Janzen, discípulo de Sinhzinho, que enfrentará hoje Eucio Fernandes



Agenor Sampaio (Sinhzinho) o grande mestre de capoeiragem, possuidor de honroso passado sportivo

*Diário de Notícias –
SPORTS.
RIO — sabbado,
24.out.1931*

CAPOEIRAGEM Transcrição



O público carioca assistirá, hoje, alguns combates de verdadeira capoeiragem, feitos pelos alunos de Agenor Sampaio (Sinhãozinho).

Esteve ante-ontem em nossa redação o Sr. Carlos Gracie, profissional de jiu-jitsu, que veio fazer uma visita de cortesia ao Diário de Notícias. O Sr. Gracie nos declarou achar-se seu irmão George excellentemente preparado para combater, hoje, a tarde, com o prof. Jayme Martins Ferreira que se diz conhecedor de capoeira.

Chamamos a atenção do público para a luta nacional (capoeiragem) que é a mais bella, efficiente e sensacional, que o pugilismo e outras tantas que, apesar de estrangeiras, ou por isto mesmo, se encontram mais diffundidas em nosso meio, não obstante não terem os recursos da capoeira-

gem.

André Jansen é um lutador limpo, de apreciáveis reservas técnicas. Eurico Fernandes se salienta pela sua impetuosidade, pelo entusiasmo e as surpresas de suas jogadas. Caio Mendonça possui um golpe de vista extraordinário, uma rapidez digna de realce e uma presença de espírito notável.

Diário de Notícias — SPORTS
RIO — domingo, 25 de outubro de 1931

CAPOEIRAGEM

Não foi realizada a luta Gracie x Jayme M. Ferreira
O Sr. Mário Aleixo conseguiu um interdito proibitório

Diário de Notícias — SPORTS
RIO — sexta-feira, 30 de outubro de 1931

George Gracie vae lutar com o veterano capoeira Januário

Diário de Notícias — SPORTS
RIO — sexta-feira, 30 de outubro de 1931
George Gracie vae lutar com o veterano capoeira Januário

O IMPARCIAL
Salvador, 25 de outubro de 1935

Comentário do Autor: Breve mais importante registro de uma das passagens de André Jansen por Salvador. Promotores de um grande evento de pugilismo, inspirados em promoções similares realizadas no Rio de Janeiro, convidaram Jansen para inaugurar as apresentações num confronto com Ricardo Nibbon (também do Rio, aluno dos Gracie). Como preliminar, Mestre Bimba fez uma exibição com seus alunos.

Diário de Notícias
RIO, 30 de outubro de 1935

André Jansen (Sinhozinho) e Ricardo Nibbon (Gracie) na Bahia
"O público carioca conhece sobejamente o sportista André Jansen, considerado o mestre absoluto da luta brasileira (a capoeiragem). Várias vezes André teve ocasião de brilhar em nossas arenas, demonstrando sua technica admirável, servida por uma valentia e uma resistência extraordinária.
... Jansen, o maior discípulo de Agenor Sampaio, Sinhozinho...
... O hospitaleiro povo bahiano vae ter ocasião de apreciar o espírito combativo, a inteligência, dextreza e sagacidade do jovem sportista brasileiro".

O Vale-Tudo, Mestre Hulk e a TGA*

Pela televisão, tenho acompanhado o *Ultimate Fighting Championship* nos Estados Unidos. Onde o Brasil está revolucionando o conceito norte-americano de super-homem. Inicialmente através do clã dos Gracie (Royce!), e, em função da sétima etapa do evento (UFC), através de Marcos Ruas, um excelente representante da luta livre (Rio de Janeiro). Pois, às duras penas, os norte-americanos estão descobrindo que o super-homem, o gigante do primeiro mundo, tem, também, que saber lutar no chão, tem que saber — e muito bem — a arte do jiu-jitsu e do vale-tudo “à la brasileira”. Senão, nada feito. Sem dúvida, uma revolução, inclusive, em termos sócio-culturais. Com base no crescente sucesso do *Ultimate Fighting* nos Estados Unidos, surgiu a idéia de realizar um confronto similar aqui no Brasil. Haveria uma fase nacional, onde seria selecionado o lutador que representaria o Brasil na fase internacional. Excelente idéia tinha tudo para dar certo.

E realmente, a fase nacional transcorreu muito bem, surgindo como campeão brasileiro de vale-tudo — para total surpresa e perplexidade do pessoal do *jiu-jitsu* e, salvo engano, dos próprios organizadores do evento — um lutador de capoeira: Sidney Gonçalves Freitas, o Mestre Hulk!

Na fase internacional, entretanto, os



Os extraordinários professores e campeões de jiu-jitsu Rorion e Royce Gracie ladeiam André Lacé na exemplar Gracie Jiu-Jitsu Academy, em Torrance, Califórnia, 1999.

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, Rio (21 de dezembro de 1995) e republicado no livro a “Volta do Mundo da Capoeira” (Rio, 1998).

problemas bateram forte e levaram os organizadores à lona. Fal-
tou dinheiro, o torneio foi interrompido e, salvo engano, passa-
do mais de um mês, algumas dívidas ainda não foram
honradas. Mas, não tenham dúvida, a idéia é muito boa e aca-
bará prosperando aqui no Brasil.

Assim considerando, animo-me a fazer uma rápida apre-
ciação crítica do que testemunhei no Maracanãzinho, tendo,
como pano de fundo, até por cacoete de profissão, a Teoria Ge-
ral da Administração.

Cheguei às 16 horas, uma hora antes da hora marcada para
começar o espetáculo. O acesso ao ginásio foi liberado, exata-
mente, às 17 horas. O espetáculo só foi começar, debaixo de
vaia, três horas depois. Mesmo assim, o Maracanãzinho apenas
contava com pouco mais de 10% da sua lotação. Valendo regis-
trar que, destes 10%, mais da metade era composta por capoei-
ristas especialmente interessados na terceira luta, onde o
campeão brasileiro de vale-tudo, Mestre *Hulk*, enfrentaria um
lutador japonês (Naoyuki Taira). Pelo menos, isto é o que tinha
sido anunciado pelos jornais.

Os “organizadores”, simplesmente, ignoraram todos subsí-
dios e instrumentais fornecidos pelas diversas escolas da TGA
(Teoria Geral da Administração), da escola clássica (tem-
pos/movimentos, respeito às regras e regulamentos...) à escola
sistêmico-contingencial (variáveis exógenas...), passando pela
escola das relações humanas (tratamento mais humano para o
Hulk...), comportamentalistas (importância da cultura popu-
lar brasileira...) etc. Ignoraram, sobretudo, as quatro grandes
funções de toda ação empresarial: **planejamento, organização,
direção e controle.**

O primeiro grande erro, na área sócio-cultural (o que in-
clui um grande erro de marketing), foi, justamente, o de igno-
rar a importância de uma homenagem à cultura popular
brasileira. Por exemplo, convidando, de modo muito especial,

os principais mestres de capoeira da cidade e até do Brasil para assistirem a todas as lutas. Mestres, como Artur Emídio de Oliveira, um dos poucos capoeiristas que ousou aceitar, décadas atrás, confrontos com outras lutas, poderiam quadruplicar o número (surpreendentemente baixo) de expectadores pagantes. Além do que seria uma excelente oportunidade para se prestar uma grande homenagem ao Prof. Rudolf Hermann (Capoeira de Sinhozinho!)

Salvo engano (dos jornais), o adversário inicial de Hulk, o japonês Taira, por suas características físicas e técnicas, propiciaria um confronto mais equilibrado. A mudança, aparentemente repentina e casuística, do japonês pelo canadense Jean Rivierre prejudicou o próprio espetáculo.

O atraso de três horas poderia muito bem ter sido minimizado se os organizadores tivessem programado, como preliminar do espetáculo, uma RODA DE CAPOEIRA. Da mesma forma que a seleção de música (terrível e ensurdecadora), feita pelo pessoal do som, poderia ter incluído a fascinante parte rítmica e cantada da capoeira. Para não falar das músicas sobre o tema feitas por Vinicius de Moraes & Baden Powell, Paulinho da Viola (*Vela no Breu...*), Gilberto Gil, Candeias (*O Batuqueiro...*), Martinho da Vila (*No cais dourado...*), conjunto MPB-4 e tantos outros.

Afinal, como pude ouvir, tempos atrás, do exemplar e saudoso Carlos Gracie (fui à sua casa levado pelo Prof. Robson Gracie), o jiu-jitsu é mais do que uma arte marcial é uma lição de vida. O que certamente nos leva a uma visão que extrapola as limitações de um ringue.

Mas, em que pese todos desacertos, relevem a repetição, não tenho dúvida de que a iniciativa (Vale-Tudo no Brasil), apesar de abortada, foi válida, foi corajosa e está apenas começando. Para os próximos eventos, que certamente virão, desde já, lanço a idéia de se reservar sempre uma (ou mais) vaga para a Capoeira. Ou até mais do que isso, que seja realizada, como

preliminar da fase nacional do próximo vale-tudo, uma pré-seleção entre os capoeiras-lutadores interessados. Afinal, trata-se da “luta nacional brasileira”, muito embora, há que se reconhecer, para se impor como arte marcial, vai precisar que outros capoeiristas lutadores tenham a coragem (não é fácil) que teve um Artur Emídio de Oliveira, no passado, e que está tendo agora o Sr. Sidney Gonçalves. Daí, o grande alcance de uma seleção preliminar com vistas a selecionar um capoeira-lutador para a primeira fase, brasileira, do próximo torneio de vale-tudo.

Se isso for feito, não tenho dúvida, o Maracanãzinho vai superlotar, talvez até garanta uma receita que possa tranquilizar os organizadores em relação às custas da fase internacional...

O grande mérito dessa alternativa, entretanto, será permitir à boa parte dos atuais mestres de capoeira refletirem melhor sobre o real potencial da Capoeira como arte marcial. Pois, sem dúvida alguma, existe razoável dose de fantasia guerreira em algumas rodas de capoeira. A capoeira, não tenham dúvida, sobreviverá a esse laboratório, saindo dele mais autêntica e fascinante. Em termos práticos, técnicos, táticos e, sobretudo, em termos institucionais, onde urge um fortalecimento.

Não fosse o seu prestígio pessoal, sua família, seus amigos, seus alunos, representantes da instituição municipal onde trabalha, Mestre Hulk teria ficado sózinho no Hospital Souza Aguiar, para onde foi levado, após a luta inicial, improvisada e infeliz, com o canadense Jean Rivierre. Estive lá (hospital) e senti a falta de uma ação institucional objetiva e eficaz. Por exemplo, um representante do Ministério Extraordinário de Esportes, ou do Ministério da Educação ou até da Cultura (por que não?).

Em suma, enquanto nos Estados Unidos, Mestre João Grande recebe, de uma faculdade, o título de *doctor of humane letters*, e, do Governo, um cobiçado “green-card” como Mestre de Capoeira Angola, aqui no Brasil, a verdadeira capoeira continua sendo tratada como fenômeno sócio-cultural de segunda classe.

Os Gracie, a Capoeira e o Berimbau*

Uma pesquisa sobre a prática da CAPOEIRAGEM no Brasil não pode, em hipótese alguma, ficar limitada à leitura dos livros específicos sobre o assunto. Não que sejam poucos, mas, em sua grande maioria, apresentam visão regionalizada e excessivamente apaixonada. Paixão que, às vezes, leva à fantasia, a mitificações e até a mistificações.

Claro que livros como o de Annibal Burlamaqui, Zuma (Gymnastica Nacional, 1928), de Inezil Penna Marinho (Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem, 1945), de Luis Sergio Dias (“Quem tem medo da Capoeira?” — 1995) e alguns outros devem compor a biblioteca de qualquer pesquisador. Isso para não mencionar a sempre valiosa contribuição de antropólogos, sociólogos, folcloristas (vá lá...), musicistas e historiadores em geral; ou seja, nomes como Roquette Pinto, Renato de Almeida, Dunshee de Abranches, Albano de Oliveira, Artur Ramos, Manuel Querino, Câmara Cascudo, Silvio Romero, Luiz Edmundo, Melo Morais Filho, Edison Carneiro e tantos outros. Mas, na pesquisa de velhos jornais e revistas é que se vão encontrar os elementos mais esclarecedores.

Não tanto em jornais de circulação local — pois esses, obviamente, tendem a ter uma visão igualmente local ou, no máximo, regional — mas, sobretudo, em jornais nacionais. Pois, como se costuma dizer, o rio corre para o mar, e, em qualquer parte do mundo, ao longo da história, verifica-se que os fatos mais relevantes tendem a ocorrer nos grandes centros urbanos, nas cidades maiores.

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, RIO, 24 de março de 1996. Transcrito, também, no livro “A Volta do Mundo da Capoeira” (Rio, 1998).

Folheando os grandes jornais brasileiros — quatro, cinco, seis décadas atrás — verifica-se, apenas para dar um exemplo, que os grandes cantores líricos apresentavam-se no Rio, em Buenos Aires e... voltavam para os Estados Unidos ou para a Europa. O mesmo sempre aconteceu na área da Arte Marcial. Os grandes lutadores estrangeiros, dos Estados Unidos, da Europa ou do Oriente, via de regra, vinham fazer apresentações e participar de confrontos aqui no Rio, então, capital federal do Brasil. Mergulhando mais a fundo nos jornais antigos, especialmente o *Jornal dos Sports*, a partir da década de 30, comecei a confirmar esta verdade, cada vez mais cristalina. Aconselho aos pesquisadores sobre o assunto a fazer o mesmo. Com base em tais pesquisas está sendo possível acender algumas luzes, apresentar alguns novos tópicos para discussão geral e até ensaiar algumas conclusões. Vejamos:

1. A Família Gracie tem realmente um espaço garantido (o que está faltando para que escrevam um livro, esclarecedor, a respeito?) na História da Arte Marcial no Brasil. Praticamente, não havia lutador estrangeiro que chegasse ao Brasil (RIO) que não fosse desafiado pelos irmãos Carlos e George Gracie. É só ler os jornais da época (até mesmo as páginas não especializadas em esporte, como é bom exemplo a reportagem publicada na *Revista Cruzeiro* (1954):



Revista Cruzeiro, 18.09.1954 — págs. 85, 86 e 78.

2. A CAPOEIRA começa a aparecer nos jornais em função dessa realidade, ora fazendo lutas preliminares, ora, até, confrontando-se com os Gracie.

3. Da CAPOEIRA desafiando grandes mestres estrangeiros – salvo o famoso e matreiro confronto, em 1909, do japonês Sada Miako com o nosso Cyríaco Francisco da Silva – é difícil, senão impossível encontrar algum registro nos grandes jornais. Valendo registrar, como curiosidade e a bem da justiça, alguns confrontos de rua, de beira de cais ou em pequenos tablados pelo interior onde a capoeira se saiu muito bem; muito embora, tais eventos e confrontos não contassem com regras claramente pré-fixadas.

4. Proibida, no Código Penal de 1889, a Capoeira (como luta, sem berimbau), praticamente desapareceu do RIO, sobrevivendo na Bahia ao som fascinante do berimbau e do melodioso canto baiano.

5. Sendo o BERIMBAU um fantástico instrumento de comunicação, todos os cantos, preceitos, ladainhas e chulas passaram a “vender” somente a capoeira musical, a capoeira local, a capoeira baiana.

O que explica porque quase todos os temas estavam e, em alguma medida, ainda estão restritos à Bahia, especialmente a Salvador. O que explica o silêncio do berimbau baiano frente a grandes acontecimentos históricos, de dimensão nacional, como, por exemplo, a curiosa e providencial aliança informal feita, em junho de 1828, durante o reinado de D. Pedro I, entre um representante do Governo (Major Miguel Nunes Vidigal) e os capoeiras cariocas, para que esses enfrentassem os batalhões sublevados de estrangeiros mercenários aquartelados na Praia Vermelha, no Campo de Santana e em São Cristóvão. Dentre dezenas de outros ricos exemplos, valeria, ainda, destacar mais cinco: I. O famoso caso do capoeirista Juca Reis (José Elcio dos Reis) que, simplesmente, quase provocou uma crise ministerial no Governo de Deodoro; II. O já citado e sensacional confron-

to do capoeira Cyríaco Macaco Velho com um professor japonês de jiu-jitsu (1909); III. O heróico confronto, em 1953, de mais de uma hora entre o capoeirista Rudolf Hermann (Capoeira de Sinhozinho) e Guanair Gial Gomes, representando o jiu-jitsu; IV. O confronto, em 1954, entre o Mestre Artur Emídio de Oliveira e o Sr. Edgard Duro (especialista em luta-livre, com algumas vitórias sobre alguns outros capoeiras); e V. A vitória de um capoeirista, Sidney Gonçalves Freitas (Mestre Hulk) em 1995, no Primeiro Tira-Teima Brasileiro que contou com representantes de várias outras lutas.

Os antigos cantadores de capoeira, que, freqüentemente, buscavam nos poetas repentistas da literatura de cordel inspiração para suas ladainhas e chulas, bem que poderiam ter assimilados desses, a visão mais abrangente de mundo. Pois, o poeta-repentista é, sem sombra de dúvida, um cronista social. Canta o dia-a-dia da sua cidade, canta o dia-a-dia do mundo, canta o passado, o presente e o futuro. O cantador de capoeira também é um cronista social, só que, pelas razões acima resumidas, até agora, continua muito regionalizado e preso a passado igualmente regional. Situação que, felizmente, começa a ser modificada. Cantadores-compositores como o Sr. Gilberto Quini, Mestre Beija-Flor (do Grupo Capoeira Senzala de Santos), o Sr. Everton de Freitas Batista (Mestre Fanho), Gegê, Camaleão e outros, já começaram, com todo respeito e reverência às raízes, a (r)evolucionar a temática do Jogo da Capoeira. Em seu primeiro disco, semi-artesanal, Mestre Fanho, com muita oportunidade e criatividade, critica os cinematográficos ninjas, critica a ginga marcada – “capoeira não é desfile militar” – de uma neocapoeira que anda grassando (ou desgraçando) por aí, autocritica-se com bom humor, e permite-se fazer algumas reflexões filosóficas sobre a magia da capoeira. Eis aí um bom exemplo que deve ser seguido por todos que realmente gostam de Capoeira. Sobretudo a capoeira tradicional, com seu berim-

bau mandingueiro e suas canções, deve preservar esta função “jornalística” de suas chulas.

Já a capoeira praticada como luta deve seguir o exemplo de Sinhozinho e outros, incluindo-se aí o próprio Mestre Bimba que, em 1936, já defendia “que tais confrontos, especialmente com outras lutas, não devem ser ao som do berimbau” (Diário da Bahia, 13 de maio de 1936. Na mesma entrevista, Bimba elogia o livro de Anníbal Burlamaqui).

E realmente não precisa, ousaria eu complementar, pois o verdadeiro capoeira parte para um confronto de verdade, especialmente com outras lutas, com o som do berimbau no seu coração. Valendo adiantar, entretanto, que isto apenas não basta, pois a Capoeira como Arte Marcial exige exercícios muito especiais (Capoeira de Sinhozinho!) e uma movimentação de luta bem diferente da ginga lúdica de uma **volta do mundo**.

Daí a importância de confrontos **amistosos** periódicos — e bem regulamentados — com outras lutas.

Daí a importância dos Gracie para a Capoeira.

Comentário do autor

No segundo parágrafo faço certa ironia com os folcloristas. O tempo mostrou que eu estava errado.

V — Capoeira no Leblon de Antigamente*

O Leblon poderia ser um *município*, uma vez que satisfaz, tranqüilamente, a todos os requisitos exigidos por lei para tal.

O Leblon poderia, também, ser considerado uma *ilha*. É só olhar o mapa, prestando a atenção no mar em frente, nos diversos pequenos rios e córregos, e no canal do Jardim de Alá. Claro, precisaria um pouco de boa vontade e bom humor, mas a conclusão não seria assim um absurdo.

O Leblon, finalmente, poderia muito bem ser um país — *Estados Unidos do Leblon!*? — uma vez que congrega, afaga e potencializa os mais diversos estados de espírito do brasileiro e de um bom-número de estrangeiros-residentes.

Um bairro cosmopolita salpicado de roça. Onde você encontra os melhores restaurantes e, ao mesmo tempo, os melhores botecos do Rio; com várias opções para cinema, teatro, comércio em geral e tratamento de saúde. Inclusive tratamento preventivo de saúde, o que nos leva a vários clubes e academias de ginástica. Aliás, não falta nem uma filial da Academia Brasileira de Letras — ginástica intelectual ! — dependendo da hora em que você passar pelo Flor do Leblon.

Um bairro mágico, cortejado pelo mar, hidratado por uma linda e heróica lagoa (resistirá por quanto tempo?), abençoado, ao longe, pelo Cristo Redentor e velado diuturnamente pelos Dois Irmãos.

Não falta nada ao bairro, nem mesmo especuladores imobiliários.

Não poderia faltar, portanto, esta cada vez mais fascinante **arte afro-brasileira da capoeiragem**. E não estou-me referindo à capoeira de agora, culturalmente enriquecida pelo berimbau à

* Com base no artigo publicado na REVISTA LEBLON, em dezembro de 2001; e republicado no Fórum Virtual (<http://www.forumvirtual.com.br>) em fevereiro de 2002.

frente de uma verdadeira orquestra de percussão. Pois este pequeno artigo (ou crônica?) tem como objetivo apenas registrar e homenagear dois extraordinários nomes que marcaram época na História Leblon-Capoeira há algumas boas décadas: *Agenor Sampaio e Urso*. Dois nomes que, com certeza, soarão estranhos para qualquer morador do Leblon. Mesmo para os mais antigos. Situação que mudará radicalmente com um pequeno esclarecimento: Agenor Sampaio era o nome de batismo do querido e saudoso *Sinhozinho*, e Urso, o apelido – pouco conhecido – do não menos extraordinário *Rudolf de Otero Hermannny*.

Para publicar, em 1998, meu livro “A *Volta do Mundo da Capoeira*”, tratei de voltar a conversar longamente com o Hermannny. Conversas que me confirmaram a importância de escrever um livro especificamente sobre o próprio Rudolf, campeão pan-americano de judô e exímio capoeirista, vencedor de todas as lutas que realizou. Sendo que uma dessas lutas, em 1949, contra um dos melhores praticantes da capoeira estilizada baiana, segundo algumas versões patéticas, Hermannny teria vencido com um simples olhar. Como os jornais da época discordam desta versão e chegam até a reportar que o confronto durou mais de dois minutos, resolvi tirar a dúvida com um dos protagonistas. Como já esperava, recebi do Rudolf Hermannny uma resposta cavalheiresca, mas definitiva: “Isto foi há muito tempo, mas claro que houve movimentação de luta e troca de golpes, tive a sorte de acertar uns bons tapas e pontapés, daí, talvez, o problema que ocorreu com o rapaz”.

Com a mesma categoria, sempre introspectivo, lacônico e extremamente modesto, Rudolf Hermannny ouviu minha proposta sobre o livro e contrapropôs: “escreva sobre o Sinhozinho, fará muito mais sentido e muito mais sucesso!”.

Resultado da discussão: acabo de terminar mais um livro sobre Capoeira, desta vez centrado nas figuras extraordinárias

de Agenor Sampaio (Sinhozinho) e Rudolf Hermann. Não por acaso, dois excelentes exemplos, também, do cosmopolitismo dos **Estados Unidos do Leblon**, posto que ambos nasceram em São Paulo. Valendo, ainda, lembrar que Sinhozinho morou muito tempo em Ipanema, bairro onde o Professor Rudolf Hermann mora e trabalha (área da Educação Física, ginástica, fisioterapia e jornalismo). Ipanema, como todos sabem, é um bairro vizinho, com luz própria (sentido cultural, não sujeita a *apagão*), com uma grande história, famoso internacionalmente, mas que o nosso querido João Fontes, com muito humor e algum veneno escorrendo dos lábios, insiste em classificar como “subúrbio do Leblon”.

Do livro, pinço, agora, dois marcantes episódios leblonianos.

Existem duas versões, pelo menos, sobre o busto de Sinhozinho.

A primeira, mais apropriada para este artigo, é a de João Fontes, presidente da AMA-Leblon. Por esta versão, o busto foi colocado na Delfim Moreira à altura da Avenida Afrânio de Melo Franco. Na segunda versão, do próprio Rudolf Hermann, (o que deixa o também capoeira João Fontes em desvantagem), o busto foi colocado na Av. Vieira Souto, no canteiro do centro da avenida, entre as ruas Vinícius de Moraes e Joana Angélica, e de lá foi retirado nas modificações feitas pelo “Rio Orla”. Polêmica que se inicia e que, tenho certeza, será totalmente esclarecida com as contribuições que surgirão após a publicação desta Revista.

De qualquer modo, colocado em território leblonense ou não, isso não importa, o que importa é que a iniciativa foi uma original e sincera homenagem dos inúmeros alunos, amigos e admiradores do Agenor Sampaio em agradecimento aos inestimáveis serviços por ele prestados à Capoeira, em particular, e ao desporto brasileiro, em geral. Não sem motivo, portanto, um

grupo de boa memória está tentando junto à Divisão de Monumentos e Chafarizes (Prefeitura do Leblon, digo, Prefeitura do Rio de Janeiro) localizar o destino atual do busto e, com grande e merecida festa, retorná-lo ao seu lugar de origem (?).

A cidade grande imita as cidades maiores e é imitada pelas cidades menores. Nada mais natural. É assim em todo mundo. O grande Pereira Passos imaginou um Rio parisiense, a mesma Paris que inspirou, também, Buenos Aires, São José de Costa Rica e várias outras cidades (Benchimol, 1990; recomendo também a crônica “O Barão Haussman”, Arthur Dapieve, O Globo, 2 ago 02).

Não tanto agora, mas, durante muito tempo, o Rio ditou a moda para o resto do Brasil. Inclusive na capoeiragem. A admiração dos acadêmicos de medicina do Rio pelo extraordinário capoeirista campista Cyríaco Macaco Velho, especialmente depois do confronto deste com o campeão japonês de jiu-jitsu Sada Miaco, (1909) provocou, algumas décadas adiante, um fenômeno similar na Bahia (acadêmicos de medicina em torno de Mestre Bimba). Da mesma forma que o famoso livro de Zuma Burlamaqui — “*Gymnastica Nacional, a Capoeiragem*” — publicado no Rio, em 1928, divulgando a capoeira “utilitária”, estilo *Sinhozinho*, serviu de fonte inspiradora para a criação da Gymnastica Regional Baiana. O mesmo fenômeno ocorrendo com o excelente trabalho do Professor Inezil Penna Marinho — “*Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem*” (RIO, 1945) — livro de fundamental importância na biblioteca particular de qualquer mestre de capoeira. Penna Marinho dedica seu belo trabalho ao “*velho Sinhozinho*” e a *Zuma Burlamaqui*...

Pois muito bem, a iniciativa pioneira de um busto homenageando um mestre de capoeira (Rio), não ficou atrás, pois também acabou por inspirar, décadas mais tarde, uma ação igual em Salvador.



Mestres Franklin Canela (Brasil/Itália), Rudolf Hermann, Edgardo Coruja (Itália) e André Lacé. Leblon, Rio – 2001.

O segundo episódio foi o treinamento especial que Rudolf Hermann coordenou, na década dos 50, no então Centro de Recreação Operária da Gávea que, apesar do nome estava localizado na Rua General Artigas, no Leblon (e não na Gávea...), mais precisamente no local onde antes funcionara o Clube Germânia, desapropriado durante a segunda guerra mundial. Já como professor de Educação Física do Ministério do Trabalho, Rudolf Hermann teve a oportunidade de treinar naquele espaço alguns bons e afortunados capoeiristas como José Alves (Pernambuco), Wanderley (Pára-quedas) e Fred. Enriquecendo os treinos de Hermann, uma vez ou outra, o próprio Sinhozinho aparecia com alguns de seus alunos. Uma época de ouro para a capoeira marcial, para a capoeira como luta de verdade.

Tinha que ser no Leblon.

Havendo um interesse imediato, por parte do leitor, em conhecer melhor a vida desses dois personagens – Sinhozinho e

Hermannny – recomendo o livro “*Ela é Carioca – uma enciclopédia de Ipanema*”, extraordinário trabalho de pesquisa, de autoria de Ruy Castro, aliás, outro ilustre morador do Leblon.

Caso o interesse possa esperar alguns meses, considere-se o leitor especialmente convidado para o lançamento do meu livro.

Complementação posterior do artigo

Mal saiu a Revista Leblon comecei a receber veementes protestos:

— “Por que você não incluiu o Luiz “Ciranda” e o nosso João Fontes, você esqueceu também da importância da Praia do Pinto e dos valentões que se reuniam no Bar 20 !?!?!”

Aproveito a presente transcrição do artigo para reparar pelo menos parte de tão graves omissões. Não tanto em relação ao Luiz Ciranda, posto que este aparece, com justo destaque em várias partes do livro, especialmente na *Quinta Rodada*. Mesmo assim, será justo lembrar que o famoso capoeirista Luiz Ciranda teve uma passagem marcante pelo Bairro do Leblon,



O fisioterapeuta China, da Banda de Ipanema e do saudoso *Bebe Bem*, Prof. Ênio Figueiredo (realizando excelente projeto sócio-esportivo-cultural na Rocinha) e o Mestre João Fontes Imperador do Leblon, digo, do Império e do Leblon.

inclusive exercendo, mais por esporte do que por profissão, a função de “leão de chácara” do famoso restaurante Real Astória. A rigor, Luiz cuidava da ordem local mais pela amizade que tinha com o proprietário do estabelecimento.

João Fontes foi um dos melhores, senão o melhor aluno do extraordinário Neyder Alves que, lá pelas tantas, consagrou-o mestre. Valente e bom de briga, mas, sobretudo, amigo da paz e amante da vida, pouco a pouco foi prevalecendo no João o seu espírito comunitário. Vai daí que, há muito tempo, o advogado João Fontes vem dividindo seu tempo entre suas atividades profissionais e a presidência da AMA/Leblon. Na foto, João aparece, orgulhoso, com o chapéu que Elton Medeiros, penalizado, resolveu comprar para ele:

– “João andava com um chapéu de pescador de terceira categoria achando que estava usando um chapéu de sambista de primeira”, explicou o grande poeta e compositor. “Além do que nem tinha uma fita com as cores do Império Serrano (escola do João), agora, tem”.

Segundo Capítulo

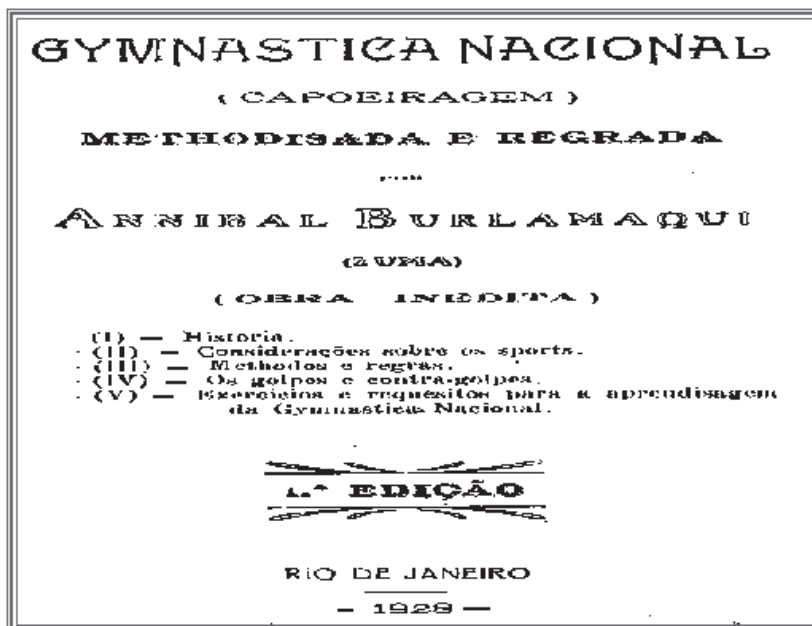
Annibal Burlamaqui, o *Zuma*

I — Ilustrações Especiais. II — O Autor Annibal Burlamaqui.
III — O Livro *Gymnastica Nacional — Capoeiragem*. IV — Reflexões

Ilustrações Especiais



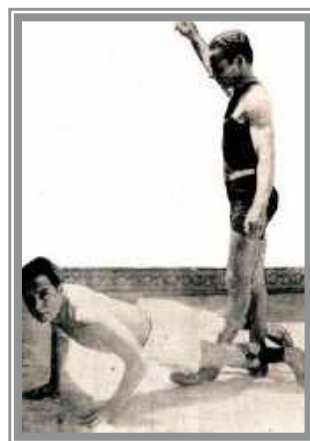
Annibal Burlamaqui, *Zuma*



Alguns exemplos:



A Chinha



A Tesoura



O Escorão



A Queixada

II — O Autor

Waldeloir Rego, como veremos mais adiante, presta, em seu livro “Capoeira Angola Ensaio Sócio Etnográfico” (pág 34), uma curiosa homenagem a Sinhozinho e à própria Bahia quando afirma ter o paulista-carioca Agenor Sampaio nascido na Boa Terra. No trabalho de pesquisa “Bibliografia Crítica da Capoeira” Raimundo Almeida presta homenagem semelhante a Annibal Burlamaqui:

“Livro...escrito por capoeirista baiano, o Zuma” (n.º 0329, pág. 35)

Segundo informações prestadas pelo neto de Zuma, entretanto, seu avô nasceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de novembro de 1898. Ao publicar seu famoso livro, em 1928, Annibal Zuma Burlamaqui estava com 30 anos de idade.

III — O Livro

*“Ao som do berimbau e do pandeiro não podem medir forças dois capoeiras que tentem a posse de uma faixa de campeão, e isto se poderá constatar **em centros mais adiantados**, onde a capoeira assume aspecto de sensação e cartaz”.*

“A polícia regulamentará estas demonstrações de capoeira de acordo com a obra de Annibal Burlamaqui, editada em 1928, no Rio de Janeiro”.

Mestre Bimba – entrevistado pelo Diário da Bahia, 13.03.1936

Um livro antológico, sobretudo, pelo seu pioneirismo. Claro, sem negar o mérito do misterioso livro de ODC publicado em 1907.

Foi lido e estudado no Rio e em todo o Brasil, estabelecendo um marco histórico e influenciando um sem-número de outros capoeiras e pesquisadores. Especialmente na Bahia, terra de boa tradição capoeirística, o livro andou de mão em mão. Sem a menor sombra de dúvida – relevem a insistência — foi esse livro que, ao consagrar a **GYMNASTICA NACIONAL**, acabou

inspirando, também, o surgimento da “*Gymnastica Regional Baiana*”.

Até mesmo os golpes inspirados no batuque foram registrados, pioneiristicamente, no livro de Zuma (página 29). Décadas mais tarde, como se sabe, esse parentesco com o batuque surgiu para respaldar uma nova versão para a gênese da capoeira regional.

O nome *Regional*, decididamente, não foi cunhado para se contrapor a *Angola*, até porque ambas capoeiras eram locais, da *região* da Bahia; e sim para se contrapor à *capoeira NACIONAL*. Claro, em função da forte tradição da capoeira baiana e, sobretudo, do extraordinário talento de Mestre Bimba, ninguém, em sã consciência poderá afirmar que a Regional é cópia fiel da Capoeira praticada por Sinhozinho, Zuma e outros. Para começar, a versão Regional não abriu mão nem do berimbau nem do canto, componentes que inexistem na capoeira de Zuma, Sinhozinho, Hermannny e outros. Voltaremos a este assunto ao final deste livro.

.....

Especificamente sobre o livro de Zuma, ninguém o descreveu melhor do que Mário Santos ao prefaciá-lo. A transcrição do prefácio, portanto, faz-se necessária:

“O livro de Annibal Burlamaqui — Gymnastica Nacional — é, por sua natureza, desses cuja necessidade ha muito se impunha em o nosso meio sportivo.

No Brasil, já se praticam, pode-se dizer, todos os sports: temos campeonatos de remo, natação, foot-ball, basket-ball, box, luta romana, tennis, atletismo em geral etc. Actualmente até o polo e golf já são disputados em nossa terra. No entanto é de lamentar que até hoje nada se tenha feito em prol do sport nacional.

Cogita-se de uma arte nacional brasileira, da musica brasileira etc. Até mesmo da política brasileira. E de sport nacional, fala-se? Infelizmente não.

E se assim é, o livro de Zuma vale por um grito de brasilidade

É tempo já de nos libertarmos dos sports estrangeiros e darmos um pouco de atenção ao que é nosso, ao que é de casa. E depois vale a pena isso, pois a Gymnastica Brasileira vale por todos os sports estrangeiros. Supera-os até.

O presente livro, é modesto. O seu autor não é litterato; não é doutor, não é bacharel. É um moço sportman, um verdadeiro athleta, que goza muita saude e, sobretudo, ama a sua terra. Não é, portanto, uma obra litteraria, é uma monographia sportiva, talvez. É moderno, é prático; não divaga, entra logo no assumpto. Dá-nos a história da capoeiragem, os golpes e os contra-golpes.

Ensina-nos, ou melhor, creou regras e methodizou-a. Termina com considerações a respeito dos exercícios preparatórios para se fazer um gymnasta brasileiro e sobre os requisitos mais necessários para isso. Em synthese é um livro útil.

Estou de accordo com A. Burlamaqui (Zuma) quando lamenta que se tenha votado tamanha aversão a capoeiragem, a ponto de tornar a sua prática compromettedora socialmente.

Todas as lutas hoje conhecidas: o box, a luta romana, a savata franceza, o jiu-jiutsu etc, tem suas origens identicas a nossa capoeiragem. É sempre a luta pela vida, o instincto de conservação, de defesa pessoal que lhes deram nascimento.

Todas ellas passaram pelos mesmos revezes que a Gymnastica brasileira.

Tambem na Inglaterra, o abuso dos que se prevaleciam da habilidade no jogo do box concorreu para que este jogo fosse considerado pelas leis inglesas uma contravenção e, portanto, punido quando praticado. Assim a savata franceza. Assim o jiu-jitsu que não era mais do que um processo de luta usado por determinada casta no Japão, e que dava aos componentes grande vantagem sobre os ou-

tros indivíduos. E se assim é, porque, si a lei da evolução é sempre a mesma em todo Universo, a capoeiragem, no Brasil, haveria de escapar a marcha evolucionar de suas congêneres?

Nascida, como bem diz o autor, com os escravos foragidos, nos quilombos, foi mais tarde, extinctos estes, transportada para as cidades e usada como meio de defeza, posteriormente, adulterada para meio de desordem. Foi essa evolução da “Gymnastica brasileira”. E tão intensa foi a nocividade de sua prática, que o legislador de 1890 em nosso Código Penal, prescreveu em seu artigo 402 pena àquelles que a praticassem. Mas o tempo passou, hoje está regulamentado o box, como também a luta romana, a savata etc e porque não haveremos de regularizar e regenerar a capoeiragem?

Há necessidade disso, e a sua adopção constitue alem do mais um princípio de ordem social. Pois só depois de acceita e espalhada a pratica da capoeiragem, teremos os agentes da sociedade, os policiaes a salvo das habilidades dos brasileiros nesse terreno e das insolências dos que praticam o box, como os embarcações estrangeiros, que tanto dissabor causam aos policiaes com as suas libações alcoólicas. Adoptemos a capoeiragem, ella é superior ao box, que participa dos braços; ela é superior à luta romana, que se baseia na força; é superior à luta japoneza, pois que reúne os requisitos de todas essas lutas, mais a intelligencia e a vivacidade peculiares ao tropicalissimo dos nossos sentimentos, pondo em acção braços, pernas, cabeça e corpo!

Oxalá que muito breve tenhamos na Europa campeões brasileiros, de “GYMNASTICA NACIONAL”, vencendo os de outras lutas estrangeiras!

São meus votos que seja a “Gymnastica brasileira” acceita e praticada, pois vae n’isso, além de um acto de brasilidade, um pouco de integralisação na posse de nós mesmos.

Rio, dezembro de 1927. Mário Santos”

IV — Reflexões

O livro, publicado em janeiro de 1928, reflete longa experiência de algumas décadas. O que nos leva, pelo menos, ao início da década de 1910, quando Zuma deve ter começado a aprender capoeira no Rio de Janeiro.

Não se está, em nome de uma paixão, inventando-se nova versão para o passado. Nem mesmo há, como em alguns casos dentro da Capoeira, a tentativa apaixonada, mas ingênua, de se ir retrocedendo e retorcendo datas para garantir sempre o pioneirismo de determinada corrente ou estilo capoeirísticos. Não, vale o que está escrito nos jornais, revistas e **livros da época**.

O livro correu o Brasil, tornou-se um marco, uma referência, um ponto de partida ou de inspiração para os capoeiras do Rio de Janeiro e dos demais estados. Pelo livro, todos seus leitores puderam perceber, por exemplo, que alguns golpes e movimentos da capoeira surgiram da sua ligação com o batuque. O pai de Zuma, ao que se saiba, não foi campeão sul-americano de batuque, mas, mesmo assim, o famoso livro já revela o parentesco (óbvio) desses dois traços afro-brasileiros. E nem poderia ser de outra forma, basta lembrar que também a capoeira angola baiana está impregnada de movimentos e golpes do batuque. Não sem motivo, portanto, uma Chamada de Angola guarda incrível semelhança com o manhoso e perigoso Samba Duro carioca.

Com base no livro de Zuma e de extraordinários exemplos práticos do Rio (André Jansen, entre outros!), anos mais tarde, surgiu na Bahia uma versão regional da “Gymnastica Nacional”. Só que, inicialmente, essa versão era explicada, orgulhosamente, como resultante do “enriquecimento” da capoeira angola através do reforço de golpes e movimentos de várias outras lutas estrangeiras. Textos e entrevistas, acima de qualquer suspeita, comprovam esta versão inicial para o surgimento

da capoeira Regional. Do famoso livro de Jorge Amado – Bahia de todos os Santos – às entrevistas dadas pelo próprio Mestre Bimba e alguns de seus alunos. Todos afirmando a excelência, superioridade bélica da capoeira regional, justamente, pelo aca-salamento da capoeira com várias outras lutas. Este era o grande argumento, nenhum outro, nem mesmo sobre uma nova técnica de ensino, mais pedagógica e padronizada. Padrões que, aos poucos, vão jogando a capoeira regional na teia do Sistema CONFEF/CREFs. Ao mesmo tempo que o capoeira regional vai-se transformando numa espécie de caxinguelê com curso de educação física.

Esta primeira versão para o surgimento da capoeira regional (incorporação de golpes de jiu-jitsu, boxe, savate etc), curiosa e sintomática, está sendo banida, às vezes até grosseiramente, de todos os textos existentes sobre o assunto (veremos isto mais adiante neste livro).

O que fica de positivo para a marcha da Capoeira daqui para frente?

Muito simples. A capoeira é multifacetada, e uma de suas formas é a de arte marcial. Todos nós sabemos disto. O que muitos, entretanto, não estão querendo ver (até mesmo por razões comerciais) é que a capoeira regional está fazendo a capoeira marcial ficar parada no tempo. Simplesmente porque se apresenta, ao mundo inteiro, como a forma de capoeira mais eficaz como luta, no entanto, é flagrantemente ineficaz. Ou seja, usa o discurso de luta mandingueira, surpreendente, imbatível etc, mas jamais aceita confrontos de verdade — com apenas duas exceções ao longo de mais de setenta anos — aceitou confrontos de ringue. A regional jamais se apresenta em ringue, só em palcos. Na hora do desafio esconde-se atrás dos fundamentos sábios da capoeira tradicional. Com isto temos uma farsa nas mãos, ou melhor, nos pés. Urge tomar consciência desta farsa e partir para o fortalecimento da capoeira marci-

al. Vejam o que vem revelando os confrontos internacionais do tipo “ultimate fighting”, quem está brilhando com os pés não é o capoeira, é o lutador de **Muay Thai**.

Retomo o tema no capítulo final.

Terceiro Capítulo

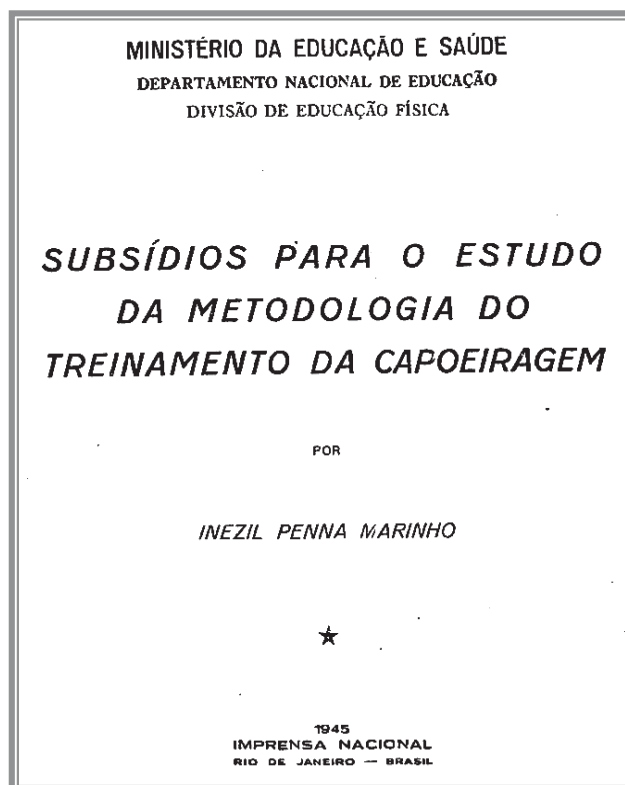
Inezil Penna Marinho

I — Ilustrações Especiais. II — Duas Cartas. III — Oração do Capoeira. IV — O Autor Inezil Penna Marinho. V — O Livro sobre Capoeira. VI — Reflexões

I — ILUSTRAÇÕES ESPECIAIS



Professor Inezil Penna Marinho, em noite de autógrafo, ladeado pelos netos Paulo Sergio e Ana Paula, *Rio*, 1964.



“Dedicamos este pequeno trabalho aos capoeiras do Brasil, entre os quais Agenor Sampaio (o velho Sinhozinho) e Annibal Burlamaqui (Zuma), que tanto têm trabalhado para que a capoeiragem não desapareça”.

*Inezil Penna Marinho
Rio de Janeiro, 1945*

II — Duas Cartas do Professor Inezil Penna Marinho

Primeira carta:

Ilmo. Sr. Brasília, 10, junho, 81
Prof. André Luiz Lacé Lopes
M.D. Diretor do Escritório de Assuntos da Juventude
Organização dos Estados Americanos
17th Street and Constitution Avenue, NW Washington D.C. —
20006 — USA

Prezado Diretor:

1 — Com muito prazer, recebi sua carta de 26.05.81, acompanhada da documentação que a ilustrou, da qual destaco de forma especial o “Plano de Ação Integrada para a Capoeira — Ano de 1974”.

2 — Foi uma pena que, em sua passagem por Brasília, não tivéssemos tido a oportunidade de um contato pessoal. Espero que isso possa ocorrer quando voltar a esta capital, pois creio que teremos muito assunto para conversar.

3 — Na década de 40, eu era Técnico de Educação do MEC e chefiava a Seção Técnico-Pedagógica da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação. Em 1945, a DEF, origem da atual SEED, publicou a minha monografia “Subsídios para o Estudo da Metodologia da Capoeiragem”, com 120 páginas, hoje totalmente esgotada. Posteriormente, em 1949, fiz concurso para a cátedra de Metodologia da Educação Física e dos Desportos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, assumindo-a nesse ano. A Universidade publicou então um opúsculo de minha autoria “Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil”, em 1956. Em 1960, a Enciclopédia Delta-Larousse, inseriu no Vol. XIV (Pág. 7651/54) um artigo meu, intitulado “Capoeiragem”. Ocorre que, em 1958, vim para Brasília, a convite do Presidente Juscelino e do Ministro Clovis Salgado e, após servir durante alguns anos como Assessor no Gabinete do Ministro, pedi exoneração (1971) e passei a dedicar-me somente à advocacia. Atualmente tenho escritórios em Brasília, Rio, São Paulo e Porto Alegre (cartão anexo).

4 — Apesar de viver da advocacia, continuo com raízes na Educação Física. Por isso, retomei 35 anos depois, a antiga idéia de construir a Ginástica Brasileira, inspirada na capoeira. Conto com o apoio da SEED, da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ e da Associação de Professores de Educação Física do RJ, além da colaboração do Prof. Gilberto

Oscaranha, assessor do Departamento de Capoeira da Confederação Brasileira de Pugilismo e numerosas academias e centros de capoeira do Rio de Janeiro e de Brasília.

5 — A idéia da Ginástica Brasileira, inspirada na Capoeira, está-se transformando em realidade e a equipe que preparei já fez a sua apresentação em Tramandai (RS) por ocasião do VII Encontro Nacional de Professores de Educação Física.

6 — Ficarei muito honrado se contar com a sua valiosa colaboração e tão logo o trabalho esteja mais adiantado, enviar-lhe-ei uma comunicação para ser transmitida a OEA, da qual meu irmão — Embaixador Ilmar Penna Marinho — já foi Secretário Geral.

Um cordial abraço,

Inezil Penna Marinho

Segunda Carta:

Ilmo. Sr.
André Luiz Lacé Lopes
Director Office of Youth Affairs
Organization of American States
1889 F Street, N.W. — 8th Floor
Washington, D.C. — 20.006 — USA

Brasília, 24, agosto, 81

Senhor Diretor:

1 — Praz-me acusar o recebimento de seu gentil cartão, acompanhado de uma coleção de publicações do Institute for Aerobics Research, bem como de uma cópia enviada ao Senhor Secretário de Educação Física e Desportos do MEC.

2 — Faz alguns dias mandei remeter-lhe dois exemplares de “A Ginástica Brasileira”. Temo que tenha ido por via marítima e, por isto, envio-lhe mais dois por via aérea.

3 — Seu apoio à Ginástica Brasileira, inspirada na Capoeira, há de ser precioso e apreciaria que estudasse a maneira de torná-lo decisivo. Gostaríamos de fazer um filme com uma sessão completa de Ginástica Brasileira (masculina e feminina) que poderia percorrer os países da América numa inteligente propaganda de nosso país.

4 — Junto lhe estou enviando um pequeno artigo no qual sustento que a Capoeira nasceu no Brasil. Se houver interesse, pode vertê-lo para o

inglês e divulgá-lo. Segue, também, a “Oração do Ginásta Brasileiro”, em inglês, francês, espanhol e português.

5 — Tão logo tenha algo novo sobre a Ginástica Brasileira, enviar-lhe-ei para a competente divulgação.

Muito Cordialmente,

Inezil Penna Marinho

III — Oração do Capoeira*

Uma preciosidade, com versões esmeradas para o francês, inglês e espanhol. Quanto mais mergulho no passado da capoeira, mais impressionado fico com os estudiosos de algumas décadas atrás. O autor (Oração), professor Inezil Penna Marinho, além de sólida e diversificada formação universitária possuía sem dúvida alguma uma sensibilidade extraordinária para entender a cultura popular brasileira. Daí a excelência dos estudos que deixou a respeito especialmente sobre uma Ginástica Nacional Brasileira, toda fundamentada na Capoeira.

Uma visão nacionalista, mas sem perder de vista o potencial da capoeira em termos de “volta do mundo”. Não tenho dúvida, um belo dia, veremos, não apenas o Brasil, mas todo mundo, em conjunto, talvez até numa olimpíada, rezando a Oração da Capoeira. Vamos a ela, primeiro em português, depois, nas demais línguas:

1. “Sinto que das profundezas de meu ser brota um novo anseio de expressão corporal, como se minh’alma se libertasse de séculos de opressão! Não mais serei obrigado a repetir gestos típicos da manifestação cultural de outros povos distantes! Eu consegui me libertar daqueles ritmos que me atormentavam, descompassando meus movimentos, sufocando a sensibilidade

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, RIO, 23 de março de 1997, e republicado no livro “A Volta do Mundo da Capoeira”..

musical de meus ancestrais! Eu me encontrei finalmente com o meu próprio ritmo, graças ao qual eu me libero de atávicas repressões e posso exprimir meus sentimentos, minhas esperanças, minhas idéias, minhas quimeras, meus ideais! Agora eu sou livre! Respeito à ginástica de todos os povos do mundo, mas necessito, desejo e quero realizar a minha própria ginástica — a GINÁSTICA BRASILEIRA!”

2. *“From de inner depths of my being arises a new craving for corporal expression, as if my soul had escaped from centuries of oppression. I shall no longer be compelled to repeat the typical gestures of cultural affirmation of other nations. I have succeeded in freeing myself from those rhythms that obsessed me, up set the balance of my movements, and suppressed the musicality of my forebears. At last I became aware of my own rhythm, which helped me cast off age-old inhibitions and allowed me to give free rein to my feelings, hopes, thoughts, and ideals! Now I am free! I profoundly respect the physical culture of other nations, but I need, want, and must perform my own — the BRAZILIAN GYMNASTICS”!*

3. *“Je sens que dans les profondeurs de mon être jaillit un nouveau désir d’expression culturelle, como si, par hasard, mon âme se librait des siècles d’oppression!”*

Je ne serais plus obligé de répéter des gestes typiques de la manifestation d’autres peuples lointains! J’ai réussi me délivrer des rythmes que me tourmentaient, que déréglaient mes mouvements, étouffant la sensibilité musicale de mes ancêtres! Je me suis rencontré, finalement, avec mon vraie rythme, grâce auquel je me libère des répressions ataviques et grâce auquel je peux exprimer mes sentiments, mes espoirs, mês idéas, mês chimères, mês ideau Maintenant, je suis libre!

J’éprouve un grand respect pour la gymnastique de tous les peuples du monde, mais, évidemment, j’ai besoin et je tiens à réaliser ma gymnastique, c’est-à-dire, la GYMNASTIQUE BRÉSILIENNE”!

4. *“Siento que de lo más profundo de mi ser brota un nuevo deseo de expresión corporal, como si mi alma se libertase de siglos de opresión! No seré más obligado a repetir gestos típicos de manifestaciones culturales de otros pueblos distantes! Ya conseguí librarme de aquellos ritmos que me atormentaban, descompasando mis movimientos, sofocando la sensibillida musical de mis antepasados! Yo me encontré, finalmente, com mi propio ritmo, gracias al cual me libero de atávicas represiones e puedo expresar mis sentimientos, mis esperanzas, mis ideas, mis quimeras, mis ideales!*

Ahora yo soy libre!

Respecto la gimnasia de todos dos pueblos del mundo, pero necesito, deseo y quiero realizar mi propia gimnásia — la GIMNÁSIA BRASILEÑA”!

Concordo, há uma pequena incongruência implícita: para que as versões se a oração é exclusivamente verde-amarela? Ora, das duas, uma: ou o autor pensou na legião de capoeiristas que estão, crescentemente, preferindo viver no exterior, ou o autor anteviu o sucesso mundial da capoeira, suplantando todas as demais ginásticas do mundo, excessivamente disciplinadas e sem mandinga. Em meu próximo livro, com todo respeito ao extraordinário talento do Professor Inezil Penna Marinho, apresento uma solução alternativa, mais ecumênica e atingindo por igual a todos os praticantes de capoeira do mundo. Ou seja, além do “jus solis” e do “jus sanguinea”, teremos o “jus capoeiras”...

IV — O Autor Inezil Penna Marinho

De certa maneira, em uma de suas cartas (*página 97*), o Professor Inezil Penna se auto-apresenta. Mas o faz com muita modéstia, pois não menciona nem metade do seu impressionante *currículum vitae*. Não menciona, por exemplo, seus inúmeros livros na área do Direito, cuja coleção completa, teve a gentileza de oferecer a minha esposa — à época — também ad-

vogada. Desta coleção, valeria destacar os seguintes trabalhos: “Origines de l’Education Physique au Brésil”, “O Direito Natural entre os Romanos”, “Raízes Etimológicas, Histórica e Jurídica do Lazer”, “Contribuição da Metodologia Científica para o Pensamento Heurístico”, “Estudos das diferenças entre jusnaturalismo, historicismo, sociologismo, normativismo e culturalismo e o jusnaturalismo no Brasil”, “Grandes Julgamentos da Grécia Antiga – Aspásia – Sócrates e Frinéa”, “Introdução ao Estudo do Folclore Brasileiro”, “Introdução ao Estudo da Metodologia Científica”, “Rui Barbosa, paladino da educação física no Brasil”, “História Geral da Educação Física”, e ainda, um livro de sonetos, “Oh, Grécia”!

V — O Livro

O livro de Inezil Penna Marinho é extraordinário, não foi por acaso que, simplesmente, venceu o concurso de monografias promovido, no início da década dos 40, pelo então Ministério da Educação e Saúde. Uma obra que deve ser lida e relida por todo e qualquer estudioso de capoeira.

Como adiantou com muita felicidade Penna Marinho, no início do seu trabalho, “A matéria foi distribuída por cinco capítulos, cujos títulos bem esclarecem os objetivos de cada um:

- I — Apontamentos para a história da capoeiragem no Brasil;
- II — O que alguns historiadores e cronistas nos contam da capoeiragem
- III — A influência da capoeiragem na literatura nacional
- IV — A preparação do capoeira:
 - a) Preparação física
 - b) Preparação técnica
 - c) Preparação tática
- V — Contribuição para um Plano de Treinamento da Capoeiragem”

VI — Reflexões

A exemplo do Livro de Zuma Burlamaqui (1928), e até mesmo do misterioso livro de ODC (1907), também este foi escrito e publicado. E com um autor bem definido.

Afirmção aparentemente óbvia, mas serve para evidenciar uma peculiaridade da chamada Capoeira Regional: a falta de um documento inicial lançando suas bases filosóficas, teóricas e práticas. O que temos são publicações esparsas, de diversos autores, muitas vezes conflitantes. Conflitos que podem ser detectados até mesmo dentro de uma mesma obra. Conflitos que são justificados, *a posteriori*, a cada livro novo que sai. Mestre Bimba não escreveu nada, escreveram para ele. **E não há nada errado com este fato em si.** O erro começa na redação que foi sendo dada e nas versões que foram surgindo. Foi havendo exagero, foi havendo interpretações equivocadas, sobretudo, após o falecimento do grande Mestre Bimba.

A história da Capoeira Regional começou a ser montada, como já afirmamos, por vários *pesquisadores e biógrafos* a partir do livro de ODC e, sobretudo, do livro de Zuma Burlamaqui e vem sendo remontada, ano após ano, em função do que surge de útil para lhe ser incorporado ou em função de alguma afirmação que cai em desgraça. O que não tira o mérito da razão básica de sua existência – o talento de Bimba – nem o mérito de alguns de seus extraordinários alunos como, por exemplo, o cearense Cisnando Lima. Tampouco ofusca o êxito que a capoeira regional vem alcançando nos palcos do mundo, em suas rodas e oficinas. Até porque boa parte dos melhores alunos de Bimba, hoje mestres atuantes, estão pouco à pouco convertendo-se ao Jogo de Angola. O que é bom por um lado e ruim por outro (como veremos mais adiante).

O trabalho de Penna Marinho deve continuar, inclusive pelos adeptos da regional.

A presença do professor de educação física será muito bem-vinda neste processo, não para monitorar seu rumo, mas para cooperar no que puder e couber. Veremos este mote com mais profundidade no capítulo final deste livro. Deixando claro, entretanto, que a Capoeira Tradicional, que já nasceu pronta, deverá passar distante e majestosa deste processo de institucionalização. Até porque ela é indomável, “livre como o vento”, “um poço sem fundo”, “uma caixinha de segredos...”.

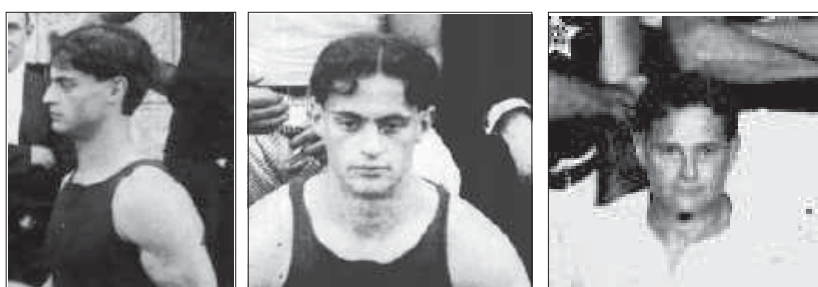
Quanto ao livro do Professor Inezil Penna Marinho, repetirei sempre (esta é a quarta vez neste livro), sem sombra de dúvida, é outro que deve ser urgentemente reeditado pelo governo (Municipal ou Estadual do Rio de Janeiro, ou pelo próprio Governo Federal, que, aliás, foi o responsável pela primeira edição feita em 1945, pelo, então, Ministério de Saúde e Esporte.

Quarto Capítulo

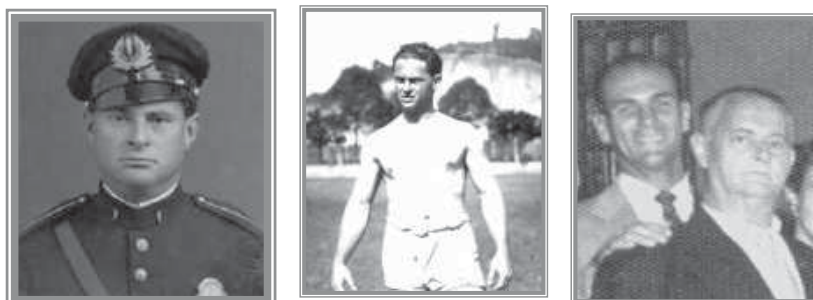
Agenor Moreira Sampaio, *Sinhozinho*

I — Ilustrações especiais. II — Quem foi Sinhozinho? 1. Segundo Inezil Penna Marinho. 2. Segundo Ruy Castro. 3. Segundo Mário Peixoto. 4. Segundo Eloy Dutra. 5. Segundo Sergio Pettezzoni. 6. Segundo Rudolf Hermann. 7. Segundo o RIO Distrito Federal. 8. Segundo Waldeir Rego. III — Três Reportagens Seleccionadas (ordem cronológica). Primeira Reportagem: “*CLUB NACIONAL DE GYMNASTICA: UMA GRANDE PROMESSA*”, Diário de Notícias, Seção de Sports. Rio de Janeiro, 1931. Segunda Reportagem: *Destino da Capoeira*, Jornal O GLOBO Esportivo, Rio de Janeiro 1951. Terceira Reportagem: “*Trabalha-se no Brasil pela sobrevivência da Capoeira*”, Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1951. *Comentários do Autor*. IV — Dois Artigos seleccionados. “*Sinhozinho*”. Jornal dos Sports. Rio, 1996. “*Barba Branca e Sinhozinho*”. Jornal dos Sports. Rio, 1997

I — Ilustrações especiais



Agenor Sampaio,
– Sinhozinho –
Diversas épocas

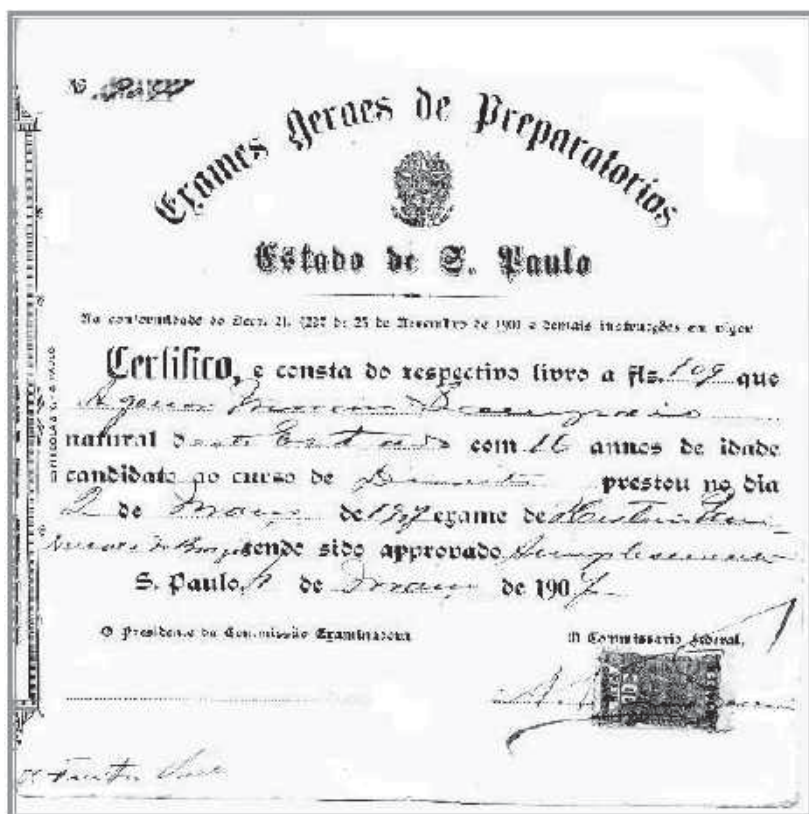


Paulo Amaral e Sinhozinho





Sinhazinho ao centro (no chão).

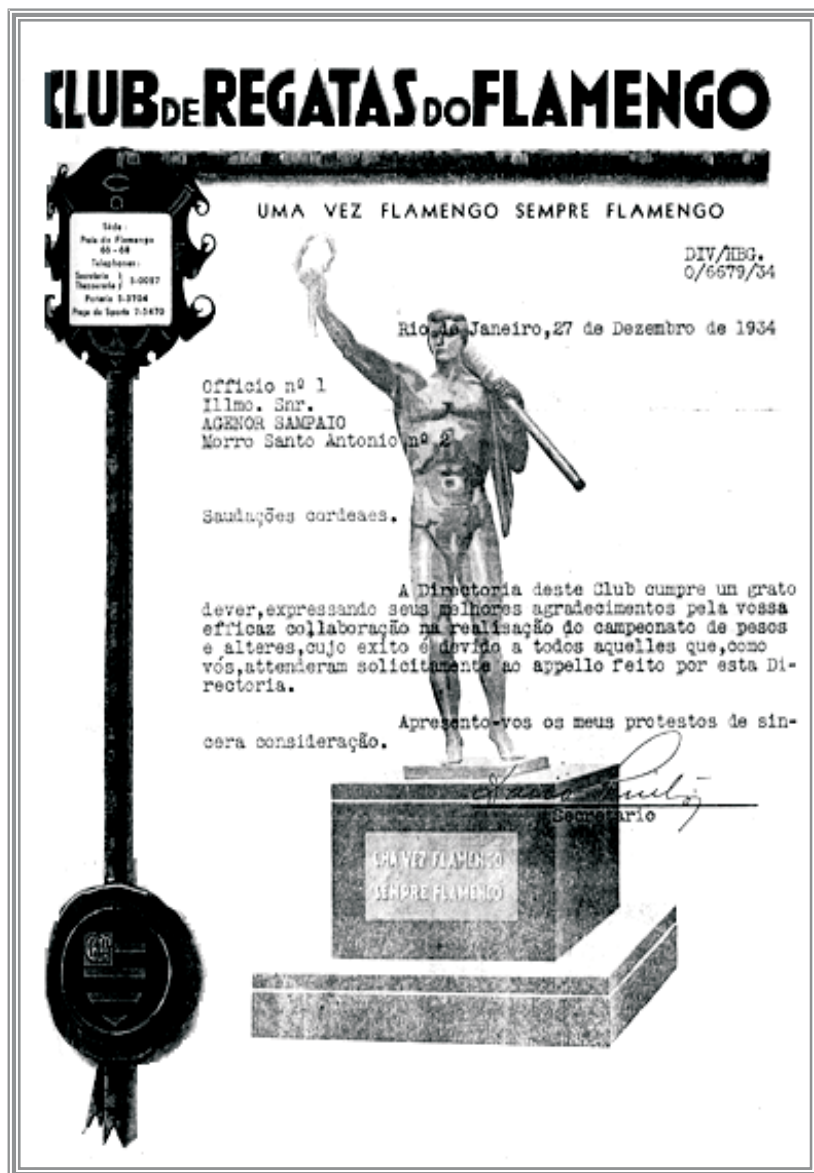


Agenor Sampaio: Certificado de aprovação em História, exame preparatório. São Paulo, 1907.



Passagem vitoriosa de Sinhozinho pelo famoso Clube de Regatas do Flamengo.
Rio, 1934.





II — Quem foi Sinhozinho?

1. Segundo Inezil Penna Marinho (Marinho, 1945 – p. 30)

“Em 1938, na Escola de Educação Física do Exército, tivemos oportunidade de lutar contra um capoeira, mas sentimos que nunca ele se poderia comparar aos famosos capoeiras de outros tempos; conseguimos vencê-lo por desistência após cinco minutos de combate, pois o mesmo deixou-se agarrar. Assistimos também a algumas lutas entre capoeiras que nos convenceram da decadência em que esse jogo se encontrava. No Recife, quando lá estivemos em fevereiro do corrente ano, colhendo informações com o historiador Mário Sette e nos centros desportivos ouvimos falar da capoeiragem como coisa do passado. Na Bahia, sob a forma de exibições para recreação de assistentes, continua a ser a capoeiragem praticada, dentro já de uma estilização em que existe o cuidado de mostrar os golpes mais espetaculares, sem no entanto atingir o parceiro, facilitando-lhe os contra-golpes ou as fintas. *Aqui no Rio, Sinhozinho mantém uma academia em Ipanema, destinada aos moços grã-finos que desejam ter algum motivo para se tornar valentes. Visitamos a academia de Sinhozinho, de quem também fomos aluno há uns oito anos, e admiramos o seu notável esforço em não deixar a capoeiragem morrer. Das coisas mais notáveis são os aparelhos que inventa para o treinamento de seus alunos, inclusive os que dão socos e passam rasteiras*”.

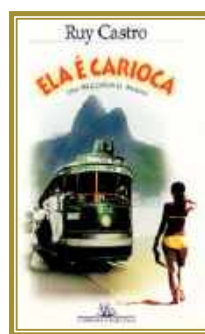
.

2. Segundo Ruy Castro* (Castro, 2002 – págs. 350/352)

SINHOZINHO

1891-1962. Lutador e instrutor de educação física

Os mais velhos falam dele até hoje como uma lenda de Ipanema. Só que, em seu tempo, ele foi assustadoramente real. Sem exagero, Sinhozinho esteve para a cultura física no Brasil como seus contemporâneos Leônidas da Silva para o Futebol, Orlando Silva para a música popular e Getúlio Vargas para a política. Como atleta, ele aliava destreza, talento e força, numa época de brasileiros raquíticos e desnutridos. Como professor, repassou o que sabia, fez discípulos famosos e formou três gerações de atletas.



Chamava-se Agenor Moreira Sampaio e era um mulato baixo, atarracado e de mãos pequenas. Era também tímido, modesto e generoso. Mas o tórax era enorme, o pescoço, um tronco, e os braços de ferro. Quando chegou ao Rio, aos dezessete anos, em 1908, vindo de Santos (SP), Sinhozinho jogava futebol, fazia luta romana e praticava ginástica em aparelhos. Mas aqui conheceu a capoeira carioca, a violenta forma de luta dos antigos malandros da Lapa – diferente da capoeira baiana, mais coreográfica e ao som do berimbau. Sinhozinho foi morar no morro de Santo Antônio, tornou-se o mestre da capoeira e aprimorou-se lendo tratados sobre cultura física que mandava vir da França. Ganhou todos os campeonatos de pesos e halteres

*Ruy Castro: excelente jornalista, escritor e biógrafo, entre outros livros, escreveu “Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha”, “O anjo pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues”, “Chega de Saudade – A história e as histórias da Bossa Nova”, “Saudades do século 20”. Todos seus livros são publicados pela Companhia das Letras, com exceção do trabalho especial “O Vermelho e o Negro – pequena grande História do Flamengo”, publicado pela DBA.

que disputou, foi instrutor de educação física do Flamengo e começou a ser chamado para treinar atletas de várias categorias – quem passava por suas mãos saía campeão ou recordista.

Por volta de 1930, reuniu sua primeira turma de alunos particulares, a quem ensinava capoeira de graça. Mas a turma não parava de crescer e Sinhozinho teve de profissionalizar-se. Sua primeira “academia”, no quintal de sua casa na rua Redentor, foi também a primeira academia de ginástica de Ipanema. Depois começou a mudar de poso, indo para terrenos baldios cedidos por proprietários magnânimos – em épocas diversas, ela funcionou nas ruas Visconde de Pirajá, Saddock de Sá, Conselheiro Lafayette e muitas outras, mas sempre em Ipanema. Sinhozinho e seus discípulos limpavam o terreno, instalavam os aparelhos (halteres, barras, paralelas) e, para que não dormissem ao relento, cobriam-nos com jornais, ou, às vezes, com um pequeno telhado de zinco.

Nos anos 30, 40 e 50, ele formou capoeiristas, levantadores de peso, boxeadores, corredores, remadores. Seu discípulo mais ilustre foi Rudolf HERMANNY, futuro campeão de judô no Pan-Americano do México, em 1960. Outros foram Paulo Amaral, que depois se tornaria preparador físico da seleção brasileira; Luiz “Ciranda” Aguiar, campeão brasileiro de capoeira e levantamento de peso; Silvio Padilha, que chegou a ser o sexto corredor do mundo na prova de obstáculos e depois presidente do Comitê Olímpico Brasileiro; e Paulo Azeredo, considerado o atleta mais completo de seu tempo. Surpreendentemente, nenhum dos alunos de Sinhozinho ficaria tão famoso quanto ANTONIO CARLOS JOBIM – que foi também um dos piores, porque tinha de poupar as mãos para o piano.

Tom fazia exercícios com pesos, para reforçar a musculatura, e um pouco de capoeira. Claro que sem o mesmo empenho de “Ciranda”, Mário Pedregulho e “QUIM”, alunos aplicados, que entortavam com as mãos um guidão de bicicleta. Os três brigavam tanto com os policiais que acabaram ficando amigos deles. O futu-

ro filósofo Leandro Konder, que morava na rua Nascimento Silva e só cuidava de aprimorar o cérebro, relata que ele e seu irmão Rodolfo olhavam para aquelas figuras “com admiração com que um grego olharia para um herói das epopéias de Homero”.

Sinhozinho inventava aparelhos com objetos domésticos e corriqueiros. Calçava um cabo de vassoura num pé de sapato, ele próprio segurava firme o cabo e instruía o aluno a passar rasteiras. Quando este conseguia derrubar a vassoura, é porque estava começando a ficar pronto para a capoeira. O prestígio de Sinhozinho chegou à Bahia, onde os capoeiristas treinados por mestre Bimba eram considerados invencíveis. Em 1949, Sinhozinho desafiou Bimba a trazer seus dois melhores lutadores para um confronto no Rio com seus alunos. O tira-teima foi no Estádio Carioca, na Av. Passos, no Centro. Na primeira luta, “Ciranda” venceu o baiano Jurandir. Na segunda luta, dias depois, Hermmany, com dezessete anos, só precisou de dois minutos para mandar Fernando Perez direto do ringue para o hospital.

O próprio Sinhozinho nunca foi vencido na queda-de-braço. Sua única possibilidade de derrota foi contra um gigantesco estivador de Santos, que veio ao Rio para enfrentá-lo. O confronto foi num cabaré da Lapa. Os amigos de Sinhozinho apostaram forte em sua vitória. Mas, ao cruzar os punhos com o conterrâneo para começar a luta, Sinhozinho sentiu que iria perder. Então foi mais esperto: acusou o adversário de ter tirado o cotovelo da mesa. O outro negou e Sinhozinho insistiu. O santista, ingênuo, fez o que ele queria: foi malcriado, disse alguma coisa. Sinhozinho acertou-lhe um soco e o tempo fechou. Não houve a queda-de-braço, Sinhozinho continuou invicto e seus amigos receberam de volta o dinheiro das apostas.

Já idoso, talvez continuasse tão forte quanto seus discípulos. Se o aluno não conseguisse fazer o exercício que ele ordenava, Sinhozinho dava com uma vara de marmelo nas pernas, na cintura e até no rosto do aluno. Depois fazia o exercício por ele – certa vez, Paulo Amaral viu-o levantar noventa quilos. Sua história mais famosa é

a de que teria matado com um soco um pobre jegue que fora atropelado no ARPOADOR. Contavam-se também muitos casos de seu tempo de boemia na Lapa e de quando fora instrutor da Polícia Especial – em todos, não era aconselhável entrar numa briga em que ele estivesse do outro lado. Mas esse era o mesmo homem que, às vezes, podia ser visto no JANGADEIRO tomando um pacífico chope com seus discípulos, quase todos rapazes finos como o Hermann.

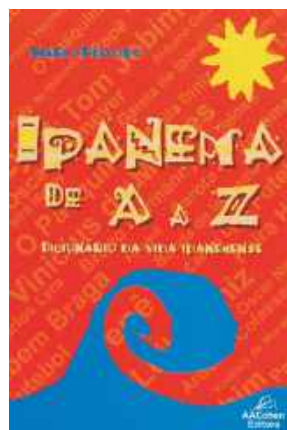
Sinhozinho não achava que se devesse começar uma briga. Mas dizia que, uma vez começada, não se podia fugir dela. Para isto, dava conselhos. Primeiro: rir do adversário – rindo domina-se o medo e o adversário fica momentaneamente desconsertado. Segundo e mais importante conselho: ganha a briga quem bate primeiro.

3. Segundo Mário Peixoto* (Peixoto, 1999 – págs.:15, 16 e 23)

Agenor Sampaio (Sinhozinho) – Nascido em Santos, SP, pertencente à família rica, veio para o Rio de Janeiro, onde foi malandro na Lapa. Chefe da Polícia Especial criada por Getúlio Vargas, vindo depois morar em Ipanema, onde tornou-se uma figura lendária, destacando-se na formação de diversos atletas do bairro. Suas academias sempre funcionaram em terrenos baldios, cedidos por amigos. A primeira foi na esquina da Rua Paul Redfern com a praia, onde despontaram Paulo Amaral, Paulo Azeredo, Tromposki, Luiz

*O perfil sócio-profissional do brilhante jornalista e escritor Mário Peixoto foi muito bem resumido nas palavras de Marcelo Câmara: “...a vida de Mario Peixoto se resume numa trilogia: paixão por Ipanema; talento para conviver; trabalho de repórter. Para mim, foi uma honra e um privilégio dividir com ele, as tarefas de pesquisa, redação e revisão deste livro, o terceiro dele sobre Ipanema, trabalho de uma pessoa doce e fraterna, que não gosta de ser chamada de jornalista ou de historiador, mas de assinar apenas: Mario Peixoto, cidadão de Ipanema”.

Felipe Mendonça – “carregador de piano”, Rudolf Hermann, campeão de capoeira, Luiz Ciranda (Cirandinha), Mário Pedregulho, Reinaldo Lima (Broa) e Paulo Paiva, os dois últimos, campeões de luta romana. Depois, suas academias funcionaram, ao lado do Colégio São Paulo, na Vieira Souto; na Visconde de Pirajá, ao lado do Bar Progresso, hoje Chaika; na Barão da Torre, em frente ao Colégio Notre Dame; e, finalmente, na Rua Alberto de Campos. Uma história envolvendo o temido Sinhozinho foi quando, depois de quase ser atropelado por uma carroça, investiu irado contra o burro que puxava o veículo, matando-o a socos. Sinhozinho foi preparador físico de vários clubes cariocas, entre eles o Hellenico Atlético Clube, em 1924; o América Futebol Clube, em 1926; o Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, em 1926; o Clube de Regatas Flamengo, em 1934; e do Fluminense Futebol Clube, em 1936, ministrando ginástica, lutas, atletismo, e até, futebol (América).



4. Segundo Eloy Dutra*

Fonte: Boletim Oficial da Associação Atlética Agenor Sampaio (jun/1946). Das mãos do extraordinário Professor Paulo Azeredo recebi um exemplar do primeiro Boletim da AAAS. Sem dúvida, uma preciosidade, datada de junho de 1946 e tendo como responsáveis o Sr. Mário Diniz (diretor-redator), Jorge Bath, o “Banheira” (diretor-presidente) e Luiz da C. Silva

*Eloy Dutra, além de excelente desportista, foi deputado estadual no antigo Estado da Guanabara

(diretor-responsável). Em que pese o nome pomposo “Boletim Oficial etc” era um noticioso singelo e artesanal. Apenas uma folha, frente e verso, datilografada. Na frente, uma crônica assinada pelo Sr. Eloy Dutra, no verso, um resumo do programa social de junho, relação dos aniversariantes do mês (Paulo Cunha da Silva, Floriano Codeço, Luiz Pereira Aguiar e José da Silva Seabra), resultados de lutas e uma parte de humor. A seguir, a interessante crônica assinada por Eloy Dutra:

AGENOR SAMPAIO — CAÇADOR DE ATLETAS

Se perguntarmos a vários habitantes do Rio de Janeiro quem é Alexander Fleming, muitos talvez ignorem quem seja o famoso cientista inglês descobridor da penicilina – droga milagrosa do século XX. Se, no entretanto perguntarmos a essas mesmas pessoas se conhecem Agenor Sampaio, um Ó aberto será a indefectível resposta. Realmente não há quem não conheça Sinhozinho. Chega-se a ter a impressão que o nosso balzaqueano Sinhô existe desde a época de Tomé de Sousa, primeiro governador geral do Brasil e possivelmente seu ex-aluno...

A figura do popular atleta é impressionante. De constituição física invulgar, Sinhozinho é um desses homens que além de ser atleta tem o dom de criar atletas.

Aí estão Paulo Azeredo, Paulo Amaral, Mário Diniz, Paulo Paiva, para não citar inúmeros outros da nova e antiga geração. Digo antiga, porque há muito vovô por estes brasis que em tempos de antanho já passou pelas mãos do velho “Sinhô”.

Sinhozinho a par de apreciável técnica é senhor de um invejável “olho clínico”. As suas concentrações “espirituais” no Veloso ou no Manolo, dão ao “velho” o dom de prever exatamente o que poderá fazer este ou aquele atleta.

Os antigos alquimistas pretenderam descobrir a pedra filosofal com a qual transformariam metais sem valor em ouro de lei. Não o conseguiram, no entanto, Sinhozinho, porém descobriu a pedra fi-

losófal esportiva com o toque da qual, como por ato de magia, transforma os mais desvalorizados pangarés em autênticos puro-sangue do atletismo.

Sem visar lucros ou vantagens, a não ser o levantamento do índice esportivo dos nossos rapazes, Sinhozinho atravessa anos e anos nesse afan incessante de preparar campeões para o Brasil. Agora mesmo aí está o nosso clube, obra de seu esforço e do seu espírito altruísta. Devemos, pois, aliar ao ideal desse velho batalhador toda a nossa boa vontade, ajudando dest'arte o progresso do club. Agenor Sampaio já é um nome consagrado no esporte nacional de forma concreta e definitiva. Ele nada mais espera neste setor, a não ser o nosso progresso esportivo.

Esforcemo-nos, pois, para tornar o nosso clube tão popular e querido quanto o nome do seu fundador.

5. Segundo Sergio Pettezsonni (Pettezzoni, 1995 – págs. 263/267)

5.1 Dicas para ganhar uma briga”

Um dos meus primeiros professores de lutas foi o famoso Agenor Sampaio, mais conhecido como Sinhozinho. Era o mestre da capoeira e brigas de rua, propriamente ditas. Frequentando a sua escola tive a ventura de conhecer uma das maiores figuras da boemia carioca, o Dr. Antero Wanderley. Saíamos do Sinhozinho e íamos para sua casa, quase em frente, comer qualquer coisa, ouvir a sua bela voz, brincar com o Huguinho (infelizmente já falecido, era o famoso criminalista, Dr. Hugo Wanderley) e chatear a madame Wanderley, um doce de criatura.

Sacumé, uma conversa puxa outra, mas voltemos ao Sinhô.

Ele só ministrava aulas a quem tivesse a certeza de ter queda para o negócio, que não afrouxasse na hora H, enfim, ele fazia suas avaliações e sempre acertava. Quando me afastei para ingressar no

jiu-jitsu, com os Gracie, o Sinhozinho recebeu uma turma mais jovem de alunos, tipo Rudolf Hermann, meu irmão Carlos Alberto, o “Belisquete”, Kim, Luiz Ciranda e outros tantos.

A instrução principal do velho era acostumar o aluno a rir antes de entrar em qualquer briga ou desforço físico. Dizia ele que rindo a pessoa domina o medo – que todos têm na hora – e “invoca” o adversário. Fica sem saber se você é maluco, bom de briga ou está armado.

Dentro dessa tese, eu e vários contemporâneos levávamos “bengaladas” do velho Sinhô. Nas primeiras vezes, a dor era insuportável, a gente xingava, esbravejava, mas quando menos se esperava lá vinha outra bordoadada. E ele dizia, “não está bom não, precisa de mais treino”.

Uns 3 ou 4 meses depois, sempre levando as ditas pauladas – em horas diversas e imprevisíveis – a gente ia se acostumando e ensaiando os primeiros sorrisos: — Pô Sinhozinho, brincadeira mais besta. E ele “Ta melhorando, ta melhorando, seu frouxo”. Mais um tempinho, apesar da dor, conseguíamos dominá-la e sorrir debochando do velho – “Bate mais, coroa. Tu num é de nada”. Então ele elogiava, “Tá bom tá no ponto certo!”

Uma vez nos reuniu e propôs o seguinte problema:

— Vamos imaginar que vocês estão com suas mulheres, amantes, namoradas e um grupo de 2,3,4,10 pessoas resolve faltar ao respeito e mexer com a sua acompanhante. O que vocês fazem? Fingem que não é com vocês, saem correndo ou enfrentam toda a turma? Vocês como são meus alunos, escolhidos a dedo, tenho a certeza que iriam enfrentar os atrevidos. Assim sendo, vou lhes transmitir uma dica que lhes dá 90% de probabilidades para vencer a quadrilha toda.

Pô, 90% de probabilidades para se ganhar uma briga contra tanta gente é um achado dos céus. Todos nós nos entreolhamos duvidando da palavra do velho mestre. Continuou com aquela sua cara tipo esfinge, impenetrável:

— Escutou o gracejo pesado, manda a acompanhante se afastar, se encaminha para os caras e diga apenas isso: Amigão, qual é o valente aqui? E capriche, sem esperar resposta, o seu melhor soco na primeira carinha que tiver pela frente.

Foi então que o nosso Ró-Ró da Perna (Dr. Rodrigo Flávio Magalhães, um dos expoentes do nosso Botafoguinho) perguntou:

— Sinhô, e se os caras todos reagirem?

— Aí meu caro, você vai levar muita porrada. Mas, apanhar de homem não é desonra. Desonra é dar pra trás.

Aliás, a comprovação desta teoria já foi feita por mim. Entrava em casa com uma de minhas “falecidas”, ela grávida, quando um grupo de 5 frangotes parrudos, no ponto de ônibus em frente, soltou:

— Se gostasse de rabo isto não aconteceria.

Deixei minha mulher e me dirigi ao grupo perguntando quem era o valente ali. O grupo todo ficou bloqueado. Olhavam para mim abestalhados sem acreditar no que estavam vendo. Enfi-ei a mão na cara do primeiro boboca. Os outros, espantados com a minha reação, se desculparam, “o senhor desculpa, o Carlinhos tá meio bebão”.

Um dos que estavam no ponto de ônibus era o famoso levantador de peso brasileiro, Mário Diniz, que apenas exclamou, “cara você não deu nem tempo de te ajudar”.

.....

5.2 O Velho Sinhozinho

E, finalmente, uma do velho mestre presenciada pelo meu mano Carlos Alberto, o Belisquete.

Estavam os dois em um ônibus, em direção à Academia do Sinhô. Conversavam calmamente quando no banco da frente um cara enorme puxou e acendeu, com a maior tranqüilidade, um cigarro. Longas tragadas e fumaça para todo o lado.

Os passageiros começaram a abrir as suas janelas, pois a fumaça já começava a irritar. Sinhozinho, irrequieto, já não tinha posição em seu assento. Em dado momento levanta-se por trás do fumante e lhe pede um cigarro. O fulano, louco para ganhar um companheiro fumante, solidário em suas tragadas, oferece o maço ao velhinho amável.

Sinhozinho pega o maço, quase cheio, amassa-o entre os dedos (ele ficou famoso quando matou, com um soco, um jeque que fora atropelado no Arpoador e jazia sofrendo no asfalto quente) e diz baixinho para o já apavorado cidadão:

— Vai fumar na casa do cacete (ou similar)...

Sentou-se e continuou a conversa como se nada tivesse acontecido.

E quem foi Sergio Luís Salgado Pettezzoni de Almeida?

Ao reunir informações a respeito, sobretudo abusando da gentileza do seu irmão Carlos Alberto “Belisquete”, fiquei tentado a abrir um capítulo especial para a família Pettezzoni. Começando – para não ir muito longe – com a figura do brilhante e bravo bisavô abolicionista, o cearense Sr. Alfredo Salgado!

Como não mencionar também a função e a vivência como assessor jurídico especial do Banco Nacional de Habitação (Banco que jamais deveria ter “desaparecido”) que Sergio exerceu brilhantemente, ou suas viagens pelo Brasil e pelo mundo? E quanto ao **pioneirismo** do seu irmão, Carlos Belisquete com suas fantásticas



Carlos and Antônio Pettezzoni, twin brothers, gave an excellent exhibition of the famous Brazilian sport “Capoeira” on WDSU-TV. This sport is similar to the well-known French “La-Savate”, in which the participants use their feet to put their opponent out of business. *The Punch* — New Orleans Athletic Club, 1954.

exibições de capoeiragem, em 1954, no New Orleans Athletic Club e em vários programas na televisão americana?

De tudo quanto li e ouvi, entretanto, nada me calou mais fundo do que o pranto de Arthur da Távola lamentando o falecimento de Sérgio:

“Gente boa que partiu

*...E lá se foi Sérgio Pettezzoni. Ah essas pessoas que vieram ao mundo para se divertir! São leves, inconseqüentes e fascinantes. Bom de briga, bom de papo, bom de mulheres, Pettezzoni narra suas aventuras hilariantes de modo simples e direto no livro **Rio Pra Não Chorar** que a gente lê às gargalhadas, tais as charutadas que ele e a **Turma dos Cafajestes** aprontaram a vida inteira. Algo mais moço que eles, acompanhei na década de 50, as histórias que sobre eles ouvia, eu e minha turma de rapaziada que também aprontava das suas. Ver partir pessoa assim vital, alegre e fundamentalmente carioca como Sérgio, faz-nos tristes. **Jornal O DIA, RIO –2 de julho de 1996***

6. Segundo Rudolf Hermannny*

6.1 Sinhozinho de Ipanema – artigo escrito em junho de 1962, *Correio da Manhã*, RIO ((logo após o falecimento de Sinhozinho)**

.

*Não foi possível localizar a parte final desta excelente crônica de Rudolf Hermannny escrita por ocasião do falecimento de Sinhozinho. Transcrito, parcialmente, da Apresentação do Livro “A Volta do Mundo da Capoeira”.

**Rudolf de Otero Hermannny é professor de educação física e jornalista; foi campeão brasileiro de judô e campeão pan-americano por equipe; um dos melhores alunos de Sinhozinho, ganhou, como capoeirista todas as lutas que realizou (lutas de verdade). Hermannny foi, ainda, preparador físico da Seleção Brasileira de Futebol (Copa do Mundo, 1966), professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, durante longos e vitoriosos anos, diretor da Academia Rudolf Hermannny.

Sinhozinho foi um dos pioneiros da cultura física e dos desportos no Rio de Janeiro, tendo, também, paradoxalmente, sido um grande boêmio do início deste século. Suas proezas de força e destreza formam lenda na história desta cidade e ainda estão vivos muitos dos que o acompanharam nas noites que intranquilizavam as noites cariocas de então, Bororó, Antenor da Praia, Lincoln, Zenna, Silvio Pessoa, Beijoca, Elite, são apenas alguns dos nomes que freqüentemente surgiam em suas narrativas, participando de situações incríveis.

Nascido em Santos, do que muito se orgulhava, cantava as glórias de São Paulo, mas ninguém o arredava do Rio, do qual era um apaixonado. Foi criado entre São Paulo e Rio, mas veio definitivamente para esta cidade, em 1930 (Nota do autor: nas várias conversas que tivemos recentemente, Hermannny reconheceu que a sua mudança definitiva ocorreu bem antes de 30), acompanhando João Alberto e formou entre os que inicialmente compuseram a Polícia Especial. Em 1935 entrou para a Polícia de Vigilância, onde serviu como policial e mestre de educação física, tendo se aposentado recentemente como Oficial de Vigilância.

.
Homem de conhecimentos ecléticos era dotado de extraordinária fome de saber e devorava livros sobre as mais díspares atividades. Foi o último dos grandes capoeiras cariocas e deixou escola nesta atividade.

É digna de menção a forma como encarava o seu magistério, jamais tendo conseguido comercializar o seu trabalho, o que lhe valeu um envelhecer modesto mais velado pela amizade de muitos de seus pupilos. Não havia dinheiro que lhe comprasse a atenção, mas desdobrava-se em cuidados com os que lhe conquistavam a estima. Seu temperamento era, todavia, violento e, quando transbordava, era capaz de o levar a tormentas passageiras, quando suas atitudes eram imprevisíveis.

Hoje, os jovens de Ipanema não mais têm Sinhozinho. Os muito jovens não saberão jamais o que perderam, mas os que com

ele conviveram serão sempre levados a revivê-lo em seus relatos, pois sua personalidade sacudia os que o conheciam e este conhecimento marcava uma época em suas vidas. Não há motivo para ter pena de Sinhozinho, pois viveu intensamente o seu período, como poucos o conseguiram. Lamentar, sim, a sua falta que acompanhará os que ficaram.

6.2 Trecho da Apresentação feita para o livro “A Volta do Mundo da Capoeira”

Por volta da década de cinqüenta, Sinhozinho (Agenor Moreira Sampaio!) era um personagem muito conhecido no Rio de Janeiro, especialmente em Ipanema e Copacabana. Nascido em Santos, São Paulo, filho do Cel. José Moreira Sampaio, Intendente daquela cidade, já em 1904, Sinhô iniciava sua brilhante carreira de desportista, como sócio-aluno do Clube Esperia de São Paulo. Ainda em São Paulo, após passar pelo Clube Atlético Paulistano, pela Associação Atletica das Palmeiras, e pelo Clube Força e Coragem, Agenor Sampaio veio para o Rio e não mais saiu: “O Rio é uma cidade encantadora pelos seus recursos naturais e captivante pela lhanza dos cariocas, que são extremamente hospitaleiros” (jornal Diário de Notícias, terça-feira, 31 de setembro de 1931 — “Clube Nacional de Gymnastica: uma grande promessa”). No RIO, inicialmente, junto com sua progenitora, Sra. Anna Isolina Moreira Sampaio, fixou residência em São Cristóvão. Logo se tornou conhecido nas rodas esportivas e boêmias da cidade por sua força física e habilidades atléticas, tendo sido instrutor da temida Polícia Especial e, mais tarde, da Polícia Municipal, assim como de inúmeras associações esportivas como o Sport Club Mangueira, Ginástico Português, Clube de Regatas do Flamengo, Helênico, Fluminense, América F.C. e várias outras entidades, valendo destacar, ainda, o Club Nacional de Gymnastica, criado por ele mesmo, em 1930, para divulgar a Capoeira.

Vim a conhecer Sinhozinho através de Tom Jobim, seu vizinho na rua Almirante Saddock de Sá, em Ipanema, onde o mestre residia no número 207 e, num terreno contíguo a seu apartamento, mantinha o conhecido “Clube do Sinhozinho”. Neste terreno montara uma espécie de circo com inúmeros aparelhos para ginástica, lutas e levantamento de pesos. Eram barras, paralelas, pórtico com cordas, ringue para lutas, punching-balls, sacos e alguns aparelhos inventados por ele para aplicações esportivas.

A capoeira era uma das atividades que Sinhozinho ensinava em seu clube e era praticada de forma diferente das outras que se viam por aqui. Não se sabe bem como e onde Sinhozinho a aprendeu mas já nos anos trinta ensinava na “barreira do América”, próximo ao América F.C., onde alguns de seus alunos ganhavam fama, entre eles André Jansen cujas habilidades ele sempre elogiava. Segundo o que ensinava, os capoeiras de sua época tinham suas especialidades, sendo mais brigadores do que esportistas. Usando de malícia, faziam ataques súbitos e inesperados, procurando colocar os adversários, rapidamente, fora de combate. Contavam, frequentemente com o auxílio de navalhas, que utilizadas com destreza, impediam o corpo a corpo. Por este motivo, a luta possuía poucos recursos para o combate agarrado, daí a importância de se manter os adversários quase sempre à meia-distância.

Sendo Sinhozinho conhecedor de vários estilos de luta e estando mais preocupado com a eficiência prática de cada uma delas, é muito provável que tenha aproveitado da capoeira que veio a conhecer apenas o que lhe pareceu mais válido sob este prisma. Sua capoeira, destituída de “orquestra” — berimbaus, pandeiros, atabaque, agogô, reco-reco e cânticos — que sempre foi a mola propulsora de quase todos os demais tipos de Capoeira, exigia de seus praticantes o máximo de objetividade e resistência a pancadas e a lesões, o que fazia com que muitos iniciantes desistissem. Isto talvez explique por que sua difusão tenha sido limitada enquanto outras formas da capoeira, normalmente com ritmo e canto, começaram a lograr mais sucesso e, atualmente, estejam tomando conta do Brasil

e do mundo. Embora tais formas procurem preservar, também, sua dimensão como arte marcial, é como espetáculo teatral — dança guerrreira! — que estão invadindo, não tanto os ringues, mas os palcos do mundo inteiro. A ênfase nesses casos, não está na luta propriamente dita, mas num conjunto fascinante de dança, música e movimentos acrobáticos que encanta a todos seus praticantes e expectadores.

Foi na Academia Augusto Cordeiro, em Copacabana que conheci André Luiz Lacé, na época praticando judô, e que se tornou um apaixonado pela arte afro-brasileira da capoeiragem. Recentemente, voltei a ser procurado por ele, desta vez garimpando informações sobre Sinhozinho. Afastado há décadas da capoeira, colaborei com as informações de que ainda dispunha e indiquei alguns nomes para sua pesquisa: Paulo Azeredo, Paulo Amaral, Carlos Cocada, Hugo Mello, Carlos Pettezzoni e outros. Neste segundo momento, tive, também, a oportunidade de me familiarizar mais com o pensamento capoeirístico de André e da sua respeitável bagagem documentada em livros, monografias, centenas de artigos, dois programas de rádio e meia dúzia de projetos a níveis municipal, estadual, federal e internacional. Trabalho escrito sempre com entusiasmo admirável e um grande equilíbrio de julgamento, jamais caindo na armadilha do sectarismo, sempre procurando pensar a Capoeira como um grande e fascinante conjunto de vivências históricas.

.....

6.3 “Capoeira de Sinhozinho”

Fonte: www.rohermannny.tripod.com
(Setembro de 2001)

Agenor Moreira Sampaio, mais conhecido como Sinhozinho de Ipanema, era paulista, nascido em Santos, em 1891, e tendo falecido em 1962. Dotado de extraordinário vigor físico, des-





Rua Saddock de Sá, Ipanema. Casa onde morou Sinhozinho. Na época, o prédio branco ao lado era um terreno baldio que Sinhozinho transformou em academia.

tacou-se em várias modalidades esportivas. Embora tenha terminado seus dias em Ipanema, morou muitos anos em S. Cristóvão e em Copacabana.

Aprendeu sua capoeira observando os bambas de sua época, convivendo com os boêmios, com os valentes e os malandros do Rio de então.

Tendo praticado outras formas de luta, como o boxe e a luta greco-romana, via a capoeira como luta, sem se dedicar a seus aspectos de música, folclore e atividade acrobática. Os capoeiras do Rio de Janeiro usavam sua arte para brigar, enfrentar seus adversários sem nenhum espírito esportivo, antes, freqüentemente, em disputa de seus territórios. A navalha e a faca eram seus companheiros constantes, causando ferimentos e mortes ao final das contendidas.

Provavelmente por isto, a capoeira é pobre em recursos para a luta agarrada e se completava com estas armas.

Sinhozinho foi um conhecido instrutor de atividades atléticas e lutas que manteve seu centro de instrução em Ipanema durante cerca de duas décadas. No “Clube do Sinhozinho” se praticava levantamento de pesos, ginástica em aparelhos, boxe, capoeira, etc.

Existiam, então, muito poucas academias no Rio de Janeiro e a rapaziada de Ipanema tinha aí oportunidade de cuidar do físico e aprender diversas modalidades desportivas.

À noite, os atletas se reuniam nos bares próximos para o papo e as cervejas, daí muitos terem-se especializado mais nos chopes do que nas atividades físicas. Mas aqueles que se dedicavam aos treinamentos recebiam atenções especiais do mestre e muitos se tornaram atletas destacados, tendo alguns se orientado para o magistério. Entre os que se exercitaram sob a orientação de Sinhôzinho podemos destacar: Paulo Azeredo, Paulo Amaral, Sílvio M. Padilha, André Jansen, Bruno e Rudolf Hermann, Luiz Pereira de Aguiar (Cirandinha), Eloy Dutra, Carlos Alberto Pettezzoni Salgado, Joaquim Gomes (Kim), Telmo Maia, Tom Jobim, Carlos Madeira, Darke de Mattos, Comandante Max, Paulo Lefevre, Paulo Paiva, Bube Assinger, Wanderley Fernandes (Paraquedas), José Alves (Pernambuco), Carlos Pimentel, Lucas e Haroldo Cunha, Manoel Simões Lopes, Flávio Maranhão, Carlos Alberto Copacabana, e numerosos outros. Foram gerações sucessivas, daí a dificuldade de citar todos.

7. Segundo o RIO Distrito Federal

A grande maioria dos capoeiras mais jovens desconhece (o que é um absurdo), mas todos vão saber agora: existe, sim senhor, na Cidade do Rio de Janeiro, uma Rua Agenor Sampaio!

Está localizada no Jardim Carioca (Guarabu), Cocotá, na Ilha do Governador.

Homenagem prestada pelo então governo do Distrito Federal, formalizada através do Decreto "E" nº 2.968, de 29 de julho de 1969.



Placa Atual



Placa proposta através deste livro

A ficha relativa à Rua Agenor Sampaio é muita curta e objetiva, como deve ser toda ficha deste tipo, mesmo assim, vale a pena transcrevê-la:

"Histórico: Agenor Sampaio dedicou sua vida ministrando gratuitamente conhecimentos de cultura física (Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro)".

8. *Segundo Waldeloir Rego (Rego, 1968)*

No seu interessante trabalho "Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico", cuja leitura recomendo a todo pesquisador, Rego comete uma pequena incorreção. Incorreção que não invalida a obra e que mais depressa eu chamaria de uma sutil homenagem ao Mestre Sinhozinho, ao município de Santos (São Paulo) e, seguramente, à própria Bahia (pág. 34):

"Segundo fui informado existiu no Rio de Janeiro um velho mestre de capoeira baiano, conhecido por Sinhozinho (Agenor Sampaio), do qual ainda existem alunos, com academia de capoeira, utilizando-se de alguns golpes referidos por Melo Moraes Filho".

Transcrição da Reportagem

AGENOR SAMPAIO, (Sinhôzinho) o grande animador da mocidade brasileira sportiva, fala ao DIARIO DE NOTÍCIAS

Um pouco da sua longa actividade nos sports – Da Mangureira para o Flamengo, deste para o Hellenico e, finalmente, no glorioso Clube de Oswaldinho

**CLUBE NACIONAL DE GYMMNASTICA:
UMA GRANDE PROMESSA**

A mocidade sportiva da actualidade desconhece uma das grandes figuras do sport nacional que contribuíram poderosamente para chegarmos ao apreciavel grao de adeantamento em que nos encontramos.

Nestas condições, resolvemos escolher, dentre os veteranos sportistas brasileiros, um que, pelo seu passado e pelo serviço que ainda hoje presta à causa do sport nacional, pudesse ser indicado como figura verdadeiramente representativa dos atletas da velha guarda.

Veio-nos à mente o nome de Agenor Sampaio (Sinhôzinho), um profundo conhecedor de sports e actual massagista do America F.C., onde, há alguns annos, vem exercendo com zelo, probidade e competencia, aquella profissão.

OS PERCALÇOS DA POPULARIDADE

É tamanho o prestígio de Agenor Sampaio na roda de veteranos e tão grande a sua ascendência, sobre uma grande parte dos nossos actuaes atletas, que já correm as historias mais curiosas a respeito do consagrado campeão de força.

E não é somente isso, onde o Agenor pára, param todos que o conhecem, de modo que, em poucos minutos, há uma agglomeração que, em mais de uma vez, tem provocado dores de cabeça no robusto massagista do club rubro.

Conta-se até que, uma vez, em 1924, quando o paiz estava em estado de sítio, fôra prohibido o ajuntamento de pessoas nas vias publicas. O Sinhôzinho sabia disso; todo o mundo sabia também que as ordens a tal respeito eram terminantes. Entretanto, uma noite, vinha o Agenor Sampaio despreoccupado pela rua Haddock Lobo quando se encontrou com um amigo. Páram os dois um instante para a habitual troca de cumprimentos e impressões. Chegou mais um amigo do Sinhôzinho... Dahi a pouco, outro, mais outro... Dez minutos

depois, já havia uma grande roda, da qual elle era o ponto central. Parecia um comício. Só se falava de sports, de vultos que passaram pelo scenario sportivo nacional e de outros que, no momento, se destacavam dos demais pelas suas performances.

De subito, surgem dois cavallarianos. Toda a turma foi intimada a dispersar, porém um dos soldados entendeu de levar o Sinhôzinho preso, considerando-o reincidente e responsavel pelo ajuntamento. Entretanto, o outro cavallariano deu uma risada e exclamou:

— Olha, 42. “Esse” que está ahí é o Sinhôzinho. Elle não cuida de política. Depois, não adianta... Vamos embora... P’ra que você arranjar “sarna”?...

E lá se foram os dois, deixando o pacato Agenor seguir tranquillamente o seu caminho.

Existem até, em torno do Sinhôzinho, numerosas lendas. Duvidamos que haja em todo o meio sportivo nacional, uma figura que exerça tão particular influencia sobre a mocidade, como a de Agenôr Sampaio, mao grado a excessiva modestia do seu temperamento generoso e o seu retrahimento voluntario.

VÁRIOS RECORDS BATIDOS

Agenor Sampaio nada nos quiz dizer, sobre os records que bateu há vários annos, sob a alegação de que os mesmos não haviam sido obtidos em provas officiaes e que, por conseguinte, não estavam homologados. Apezar da sua obstinação, conseguimos, saber que em 1917, quando pesava apenas 70 kilos, conquistou os seguintes records: mundial, durante seis mezes; de “developpé”, de dois braços; sul-americanos “developpé” (levantou 91 kilos); “jeté” 116 kilos; “jeté” de um braço, 83 kilos.

Sabemos, igualmente, que, no mesmo anno de 1917, João Baldi, o popular lutador greco-romano, annunciava que daria 5\$000 por minuto a quem conseguisse ficar em sua frente, de pé, durante 5 minutos. Agenor Sampaio, que ainda hoje rende as maiores homenagens ao valor sportivo de João Baldi, submetten-se à prova, tendo permanecido 40 minutos diante daquelle lutador! No final, houve a indispensavel nota comica; ninguém esperava por isso, de modo que... não havia dinheiro para cobrir as despesas.

A ENTREVISTA

Realizámos um verdadeiro “tour de force”, arrancando de Agenor Sampaio alguns dados sobre a sua longa e proficua actividade sportiva. Muito tempo gastámos em convence-lo, em arranjar argumentos capazes de remover a sua resis-

tencia passiva, porém, difícil de ser vencida. Triumphámos, finalmente. Assim, podemos oferecer aos nossos leitores algo sobre a vida de Agenor Sampaio.

UM ATHLETA QUE SURGE

Comecei a minha vida esportiva – disse o Sinhôzinho, preliminarmente – em 1904, no Club Esperia de S. Paulo; como socio-alumno. Ahi me mantive até 1905, quando fui para o Club Athletico Paulistano, que foi o primeiro club do Brasil que teve piscina.

Houve um movimento dissidente no football de então, de modo que me transferi para a Associação Athletica das Palmeiras, que havia feito fusão com o Club de Regatas São Paulo. Ahi, em companhia de Itaborahy Lima, José Rubião, Hugo de Moraes e mais alguns amigos, comecei a praticar com entusiasmo a gymnastica, tendo por exemplo Cícero Marques e Albino Barbosa, que eram, naquelle tempo, os maiores atletas do Brasil.

A CONTRIBUIÇÃO DO CELEBRE AVIADOR EDÚ CHAVES

— Mais tarde – prosseguiu o nosso entrevistado – com a vinda de Edú Chaves da Europa, novos ensinamentos nos foram ministrados, dos quaes a luta greco-romana, box francez (savata) e a gymnastica em aparelhos foram os mais importantes.

Em 1907, ingressei no Club Força e Coragem, que obedecia à direcção do professor Pedro Pucceti. Continuei os exercícios que sabia e outros mais, que aprendera com o referido mestre.

OS PRIMEIROS TRIUMPHOS EM LUTA ROMANA

— E praticou desde logo a luta romana?

— Sim, em 1907, obtive os meus primeiros sucessos nesta luta e tive ocasião de vencer o torneio da minha categoria.

RIO, CIDADE AMIGA E HOSPITALEIRA

— Em 1908, mudei-me para esta capital, de onde jamais me afastei. O Rio é uma cidade encantadora pelos seus recursos naturaes e captivante pela lhanza dos cariocas, que são extremamente hospitaleiros.

Fui um dos fundadores do Centro de Cultura Physica Enéas Campello, que teve o seu período de fastigio no sport carioca. Ali, ao lado de João Baldi, Heraclito Max, Jayme Ferreira e o saudoso Zenha, distingui-me em diversas provas em que tomei parte.

ENTRE MUSCULOS E LIVROS...

— *Ficou muito tempo no Centro de Cultura Physica Enéas Campello? — indagámos.*

— *Não. Em 1909 (comentário do autor: ano do célebre confronto entre Cyriaco Macaco Velho e o campeão de jiu-jitsu Sada Myaco, que Sinhozinho assistiu), decidi aproveitar o tempo para estudar seriamente a educação physica. Deixei aquelle Centro e adquiri numerosos tratados e compendios sobre cultura physica, de autoria de reputados technicos. Essa deliberação foi motivada pela minha supposição de que ainda estava bem atrasado em taes assumptos. Lucrei. Lucrei muito e nunca mais perdi o contacto com as obras scientificas relativas à gymnastica corporal.*

CAMPEÃO DE FORÇA

— *Em 1910, ganhei um torneio de força, organizado pelo Tiro Federal e que tambem foi disputado pelos inferiores e praças do nosso Exercito. Serviram de juizes das respectivas provas o dr. Fernando Soledade e o dr. Alvaro Zamith. Em 1912, ingressei no Sport Club Mangueira, onde joguei no primeiro team de football. Foi quando se começou a praticar o athletismo no saudoso club rubro-negro. Participei de diversas provas pelo Mangueira, em festas do Rio Cricket Athletic Association, de Nichteroy. Em 1913, Zéca Floriano, o grande athleta brasileiro, organizou um campeonato de luta romana. Entre 15 lutadores, conquistei o 8º lugar, embora o meu peso fosse sómente de 75 kilos e o mais leve dos meus adversarios tivesse “apenas” 102 kilos. Participaram desse campeonato, entre outros, João Baldi, José Floriano, Cesario, Petrassini, Montagna, e o famoso negro Dick. Em 1915, voltei a jogar football pelo Mangueira, e, no anno seguinte, alistei-me nas fileiras do Club Gymnastico Portuguez e ganhei o campeonato dos leves, de pesos e halteres, tendo feito 87 kilos ao “developpé”. Em 1917, conquistei o Campeonato do Rio de Janeiro de pesos e halteres, de todas as categorias, o que se verificou ainda em 1919 e 1920. O campeonato não foi disputado em 1918, em virtude da grande epidemia de grippe.*

TREINADOR DO MANGUEIRA E DO FLAMENGO

Então, Agenor Sampaio fez uma longa pausa. Tivemos a impressão de que evocava mais alguns factos interessantes de sua vida sportiva. Tirou calmamente a cigarreira, offereceu-nos um cigarro e continuou:

— *Em 1921 estive treinando, gratuitamente, o Sport Club Mangueira, depois, fui para o C. R. Flamengo, em 1922, como instructor de luta romana, passando, tempos após, a ser o treinador de football.*

E NO CENTENÁRIO

— Ainda em 1922, fui surpreendido com um chamado da Comissão dos Festejos do Centenario para auxiliar o treinamento dos atletas que participaram dos mesmos.

FEZ DO COMMANDANTE HAROLDO UM CAMPEÃO

— Em 1923, preparei o commandante Haroldo Borges Leitão para o Campeonato de Pesos e Halteres do Rio de Janeiro, que elle venceu brilhantemente. Nesse mesmo tempo, saindo do Flamengo, fui para o Hellenico, onde permaneci até 1925. Treinei ali, Ostinio Guimarães, que bateu o record carioca de arremesso de disco, e fiz vario atletas. Em 1926, fui para o America F.C., onde me encontro ainda, cercado do respeito e da sympathia da grande familia “americana”.

SINHÔZINHO “DESCOBRIU PADILHA,

O 6º CORREDOR DE BARREIRAS DO MUNDO!

— Silvio de Magalhães Padilha, considerado pelos technicos mais competentes como o sexto corredor do mundo, em provas de obstaculos, foi iniciado por mim, quando elle ainda estava no America. É um athleta de grande valor e que póde ainda, melhorar bastante as performances que tem realizado. Padilha possui todas as qualidades inherentes ao verdadeiro athleta. Quando a imprensa européa declara que elle ocupa o sexto lugar entre os grandes corredores do mundo, que podemos acrescentar mais para enaltecer o seu valor?

CLUB NACIONAL DE GYMNASICA (CAPOEIRAGEM!)

— Há muito tempo que ensino a capoeiragem ou luta brasileira. Fazia-o, gratuitamente, a um regular numero de rapazes, numa grande area da minha residencia., A benefica campanha desenvolvida pelo DIARIO DE NOTÍCIAS em favor do reerguimento daquela luta, animou-me. Os meus alumnos argumentaram, de maneira que me vi forçado a obter um local onde me fosse possível attender a todos. Dahi a minha decisão de criar o Club Nacional de Gymnastica que se acha, provisóriamente, installado à rua do Rosario n. 133, 2º andar. Com o apoio da imprensa, e principalmente do DIARIO DE NOTÍCIAS, espero ver a luta brasileira bastante disseminada nesta capital, dentro de pouco tempo. Dentro de pouco tempo vou organizar um torneio entre todos os meus discípulos, cujas bases se encontram em elaboraçao.

Depois de examinar as possibilidades de seus principaes alumnos, como André Jansen, os irmãos Machado, Alberto Silva, Eurico Fernandes... etc., Agenor Sampaio nos estendeu a dextra, dizendo-nos:

— O DIARIO DE NOTICIAS está de parabens, pois foi o único jornal que, até hoje, conseguiu ven- **(pequeno trecho truncado no microfilme da Biblioteca Nacional)** não conceder entrevistas.. O que lhes disse, entretanto, no decorrer da nossa conversa, é o que me parece de mais importante dentre todos os detalhes da minha vida sportiva.

E se despediu o veterano atleta brasileiro que, não fora a sua modestia e o seu desinteresse pelas glórias que o sport outorga, seria hoje um nome de reputação mundial, tamanho o carinho e o capriccho com que elle se dedicou desde a sua primeira mocidade, à pratica dos mais diversos ramos do sport.

Segunda Reportagem: “O Destino da Capoeira”.

Jornal: O Globo Esportivo, 7 de julho de 1951



Transcrição da Reportagem

do capanga para o granfino

Com a autoridade dos seus trinta e tantos anos de prática, Sinhozinho afirma: “Prefiro não a clasificar como dança, jogo ou luta. A meu ver trata-se da verdadeira Ginástica Nacional” — Deturpação e difamação que quase determinaram a morte da Capoeira — Ressurge agora, porém, no seio da alta sociedade carioca como verdadeira coqueluche — Facão bateu em baixo

Texto de Jorge Leal — Fotos de Theopompo do AMARAL

Rudolf Hermann y e Quim dão-nos, em dois flagrantes verdadeiramente espetaculares, uma demonstração autêntica de capoeira. Para eles a capoeiragem não tem segredos. Principalmente para o primeiro, aluno mais antigo e mais aplicado, cujo preparo atlético chega a ser excepcional. A capoeira é um esporte violento, pura exclusividade dos homens fortes.

A Capoeira nasceu Deus sabe quando e em que lugar, originária que foi de uma dança infernal duma tribo africana que se for-

mou no Brasil e que se instalava de preferência nas Capoeiras. Nasceu e teve, desde o nascedouro, um cunho de cafagestada ou de cafagestagem, como melhor o quiserem. Uma dança dizíamos que se chamava Lagoa e que com o correr dos tempos acabou batizada de Magoa. E na Bahia há, até hoje, um arremêdo de Capoeira. Sem querer subestimar o valor de grandes capoeiristas baianos, a verdade porém, a verdade nua e crua, é que só resta à Bahia imortal, nos tempos que correm, uma espécie de arremedo de capoeiragem. Duas Escolas distintas continuam imperando na Boa Terra. A Regional e a Angola. A primeira é mais nova e consiste em uma junção da segunda com uma série de golpes modernos. Explicando melhor: a Regional é a capoeira de Angola, modernizada, estilizada. É a capoeira de Angola adicionando-se-lhe os principais golpes de numerosas lutas modernas, principalmente do Box e do Jiu-Jitsu. Alguém já escreveu, até, referindo-se à Capoeira Regional da Bahia, tratar-se de “um modernismo ao gosto americano, uma luta livre de parceria com a Capoeira”. A Angola, todavia, desponta aos olhos dos bem entendidos como a mais essencialmente pura, a mais vital. Seus golpes mais temíveis são: “cabeçada solta”, “Cabeçada Prêsa”, “Meia Lua Baixa”, “Meia Lua Virada”, “Duas Meias Luas num lugar só”, “Baião Açoitado”, “Baião Atravessado”, “Rabo de Arraia”, “Pulo de Chapa”, “Chibata de Calcanhar”, “Chibata de peito de pé”, “Tesoura Fechada”, “Pulo Mortal” e tantos outros. Mas de qualquer forma e sob qualquer aspecto a capoeira baiana continua a ser a mesma executada ao som monótono do tin-tin do berimbau, dançada sob a proteção de “mãe” e pai-de-santo”, evocando comumente Oxossi e Ogum. Permanece rude e felizmente já agora deixando de ser privilégio dos capangas para se tornar a chaça (ou cachaça?) dos estivadores do cais do pôrto, dos homens fortes e de trabalho, nas horas sossegadas de “vadiagem”, como que numa eloqüente afirmativa de que o trabalho e o esporte são, invariavelmente, o descanso dos homens de boa têmpera.

POR QUE QUASE MORREU

A capoeira também marcou época no Rio. Teve lá a sua fase áurea. Foi quando Sinhozinho – surge aí a personagem principal da nossa história – conseguiu formar uma turma de cinco alunos aos quais considerava até agora os melhores no gênero. Propositadamente omitimos seus nomes porque todos cinco estão bem empregados e um deles, aliás, mais do que bem empregado, numa companhia inglesa, percebendo cerca de 20 mil cruzeiros mensais. E poderia ser temeroso e prejudicial divulgar o seu nome, especificando a habilidade de capoeirista de escol. Não gostariam certamente os patrões, pois a capoeira continua com a pecha de malandragem que de há muito lhe tacharam. Antes, porém, a capoeira havia sido terminantemente proibida pela Constituição de 1891, da Formação da República, considerada a melhor das que o Brasil já possuiu até os dias atuais. Motivou a dita proibição o pretexto de que a capoeiragem provocava sempre a desordem. Mas voltemos a Sinhozinho e sua 1ª turma de 5 discípulos, em 30, para dizermos apenas que em 32 as aulas deixaram de ser ministradas, porque o professor teve a sua primeira grande decepção. Razão: a capoeira continuava inexoravelmente marcada no tempo como agente desagregador dos bons costumes da Sociedade. Indalício Mendes, o popular Brigido, nosso confrade do “Diário de Notícias”, despendeu enormes esforços, na época, batendo-se de corpo e alma para a oficialização da capoeira, o que infelizmente acabou não logrando conseguir. Para todos – este todos aqui querendo dizer para aqueles que não a conheciam de perto, não a conheciam a fundo, pois tinham-lhe verdadeira ojeriza – a capoeira continuava sendo o que era desde o berço: uma dança, jogo ou luta, pouco importa, uma vez que o essencial era tratar-se de algo praticado por desordeiros, malandros, capangas ou cafagestes reconhecidos. Essa deturpação ou difamação quase significou a morte

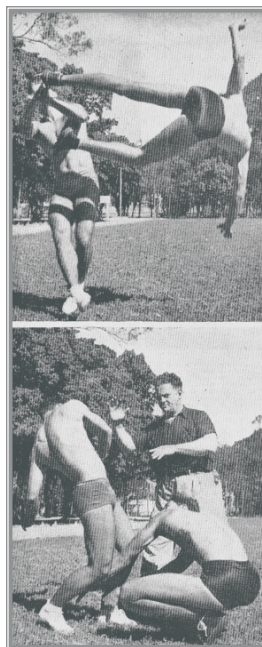


por completo da capoeira. No Rio, está claro, pois, na Bahia, não cessa nem cessará jamais o tin-tin do berimbau do arremêdo de capoeira....

**RESSURGE AGORA COMO UMA
VERDADEIRA COQUELUCHE NO SEIO DA ALTA
SOCIEDADE CARIOCA**

Os anos foram passando céleres e chegamos a 1946, quando Luiz Aguiar foi primeiro aluno de Sinhozinho, na nova fase da capoeira. Nova fase porque o ressurgimento verificou-se diferente. Diferente porque desta vez despontou exatamente no seio da alta sociedade carioca. Da alta sociedade carioca, que abraçou a capoeiragem como a sua mais recente coqueluche. Coqueluche que se vem alastrando, como se fosse uma febre. Em 48 surgiu no cenário da capoeira Rudolf Hermann, um moço fino, de bom trato, de esmerada educação e aparência a melhor possível. Depois vieram alguns outros candidatos à aprendizagem, desistindo todos porém, porque a capoeira requer qualidades e atributos físicos especiais. Evidentemente, sendo uma espécie de esporte muito violento, não pôde ser praticado por todos aqueles que desejam fazê-lo, mas sim pelos que podem e reúnem condições físicas para tanto. Em 50 surgiu Joaquim Gomes (Quim) e em 51 mais dois pretendentes: Carlos Alberto Pettezzoni (“Belisquete”) e Carlos Alberto Monteiro Rego (o popular Copacabana). E Agenor Sampaio – até ele próprio só se conhece por Sinhozinho – renasceu para a capoeira, cheio de justificadas esperanças. Talvez o empenho e a quase perfeição atingida por Rudolf Hermann hajam sido o seu maior estímulo. E essa turma de 5 discípulos vem a ser acrescida de mais um elemento agora, Roberto William, o “brotinho” do grupo, que começa a tatear no ABC da capoeira. Os pupilos de Sinhozinho treinam em média três vezes por semana, durante cerca de 20’, também em média, cada um. Os exercícios são levados a efeito num salão da Escola Nacional de Educação Física especialmente cedido para isso

(Roberto já é professor de Educação Física da Escola). Para não machucar – são muito raras as contusões e muito mais esporádicas ainda as distensões musculares – a capoeira é praticada sobre uma esteira japonesa denominada “tatami”. A diferença da capoeira para as demais lutas, a diferença fundamental, está claro, é a de que quase todos os esportes – exceção feita para a dita capoeira e o box inglês – são de agarrar. A capoeira pôde ser dividida em classes, tal como o agora mesmo citado Box inglês, isto é, categoria dos peso-pesado, meio-pesado, peso-pena, etc. As fases dessa luta bem comparam-se às de uma guerra. Primeiramente a Longa (na Guerra a fase das provocações), a Média (quando os adversários já se preparam para o ataque e a defesa) e a Curta (quando a contenda principia de fato). Com honrosa exceção para Sinhozinho (63 primaveras), ninguém deve praticar a capoeira além dos 40 anos, sem correr riscos. A aprendizagem, também, não deve começar antes dos 15 anos, idade na qual desponta no jovem homem o espírito agressivo. Vejam bem que frisamos 15 anos como idade mínima para o atleta se iniciar. Isto porque, antes da capoeira propriamente dita, é indispensável uma série enorme e completa de exercícios especiais preparatórios. Não se começa uma construção pelo teto.... E é pelo motivo exposto que Agenor Sampaio, melhor dizendo, Sinhozinho, considera a capoeira como a verdadeira Ginástica Nacional. Para êsse notável instrutor de tudo o que se diz respeito a ginásticas e lutas de homens – Sinhozinho “dá as cartas” na Polícia Especial e outras instituições militares – a capoeira é uma ginástica completa. Porquê? Por causa das finalidades a que se des-



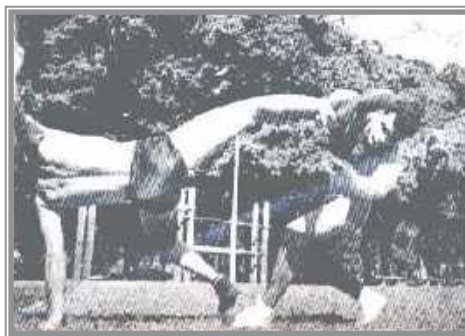
Sinhozinho orienta
Rudolf e Quim

tina. Mexe com todos os músculos, tornando-se fortes e soltos. Trata-se evidentemente de uma ginástica que desenvolve proporcionalmente todos os músculos e eis aí o mais importante. Naturalmente que é preciso uma destreza tôda especial às pernas, mas os braços também têm função indispensável, notadamente no que diz respeito ao equilíbrio. Ah! Íamo-nos esquecendo das juntas. “Diz-me como vão tuas juntas e eu te direi quem és...” Aí está o slogan de todo o capoeirista. Tanto isso é verdade que em matéria de capoeira tudo é “caí na junta pra defender...” uma “rasteira”, “coice de boi”, “lagoa”, “minguá”, “cabeçada”, “punho”, “tapa”, “facaõ bateu em baixo”, ou “golpes de pés laterais”, etc. Há uma infinidade de golpes cuja citação tornar-se-ia até enfadonha. Para praticar a capoeira o atleta deve obrigar-se, também, espontaneamente a um regime alimentar. Uma dieta perfeita reflete-se incontinentemente não só no porte mas na própria capacidade técnica do aprendiz. A capoeira reclama, como uniforme, apenas um tênis e um short. Os shorts dos nossos amigos aos quais fizemos referências nominais são todos eles de lastex (como progrediu a capoeira!....). Mas para melhorar ainda mais a situação o “velho” Sinhozinho — e quanto jovem gostaria de ter como ele tanta saúde e tanto bom humor — está empenhado na confecção de um sapato especial e diferente. Pretende por em execução uma idéia que “estalou” recentemente no seu crânio: um sapato macio, cem por cento acolchoado, uma espécie de luva de Box, lógico e evidente que com forma para os pés... Mas isso são outros quinhentos cruzeiros.

AINDA EXISTEM IDEALISTAS NO ESPORTE

São raros, é verdade, profundamente raros mesmo, neste ar de profissionalismo que todos respiramos no desporto brasileiro, os idealistas. Mas êstes existem, embora vão escasseando mais e mais, dia a dia. Podemos assegurar que ainda há idealistas no esporte nacional, apesar dos pesares, a despeito de tudo. Sinhozinho, por exemplo, o mais experiente e o conhecedor mais profundo da ca-

poeira no Brasil, adquire “alunos particulares”. É pobre e vive honestamente do salário que graças à Deus sempre deu para o pão de cada dia. Mas não recebe nenhum tostão dos seus alunos particulares. Nem mesmo favores. Poderia fazê-lo e se o fizesse não haveria nada demais. Seria honesto e a afluência de atletas cresceria bastante, já que não haveria uma seleção tão rigorosa na admissão, como agora (é muito difícil, esclarecemos, conseguir uma vaga: Para ser “aluno particular” de Sinhozinho é preciso ter bom pisto-lão). Ademais, todos os discípulos gostariam de pagar e pagar bem, porque aprender capoeira com o mestre-amigo, vale a pena. Mas Sinhozinho recusa qualquer oferta e chega até ao ponto de ofender-se quando lhe é feita uma proposta. Prefere continuar trabalhando hoje para comer amanhã. E sente um prazer enorme quando um “granfino” esquece a pol-puda bolsa no apartamento de luxo e tem que recorrer a ele, o Sinhozinho rico de espírito, pedindo uns “trocados” para o bonde...



Rudolf e Quim

Sobre as diversas ilustrações desta matéria:

Primeiramente Sinhozinho dá instruções aos seus discípulos. Depois afasta-se, fica lá de longe, apreciando a execução dos mais variados golpes. Apreciando não é bem o termo: observando, isso sim. Observando e corrigindo falhas, “estrilando” a todo momento, ora com êste ora com aquêle. Sua preocupação é maior do que se pode imaginar. Na capoeira e pela capoeira é preciso atingir a perfeição. E para consegui-lo, o caminho mais rápido é a repetição, inúmeras vezes e sempre, na prática, daquilo que foi explicado e demonstrado lentamente, em seus mínimos detalhes. Atacar e de-

fender com absoluta presteza, numa simples fração de segundo poderá significar muito para quem se dedica de corpo e alma a esse esporte tão atraente e másculo. Mas, o imprescindível é a agilidade, o flexionamento perfeito e, principalmente, uma atenção extraordinária aos menores movimentos do contendor. Num simples abrir e fechar de olhos “a parada poderá ser decidida”.

Comentário do Autor

Embora, basicamente, tenha aprovado e elogiado a Capoeira Angola, o jornalista faz algumas críticas contundentes ao berimbau e a certos componentes ligados à fascinante negritude da capoeira-raíz. A explicação é simples, com todo respeito ao colega, faltou-lhe participar de uma Fogueira de Xangô, assim como lhe faltou, também, ouvir um Mestre Caiçara improvisar uma ladainha. Assunto para o nosso próximo livro.

Terceira Reportagem

— Transcrição —

“Trabalha-se no Brasil pela Sobrevivência da Capoeira”.

Correio da Manhã, RIO, 23 de setembro de 1951

Foi durante os últimos anos do Império que a “capoeiragem” no Brasil atingiu seu esplendor, tornando-se a “maior dor de cabeça” para as autoridades policiais de então. Diariamente estampavam os jornais as incríveis façanhas dos bandos de “capoeiras”, quase sempre agindo em bando, mas levando sempre a melhor nos conflitos e lutas que provocavam, apesar da inferioridade numérica e ausência de quaisquer armas.

Com o advento da República chegou a tal ponto a “capoeiragem” em nosso país, que necessário foi a consecução de medidas drásticas para que finalmente se pusesse um fim naquele estado de



coisas. A própria lavratura de um Decreto, prevendo a prisão celular para os praticantes da “capoeira”, não conseguiu imediatamente impedir a proliferação do mal, visto que os mais famosos “capoeiras” contavam entre os seus “protetores” figuras de reconhecido prestígio nas rodas políticas do país.

Com o decorrer dos anos, no entanto, e principalmente em consequência do progresso material e humano das nossas polícias, multiplicando-se cada vez mais, a perseguição à “capoeiragem” foi aumentando gradativamente até a extinção completa do terrível mal social.

RESSURGE EM CARATER ESPORTIVO

Como geralmente acontece, depois de definitivamente afastada dos nosso morros, a “capoeiragem” passou a merecer a atenção dos estudiosos pela matéria, visto que pondo-se de lado o seu emprego para fins inaceitáveis e desonestos, podia ela ser aproveitada

como modalidade esportiva das mais interessantes, inclusive equivalente ao pugilismo, ao jiu-jitsu etc.

Um dos cultores de “capoeiragem” entre nós e talvez o que mais se interessa por vê-la reconhecida como um esporte científico e necessário, é o professor Agenor Sampaio, mais conhecido por “Sinhozinho”. Tendo se aprofundado no estudo de todos os “golpes” utilizados pelos precursores das “capoeiras” como as variações verificadas com a sua assimilação pelos nossos “malandros”, idealizou uma técnica para praticá-la com o caráter esportivo, tendo alcançado relativo sucesso.

DOIS ENTUSIASTAS

Entre os seus inúmeros alunos conta Sinhozinho com dois autênticos entusiastas da “capoeiragem”. Trata-se de Rudolf Hermannny e Joaquim Gomes (Kim), dois jovens idealistas que esperam para dentro de muito breve ver a “capoeiragem” incluída entre os nossos mais populares esportes.

Segundo nos declararam, por ocasião da visita que fizeram à nossa Redação, não têm mais dúvidas quanto ao ressurgimento da “capoeiragem”. E como nos mostrássemos interessados pela palestra, procuraram então promover a reconstituição da verdadeira história da “capoeira” no Brasil.

A ORIGEM DA PALAVRA

Pondo-se inteiramente à nossa vontade iniciaram a narração pela origem “capoeira”, sobre o que ainda persistem dúvidas, visto que alguns autores a consideram como corruptela da palavra tupi “capuera”. Outros, porém, como Antenor Nascentes, lhe atribuem origem latina de capão (cappone).

— Como se iniciou então a sua prática em nosso país?

— Tudo indica que a “capoeira” foi trazida para o Brasil pelos negros Bantus, procedentes de Angola. Ainda hoje, entre as tribos indígenas africanas praticam-se jogos e danças contendo movimen-

tos em tudo semelhantes aos da “capoeira” difundida no Brasil. É provável que grande maioria dos negros fugidos que constituíram os Quilombos, fosse formada por negros da Angola, dado o caráter pouco amigo do trabalho destes. Os Angolas eram indolentes, imaginosos e muito férteis em recursos e manhas. Os negros fugidos formaram a conhecida e tão famosa República dos Palmares, com cerca de 20.000 habitantes. Embora com armas primitivas e improvisadas derrotaram mais de vinte expedições que contra eles foram enviadas. Os soldados tinham ordem para capturá-los vivos, mas, sempre se mostravam superiores pela agilidade e astúcia adquiridas na luta pela sobrevivência. Explicavam depois os soldados que eles utilizavam um jogo de braços, pernas, tronco e cabeça, com tal agilidade e violência que tornava-se tarefa inglória combatê-los com superioridade.

A “CAPOEIRA” NAS CIDADES

Passando depois a comentar o progresso da “capoeiragem” nas cidades, prosseguiram os dois entrevistados:

-Foi nas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, no Recife em Salvador, que as façanhas dos “capoeiras” se tornaram notáveis. A política facilitou sua proliferação e desvirtuamento. Os interesses eleitorais fizeram com que se constituíssem maltas, que tornavam inseguras as ruas das cidades. Entre os maiores inimigos encontrados pelos “capoeiras”, podemos citar o major Nunes Vidigal e posteriormente Sampaio Ferraz, que em épocas diversas chefiou campanhas visando a sua completa extinção.

INTERVENÇÃO DO GOVERNO

– Ao ser proclamada a República, o Decreto nº 487, de 11-10-1890, estabeleceu: “Art. 402 – Fazer nas praças públicas e ruas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem. Pena – De prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único – É considerada circunstância agravante

pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos cabeças ou chefes se importará a pena em dobro”.

– Como se extinguiu a capoeiragem? Perguntamos.

– O mais perfeito policiamento nas cidades, assim como a iluminação elétrica, deram o golpe de misericórdia na capoeiragem de rua, enquanto que a esportiva assumiu a forma de uma chama, apenas alimentada por alguns abnegados.

– Já existe regulamentação da capoeiragem esportiva?

– A regulamentação da “capoeira” ainda não foi elaborada e oferece problemas, em face da violência de seus golpes. Os alunos do professor Agenor Sampaio (Sinhozinho), verdadeiro mestre na matéria e que em toda a sua vida se ocupou do assunto, praticaram-na na forma por ele idealizada. Reuniu os golpes praticados pelos “capoeiras” de sua mocidade, procurando dar-lhe um cunho esportivo. Os “capoeiras” de então eram, em geral, especialistas em certos golpes. Assim, um determinado “capoeira” tornava-se famoso nas rodas boêmias por sua habilidade em derrubar adversários, ou por sua forte cabeçada, ou ponta-pé violento, etc.

O conhecimento do “mestre” dessas diferentes modalidades de Luta facilitou-lhe avaliar os diversos golpes.

– Não será então a “capoeira” privilégio da malandragem?

– Em tórno da prática da “capoeira” criou-se um mito, como aliás em outros esportes de que a mesma só era praticada nas rodas baixas da sociedade (bas-fond) e só podia ser utilizada por pessoas de físico privilegiado. Sinhozinho quebrou esse mito, provando que ela pode ser praticada por pessoas de educação. A “capoeira” é uma luta onde a sagacidade é fator de essencial importância. Daí o termo “malandragem” atribuída à maneira de conduzir a luta.

Chegava finalmente ao seu término a interessante palestra e foi Joaquim Gomes (QUIM) que a concluiu com a seguinte declaração:

–A “Capoeira”, como parte de nosso “folclore”, merece sobreviver, aliada ao seu valor técnico de luta objetiva. Comparando-a às demais lutas, encontra-se a “capoeira” num mesmo plano de valor.

Caracteriza-se por sua riqueza em recursos no combate a certa distância, sendo pobre, entretanto, no combate corpo-a-corpo. Classifica-se entre as que maior sucesso oferece na luta em inferioridade numérica, ou seja, de um indivíduo contra vários. Entre os “capoeiras” antigos, e hoje, na baixa roda, a navalha supria a deficiência no corpo-a-corpo. Na capoeira desportiva torna-se necessária a introdução de alguns golpes para o mesmo fim. Como, porém, presentemente, já se torna numeroso o número de amantes deste esporte, creio que, com boa vontade de todos, será a “capoeira” regulamentada, passando assim a constituir mais um objeto de atração para os aficcionados dos embates esportivos.

Comentários do Autor

Não apenas o Brasil, mas praticamente o mundo inteiro está pesquisando sobre Capoeira. Sendo que, os trabalhos produzidos no exterior, por motivos óbvios, começam a ter mais conteúdo e mais relevância. Afinal, o primeiro mundo conta com um sistema de educação extremamente aprimorado. Além disto, a todo momento desembarcam no Brasil grupos de capoeiras-pesquisadores. Alguns desenvolvendo estudos a nível de pós-graduação, com formação sólida em História, Sociologia, Jornalismo etc. Percorrem academias de capoeira, rodas de rua, roças de Candomblé, casas de Umbanda, espaços especiais de confraternização capoeirísticas, museus, bibliotecas etc. Fotografam, gravam e filmam, fazem entrevistas com “gregos e troianos”, sem nenhum preconceito, sem nenhum compromisso com este ou com aquele estilo, pesquisam todos, apenas com a vontade firme de entender bem o fenômeno Capoeira.

O resultado já está aparecendo e pode facilmente ser comprovado por quem tiver a paciência de navegar pela Internet: centenas de sites sobre capoeira!

Claro, como as demais áreas do saber humano, o navegador terá que enfrentar águas muito poluídas, mas com sorte, encontrará alguns sites extraordinários, partes desses com informações bem garimpadas sobre a Capoeira do Rio Antigo, especialmente a Capoeira de Sinhôzinho. O que é um espanto e uma boa surpresa.

Sempre que viajo, pelo Brasil ou pelo exterior, procuro entrar em contato com essa gente. Em função do que vejo e converso vou escrevendo meus artigos para vários jornais, revistas e para a própria Internet. Artigos que envio, sempre acompanhado de fotos, cds etc, para o pessoal contatado mais interessado. Sem falsa modéstia acredito que esse tipo de comportamento tenha contribuído, minimamente que seja, para que a capoeira de Sinhozinho começasse a aparecer na Internet, nas revistas especializadas, em artigos diversos e nas reuniões de “papoeira” que, cada vez mais, vão sendo realizadas por este mundo afora.

Trata-se de uma rua de duas mãos, pois tenho também recebido trabalhos excelentes. Os estudos enviados, da França, pelo casal Lúcia Palmares & Pal Briand são emblemáticos. Especialmente um, de oito páginas, fazendo uma impressionante apreciação crítica da reportagem feita com Sinhozinho, pelo Diário de Notícias de 1º de setembro de 1931 (o primeiro que transcrevo na terceira parte deste Quarto Capítulo). Apreciação que se inicia com um resumo crítico do momento sócio-econômico do Brasil e da linha ideológica e editorial do jornal que publicou a entrevista com o Sinhozinho. Conventhamos, um bom trabalho!

Daí a segurança de Pal Briand quando afirmou, em nossa primeira longa conversa em Paris, alguns anos atrás, “que a Capoeira do Rio – Zuma, Sinhozinho e outros – tinha realmente inspirado o surgimento da Capoeira Regional”.

No meu livro anterior menciono rapidamente o casal, mas, para efeito do presente trabalho cheguei a pensar em transcrever o interessante trabalho da dupla. Ocorre que, há algum tempo, produzi uma série de artigos externando minha opinião pessoal sobre meia dúzia de bons trabalhos recebidos. A apreciação crítica da contramestre baiana Lúcia Palmares, feita em conjunto com o seu marido- angoleiro e pesquisador ético, foi o principal alvo da mencionada série. Série que mandei encadernar e encaminhei à Biblioteca Amadeu Amaral (Palácio do Catete 179, Catete, RIO). Uma casa séria, com uma quantidade espantosa de livros e filmes sobre Capoeira, pessoal altamente especializado e cordial, e aberta ao público inclusive aos sábados.

Passemos, pois, para a parte final deste Quarto Capítulo.

IV — Dois artigos selecionados
— Sinhozinho
— Barba Branca e Sinhozinho

*SINHOZINHO**

Estou terminando meu segundo livro, desta vez, exclusivamente sobre a Arte da Capoeiragem (terá uma versão em inglês: “Capoeira invites you for a turn around the world”). O “mote” principal é o processo de institucionalização — lamentável, mas inevitável — com especial ênfase no papel que os governos — federal, estaduais e municipais — estão ou deveriam estar desempenhando (**).

Faço um paralelo com o processo de institucionalização sofrido pelo jazz, e chamo a atenção para algumas semelhanças com o momento atual da Capoeira. Daí a idéia de uma edição em inglês.

Fecho o livro fazendo um apanhado crítico da Capoeira na Internet, já congestionada com uma “neo-capoeira” ou, como alguns preferem, “capoeira contemporânea” (sic). O que demonstrou a importância de, se não resgatar, pelo menos deixar registrado um resumo da substancial e inquestionável contribuição do Sr. Agenor Sampaio, mais conhecido como Sinhozinho (Ipanema, RIO), na prática da capoeira como verdadeira arte marcial.

Para tanto, tratei de procurar o Professor Rudolf Hermann, um dos melhores alunos de Sinhozinho, com quem

*Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports, Rio, em 14/25 de fevereiro de 1996; e transcrito no livro “A Volta do Mundo da Capoeira”, em 1998.

**Como ficou esclarecido na Introdução, a idéia, tempos atrás, era escrever um novo livro sobre o processo de institucionalização da Capoeira. Frente aos comentários analisados mudamos a prioridade e partimos para o presente livro.



Sinhozinho (sentado) e alunos. Ano 1940
Foto gentilmente cedida pelo Professor Paulo Azeredo
(último da direita).

tive a honra e o desprazer (batia muito forte) de fazer alguns treinos de capoeira. Generosamente, Rudolf Hermannny liberou seus guardados — fotos de Sinhozinho, reportagens e artigos preciosos — além de prestar um longo, seguro, ético e muito bem informado depoimento pessoal. Só para dar uma idéia, levei para casa jornais da época, com preciosas matérias sobre os confrontos, no RIO, de alunos de Mestre Bimba com alunos de Sinhozinho.

Identificando os nomes em cada foto — da primeira safra de alunos de Sinhozinho, André Jansen, os irmãos Marinho, Alberto Silva, Eurico Fernandes e outros (início da década de 30); as safras seguintes, com Joaquim Gomes (Quim), Luiz Pereira de Aguiar (Cirandinha), Carlos Alberto Pettezzoni, Carlos Alberto Monteiro (o popular Copacabana), o próprio Rudolf Hermannny (Urso), Roberto William...

Hermannny fez uma especial sugestão: “este aqui é o Prof. Paulo Azeredo, seu trabalho não estará completo se não conver-

sar longamente com ele. Era muito ligado ao Sinhozinho e foi considerado, na época, o atleta perfeito”. Dias depois, tive o prazer de constatar o mérito da sugestão, conversando longamente com uma das mais expressivas personalidades de todos os tempos do desporto brasileiro, o Professor Paulo Azeredo (foto)!

Para começar, fomos recebidos com um presente raro, um exemplar, com generosa dedicatória, do precioso livro de Anni-bal Burlamaqui (Zuma) — *Gymnastica Nacional (Capoeiragem), methodisada e regrada*”, 1928!

Não tenho mais a menor dúvida de que esse livro subsidiou praticamente todos os esforços que começaram a surgir, por volta dessa época, no sentido de institucionalizar a Capoeira. Não apenas no RIO, mas, também, na Bahia e em vários outros estados.

Depois de longa conversa, o Professor Paulo Azeredo brindou-nos com um vídeo-teipe sobre a sua trajetória de atleta vitorioso em mais de 28 modalidades (inclusive luta). No vídeo, além de mais registros sobre Sinhozinho, uma longa e respeitável relação de ex-alunos e amigos como Tom Jobim, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos e muitos outros.

Farto e precioso material, portanto, para fechar com chave de ouro, um livro sobre Capoeira.

Ao deixar a casa do Professor Azeredo fomos honrados — eu e minha mulher — com um convite para participar, no próximo dia 21 de março, do almoço comemorativo dos seus jovens oitenta ano. Almoço que, a julgar pela legião de amigos, deverá ocorrer no Maracanãzinho. Palco, talvez, de uma revanche entre o capoeirista Sidney Gonçalves Freitas, Mestre Hulk, campeão brasileiro do I Tira-Teimas de Vale Tudo e o campeão de jiu-jitsu Amaury Bitetti. Mas isto, é claro, já é uma outra história. Ou melhor, um novo capítulo da fascinante história da Capoeira.

BARBA BRANCA E SINHOZINHO



ABCA, Barba Branca, André Lacé e João Pequeno. Salvador, fev./1997.

O Sr. Gilberto Reis Santos Filho, Mestre Barba Branca, é presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Capoeira Angola, ABCA, organização promissora, que está-se instalando na área mágica do Pelourinho, em Salvador.

Mês passado, aproveitando uma rápida viagem à Bahia, trocamos algumas idéias. Atencioso e ponderado, Mestre Barba Branca demonstrou interesse em conhecer mais a fundo a História da Capoeira do Rio Antigo. Recomendei, então, alguns escritores — historiadores, romancistas, antropólogos etc — e, sobretudo o livro de Inezil Penna Marinho (“Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem”, 1945) e o livro premiado de Luiz Sergio Dias (“Quem tem medo da Capoeira”, 1995).

Em função do meu próximo livro, entretanto, folheando precioso material gentilmente cedido pelo Prof. Rudolf Hermann, percebi que poderia, de maneira resumida e imediata, oferecer mais alguns subsídios para o futuro Centro de Memória da Capoeira da ABCA. Estou-me referindo, muito especialmente, ao extraordinário Agenor Sampaio, Sinhozinho, uma das figuras mais queridas e respeitadas, há longas e saudosas décadas, particularmente no Morro de Santo Antônio (que já não existe) e na Zona Sul do RIO. Melhor do que tentar um resumo do material mencionado, será, pura e simplesmente, pinçar e transcrever algumas de suas partes:

1. “Agenor Sampaio (Sinhozinho) o grande animador da mocidade brasileira sportiva, fala ao DIÁRIO DE NOTÍCIA —

- Club Nacional de Gymnastica (Capoeira): uma grande promessa. Rio, 01 de setembro de 1931”;
2. Boletim Oficial da Associação Atlética Agenor Sampaio (texto escrito por Eloy Dutra);
 3. “Agenor Sampaio, o popular Sinhozinho lança um desafio aos pupilos do professor Bimba” (Gazeta Esportiva, 1948). Observação: em função do desafio foram realizadas duas lutas, os alunos de Sinhozinho Luiz Ciranda e Rudolf Hermann) venceram as duas;
 4. Sinhozinho de Ipanema (Diário de Notícias, 1962, artigo escrito pelo próprio Hermann);
 5. “O velho Sinhozinho”, do livro – *RIO, para não chorar!* – de Sérgio Pettezzoni;

Embora muito rapidamente, tive, também, a honra de conhecer Sinhozinho. Ensinava uma capoeira realmente violenta, através de um treinamento extremamente criativo e sem utilizar o berimbau. Certamente por esta razão, não existe nenhuma ladainha cantando seus feitos. Para conhecê-los, meu caro Mestre Barba Branca, não bastará uma biblioteca *regional*, há que se mergulhar na Biblioteca Nacional (RIO) e – porque não? – na preciosa Biblioteca Nacional de Lisboa*.

Comentários do Autor:

1. Transcrição feita Com base no artigo publicado no Jornal dos Sports. Rio, 26 de fevereiro de 1997 e transcrito no livro “A Volta do Mundo da Capoeira”, em 1998
2. Na época (1998), não tinha ainda percebido a importância de garimpar informações, também, em várias outras bibliotecas (ver *Homenagem & Alerta*).

*Menção Honrosa, também, para a Biblioteca Amadeu Amaral, FUNARTE, RIO.

Quinto Capítulo

Capoeira de Sinhozinho confronta a Capoeira Regional

Ou

A Capoeira Utilitária de Sinhozinho (“Gymnastica Nacional”)
Enfrenta a Capoeira Regional de Mestre Bimba (“Gymnastica Regional”)

I - Carta ao Mestre Bogado. II - Mestre Bimba e alunos em São Paulo, 1949. 1. *Segundo alguns livros especializados.* 1.1 Conversando sobre Capoeira..... 1.2. Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem. 1.3. Bimba, Perfil do Mestre. 1.4. Bibliografia Crítica da Capoeira. 2. *Segundo o vídeo* Pastinha, uma vida pela Capoeira. 3. *Segundo os jornais de São Paulo.* Considerações Preliminares. Das Brigas de Rua para o Tablado; Mestre Bimba, o Rei da Capoeiragem; Cinco sensacionais embates entre capoeira - Mestre Bimba irá demonstrar que a capoeira nada fica a dever ao box, luta livre e jiu-jitsu; Curiosidade Geral pela reunião de capoeiragem hoje à noite no ginásio do Estádio do Pacaembu - Mestre Bimba apresentará oito dos seus melhores alunos; A reunião de hoje no Pacaembu; Os capoeiras do Rio querem lutar em São Paulo. **III - Os alunos de Mestre Bimba no Rio, 1949.** 1. *Segundo alguns livros especializados.* 1.1 Conversando sobre Capoeira...; 1.2. Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem. 1.3. Bimba – Perfil do Mestre. 1.4. Bibliografia Crítica da Capoeira. 2. *Segundo o vídeo* “Pastinha, uma vida pela Capoeira”; 3. *Segundo os Jornais do Rio:* 3.1. Antes dos Confrontos: Luta-Desafio de Capoeiragem - Sinhozinho, do Distrito Federal, contra mestre Bimba, da Bahia; Desafiados os capoeiras baianos para enfrentar lutadores cariocas; Espetáculo Inédito no Pugilismo Metropolitano - Mestres de Capoeiragem em Confronto. 3.2 O Confronto Luiz Ciranda (Sinhozinho) versus Jurandir (Bimba). Ilustrações Iniciais (fotos Luiz Aguiar “Ciranda”). Algumas Reportagens: Capoeiragem sem mistificação; O Sensacional Cotejo de Capoeiragem - O carioca Luiz Aguiar contra o baiano Jurandir; Venceu o Capoeira Carioca - Luiz Aguiar derrotou Jurandir por K.O. 3.3 O Confronto Rudolf Hermannny (Sinhozinho) versus Fernando Perez (Bimba): Hoje no Estádio Carioca - As semi-finais do campeonato de luta livre - O capoeira carioca Hermannny em confronto com o Baiano Perez; Superioridade da Capoeiragem Carioca - Rudolf Hermannny venceu o baiano Perez .

I — Carta ao Mestre Bogado

(revista e enriquecida com novos argumentos)

Ilmo. Sr.

Rio, 06.09.2001

Evaldo Bogado de Almeida

*Presidente da Associação de Capoeira Barravento, Niterói, RJ, e
da Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de
Janeiro*

*Assunto: Capoeira de Sinhozinho (Ipanema, RIO) e Mestre
Bimba, reflexões*

Prezado Mestre Bogado *,

Consideração Preliminar:

Estou terminando um livro sobre a
Capoeiragem no Rio de Janeiro de al-
gumas saudosas décadas atrás (*Zuma,*
Sinhozinho, Hermannny etc) e, não te-
nho dúvida, será oportuno voltar a



*Evaldo Bogado nasceu no Rio de Janeiro em 23 de fevereiro de 1944. Passou por duas faculdades (História e Fisioterapia) e por um sem-número de cursos e treinamentos direta ou indiretamente ligados com a prática desportiva. Iniciou seu aprendizado, 1969, com Mestre Damionor Mendonça; recebeu seu primeiro cordel de mestre (Branco-verde, registro 51, CBP) em 1973, e o cordel atual (branco-azul, registro 02, CBP) em 1993. Participou da fundação histórica da Confederação Brasileira de Capoeira, e participou, também, da fundação de várias entidades capoeirísticas como a Associação de Capoeira Barravento (1973), Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro (1984), Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de Janeiro (1995) e Liga Carioca de Capoeira. Realizou centenas de cursos e eventos pelo Brasil e pelo mundo afora e já recebeu significativas homenagens públicas. Atualmente é presidente da FCDRJ e da ACB; diretor técnico da Liga Niteroiense de Capoeira, e diretor da Associação Brasileira de Capoeira, ABRACAP; e membro do Conselho Superior de Mestres do Estado do Rio de Janeiro.

transcrever a carta que lhe enviei há alguns anos (28 de julho de 1997). A primeira transcrição, como você sabe, foi no livro “**A Volta do Mundo da Capoeira**”. Fez grande sucesso e está correndo o mundo fazendo carreira “solo”, ou seja, é uma das partes mais reproduzidas e discutidas do mencionado livro.

Em função das excelentes críticas e sugestões que venho recebendo sobre a carta (inclusive, do próprio Esdras Santos), resolvi reescrevê-la, incorporando novas informações, argumentos, reflexões e fotos.

É nesta nova forma que a carta será transcrita neste meu próximo livro, nada mais justo, portanto, que você a receba antes, em primeira mão.

A seguir, pois, a versão atualizada da carta:

.

Em anexo, conforme prometi meio a contragosto, estou enviando uma excelente foto do Sr. Agenor Moreira Sampaio, o famoso e saudoso Sinhozinho de Ipanema, RIO (Santos, SP/1891 — RIO/1962), para ilustrar a nova versão da apostila básica da Barravento (sem dúvida o embrião de um livro e um belo exemplo para os demais mestres). A contragosto, porque esse material faz parte do meu próximo livro. Por outro lado, como sempre que preciso de uma informação sobre capoeira, você prontamente procura ajudar, não tenho como negar seu pedido.

Por oportuno, também em anexo, estou enviando alguns recortes de jornais e informações muito valiosos sobre o confronto, em 1949, da capoeira de mestre Bimba com a de Sinhozinho. Recortes e informações bastante esclarecedores, mesmo assim, aproveito para resumir algumas considerações específicas ou correlatas sobre o assunto:

1. Onde Mestre Bimba teria aprendido outras lutas?

Como preliminar, devo enfatizar o óbvio: não é vergonha nenhuma, nunca foi e jamais será, aprender mais de uma luta. Aliás, não existe mais outra alternativa. O “ultimate fighting” e similares estão aí mesmo mostrando e demonstrando a importância do “vale-tudo” (soma de todas as lutas). Esconder esta realidade é fazer a capoeira, **como arte marcial**, atolar na fantasia e virar teatro. Parece claro e pacífico que Bimba, além de grande mestre de capoeira, conhecia, também, luta livre (ou lá que nome se queira dar). Exemplo de maestria polivalente — estou apenas registrando, não estou criticando — que foi esquecido pela grande maioria de seus seguidores atuais e, o que é bem mais grave e sintomático, da grande maioria de seus biógrafos.

A seguir reproduzo relatos feitos por diversos autores:

1.1 Inezil Penna Marinho, no seu livro ‘Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem’, que todo mestre devia ter na cabeceira, publicado em 1945, nas páginas 41 e 42, registra: “Há alguns anos o jogo da capoeira tem começado interessar à classe média da Bahia.

O capoeirista Bimba abriu mesmo uma escola de capoeira. Este negro, de rara agilidade, **afirmou-me** que a sua capoeira já não é mais a de Angola, mas um prolongamento dela, já que ele se aproveita de vários golpes de outras lutas, desde a luta romana até o box e o jiu-jitsu. Tanto que o Bimba apelida de luta regional bahiana a sua capoeira especial.”

1.2 Jorge Amado, no seu livro “Bahia de Todos os Santos”, escrito em 1944 e publicado (1ª Edição) também em 1945, no capítulo “Capoeiras e Capoeiristas” **afirma (como duvidar de Jorge Amado?)**: “Há alguns anos os arraiás da capoeira, na Bahia, foram palco de uma grande e apaixonante discussão. Acontece que Mestre Bimba foi ao Rio de Janeiro mostrar aos

cariocas da Lapa como é que se joga capoeira. E lá aprendeu golpes de catch-as-catch-can, de jiu-jitsu e de box. Misturou tudo isso à capoeira de Angola, aquela que nasceu de uma dança dos negros, e voltou à sua cidade falando numa nova capoeira, a “capoeira regional”.

Bogado, Jorge Amado dedicou mais algumas linhas ao assunto (veja o apêndice desta carta), mesmo assim, sugiro que você leia o capítulo todo, tomando cuidado de escolher uma edição antiga do livro, pois, nas mais recente, **curiosamente** suprimiram toda essa parte referente a Mestre Bimba. Aliás, a mesma curiosidade pode ser observada no livreto que acompanha o disco “Curso de Capoeira Regional – Mestre Bimba” (veja Apêndice II).

1.3 Edison Carneiro (A Sabedoria Popular, Capoeira de Angola, 1ª Edição, 1957, pág. 206): “O capoeira Bimba tornou-se famoso por haver criado uma escola, à rua das Laranjeiras, em que treina atletas no que apelidou de **luta regional baiana**, mistura de capoeira com jiu-jitsu, box e catch. A capoeira popular, folclórica, legado do Angola, nada tem a ver com a escola de Bimba”.

1.4 Waldeloir Rego (Capoeira Angola, Ensaio-Etnográfico, págs. 33/34): “Num dos diálogos que mantive com o Mestre Bimba, perguntei-lhe por que inventou a capoeira regional, ao que me respondeu que achava a capoeira Angola muito fraca, como divertimento, educação física e ataque e defesa pessoal. Então indaguei o que utilizou para fazer a que chamou de Regional, que considerou forte e capaz de preencher os requisitos que a capoeira Angola não preenche. Respondeu-me que se valeu de golpes de batuque, *como banda armada, banda fechada, encruzilhada, rapa, cruze de carreira e baú*, assim como detalhes da coreografia de maculelê, de folguedos outros e muita coisa que não se lembrava, além dos golpes de luta grego-romana, jiu-jitsu, judô e a savata, perfazendo um total de 52 golpes”.

Apenas por curiosidade, Bogado, dê uma olhada **nos golpes que o Annibal Burlamaqui relaciona no seu livro, “Gymnastica Nacional (Capoeira) – methodisada e regrada — (1928!). Especialmente os inspirados no Batuque...**

1.5 O administrador Ubirajara de Almeida, mais conhecido como Mestre Acordeon, no seu livro “Capoeira, a brazilian art form”, dialético e mandingueiro, tenta esclarecer a “acusação” da seguinte maneira (Pág. 115): “Mestre Bimba was accused of introducing into Capoeira movements from other martial arts. He laughed at this criticism but on several occasions admitted he had used attacks and defenses from boxing and jiu-jitsu. One who did not know anything about Capoeira could have easily taken these statements literally. However, I believe that Mestre Bimba only adopted this stance to bring the prestige of foreign arts to Capoeira in order to attract more students. During the training for my graduation, I learned a movement that resembled a jiu-jitsu armlock, the *quebra-mão* (breaking hand)”. Dúvida dirimida? Não?!



Batuque na Saúde, Rio.
Kosmos, junho-1906.

1.6 Esdras Magalhães dos Santos (“Damião”), ex-aluno de Mestre Bimba, no seu livro “Conversando sobre Capoeira”, embora dando uma outra versão para o processo de aprendizado, confirma que Mestre Bimba, além da capoeira, dominava, também, os fundamentos de várias outras lutas (p. 37): “Na criação da Luta Regional houve a colaboração de CISPANDO LIMA, cearense “arretado”, acadêmico de medicina, profundo conhecedor de jiu-jitsu, box, e luta greco-romana, contrerrâneo

do General Juracy Montenegro Magalhães, então tenente Interventor do Estado da Bahia. CISONANDO transmitiu a Bimba os seus conhecimentos pugilísticos, aos quais o Mestre associou golpes do batuque para elaboração da nova modalidade esportiva”.

1.6.1 Esdras, aliás, foi uma das gratas surpresas que o livro anterior me trouxe. Demonstrando ao mesmo tempo humildade e grandeza (predicados de um bom capoeira) Esdras “Damião” telefonou-me certo dia, iniciando uma longa e produtiva amizade. Continuo sem conhecê-lo pessoalmente, mas já temos algumas longas horas de conversas telefônicas. Esdras defende, como eu também defendo, que não há porque esconder a verdade, não há porque mentir, nem mesmo glamurizar uma derrota. Ainda mais em se tratando de Mestre Bimba, sem sombra de dúvida, uma das grandes figuras da História da Capoeira. “Por isto escrevi o livro”, afirmou Esdras, “estava com a mentira entalada no meu peito”. “Muitos criticaram violentamente minha iniciativa, defendendo que a verdade deveria ser jogada para debaixo do tapetão da História”, segue Esdras. “Discordei e o livro está aí”, completou. Na minha opinião, uma contribuição desassombrada para reconstituir a verdade. Contribuição que, seguramente, será muito mais útil ainda ao longo da realização de um dos projetos que estou propondo ao final deste livro.

1.6.2 “Cisnando, que mais tarde tornou-se um brilhante médico psiquiatra, andava com o livro de Zuma Burlamaqui debaixo do braço”. Eu faria a mesma coisa, quem não faria?

1.7 Angelo Decânio Filho, baiano, médico ilustre, faixa preta 1º Dan de Judô e ex-aluno de Bimba, no seu livro “A herança de Mestre Bimba, filosofia e lógicas africanas da Capoeira” (edição caseira, 247 páginas. Salvador, 1996), cuja leitura eu recomendo, confirma as afirmações de Esdras “Damião”. Na página 111 do mencionado livro, escrito com grande originalidade de

estilo, Angelo Decânio revela dúvidas sobre a tal versão batuqueira e confessa: “*assim, até hoje não tenho segurança...da vinculação da Regional ao batuque*”. Ainda na página 111, o autor professor sobre a “**ORIGEM DA LUTA REGIONAL BAIANA: ...a luta regional baiana está diretamente ligada a alguns fatos históricos da década dos anos 30...à chegada a Salvador dum cearense apaixonado pelas artes marciais...Cisnando Lima...era versado em jiu-jitsu...que lhe fora transmitido pelo Mestre Takeo Yano...e dotado de excepcional vigor físico...ampliado pelos exercícios com pesos...desde a puberdade...praticava halterofilismo com pedras...”. E continua, em negrito: “**...foi (Cisnando) o primeiro aluno branco da classe dominante em Salvador, tornando-se um lutador excepcional...pela agilidade, coragem e força...idealista por natureza...poeta e sonhador...de grande inteligência e cultura...Cisnando logo induziu o Mestre Bimba...a enriquecer o potencial bélico da luta negra...pelo acréscimo de movimentos de outros processos culturais africanos (?)...e alguns...raros...de outras origens...ampliando seus recursos pugilísticos**”...**

Sobre o interessante livro de Decânio valerá citar ainda, por oportuno, o início da página 178 (14. CONCLUSÃO): “*...a Capoeira Regional...é a melhor demonstração da mestiçagem...da tradição africana com os costumes brasileiros... fruto que é do encontro.. dum descendente direto de africanos..com um acadêmico cearense... de ascendência portuguesa...o vocabulário humilde dum semi-analfabeto...enriquecido (?) pela linguagem castiça...dum estudante de medicina...apaixonado pelos clássicos de nossa língua... deu origem aos termos que usamos sem perguntar a fonte... academia... calouro... veterano... formado... formatura... curso de especialização...afilhado... aluno novo... godemi (God'm it!)...suicídio...arpão de cabeça...asfixiante...balão arqueado... meia-lua de frente...meia lua de compasso... ou batizado...paraninfô... quadro de formatura... diploma... homenageado... exame final... demonstração... faltaram apenas... mestrado... docência... tese... cátedra... pesquisa...argui-*

ção...assistente... o dedo branco de Cisanando... apontando o trajeto fulgurante... dum monólito negro... entre duas culturas... que se encontram em campo pacífico! A mão branca de Cisanando...abrindo as portas do Palácio da Aclamação...ao Gigante de Ébano...para exibir às autoridades máximas...do Estado e da República...a força e a habilidade guerreira da raça negra! Os ombros alvos de Cisanando...carregando o acadêmicos das Escolas Superiores...para as “aulas de Educação Física” de Mestre Bimba!

1.8 Jair Moura, entretanto, no seu livro “Mestre Bimba, a crônica da capoeiragem”, de maneira sempre excessivamente apaixonada, insiste na ingênua versão exclusiva do batuque (p. 21): “A Capoeiragem Regional Baiana, também denominada “Luta Regional Baiana”, estruturada e difundida por Mestre Bimba, originou-se da mistura, da aliança, da união e da amalgamação do batuque, então proscrito (proscrito ?), e da capoeira, que tiveram seus golpes aperfeiçoados pela extraordinária capacidade do mestre”.

Bogado, Jair, como você bem sabe, é um velho conhecido e foi, sem dúvida, um dos melhores alunos de Mestre Bimba, mas esta versão batuqueira, mesmo ignorando as versões acima, é praticamente indefensável. Tenho pesquisado o assunto — textos e estudos fotográficos sobre batuque, samba duro e pernada — em quase todo o Brasil e na África — o que mais se aproxima de arte



Berimbau e Batuque:
África, Ilha de Reunion.
(La Selve, 1984)



Pernada Carioca. Editora Três, 1935.

marcial — veja só a coincidência — é a nossa pernada carioca (sem dúvida da família do batuque; também aí, valerá a pena rever o livro de Edison Carneiro: *Sabedoria Popular, A Pernada Carioca*). De qualquer maneira, como homenagem à paixão capoeirística do Jair Moura estou ilustrando este item com três desenhos de batuque, dois do Rio, e um terceiro da África (Ilha de Reunião, Oceano Índico). Não deixando, porém, de lembrar outra importante passagem

no livro do Jair Moura, onde o autor parece confirmar a versão que a “Gymnastica Regional” (ou “Capoeira Regional”) teve como um de seus alicerces o precioso livro de Zuma (“Gymnastica Nacional da Capoeiragem”): “Para o desenrolar das lutas que estava prevendo, **Bimba ressaltou a necessidade da polícia (?) regulamentar essas exhibições, de acordo com as regras compendiadas por Annibal Burlamaqui, ZUMA, no seu trabalho já citado, lançado em 1928, no Rio de Janeiro (Moura, 1991 – pág. 24).**

1.9 André Jansen. Seguindo o exemplo da capital federal, Rio de Janeiro, em 1935, a Bahia resolveu realizar, também, uma série de eventos de luta livre. Os promotores do evento, entendendo que não havia *lutador de capoeira* em Salvador, foram buscar no RIO um dos melhores alunos, de todos os tempos, do famoso Sinhozinho – o jovem André Jansen!

Jansen fez a luta principal da noite da inauguração, enquanto que Bimba com seus alunos, na preliminar, fizeram uma exibição da capoeira “folclórica estilizada”. É fácil imaginar o quanto os capoeiras baianos, realmente interessados em luta, ficaram encantados com a capoeira utilitária de Sinhozinho. Fontes: Jornal *O Imparcial*, Salvador, Bahia (25.10.1935 e 12.03.1936); e Diário de Notícias, RIO (25.10.1935).

2. Sinhozinho e Mestre Bimba, o famoso confronto de 1949

O confronto foi realizado, no Rio, através de alguns excelentes alunos. O elogio serve para os dois lados: Luiz Pereira de Aguiar (Sinhozinho) versus Jurandir (Bimba), e Rudolf Hermann (Sinhozinho) versus Fernando Rodrigues Perez. Havia uma grande expectativa a respeito do grupo de Mestre Bimba que vinha de São Paulo onde, sabe-se agora, teve que aceitar algumas lutas “combinadas” (“Conversando sobre Capoeira”, Esdras Magalhães dos Santos, págs. 4 e 5). Mas, no Rio, continua o autor seria para valer (como foi). Curiosamente, entretanto, livros como o de Jair Moura (já citado) ou de Raimundo Itapoan (“Bimba, perfil do mestre”) omitem o confronto no RIO e as circunstâncias especiais (“marmelada”) das vitórias e derrotas em São Paulo. Ambos biógrafos, aliás, até ao contrário, com base nas lutas combinadas (marmeladas) realizadas em São Paulo, trataram de salientar, em seus respectivos livros, as “sensacionais vitórias e a comprovação definitiva da eficácia da Capoeira Regional como luta...”.

2.1 Jornais e revistas da época, entretanto, registraram o acontecimento de maneira menos apaixonada e mais, digamos, jornalística (*veja em anexo*).

2.2 Mas, como sempre lembro em meus artigos, a História da Capoeira jamais será totalmente conhecida. Até porque, em tese, a *História* é sempre escrita pelos vencedores, não cabendo aos perdedores redigir sequer um parágrafo. No caso em tela, entretanto, além de tentativas capengas, temos uma versão, corajosa e inquestionável, feita por um dos perdedores. Vamos encontrá-la no livro, já mencionado, do Sr. Esdras Magalhães dos Santos. Versão emocionada que ficaria mais jornalística se, além das declarações formais dos Srs. Perez e Garrido, o autor tivesse tido a preocupação de colher, também, uma declaração do Prof. Rudolf Hermann (cujo comportamento desportivo,

ressalte-se, foi elogiado no livro; destaque-se, também, que na segunda edição que o Sr. Esdras está ultimando, o assunto será mais profundamente abordado).

Em resumo, um pequeno grupo de alunos de Mestre Bimba chegou ao Rio, depois de uma tumultuada experiência em São Paulo, onde, pressionados por um mal empresário, tiveram que fazer lutas tipo “marmelada”. Também no Rio, o grupo baiano ficou à mercê dos interesses comerciais do empresário (posso, agora, afirmar que o Sr. Esdras nem imagina o que esse empresário tentou fazer no RIO) mesmo assim, conseguiu uma expressiva vitória inicial — Clarindo vencendo Piragibe (luta livre). O que bastou para o empresário “inventar” nova luta para o mesmo Clarindo (1,85 m, 85 k) com outro lutador de luta livre (Hugo Melo; 1,70 m, 68 k). Nessa segunda luta, segundo o Sr. Esdras, de maneira equivocada o juiz decidiu interromper a luta e dar a vitória para o Sr. Hugo Melo. Segundo, ainda, o Sr. Esdras, mesmo após a decisão do juiz, Hugo Mello tentou recomeçar a luta, talvez em função da “violenta joelhada que levava dirigida aos seus testículos” (p. 15).

Também aqui, Bogado, valeria o Sr. Esdras ter procurado o Sr. Hugo para, jornalisticamente, ouvir a sua versão. É o que eu tenho feito, podendo perceber, de quebra, que o Sr. Hugo Mello é uma extraordinária figura humana. Não sem motivo, portanto, estou tentando convencer ao meu mais jovem velho



Rudolf Hermann, André Lacé e Hugo Mello, Rio, 1998.

amigo telefônico Esdras Damião que, tão logo ele se recupere da delicada operação que fez (julho 2001) ele venha ao Rio; ocasião que tratarei de coordenar um almoço com o Rudolf Hermannny e com o Hugo Mello.

Mas, voltemos ao ringue, realizadas aquelas duas lutas, finalmente, veio o primeiro confronto Sinhô versus Bimba, Jurandir representando a Regional (mas, também, conhecedor de jiu-jitsu) e Luiz Aguiar (Cirandinha) representando a capoeira de Sinhô. Ciranda ganhou, por K.O., no primeiro “round”. Dias depois, foi realizado o segundo confronto, com Fernando Rodrigues Perez representando a Regional e Rudolf de Otero Hermannny (então com 17 anos, precisou de autorização especial do Juizado de Menores) representando a capoeira do RIO. Em menos de três minutos, Hermannny ganhou por nocaute técnico.

Mesmo assim, o combate foi muito elogiado por todos, sendo a derrota explicada pelo Sr. Esdras, com base na existência de um problema físico que perseguia o capoeira Perez (risco permanente de “deslocamento do braço direito na junção com a articulação do ombro”).

Sem querer esgotar o assunto — curiosamente ignorado em todos livros e, sobretudo teses e dissertações doutorais — seria justo citar, ainda, a extraordinária figura do Professor Paulo Amaral, excelente atleta, excelente lutador, excelente pessoa, árbitro de várias lutas e um expectador muito atento da luta realizada entre Luiz Ciranda e Jurandir. Também com o Professor Paulo Amaral, tive a oportunidade de conversar sobre tais confrontos (para detalhes, aguarde o livro).



Hugo Mello, década de 50

André Lacé e Paulo Amaral, Clube Marimbás,
Copacabana, 1997.



Mestres Garrido e Perez, duas valiosas
experiências que precisam ser resgatadas e
homenageadas, ladeiam o jovem mestre de
capoeira Esdras Filho.

Mestre Bogado, escrevendo esta carta, fico imaginando como seria oportuno prestar uma homenagem a essa gente, afinal, todos eles tinham um traço em comum: o amor pela Capoeira. Pense nisto. Aliás, tenho tentado conhecer, até agora sem o menor êxito, os critérios que estão sendo utilizados na Câmara dos Vereadores do RIO para homenagear este ou aquele capoeirista. Na minha modesta opinião, o Rio está devendo uma grande homenagem aos mais antigos. Dos que já se foram, como Juca Reis, Manduca da Praia (apenas um personagem?), Cyríaco, Sinhozinho, Ciranda, Joaquim Gomes (Quim), Carlos Copacabana, Neyder Alves, Stuart Angel (até por razões de cidadania...) e tantos outros, e os que ainda estão dando a sua volta do mundo como os professores Abel Magalhães, Paulo Azeredo e Rudolf Hermann, Mestre Artur Emídio de Oliveira, Mário Santos etc etc, incluindo-se aí o heróico grupo baiano acima citado (Esdras, Garrido, Perez, etc) e os não menos heróicos velhos mestres da Capoeira Angola (por que não?).

Pense nisto, Bogado!

Cordialmente,

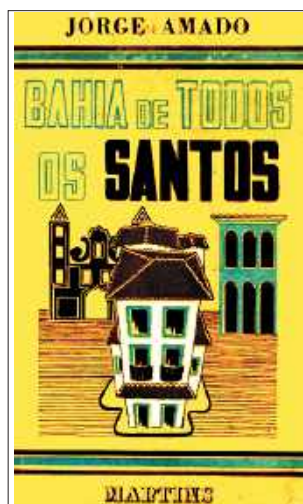
André Luiz Lacé Lopes

ANEXO — Carta / Mestre Bogado, RIO

Apêndice I

Bahia de Todos os Santos, Jorge Amado, Editora Martins, 8ª Edição, 1960, Capítulo “Capoeiras e Capoeiristas”, pág. 210

.....



“Há alguns anos...

Dez capoeiristas dos mais cotados me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova escola de mestre Bimba, que a “regional” não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira “angola”, a única verdadeira. Um deles me afirmou mesmo que não teme absolutamente um encontro com mestre Bimba, apesar de sua fama. Não foi outra a opinião de Edmundo Joaquim, conhecido por Bugalho, mestre de berimbau nas orquestras de capoeira, nome respeitado em se tratando de coisas relacionadas com a “brincadeira”. O mesmo disseram José Domingos e Rafael que mantêm na roça de Juliana uma escola de capoeira, das mais afamadas da cidade. Concorrente da

que se encontra sobre a competente direção de Vicente Pastinha, de quem todos afirmam ser o melhor e o mais perfeito lutador de capoeira angola da Bahia”.

Questão: O que levou Mestre Jorge Amado a permitir o “patrulhamento” desta parte nas edições recentes do seu famoso livro?

Apêndice II

Livreto que acompanha o disco “Curso de Capoeira Regional – Mestre Bimba”; Edição de Lançamento, em 1960, penúltima folha, “A Biografia do Mestre”, Wilson Ribeiro: — “Seu espírito criador fez um aproveitamento da “savata”, “jiu-jitsu”, da “greco-romana” e do “judô”, compondo um método próprio, hoje conhecido como a REGIONAL BAHIANA baseada em 52 (?) golpes”.

Em nova edição do disco & livreto, lançada recentemente, o parágrafo acima foi, também, patrulhado: — “Seu espírito criador compôs um

método próprio, hoje conhecido como a REGIONAL DA BAHIA, baseada em 52 (?) golpes”. Pergunta-se de novo: *ingenuidade?*

É o que sempre lhe digo, Mestre Bogado, a figura extraordinária de Mestre Bimba é intocável, mas o produto “Capoeira Regional” está cada vez mais confuso e mais suspeito, perdendo qualidade dia-a-dia, perdendo, sobretudo, a própria identidade. Virando grife mas, paradoxalmente, perdendo substância, Tanto assim que, de modo matreiro, vem tentando cooptar alguns bons angoleiros. O que prejudica muito a imagem da Capoeira como um todo. Aqui no Brasil e, sobretudo, no exterior onde já se começa a perceber movimentos de independência em relação à capoeira brasileira. Na Europa, já há quem esteja falando em *Capoeira Européia*.



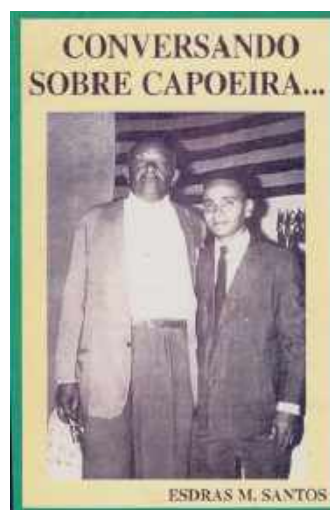
II — Mestre Bimba e alunos em São Paulo, 1949

1. Segundo alguns livros especializados

1.1 “Conversando sobre Capoeira....”. (Santos, 1996 – p. 04).

Quanto ao Autor

Esdras Magalhães Santos — Mestre Damião no mundo da Capoeira — excelente pessoa, advogado, foi especialista da Aeronáutica, vive atualmente em São José dos Campos, São Paulo. Procurou-me após a publicação do meu livro “A Volta do Mundo da Capoeira” e, desde então, tornamo-nos, através de longos telefonemas interurbanos, “velhos amigos da capoeiragem”. Sempre elogiei e elogiarei sempre a coragem e a extraordinária contribuição, dada por Esdras através de seu livro, por força de testemunho tão inquestionável quanto sincero, ético e desassombrado.



Quanto às lutas “combinadas” realizadas em São Paulo

Em seu heróico e histórico depoimento — relevem a repetição — Esdras Santos, após resumir as gestões iniciais para a excursão a São Paulo, passa a explicar as razões pelas quais foram obrigados a fazer lutas combinadas (marmeladas):

“A segunda exibição teve também boa acolhida e certa afluência de público; entretanto, a terceira e quarta foram decepçio-

tes, o que levou o empresário a perceber de pronto que a “novidade” já tinha se tornado conhecida do público que, acostumado a assistir à Luta Livre, desejava agora assistir a um confronto entre aquela e a Capoeira.

O Mestre Bimba foi conversar com o empresário sobre o assunto. Voltou indignado, exclamando “luta só pra valer”. Perguntamos qual o motivo daquela raiva, e recebemos de imediato a resposta: “Imagine que o empresário propôs que fizéssemos “marmelada” (luta exibição) para o público com a Luta Livre. Nunca que eu vou fazer uma coisa desta com a minha luta. E aos berros: “Luta só para valer”. Mais tarde, já um tanto calmo, deu-nos a entender que o empresário lhe falara sobre a impossibilidade de realizar lutas pra valer entre a Capoeira e a Luta Livre, uma vez que se essas lutas fossem realizadas, dentro de uma ou de duas semanas no máximo, ele não teria mais lutadores para continuar com os espetáculos, pois de ambas as partes estariam todos bastantes machucados, e até quem sabe, com lesões graves, fato este que lhe daria um prejuízo considerável. Entretanto, com a realização das Lutas Exibição, seriam feitos vários espetáculos sensacionais para o público com casa cheia e renda capaz de cobrir as despesas decorrentes de nossa remuneração e hotel, além de proporcionar a ele (empresário), um lucro capaz de ressarcí-lo dos gastos já efetuados. Deu-nos estas informações com suas próprias palavras e, ao terminá-las passou a balbuciar baixinho entre os dentes: “Nunca! Luta só pra Valer. Vai ter que ser na Lei do Bode: ou F..ou se F..”!

Pois bem, ante tamanho impasse, lembrou-se o empresário de convidar a mim e ao Garrido para conversarmos levando em conta que os contatos iniciais para a vinda do Mestre tinham sido feitos por nós. Fomos na “moita”, porque ninguém era besta de se intrometer em negócio que era da alçada única e exclusiva dele (Mestre Bimba).

Fizemos ver ao empresário que os termos do contrato referiam-se à realização de Lutas Exibição pelo Grupo, e que estas só poderiam ser entendidas como exibições de Capoeira. Dobrar o

Mestre para que fossem feitas “marmeladas” (nome pelo qual eram chamadas as Lutas Exibições), seria impossível, pois conhecíamos a fundo o seu caráter. Voltamos a conversar com o Mestre como se não tivesse havido nada. Depois de muito papo com ele e os membros do Grupo, decidiu-se que faríamos as Lutas Exibição (marmeladas), entretanto ele, Brasilino (seu compadre) e o Edevaldo (seu filho) retornariam a Salvador, o que de imediato ocorreu, com plena concordância do empresário Jacob.

Ficamos em São Paulo, eu, Clarindo, Garrido, Perez, Juran-dir e Adib. Começamos imediatamente a efetuar o treinamento com o Grupo de Luta Livre, ao todo nove lutadores, na Academia do Kid Jofre, a fim de realizarmos as Lutas Exibição. Compunha-se aquele Grupo dos seguintes elementos: Duro, Menezes, Godofredo, Evaldo, Cabrera, Flávio, Canuto, Arapuá e Nagashima, este último exímio professor de jiu-jitsu. Era uma turma muito boa, de excelentes lutadores, e logo mantivemos uma sã camaradagem entre nós. Eles topavam qualquer briga pra valer, eram bons de “porrada” mesmo, como se diz na gíria, entretanto não tinham o mínimo interesse em se machucar, pelos motivos anteriormente explicados. O que nós da capoeira passamos a perceber, de pronto, foi o fato de que a Luta Exibição era de muito mais difícil execução que a luta pra valer, uma vez que aquela demandava um treinamento acurado, a fim de nos capacitar a exhibir durante a luta golpes espetaculares, acrobáticos mesmos, e destinados a deleitar o público pela sua beleza circense.

A luta exibição (marmelada) nada mais era que uma encenação de golpes previamente ensaiados pelos lutadores, e que tinha objetivo deleitar o público, tentando levá-lo ao delírio mediante a aplicação de golpes sensacionais, tais como balões, tesouras voadoras, pesada no peito, rabo de arraia, martelo, cabeçada, rasteira, bofetões e tapas estridentes. Tudo isso utilizado com uma sincronização perfeita pelos lutadores, objetivando provocar no público o “frenesi” próprio de um combate verdadeiro. Até bolsinha com líquido vermelho poderia ser colocada na boca para ser mordida na

hora certa a fim de causar o espetacular “efeito sangue” no público assistente, seguindo-se de pronto “um rápido atendimento médico” além da retirada imediata do ringue do “lutador atingido” sob gritos e delírios da platéia”.

.

Na seqüência do capítulo, Esdras dá o seu próprio exemplo, prejudicado que foi com uma movimentação combinada que não foi seguida por seu oponente e que acabou provocando-lhe um problema no braço. Em seguida coloca um parágrafo que, fora do contexto do capítulo, dá uma outra idéia em relação à experiência em São Paulo.

Vejamos o parágrafo (pág. 06):

“E com os ânimos tremendamente acirrados pela imprensa, ou seja, fazendo o maior “estardalhaço” junto ao público sobre as qualidades dos Capoeiristas, sua agilidade, seus golpes terríveis, bem como sua capacidade de derrotar qualquer adversário, é que foram realizadas em fevereiro/março de 1949, as exibições de Capoeira e as Lutas Exibição entre os Capoeiras Alunos do Mestre Bimba e os Lutadores de Luta Livre paulistas, no ginásio do Pacaembu (Pacaembuzinho), em São Paulo, Capital”.

Realmente do jeito que foi redigido, o parágrafo dá a nítida impressão que a Capoeira Regional, em confrontos de verdade, saiu absolutamente vitoriosa. **Claro que esta não foi a intenção do autor**, mas que o parágrafo está sendo transcrito em quase todas as teses de pós-graduação e revistas “especializadas” com este sentido, lá isto está...).

Ao final do Capítulo, após transcrever os resultados das diversas noites de “confronto”, Esdras conclui desta maneira a fase paulista:

“Mais duas sessões de lutas foram realizadas, entretanto, já não despertavam o mesmo interesse das anteriores. Lembro-me perfeitamente que na última o público não passou de oitenta pessoas. Este fato levou o empresário a sentir, de pronto, que não tínhamos mais condi-

ções de continuar atuando em São Paulo. Isto posto, fomos enviados para o Rio de Janeiro, onde a “estória” agora iria ser outra...

Esperavam-nos os Capoeiristas do Sinhozinho (Agenor Sampaio) e os lutadores de Luta Livre cariocas, não para fazer marmelada (luta-exibição), mas para lutar no duro, ou como se dizia na gíria: na porrada pra valer!”

Não há como se evitar algumas reflexões sobre essa etapa paulista, especialmente, sobre a decisão de Mestre Bimba que lembra um pouco a histórica decisão do procurador romano, governador da Judéia, Pôncio Pilatos. Bimba “lavou as mãos”, não desautorizou a marmelada, mas também não quis assisti-la. Esdras “Damião”, de maneira sempre firme e cordial, explicou para mim que o retorno antecipado de Mestre Bimba foi uma decisão de consenso, tomada por ele e seus alunos.

Mesmo assim, entendo que Bimba deveria ter permanecido em São Paulo. Por duas razões, por dois motivos tão simples quanto inquestionáveis.

O primeiro é que marmelada, como argumentou muito bem Esdras, tem o seu valor; como espetáculo de arte, e mesmo como espetáculo de luta-exibição requer talento, inteligência e excelente preparo físico. Valendo ainda lembrar que as exposições iniciais do grupo baiano, como acontece até hoje em todas as apresentações da capoeira regional, eram também espetáculos de exibição, de seqüências combinadas, de jogo comedido, de movimentos previamente ensaiados, e não de luta real. Considerando os conhecimentos de Bimba de outras lutas, sua presença, mais do que nunca, teria sido de fundamental importância.

A segunda razão — parece-me — é ainda mais forte que a primeira, pois, finda a fase paulista, seria iniciada a fase sabidamente mais importante. Mais importante porque, no Rio, o confronto seria de **capoeira com capoeira**. Mais até do que isso, o confronto seria entre capoeiras de duas grandes escolas, a escola estilizada regional baiana e a capoeira utilitária de Sinhozi-

nho. A presença do Mestre em momentos como esses, todos sabem, é de suma importância.

Cabem ainda duas considerações sobre essa volta repentina a Salvador. Pois, também aí, a versão de Esdras diverge da que Jair Moura cunhou para o seu livro. Segundo Jair, Bimba não voltou repentinamente por que foi contrariado em sua filosofia de combate, e sim porque tinha um importante compromisso em Salvador. Ou seja, pela versão do biógrafo Moura, Bimba já teria viajado sabendo que teria que abandonar seus alunos no meio de uma viagem importantíssima para o efetivo reconhecimento da Regional em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A segunda consideração talvez seja ainda mais instigante, pois, segundo o livro do biógrafo Jair Moura, ao retornar a Salvador, Mestre Bimba revelou-se absoluta e totalmente empolgado com os resultados alcançados pela capoeira regional. De acordo com o mencionado livro — “Mestre Bimba, a crônica da Capoeiragem” (pág. 28) — em entrevista concedida ao jornal baiano A TARDE (7 de março de 1949) logo após o seu regresso precipitado de São Paulo. Mestre Bimba fez um relato do brilhante desempenho da sua turma, externando mesmo que *“os êxitos alcançados na excursão o convenceram que a capoeiragem iria granjear uma ascendência”* etc.

Definitivamente, alguma coisa não está batendo nessa história. Vamos, pois, ao livro mencionado.

1.2. “Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem” (Moura, 1993)

Jair Moura, autor do livro, ignorando completamente a versão vivenciada de Esdras (luta combinada, luta exibição, marmelada), descreve com grande empolgação o grande sucesso da Capoeira Regional nos confrontos realizados em São Paulo (pág. 28). Vale a pena transcrever alguns trechos:

— “Nesses prélios, teve destacada atuação o capoeira João Clarindo, que pôs a nocaute o praticante de luta livre Cabrera. Outro confronto que entusiasmou a assistência foi o de Jurandir e Flávio. Durante todo o desenrolar da peleja, Jurandir aplicou uma série de rasteiras e diversos golpes com os pés, que confirmaram a sua superioridade, que aniquilou o adversário.

“Noutro encontro entre o adestrado Duro, exímio na luta livre, e o capoeira Garrido, este com rasteiras, rabo-de-arraias, cabeçadas etc, positivou o seu domínio, mas, no terceiro assalto, por azar, desferiu uma joelhada na própria boca, e em consequência ficou tonto, num momento em que se defendia de Duro, que tentava agarrá-lo. Nesta angustiosa situação, percebeu que Duro ia aplicar uma “gravata” e desistiu da continuação.

“Encerrando este emocionante espetáculo, os capoeiristas Damião e Brasilino, fizeram uma bela demonstração, em que proliferaram sensacionais golpes. Damião saiu vitorioso, no segundo assalto, infligindo um demolidor nocaute, decorrente de uma cabeçada”.

E continua Jair Moura, biógrafo apaixonado, consultor de diversas revistas especializadas em capoeira regional e fonte obrigatória de consulta da grande maioria dos textos doutorais que estão sendo paridos nas universidades do mundo:

“Em *A Tarde*, de 7 de março de 1949, encontramos outra nota, referente a uma visita feita por Bimba à redação desse jornal, após o seu regresso de São Paulo, quando reabriu a sua escola no terreiro. Palestrando com o repórter, fez um relato do brilhante desempenho da sua turma, informando que seis, dos seus mais distinguidos alunos, lá permaneceram para cumprir o restante do estipulado no contrato. Bimba externou que, os êxitos alcançados nesta excursão, o convenceram que a capoeiragem iria granjear uma ascendência, uma prepoderância, não só nesta Cidade, pois inevitavelmente, esta escalada da capoeira aos píncaros, seria disseminada por todo o Brasil”.

Relevem, caros leitores, a repetição deste último trecho, mas, definitivamente, alguma coisa não está batendo, certo?

1.3 “Bimba – o perfil do Mestre” (Almeida, 1982)

O autor, Raimundo César Alves de Almeida, a exemplo de Jair Moura, também optou por ignorar, totalmente, a versão apresentada por Esdras Santos (marmelada, luta ensaiada e dramatizada). Mas não deixa de registrar a passagem “vitoriosa” por São Paulo, embora sem a mesma euforia de Moura. Está na página 18 do seu livro:

“Em 1949 (Bimba) vai a São Paulo e lá seus alunos realizam uma série de lutas contra lutadores de outras modalidades, vencendo a maioria delas por nocaute”.

Valerá salientar que o registro acima, do jeito como foi redigido, induz ao entendimento, falso, de que todas as lutas foram vencidas, sendo que “a maioria por nocaute”. Quando não foi esse o acordo. Claro que, a exemplo de um dos trechos do livro de Mestre Damião, comentado páginas atrás, também aqui, a redação pouco clara, não foi intencional. Servirá, entretanto, para remarcar que a língua portuguesa, embora não seja capoeira, sabe lá dar suas rasteiras.

O autor cita ainda algumas manchetes de jornais da época, todas favoráveis aos alunos de Mestre Bimba, e dá o resultados de algumas “lutas”.

1.4 “Bibliografia Crítica da Capoeira” (Almeida, 1993)

Trabalho de pesquisa idealizado e coordenado pelo Sr. Raimundo César Alves de Almeida (Itapoan) com base na sua biblioteca particular. Foi publicado em 1993 com recursos do, então, Ministério da Educação e do Desporto e, também, do Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação (DEFER, Governo do Distrito Federal). A pesquisa contou com um grupo de colaboradores.

Ao final do livro voltaremos a este assunto – *Capoeira, bibliografia crítica* — para efeito deste item, entretanto, bastará informar que também neste trabalho de pesquisa apenas foram

incluídos os registros jornalísticos favoráveis da fase paulista da excursão, e nada sobre a fase carioca.

2. Segundo o vídeo “Pastinha, uma vida pela Capoeira”

O filme de Antonio Carlos Muricy vale a pena ser visto. Muito embora, a parte dedicada a Mestre Bimba mereça uma advertência. Inconscientemente ou não, nessa parte específica, o filme faz uma composição de voz e imagem, muito matreira. Pois, enquanto a voz explica que “Bimba esteve no Rio...fez grandes lutas, com grandes públicos, vencendo com golpes de capoeira etc etc”, as imagens mostram três manchetes de jornais: “Empolgantes combates de luta livre contra a capoeira”; “Capoeira contra luta-livre” e “Capoeira derrota jiu-jitsu”.

Um desses jornais, salvo engano, é de São Paulo e a manchete refere-se as lutas de “marmelada” que foram feitas em 1949, no Ginásio do Pacaembu. As outras duas não há como identificar a origem, mas, definitivamente, não são de jornais do Rio (muito embora a voz em “off” dê essa idéia). Além do que seria desejável esclarecer quem representou o jiu-jitsu nos enfrentamentos com a capoeira regional. Teriam sido os melhores do Brasil na época?

3. Segundo alguns jornais de São Paulo

Considerações Preliminares

Pelas manchetes das matérias, sobretudo pelo texto de cada uma delas é possível fazer algumas observações interessantes e mesmo tirar várias conclusões. Como por exemplo, o registro sobre o tipo de uniforme adotado pela Regional (camisa esportiva, calça com cinto, tênis etc). Importante ressaltar que, nesta época, todos os depoimentos dados por Bimba e seus alunos remaracavam ser a Capoeira Regional uma nova capoeira estilizada, acentuando sempre o mérito da capoeira regional como

luta: “... nada fica a dever ao Box, luta-livre ou jiu-jitsu...” (Gazeta Esportiva, 08.02.1949).

Pode-se notar, também, claramente, a disposição de Bimba mostrar, em São Paulo e no Rio, a superioridade da luta regional frente às demais lutas. O que, definitivamente, não ocorreu.

Mas, vamos às reportagens:

DAS BRIGAS DE RUA PARA O TABLADO

A capoeira, perigosa arma dos arruaceiros baianos e cariocas, vem se transformando em esporte — A contribuição de mestre Bimba, que estilizando a capoeira dos tempos atuais, criou a luta regional — Exibições no Estádio do Pacaembu em fevereiro

AGÊNCIA LUX FOLHA DA NOITE 1ª EDIÇÃO - S. PAULO 3 - JAN 1949

Mestre Bimba, o rei da capoeiragem

De temível desordeiro a professor — Das brigas de rua ao tablado — Medicos, advogados, estudantes e militares, seus atuais alunos — Estilizando a capoeira, mestre Bimba criou um esporte brasileiro — Breve estará se exibindo no ginásio do Pacaembu — Varias



Há tempos passados sempre que alguém se referia a um capoeira, era empregando um vocabulo como designativo de desordeiro, tal a má fama atribuída aos que a praticavam, geralmente como capangas.

O povo, porém, não deixava de julgar o capoeira criatura quase sobrenatural, diante das façanhas que o consagravam.

Com o respeito da propria policia, tornaram-se temíveis os mais famosos capoeiras, principalmente os do Rio de Janeiro e da Bahia.

Dotados de um fisico forte e de incrível agiltidade, os capoeiras, aproveitando-se dessas qualidades, faziam alarde de sua valentia, notabilizando-se como terríveis arruaceiros.

A cronica policial da época conta as proezas do “moleque 13”, Bentinho, Resouro, Zé da Pinta, Porreta, Joca Capanga e tantos outros que deram mesmo trabalho à policia.

Valendo-se do “rabo-de-asa” das-

(Continua na 2ª pagina).

Damião, Garrido e Batista de Souza, contando à nossa reportagem as proezas de “mestre Bimba”, o rei da capoeiragem.

AGÊNCIA LUX CORREIO PAULISTANO S. PAULO 7 - JAN 1949

Legenda da Foto acima: Damião (Esdras), Garrido e Batista, contando à nossa reportagem as proezas de Mestre Bimba, o rei da capoeiragem”.

AMANHÃ, NO GINÁSIO DO PACAEMBU'

Cinco sensacionais embates entre capoeiras

Mestre Bimba irá demonstrar que a capoeira nada fica a dever ao box, luta-livre ou jiu-jitsu

Amadores e capoeiras dedicados aos estudos vão ao ginásio de apresentar pela primeira vez em São Paulo, uma exposição de capoeiragem, com a participação dos mestres Bimba e Mestre Bimba, discípulo do famoso mestre Bimba.

Devido levadas a efeito cinco lutas, no dia de amanhã, portanto, sem fogueira, pois a capoeira, exige muito espaço para os "brigantes" se espalharem à vontade. São dez capoeiras, profunda conhecedoras desta modalidade de defesa pessoal regional da Bahia, utilizada por Mestre Bimba, e que vão demonstrar ao público paulistano o quanto vale este esporte, não só na defesa pessoal, como também no ataque.

O trabalho do capoeira não se resume apenas em golpes com os pés, mas também em movimentos de braços e pernas, para dar golpes perigosos e de grande efeito. A agilidade de um capoeira é de enorme valor. Um dia destes assistamos a um treino de Garrido e Damilte e, confiamos, ficamos admirados com a agilidade desses dois jovens capoeiristas. Em



AGÊNCIA LUX | A GAZETA ESPORTIVA S. PAULO | 8 - FEV 1949

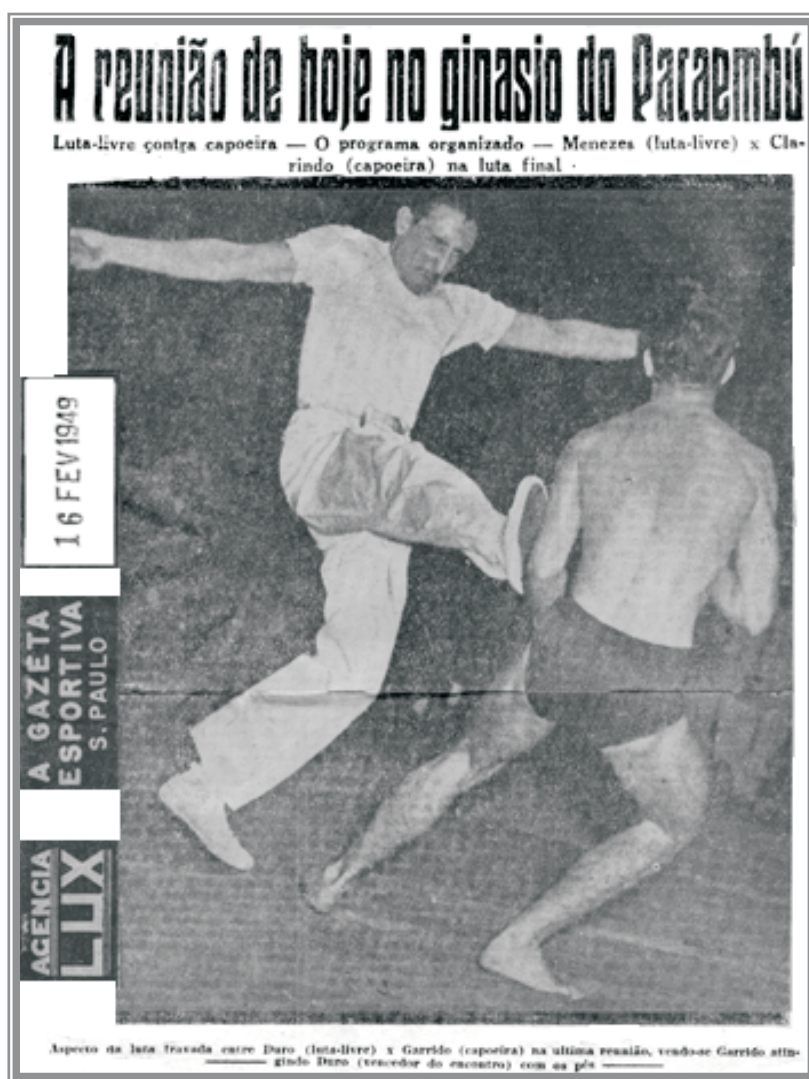
Comentário do Autor:

Mais uma vez, vale apontar a preocupação de se vender a Regional como uma *capoeira estilizada*. Acentuando sempre, também, o mérito da capoeira regional como luta: "...nada fica a dever ao box, luta-livre ou jiu-jitsu..." (Gazeta Esportiva 08.02.1949)

AGÊNCIA LUX | CORREIO PAULISTANO S. PAULO | 9 - FEV 1949

Curiosidade geral pela reunião de capoeiragem hoje à noite no ginásio do Estádio do Pacaembú

"Mestre Bimba" apresentará oito dos seus melhores alunos — O programa compõe-se de cinco lutas



Manchete da Foto ilustrativa: *Aspecto da luta travada entre Duro (luta livre) x Garrido na última reunião, vendo-se Garrido atingindo Duro com os pés.*

Manchete da sub-legenda: Luta-livre contra Capoeira — Menezes (Luta-livre) x Clarindo (Capoeira) na luta final.

OS CAPOEIRAS DO RIO QUEREM LUTAR EM SÃO PAULO

Agenor Sampaio, o popular Sinhozinho
lança um desafio aos pupilos do Professor Bimba

Transcrição da Reportagem

Rio, 18 (Dep. A Gazeta) – As exhibições de capoeiragem, que estão se realizando em São Paulo, entre vários capoeiras pertencentes a Academia do famoso Professor baiano Bimba, e que tão grande sucesso está alcançando na Capital bandeirante, despertou como é natural vivo interesse nesta cidade, que tem também o seu foco de capoeiras, e conhecedores portanto dos segredos desta modalidade de luta misto de africano e brasileiro. Dentre estes, destaca-se a figura do velho Agenor Sampaio, o conhecido Sinhôzinho, professor da luta livre e capoeiragem, possuindo destarte uma Academia deste gênero de esporte em Copacabana. Sinhozinho esteve ontem em visita ao nosso Departamento no Rio de Janeiro, em companhia de Augusto Cordeiro, professor de jiu-jitsu e de seus alunos Luis Pereira Aguiar e Rudolf Hermannny, O Objetivo da visita de Sinhozinho foi o de lançar por intermédio de A GAZETA ESPORTIVA um desafio aos capoeiras que estão se exibindo em São Paulo para a realização na Capital bandeirante de uma série de lutas com os dois alunos pois está certo que os mesmo farão boa figura.

Não quer recompensas pecuniárias pois os seus alunos são amadores apenas exige o pagamento de passagens e estada. Agenor Sampaio mostra-se portanto interessado em realizar este cotejo pois deseja mostrar que temos aqui no Rio de Janeiro, capoeiras exímios, elementos portanto conhecidos desta modalidade de lutas que celebrou Mestre Bimba.

GAZETA ESPORTIVA. 19 de fevereiro de 1949

III — Os alunos de Mestre Bimba no Rio, 1949

1. Segundo alguns livros especializados

1.1. “Conversando sobre Capoeira...” (Santos, 1996 – pág. 17)

.....

“Cumpre ressaltar, a bem da verdade que este confronto jamais deveria ter sido realizado. O Perez, apesar de ser um exímio capoeirista, um verdadeiro gato (seu apelido), pela sua agilidade e precisão nos golpes, sofria de vez em quando durante a luta, de um deslocamento do braço direito na junção com a articulação do ombro, ao efetuar um salto ou uma negaça violenta, fato esse que o deixava durante alguns segundos inoperante, até que ele mesmo colocasse o braço no lugar. Apesar desse impasse, portou-se com uma dignidade e coragem sem precedentes. Ao ser escalado para a luta apenas disse: “aceito lutar, sou eu e pronto”.

Em face de tal atitude só nos restava torcer para que tudo corresse normal, pois tínhamos total confiança em sua agilidade, coragem e presteza na aplicação de golpes e contra golpes. No dia da luta, realizamos o mesmo roteiro de sempre. Ida para o pavilhão no centro do Rio de Janeiro. E às 20 horas lá estavam em seus cantos do ringue, o Perez e o Hermannny, aguardando o soar do gongo e o sinal do juiz para iniciar o combate. Dado o sinal, ficaram os dois lutadores estudando-se nos vais e vens do gingado. Hermannny de início desferiu um martelo. Perez esquivou-se e também desferiu seu martelo. Hermannny também esquivou-se, defendendo-se do golpe. Em dado momento aconteceu aquilo que todos nós sabíamos possível, mas que de forma alguma desejávamos que ocorresse. O Perez ao esquivar-se em negaça de um golpe, deslocou o braço conforme anteriormente explicitado. Curvou-se um pouco acusando dor, em razão do deslocamento havido. Tentou a todo custo colocar o braço no lugar. Hermannny foi fidalgo à toda prova. Ficou observando mas

não bateu. Poderia tê-lo feito tranquilamente, uma vez que a luta era pra valer e como ele não sabia do que se tratava, poderia entender como uma “manha” para atraí-lo. O juiz aproximou-se do Perez, tomou conhecimento do que ocorria, suspendeu a luta e deu a vitória ao Hermannny por nocaute técnico. Mas uma volta, tristes e silenciosos para as instalações do São Cristóvão Esporte Clube. Em homenagem à fibra e destemor do companheiro vencido, encerramos todo e qualquer comentário sobre a luta. O papo agora era a volta para cidade de Salvador, Bahia. Os futuros comentários...as rodas de capoeira deviam estar fervendo, como estaria o povo baiano que lera as notícias sobre as lutas nos jornais? E o Mestre Bimba e alunos como nos receberiam?

Comentários do Autor

Conversei muito com o Rudolf e com o próprio Esdras sobre esse significativo confronto da capoeira de Sinhozinho com a capoeira Regional. Muito embora, todos nós saibamos que um confronto apenas não representa muito, mesmo assim, cabem algumas reflexões.

A primeira delas é óbvia: se o resultado fosse justamente ao contrário teria havido uma grande festa na Bahia e, até hoje, o feito estaria sendo cantado em apaixonadas “ladainhas” ao som do berimbau. Com algumas ironias a respeito da luxação do ombro do perdedor que, nesta hipótese, seria o Hermannny...

A segunda, mais séria, é que conversando com o Professor Hermannny, colhi uma versão ligeiramente diferenciada. Houve troca de golpes, sim; houve ginga e movimentação. E, neste espaço de tempo, Hermannny teve a oportunidade de exercitar os ensinamentos de Sinhozinho. Este registro é importante, pois não tenho a menor dúvida de que a Capoeira-Luta está parada no tempo (muito discurso, muita exibição, muito livro, muita tese doutoral, mas nenhuma comprovação prática). E a única maneira de retomar essa faceta é não minimizar ou mesmo esconder experiências que possam vir a dar boas contribuições para a evolução da capoeira como arte-marcial. A estratégia que Hermannny utilizava em relação às mãos do adversário, por exemplo, mereceria um capítulo a parte. Por que não aproveitar tanta sabedoria e eficácia?

1.2 “Mestre Bimba – A Crônica da Capoeiragem”. (Moura, 1933)

Após elogiar, como anotamos páginas atrás, as grandes vitórias dos alunos de Bimba nas “lutas” em São Paulo, curiosamente, o biógrafo Jair Moura silencia a respeito das lutas (“pra valer”) realizadas, em seguida, no Rio de Janeiro. Nem mesmo uma palavra. Estranho.

Possivelmente pela ausência de Mestre Bimba (fez muita falta, como qualquer um pode imaginar, a seus alunos-lutadores), mas, mesmo assim, a excursão quase heróica desses jovens destemidos deveria (deverá) ser mencionada em qualquer trabalho de pesquisa sobre Mestre Bimba & Regional.

Para não ser injusto com Jair Moura há que se registrar, em seu livro, uma pequena nota, com ilustração, sobre o confronto no Rio. Ou melhor, sobre o que poderia ter sido um significativo desdobramento desta experiência. Na página 29, logo após registrar o “retumbante sucesso” da Capoeira Regional em São Paulo, Moura dedica um pequeno espaço sobre o confronto de Clarindo (excelente capoeira, aluno de Bimba) com René, lutador de luta livre, do Rio. O confronto era o coroamento de um convite que o próprio Clarindo fizera, ainda no Rio, ao lutador carioca. Ao lado do texto foto de Clarindo treinando com Mestre Bimba para a mencionada luta. Menos mal, mas, também aí, curiosamente, Jair Moura não menciona o resultado do confronto e muito menos, capoeiristicamente, o analisa.

1.3. “Bimba – Perfil do Mestre” (Almeida, 1982)

Outro biógrafo de Bimba, Sr. Raimundo César Alves de Almeida, segue as pegadas de Jair Moura: elogios à fase São Paulo, silêncio absoluto quanto à fase Rio de Janeiro. Nem mesmo uma palavra. Igualmente estranho.

1.4 “Bibliografia Crítica da Capoeira”. (Almeida, 1993)

Também neste livro de pesquisa nenhum registro sobre esse importante confronto no Rio de Janeiro.

2. Segundo o vídeo “Pastinha, uma vida pela Capoeira”

De maneira pouco clara, como também já resumimos páginas atrás, combinando de maneira confusa, manchetes de jornais e uma voz em “off”, o filme louva as virtudes de Mestre Bimba e da capoeira regional. Menciona São Paulo e até mesmo o Rio, mas sem nenhuma precisão e, muito menos, citando, claramente, os confrontos com a Capoeira de Sinhozinho.

Comentário do autor:



Impossível discordar de Mestre Damião: “marmelada” requer muito conhecimento de luta e muita cautela. E o genial e saudoso chargista Périckles, através do seu “Amigo da Onça” (Revista O Cruzeiro, 26.04.1953), mostra e demonstra muito bem esta realidade. Além do que, os profissionais de “marmelada” são profissionais como qualquer um. O que não me parece certo é escrever biografias exaltando vitórias onde, na verdade, só houve uma teatralização competente e bem intencionada. Tal prática – biografias fantasiadas – pode até invalidar um eventual bom trabalho, pois se uma parte é falsa, é possível que outras também o sejam. Mestre Bimba não precisa nem merece isto. A Capoeira Brasileira, de um modo geral, também não.

3. Segundo os Jornais do Rio

3.1 Antes dos confrontos



– Transcrição da Reportagem –

Não há quem, interessado na vida desportiva da cidade não conheça o Sinhozinho, o veterano atleta que fazia dos golpes de força verdadeiras maravilhas de arte.

Sinhôzinho tem sua escola e seus alunos. Ouvindo que os capoeiras da Bahia presentemente no Rio, se apresentavam como os maiores do país, logo contestou a afirmação pois ele também se considera um grande capoeirista e conta com alunos de extraordinária habilidade. E daí o desafio lançado por Sinhozinho, dentro do melhor espírito esportivo pois o veterano desportista que jamais se ligou a explorações ou a “marmeladas” não quer senão que haja uma prova. Prova leal ampla da verdadeira classe que os seus e os alunos de mestre Bimba possuem naquela Arte Brasileira de Defesa.

Essa luta será realizada sábado entre o pupilo de Sinhozinho, o jovem e valente atleta Luiz Aguiar de magníficas condições físicas e atléticas e Jurandir o aluno preferido de mestre Bimba, que além de acadêmico na Bahia é considerado o mais técnico capoeira daquele Estado.

A luta será realizada no Estádio Carioca, Avenida Passos, sábado próximo, às 21 horas.

Com o passado de Sinhozinho é de esperar uma luta real e brilhante sob todos os pontos. Sendo que esse veterano desportista tem a sua palavra empenhada de que seu aluno vai para as cabeceiras.

ESPETACULO INEDITO NO PUGILISMO METROPOLITANO MESTRES DE "CAPOEIRA GEM" EM CONFRONTO!!

Jornal O Radical, Rio de Janeiro, 18 de março de 1949.

– Transcrição da Reportagem –

A Federação Metropolitana de Pugilismo, a entidade que sob a presidência do capitão Euzébio de Queiroz Filho se firmou em todo o sentido, levantando de forma brilhante o nível dos espetáculos de "rinha", numa demonstração de seu esforço, vem de conseguir a participação de legítimos mestres de capoeira em espetáculo que fará realizar amanhã sábado 19, no Palácio Metropolitano de Esportes, às 21 horas.

Para muitos a "capoeiragem" é ainda uma briga de arruaceiros e totalmente desconhecida, só vivendo de referências em crônicas policiais. Entretanto, apesar, de ser uma luta dura e violenta, é cheia de golpes espetaculares e de características especiais, girando quase todos na função dos pés. Golpes de "capoeiragem" existem que superam os melhores recursos do box e da luta-livre, e em vez de "hooks", "super-cuts", "cross", "jabs" e "diretos" ou gravatas, "chaves", "torções", "estrangulamentos", "tesouras" etc., golpes já bastante conhecidos dos amantes dos esportes de "ring" e apreciadores dos combates de box e luta-livre, teremos oportunidade de ver, aplicados por legítimos conhecedores, golpes como "rabo de arraia", "corta capim", "rasteira", "banda", "sapinho", "benção", "meia-lua de compasso" e muitos outros.

A "Capoeiragem" já teve seus dias de grande glória no Rio de Janeiro e as crônicas antigas estão cheias de contos e histórias de "capoeiristas" que criaram fama e se tornaram temidos no meio dos

“valentes” da cidade. Embora a origem da “capoeiragem” não tenha sido ainda investigada, não se duvida de ser uma luta genuinamente brasileira, tendo pontificado no século passado no Rio e na Bahia.

Nos pródromos da República, os capoeiristas eram conhecidos e também muito respeitados, inclusive pela polícia, pois se tornavam os “guarda-costas” dos políticos se constituindo em cabos eleitorais que decidiam “seções” a golpes de “capoeira”, em que a navalha constituía o argumento final. Sampaio Ferrz sustentou verdadeira luta para eliminar os “Nagoas” e “Guaiamus” que eram dois fortins dos mais temíveis “capoeiristas”, cuja identificação se fazia pela grande “aforinha” onde escondiam a navalha” era temida pois só era praticada pelos bandoleiros e capadócios da cidade, a escoria da valentia.

Entretanto, os golpes de capoeiragem pela sua eficiência e potencialidade se equivalem aos demais esportes e daí a orientação atual de regulamentar esse esporte, essencialmente brasileiro, trazendo-o dentro de certos princípios para os “rings”.

Não duvidamos em que esse espetáculo se constitua em mais uma legítima vitória da entidade carioca e é de se esperar que teremos em breve sensacionais espetáculos desse novo esporte de “ring” com o aparecimento de legítimos ases.

PROGRAMA

.....

Os “capoeiristas” que intervirão no programa são naturais da Bahia, e aprimoraram seus conhecimentos com o famoso “Mestre Bimba” considerado o expoente máximo na “capoeiragem” estilizada (grifo do autor).

Comentário do Autor:

1. Segundo alguns, não foi propriamente um confronto, mas uma exibição da capoeira regional.
2. Segundo os Mestres Esdras e Garrido (contato telefônico) esse programa inicial, por razões circunstanciais, acabou sendo modificado.
3. De qualquer modo, a programação atraiu a atenção dos capoeiristas do Rio que reafirmaram o desejo de um confronto com a capoeira estilizada baiana.



— Transcrição da Reportagem —

A apresentação dos discípulos de Mestre Bimba, o renomado capoeirista baiano, temido e respeitado em todo o Norte do país, não causou a sensação esperada. Não compreendendo que pelo fato de se tratar de alunos de um mesmo mestre e assim orientados num mesmo ritmo, julgou a assistência presente que a capoeiragem “não resolve” e que os capoeiristas serão presa fácil de nossos lutadores num confronto no ring.

Assim é que o terrível Piragibe, o irrequieto “catcher”, antes mesmo da apresentação dos capoeiristas pediu licença ao comandante Queiroz, presidente da entidade, para lançar um desafio aos alunos de Mestre Bimba. Verificada que a pena que estava cumprindo Piragibe terminaria sexta-feira, o presidente da Federação autorizou que Piragibe lançasse o seu desafio, desde que a luta ti-

vesse lugar depois de cumprida a pena que estava sujeito Piragibe pelo seu comportamento na luta de domingo último no Rink Coberto de Patinação.

Após o combate dos capoeiristas outros amadores que atuam em nossos ringues procuraram o diretor técnico da entidade Metropolitana e revelaram o desejo de “ver de perto”, isto é, em cima do ring qual seria o resultado do confronto entre as duas lutas, a livre e a capoeiragem.

Também o popular Sinhozinho, o maioral da capoeiragem acadêmica carioca, lançou um desafio para demonstrar a superioridade da capoeira carioca sobre a regional baiana.

Como se vê, os baianos se meteram numa camisa de onze varas e terão que provar que além de estilistas – e isso fizeram com elevadíssima classe (**demonstração que fizeram de luta combinada**), lutam de fato, imediatamente e contra qualquer um, De fato, imediatamente, aceitaram os desafios lançados e marcaram para domingo o primeiro confronto.

3.2 Confronto Luiz Aguiar “Cirandinha” (Sinhozinho) versus Jurandir (Bimba)

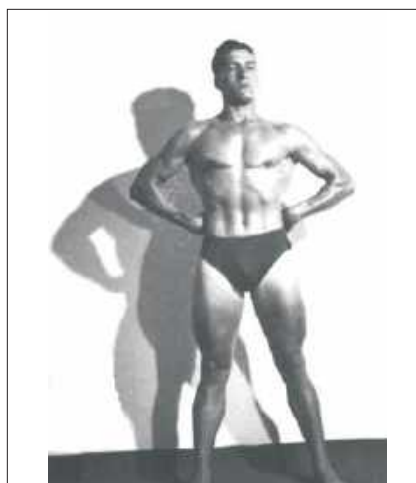
— Ilustrações Iniciais



Luiz Aguiar



Luiz Aguiar e Senhora



Hermann e Luiz Aguiar



Luiz Aguiar

— *Algumas Reportagens*

Jornal Globo Esportivo, RIO — Rio, 1º de abril de 1949.

Transcrição da Reportagem

A capoeiragem, durante muito tempo, imperou no Brasil. No Rio, sejamos justos, nos velhos tempos, há bem uns 30 anos, quando havia realmente valente na cidade, todos eles eram capoeira exímios.

Naquela época, um valente contava nos recursos de suas pernas e brigava de verdade. Não bebia copos e copos de cachaça, antes, para tomar coragem, quando se dispunha a brigar, nem usava qualquer arma.

Tínhamos, no Rio antigo, realmente valentes. Agora temos facínoras. Apenas. Por isso, quando surgiram uns baianos na cidade, dispostos a reviver a capoeiragem, o público ficou na expectativa.

É que a história da cidade nos mostra um “Camisa-Preta”, magro, mas valente de verdade. Era capoeira exímio. Foi assassinado, traiçoeiramente, pelo cabo Elpídio que assassinara, tempos antes “Leão da Noite”.

Os historiadores se lembram o que foi o famoso “GALEGUINHO DA SAUDE”, que só armava seus barulhos fiado na destreza de suas pernas. E uma vez, depois de surrar vários policiais, se apossando de um sabre de um deles, pois também a po-

*lícia, nesses tempos, não atirava e não matava, deu trabalho insano e depois de dominado seguiu para o Distrito Policial amarrado num carrinho de mão.**

Por isso é natural que se sinta grande interesse pela luta que acaba de ser concertada, sem conchavos; sem vergonheiras.

E a questão é a seguinte: os capoeiras baianos se exibiram há pouco aqui. No dia em que fizeram a luta, um cavalheiro desafiou o vencedor, Jurandir, e este mandou o desafiante para o pronto socorro com 14 pontos.

Em face do novo desafio feito ao veterano Agenor Sampaio, Sinhosinho, que sempre foi mestre em capoeiragem e tem um curso com elementos de valor, mas da sociedade, relutou para aceitar o desafio.

Mas terminou aceitando e designou um dos seus alunos: Luiz Aguiar. E amanhã, do duro, teremos uma autentica luta de capoeiragem. E os baianos então demonstrarão se têm ou não classe.

*Esse episódio, rotineiro na vida do famoso Caranguejo da Praia das Virtudes, repetiu-se em Salvador, décadas mais tarde, quando Mestre Bimba enfrentou um grupo de soldados (policiais).

O Sensacional Cotejo De Capoeiragem

O Carioca Luiz Aguiar Contra O Baiano Jurandir, Esta Noite, No Estadio Carioca



É finalmente hoje que teremos o sensacional "tira-dúvidas", resultante do desafio do veterano mestre Sinhôzinho contra os alunos do famoso "Mestre" Bimba. Como já é do domínio público, Sinhôzinho que é um dos remanescentes da capoeiragem carioca apresentará seu jovem e forte aluno Luiz Aguiar contra o técnico aluno de Bimba, Jurandir, para decidir a superioridade da capoeiragem nacional.

A luta será realizada no Estadio Carioca, à avenida Passos, às 21 horas.

Com o passado de Sinhôzinho é de esperar uma luta real e brilhante sob todos os pontos, sendo que esse veterano desportista tem sua palavra empenhada de que seu aluno val para as cabeceiras.

Como preliminar deste sensacional duelo, teremos nova apresentação do capoeira contra luta livre, apresentando como das mais empolgantes o confronto entre Clarindo e Hugo Melo.

O programa é o seguinte:

Primeira luta — Panthera Rulva (catcher) x Az de Ouro (catcher).

Segunda luta — Perez (capoeira) x Lobo (catcher).

Tercera luta — Garrido (capoeira) x Tubarão (catcher).

Quarta luta — Clarindo (capoeira) x Hugo Melo (catcher).

Final — Jurandir (capoeira) x Luiz Aguiar (capoeira).

Luiz Aguiar, o jovem pupilo de Sinhôzinho

O GLOBO SPORTIVO, aparece todas as sextas-feiras em todas as bancas de jornais

Jornal dos Sports, 2 de abril de 1949, pág. 5.

Venceu O Capoeira Carioca

LUIZ AGUIAR DERROTOU JURANDIR POR K.O.

Jornal dos Sports, 3 de abril de 1949, pág. 5

– Transcrição da Reportagem –

Promovido pela Federação Metropolitana de Pugilismo realizou-se ontem à noite, no Estádio Carioca, o interessante espetáculo misto de luta livre e capoeiragem, onde constava como atração principal a luta-desafio entre o capoeira baiano Jurandir e o carioca Luiz Aguiar, discípulo de Sinhozinho, um dos remanescentes da capoeiragem guanabarina. Desta feita, os capoeiras baianos não foram felizes, pois tanto na luta livre, como no cotejo de suas especialidades perderam no confronto. O próprio Clarindo, considerado o mais técnico dos pupilos de mestre Bimba, perdeu para Hugo Melo, por um golpe de estrangulamento, muito embora a sua derrota tivesse sofrido restrições, pois o capoeira baiano não se conformou com a decisão, alegando que não havia dado as pancadas características da desistência. Nós mesmos temos as nossas dúvidas com referência ao fato, embora grande número de assistentes tenha afirmado que, evidentemente, Clarindo havia batido. Ademais, o capoeira baiano ao levantar-se não denotava nenhum indício de que tivesse sido vítima de qualquer golpe de estrangulamento, pelo contrário achava-se em condições perfeitas de continuar a luta.

A LUTA FINAL

A luta final entre Jurandir e Luiz Aguiar revelou maiores qualidades do capoeira carioca, que além de físico superior demonstrou maiores conhecimentos mais destreza e agilidade. Num dado momento, quando a luta se desenvolvia mais acentuadamen-

te, Jurandir foi atingido com um pontapé na barriga, caindo a se contorcer em dores e acusando golpe baixo. Chamado o médico da Federação, este constatou a inexistência de golpe ilícito, e como Jurandir se mostrasse incapacitado em prosseguir na luta foi Luiz Aguiar dado como vencedor por KO

OS RESULTADOS EM GERAL

Os resultados das lutas de ontem foram os seguintes:

Luta extra – Catch – Pernambuco x Az de Ouro – venceu Az de Ouro por estrangulamento pela frente no terceiro round

1ª luta – Perez (capoeira regional de Mestre Bimba) x Lobo (luta livre) – vencedor Lobo, por estrangulamento pelas costas, no terceiro round

2ª luta – Tubarão (luta livre) x Garrido (capoeira regional, Mestre Bimba) – venceu Tubarão, por estrangulamento pela frente, com tesoura de rins

3ª luta – Hugo Melo (luta livre) x Clarindo (capoeira regional, Mestre Bimba) – venceu Hugo Melo com estrangulamento

4ª luta – Jurandir (capoeira baiano regional, Mestre Bimba) x Luiz Aguiar (Cirandinha, Capoeira de Sinhozinho, RIO) – Vencedor Luiz Aguiar por K O no 1º round

3.3 Confronto de Rudolf Hermannny (Sinhozinho) versus Fernando Perez (Bimba)



Globo Esportivo, Rio, 7 de abril de 1949.

— Transcrição da Reportagem —

Graças à colaboração do empresário E. L. Dias que pôs o Estádio Carioca, à Av. Passos, à sua disposição, a Federação de Pugilismo programou para hoje, as semi-finais do seu interessante Campeonato Carioca de Luta Livre Olímpica, com sete combates que prometem ser disputados com verdadeiro entusiasmo.

Dando oportunidade aos capoeiristas baianos que se despedem do público carioca, assentiu a Federação em que na mesma noite se realizasse uma segunda parte compreendendo lutas de catch e capoeira, em que a última será travada entre os mais estilistas dos alunos de Mestre Bimba — Perez e o fortíssimo carioca Hermannny, que é considerado por seu mestre, o conhecido Sinhozinho, como um expoente da capoeira.

O PROGRAMA

O Programa geral será o seguinte, a ser iniciado às 21 horas: Primeira parte: — Campeonato Carioca de Luta Livre Olímpica — Primeira — Penas: Afonso C. Soares x Ezio de Souza Pires; segunda — penas: Deusdet Rodrigues x Raimundo Regadas; terceira — leves: Moacir Betini x Leidevaldo Madureira; quarta — leves: Wilson Geraldez x Lourival Nasimento; quinta — meios médios:

J.L. Teixeira x Ivo R. Lemos; sexta – meios médios: Fernando Cardoso x Jorge J. Corta; sétima – meios médios: Joaquim Aguiar c Rubend Hurtado.

Segunda Parte: — Espetáculo misto. Oitava: Peruano (catch) x As de Ouro (catch); Nona – Lobo (catch) x Garrido (capoeira regional, Mestre Bimba); décima – Perez (capoeira regional, aluno de Mestre Bimba) x Hermannny (capoeira carioca, aluno de Sinhinho).

O ESPETÁCULO INAUGURAL DE BOX

O Espetáculo Inaugural do Campeonato Carioca de 1949 de Box Amador, estreantes, será realizado sábado, dia 9 às 21 horas, também no estádio da Avenida Passos.



— Transcrição da Reportagem —

Dando oportunidade aos capoeiras baianos que se despediam do público carioca, a Federação Metropolitana de Pugilismo realizou ontem interessante espetáculo misto, no qual houve de tudo; luta livre, catch e capoeiragem, o que constituiu uma noite atracente. O “clou” do programa era, indubitavelmente, o cotejo de capoeiragem entre o baiano Perez e o carioca Rudolf Hermannny,

discípulo de Sinhozinho. A luta entre ambos, embora tivesse durado menos de três minutos agradou. Ambos evidenciaram fibra, valentia e destreza e disposição para a luta. Todavia é justo que se destaque a atuação do capoeira carioca que, apesar de menino ainda, pois conta apenas com 17 anos de idade, evidenciou notáveis conhecimentos dos segredos da capoeiragem, muita agilidade, patenteando assim indiscutível superioridade sobre o baiano.

Quando a luta tomava maior incremento e se revestia de aspecto empolgante Perez foi colhido por violento pontapé no braço direito, deslocando-o o que impossibilitou de continuar a luta. Venceu assim Rudolf Hermannny, por desistência do adversário.

O resultado geral das lutas foi o seguinte:

FINAL – Perez (capoeira regional, aluno de Mestre Bimba) x Rudolf (capoeira carioca, Sinhozinho) – venceu Rudolf Hermannny por desistência.

Comentário do Autor:

A Capoeira foi a grande vitoriosa, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, pois ganhou muita experiência. Experiência que foi, injustamente, penalizada com o esquecimento. Para muitos, simplesmente, ela não aconteceu. Alguns outros optaram por uma versão fantasiosa. Uma fantasia que perdura até hoje. Com isto a Capoeira Regional parou no tempo, perdeu sua bússula (créditos para o Dr. Ângelo Decânio), passou a viver de fantasia e marketing.

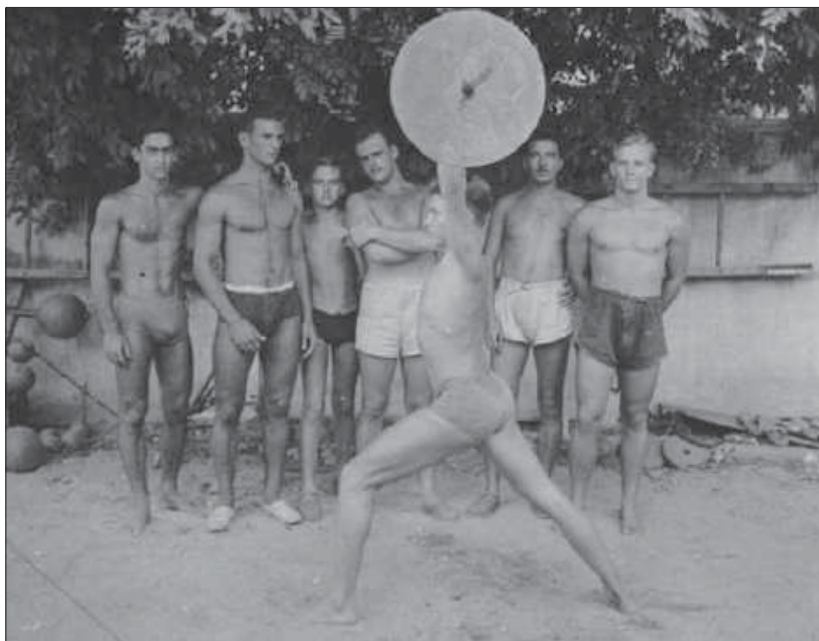
Um dos projetos que estou propondo ao final deste livro, além de possibilitar corrigir esta injustiça feita com a Regional e com os dom quixotes que participaram da mencionada incursão ao Sul Maravilhoso, terá, também, como propósito retomar e potencializar os ensinamentos de Sinhozinho e Bimba a respeito da Capoeira-Luta.

Sexto Capítulo

Rudolf Hermannny

I — Ilustrações Iniciais. II — Quem é Rudolf de Otero Hermannny. 1. Segundo Ruy Castro. 2. Segundo Mário Peixoto. 3. Internet, Site: <http://home.openlink.com.br/rohermannny>. III — O Evento dos Pro-Flagelados – Algumas Reportagens da Época. 1. Antes das Lutas. 1.1. Alunos dos Gracie versus lutadores “avulsos” – Vai valer tudo no Estádio do Vasco; 1.2 Só não podem Matar! 2. Depois das Lutas: 2.1 O “Vale-Tudo” de Ontem, Pro-Flagelados Rudolf Hermannny e Carlson Gracie – impressionantes!; e 2.2 O Sangue dos valentes ensopou a quadra de cimento do Estádio do Vasco. Comentários do Autor IV — O Confronto com Mestre Artur Emídio de Oliveira. 1. Duas palavras sobre Mestre Artur. 2. Três Reportagens sobre o evento. 2.1 Capoeira Sensacional! Venceu Hermannny por Nocaute-Técnico”. 2.2 Ontem, no Palácio de Alumínio – Vitória espetacular de Hermannny. 2.3 Declara Hermannny: “Emídio Lutou pelo Relógio!”

I — Ilustrações Iniciais



Clube do Sinhozinho – levantamento de peso. No fundo, da esquerda para a direita: Carlos Madeira (primo do Tom), Paulo Amaral, Rudolf Hermann, Haroldo Cunha, Jayme Vitamina e Bube (Johan Assinger). Na frente: Tom. Ipanema, Rio, 1945.



Cassio Fernandes, Rudolf Hermann e Lindolfo Nascimento. Rio, Abril, 1947.



Rudolf Hermann, Ipanema, Rio, 1999.



Família de Arthur Hermann, 1957.
No fundo, da esquerda para a direita: Rudolf, Arthur, Corina, Hermano Freire, Thereza, Tom Jobim e Bruno Hermann. À frente: Paulo Jobim, Elizabeth, Arthur Hermann e Carminha.



Bruno Hermann e seus pais, Elizabeth e Arthur Hermann.

Bruno, irmão de Rudolf, entre outros títulos desportivos, foi bi-campeão mundial de pesca submarina.



Grupo de Mestres e alunos do GARZA'S MARTIAL ARTS ACADEMY de League City: quando da exposição de Bea Hermann Grant a NIDAN (segundo grau de faixa-preta). Texas, agosto de 2002.



Rudy Hermann, USA,
2001.



Gabby
Hermann.
USA, 2001.



Arly Sergipana, entre Sandra
e Rudolf Hermann. Café
dos Sábios, Itaipava –
abril/2001.



Professores Rudolf Hermann, Abel Magalhães e André Lacé.
Ipanema, Rio – ago. 1998



Mestre
Suassuna e
Hermann,
Rio, 2001.



Gabby e Beatriz, Texas,
USA, 2002. E Capoeira?



Alípio Amaral, José Fernandes, Rudolf Hermann e
Luiz Alberto Mendonça. Aniversário do Prof.
Hermann, almoço de confraternização. Ipanema,
Rio, 16 de agosto de 2001.



Marcus André, Mehdi, Santo Marzulo, Rudolf Hermann e Luiz Carlos Ewal.



Hugo Mello,
Paulo Ernesto
Ribeiro,
Rudolf
Hermann e
José
Fernandes.



Aniversário do Prof. Rudolf Hermann, almoço de confraternização: alguns de seus amigos (todos excelentes desportistas)



Santo Marzulo, Pedro, Enzo Confetura, Paulo Servo Costa, Hélio Marques e Arthur Duarte. Aniversário do Hermann, almoço de confraternização. Ipanema, ago/2001.

II — Quem é Rudolf de Otero Hermannny!?

1. Segundo Ruy Castro (Castro, 2001 — pág. 162)

Responda rápido: entre os dois, quem era o atleta? Antônio Carlos Jobim ou Rudolf Hermannny, futuro campeão pan-americano de judô? Por incrível que pareça, no começo era o Tom. Quando os dois eram adolescentes em Ipanema, Tom fazia capoeira e ginástica em aparelhos na academia do lendário SINHOZINHO, enquanto Rudolf vivia trancado em casa, de óculos, lendo Júlio Verne e Karl May. Mas Tom namorava Thereza, irmã de Rudolf, e convenceu-o a se exercitar um pouco com o mestre da capoeira carioca.

Em pouco tempo, Tom preferiu concentrar-se no piano e Rudolf tornou-se o maior discípulo de Sinhozinho. Aos dezessete anos, em 1949, mandou para o pronto-socorro o campeão baiano de capoeira, Fernando Perez, com dois minutos de luta. Os capoeiristas baianos, alunos de mestre Bimba, eram até então invencíveis e se achavam os únicos capoeiristas do Brasil. Não entendiam como um carioca tão fino e educado podia estar demolindo seu campeão com aqueles coices-de-mula, tesouras, rasteiras e rabos-de-arraia tão mortíferos.

Mas a verdadeira especialidade de Rudolf foi o judô. Conquistou individualmente todos os títulos nacionais e, em 1960, integrou a equipe brasileira campeã do Pan-Americano no México. Em 1966, Rudolf levou sua longa experiência em educação física ao futebol e foi o preparador da seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo em Londres. Naquela Copa, ele era o homem ideal para fazer o Brasil enfrentar o “futebol-força” prometido pelos europeus. Mas o time brasileiro era velho e confuso e não passou da primeira fase. Rudolf então voltou para sua Academia Hermannny, que fundara em 1958, na Rua Visconde de Pirajá, e dedicou-se a fazer o que faz até hoje: formar legiões de novos atletas.

2. Segundo Mário Peixoto (Peixoto, 1999 – págs.: 164/166)

Rudolf Hermannny – Rudolf de Otero Hermannny (São Paulo, SP, 16.8.1931) — Filho de Arthur Hermannny e Elizabeth de Otero Hermannny. Desportista, educador físico, responsável técnico de vários destaques do judô nacional. Foi considerado um dos melhores discípulos de Sinhozinho em capoeira. Ipanemense de raízes. Estudou no Colégio Mello e Souza, no Liceu Fluminense de Petrópolis e no Instituto Jurvena. Licenciou-se em Educação Física pela Escola Nacional de Educação Física e Desporto da então Universidade do Brasil, em 1950 e graduou-se Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia daquela Universidade, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Interessado em desportos de luta praticou diversas modalidades entre as quais o box, a capoeira e o judô, esta na qual alcançou maior destaque, tendo conquistado títulos estaduais, nacionais e, por equipe, um campeonato pan-americano. Na capoeira, venceu: Fernando Perez (Academia Mestre Bimba) em luta desafio (1948); Artur Emídio em luta desafio (1953). Empatou com Guanair Gial (Academia Gracie) em vale-tudo (1953). No judô, integrou a equipe do Judô Clube Augusto Cordeiro, campeão carioca de 1954 e 1963; campeão carioca individual em várias oportunidades. Campeão Brasileiro do 1º Dan 1954; vice-campeão brasileiro 3º Dan 1959; campeão brasileiro do 3º Dan 1961; integrante da equipe brasileira campeã pan-americana em 1960, no México. Professor de Recreação e Jogos do antigo Distrito Federal; Técnico em Educação Física no Estado da Guanabara; Especialista em Educação no Estado do Rio de Janeiro; Professor de Educação Física do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio; Assessor para Judô da Confederação Brasileira de Pugilismo; Diretor Técnico da Federação Guanabarina de Judô; Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Judô; Auxiliar de Ensino na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil; Professor Associado da Universidade Federal do Rio de

Janeiro; Chefe da Cadeira de Lutas da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ; Preparador Físico da Seleção de Futebol da CBD (1964/1966); Diretor Técnico da Confederação Pan-Americana de Judô; Diretor da Academia Rudolf Hermann (Ipanema – Rio de Janeiro); Árbitro da Federação Internacional de Judô.

3. Internet, Site: <http://home.openlink.com.br/rohermannny>

A PÁGINA DE RUDOLF HERMANNY
GINÁSTICA — JUDÔ — CAPOEIRA — MASSAGEM SHIATSU —
SINHOZINHO — CORDEIRO — PRIMEIROS CAMPEONATOS
BRASILEIROS — III PANAMERICAN JUDO CHAMPIONSHIP

Nascido em S. Paulo, a 16 de Agosto de 1931, filho de Arthur Hermann e Elizabeth de Otero Hermann, Rudolf de Otero Hermann estudou no Colégio Mello e Souza, no Liceu Fluminense de Petrópolis e no Instituto Juruena. Licenciou-se em Educação Física pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da então Universidade do Brasil, em 1950, e graduou-se Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia daquela Universidade, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ATIVIDADES ESPORTIVAS

Interessado em desportos de luta, praticou diversas modalidades entre as quais o box, a capoeira e o judô. Foi no judô que alcançou maior destaque, tendo conquistado títulos estaduais, nacionais e, por equipe, um pan-americano.

DESTAQUES

Capoeira:

Venceu Fernando Perez (Academia Mestre Bimba) em luta desafio (1948)

Venceu Arthur Emídio em luta desafio (1953)

Empatou com Guanair Gial (Academia Gracie) em vale-tudo (1953)

Judô:

Integrou a equipe do Judô Clube Augusto Cordeiro Campeã Carioca de 1954 a 1963

Campeão Carioca Individual em várias oportunidades

Campeão Brasileiro do 1º Dan 1954

Vice-Campeão Brasileiro do 3º Dan 1959
Campeão Brasileiro do 3º Dan 1961
Integrante da Equipe Brasileira Campeã Pan-americana em 1960, México.

CARGOS E FUNÇÕES EXERCIDOS

Professor de Recreação e Jogos do antigo Distrito Federal
Técnico em Educação Física no Estado da Guanabara
Especialista em Educação no Estado do Rio de Janeiro
Professor de Educação Física do Ministério do Trabalho Ind. e Comércio
Assessor para Judô da Confederação Brasileira de Pugilismo
Diretor Técnico da Federação Guanabarina de Judô
Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Judô

Sobre SINHOZINHO

Paulista, nascido em Santos, em 1891, Sinhozinho passou a residir no Rio de Janeiro na década de vinte, tendo sido instrutor da Polícia Especial e da Polícia Municipal. Faleceu no Rio de Janeiro em 1962. Sinhozinho foi treinador em vários clubes cariocas, entre eles o Helênico Atlético Clube, em 1924, o América Futebol Clube, em 1926, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, em 1926, Clube de Regatas do Flamengo, em 1934, e Fluminense, 1936, ministrando ginástica, lutas, atletismo e, até, futebol (América).

Sobre AUGUSTO CORDEIRO

Augusto de Oliveira Cordeiro foi um dos pioneiros do judô no Rio de Janeiro e líder da organização deste desporto no Brasil em seus primeiros anos. Deve-se, em grande parte, a seus esforços a realização dos primeiros Campeonatos Cariocas e Brasileiros de Judô, agindo junto as Federação Metropolitana e Confederação Brasileira de Pugilismo que, então, controlavam os desportos de combate, incluído o judô. Foi fundador da Federação Guanabarina de Judô, hoje Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro, e da Confederação Brasileira de Judô, da qual foi presidente durante muitos anos.

Foi junto à Associação Budokan de S. Paulo que aprimorou seus conhecimentos de judô, tendo sido um dos primeiros brasileiros a estudar no Instituto Kokokan de Tóquio, onde permaneceu durante uma temporada. Sua Academia, que posteriormente passou a chamar-se Judô Clube August-

to Cordeiro, situada em Copacabana, liderou durante uma década os Campeonatos Cariocas e forneceu elementos para a formação de equipes representativas do Brasil.

Sobre RIUZO OGAWA

Nascido no Japão a 10 de agosto de 1881, Riuzo Ogawa chegou ao Brasil a 23 de abril de 1934, indo residir no interior do Estado de S. Paulo com sua família. Em 1938, instalou sua academia na Capital, dando início ao que mais tarde viria a ser a Associação Budokan, que disseminou o ensinamento do judô por inúmeras cidades deste estado, e de outros.

A maioria dos primeiros campeões brasileiros de judô foi iniciada, ou receberam sua influência dos ensinamentos deste grande mestre. Com seu falecimento, seu filho Matsuo Ogawa deu prosseguimento a sua obra. Na geração seguinte, seu neto Hatiro Oswaldo Ogawa veio a se revelar um grande campeão, conquistando títulos regionais, nacionais, sulamericanos. Culminou com a conquista do Campeonato Panamericano em 1976.

Primeira Comissão Técnica da Confederação Brasileira de Judô, formada pelos professores: Rudolf Hermannny, Naito, Augusto Cordeiro, Ninyomya, João Yamamoto, Petrúcio Monteiro e Yoshio Kihara.

PRIMEIROS CAMPEONATOS BRASILEIROS DE JUDÔ

ANO	CIDADE	F.-MARROM	1 DAN	2 DAN	3 DAN	ABSOLUTO
1954	Rio de Janeiro	João Yamamoto S. Paulo	Rudolf Hermannny Rio de Janeiro	Hidenobu Shiozawa S. Paulo	Masayoshi Kawakami S. Paulo	Masayoshi Kawakami S. Paulo
1961	Rio de Janeiro	Takeshi Miura S. Paulo	Carlos B. Cavalcanti Rio de Janeiro	Haruo Nishimura S. Paulo	Rudolf Hermannny Rio de Janeiro	Masayoshi Kawakami S. Paulo

FEDERAÇÕES ESTADUAIS CAMPEÃS BRASILEIRAS

1959 — RIO DE JANEIRO — Equipe: Luiz Raymundo Machado, Shunji Hinata, Masamitsu Togashi, Luiz Alberto Mendonça e Rudolf Hermannny.
1960 — RIO DE JANEIRO — Equipe: Shunji Hinata, Rudolf Hermannny, Luiz Alberto Mendonça, Luiz Raymundo Machado, Carlos Tiba e Osmar Vieira.

III CAMPEONATO PANAMERICANO DE JUDÔ — MÉXICO — 1960

EQUIPE CAMPEÃ	BRASIL	Masayoshi Kawakami, Shunji Hinata, Rudolf Hermannny e Luiz Alberto Medonça
EQUIPE VICE-CAMPEÃ	ARGENTINA	Ireneo Morel, Vadino, Hideo Yamasato e Vahac Poladian
CAMPEÃO ABSOLUTO	CANADÁ	Manfred Matt
VICE-CAMPEÃO	BRASIL	Masayoshi Kawakami
CAMPEÃO DO 4º DAN	BRASIL	Masayoshi Kawakami
CAMPEÃO DO 3º DAN	CANADÁ	Manfred Matt
VICE-CAMPEÃO 3º DAN	BRASIL	Shunji Hinata
CAMPEÃO DO 2º DAN	BRASIL	Luiz Alberto Mendonça
VICE-CAMPEÃO 2º DAN	ARGENTINA	Vahak Poladian
CAMPEÃO DO 1º DAN	ARGENTINA	Ireneo Morel
VICE-CAMPEÃO 1º DAN	VENEZUELA	Jorge Lugo
CAMPEÃO DANGAI	ARGENTINA	Hideo Yamasato
VICE-CAMPEÃO DANGAI	BRASIL	Alvaro Loureiro
PAISES CONCORRENTES	Argentina, Brasil, Costa Rica, Venezuela, México e	Cuba, Panamá, Bermudas, Canadá.

ACADEMIA RUDOLF HERMANNY

A Academia Rudolf Hermannny funcionou de outubro de 1958 a março de 1995 em Ipanema. Inicialmente, só com judô, no prédio da Casa de Nossa Senhora da Paz, mudando-se para o número 585 da rua Visconde de Pirajá em 1969, quando passou a ter atividades de ginástica e musculação. Seus alunos disputavam sob a denominação Judô Clube Rudolf Hermannny e tiveram destacada atuação nos Campeonatos Cariocas durante os anos em que competiram. Entre eles podemos citar: Alípio Fernandes do Amaral, Ricardo de Oliveira Campos, Arnaldo Barroso, Francisco Cassinelli, Roberto

Lins de Albuquerque, Ademar Luiz dos Santos, Jorge Ferreira de Sá, Luiz Carlos de Britto Ewald, Eleusis do Carmo, Sérgio Augusto Machado Pinto, Mario Daltro Lemos, Valquenares Corrêa de Oliveira, Antônio Mendonça Silva, Santo Marzullo, Nivaldo Pereira de Resende Filho, Petrúcio de Queiroz Monteiro, Renato e Alvaro Lemos, Luiz Otávio Pinheiro, Carlos de Tasso Cavalcanti, Olímpio Uchôa Vianna, Antônio Cezar Amarante, Roberto Agápio de Aquino, Frederico de Mello Tude, José Carlos Teixeira, Vanderley Fernandes, Carlos e Paulo Cezar Uchôa, Sebastião Rosa, José Alves, Fernando Cavalcanti, Pedro Corrêa de Araújo, Luiz Carlos Vital, Luiz Carlos Queiroz, Márcio Villaça, Marcos Uchôa, Cláudio L. Koeller Lins, Ricardo Augusto de Abreu, Luiz Alfredo E. Taunay, José Fernandes, Bruno Hermann, Luiz Amâncio dos Santos etc... Mais de 5000 alunos passaram pela Academia, nos cursos de judô, ginástica e musculação.

ATUALMENTE Rudolf Hermannny orienta as atividades de Ginástica na ACADEMIA SHOTO-KAN, em Ipanema, Rua Visconde de Pirajá 585/201 Tel. 021- 2259-4847l	e atende, particularmente, para Massagem Shiatsu pelo Tel. 021-2521-1093 E-mails: rudolf.hermannny@imagelink.com.br rohermannny@openlink.com.br
--	---

LINKS

BRUNO HERMANNY; JUDÔ MEHDI; LUIZ ALBERTO MENDONÇA; ALÍPIO F. DO AMARAL; FEDERAÇÃO DE JUDÔ RJ; SINHOZINHO; JUDOBRASIL; ANDRÉ LUIZ LACÉ LOPES.

ACADEMIA SHOTO-KAN KARATÊ -DO TRADICIONAL — GINÁSTICA — MUSCULAÇÃO	Professores HIROYASU INOKI PAULO GÓES
HORÁRIOS KARATÊ: SEG — QUA — SEX: 16:40 — 18:00 — 19:00 — 20:15 TER — QUI: 08:30 — 20:15 INFANTIL: TERÇAS — QUINTAS / 18:50	GINÁSTICA SEG — QUA -SEX 7 — 10 TER — QUI 7 10:30 MUSCULAÇÃO DE SEGUNDA À SEXTA DE 6:30 ÀS 12 DE 14 ÀS 20

III — O Evento dos Pro-Flagelados

1. Algumas Reportagens da Época

1. Antes das Lutas

1.1 Alunos dos Gracie versus...



UM “RABO DE ARRÁIA” – Luz Aguilar num sensacional flagrante. Aplicando um “rabo de arráia” em Rudolf Hermann. Esses dois jovens serão os adversários dos Gracie, na luta desafiante que (se não houver desistência por parte dos Gracie...) deverá terminar com a lenda da invencibilidade do menino Carlson. Sábado, no campo do Vasco da Gama será realizado o encontro, embora tenhamos quase certeza de que surgirá uma “irregularidade” qualquer de “última hora” a fim de evitar o “va-le-tudo”.



— Transcrição da Reportagem —

Na A.B.I., ontem, às 20.45, teve lugar a sessão para debates e assentamentos dos pontos dos programas de lutas a serem travadas entre alunos da Academia Gracie e cultores de outros gêneros de luta, não enquadrados em qualquer academia ou filiados a qualquer escola.

Os trabalhos se desenrolaram sob a presidência do major Justino Vieira, secretário geral da Federação Nacional de Pugilismo, que enalteceu o caráter filantrópico dos programas, cuja renda se destina aos flagelados nordestinos

AS LUTAS

Não haverá regras para as lutas; só com o massacre de um dos contendores será posto fim ao combate por um “apartador” neutro.

Duas noites serão cumpridas no estádio do Vasco da Gama, uma a 17 e outra a 21 deste mês, às 21 horas.

É o seguinte o programa para a noite de 17:

1º) Demonstrações feitas por elementos da Polícia Especial;

2º) Primeira Luta: Manuel Maciel (avulso) x Robson Gracie;

3º) Semi-final: Rudolf Hermann x Guanair;

4º) Final: Luiz Pereira de Aguiar x Carlson Gracie.

Os preços serão Cr\$20,00, para arquibancada e Cr\$ 100,00 para cadeiras.

1.2 Só não podem matar!

Primeiro grande espetáculo de “vale-tudo” em benefício dos flagelados, entre alunos da Academia Gracie e conhecidos desportistas — Verdadeira tourada humana, se-



Luiz Aguiar e Rudolf Hermann, grandes capoeiristas, em pleno treinamento para as lutas de amanhã, contra os campeões da Academia Gracie.

melhante às lutas dos circos romanos – O preço dos ingressos.

Terá lugar amanhã, com início às 21 horas, no campo do Vasco, em São Cristóvão, o primeiro espetáculo de “vale-tudo” em benefício dos flagelados.

*Conforme temos noticiado, defrontar-se-ão os melhores alunos da Academia Gracie contra nomes populares de outros esportes de ataque e defesa, como, por exemplo, os conhecidos capoeiristas Luiz de Aguiar e Rudolf Hermann, Wilson de Oliveira, expoente de luta-livre amadorista, e outros desportistas. Veremos lutas impressionantes....o regulamento é bem claro: diz apenas – **vale tudo!***

Será proclamado vencedor aquele que conseguir por o adversário “knock-out” por soco, estrangulamento ou queda, lhe quebrar a perna ou um braço, ou em condições físicas que, mesmo querendo, o juiz veja que não pode continuar a luta. Em suma, veremos uma repetição dos antigos e famosos espetáculos das arenas romanas, com uma diferença apenas: os homens entrarão no “ring” desarmados.

RESTRIÇÕES

De bom grado, O POPULAR não pode concordar com um espetáculo dessa natureza, que não têm nada de esportivo, não passando de mera exibição de bravura pessoal e valentia. Nosso representante na comissão organizadora do certame sugeriu fossem proibidos certos golpes altamente perigosos e degenerescentes, mas, tanto os professores Hélio e Carlos Gracie, como os lutadores que vão enfrentar os melhores alunos de sua Academia de Jiu-Jitsu preferiram a extrema violência.

A Polícia consentiu na realização do espetáculo, por se tratar de um meio de angariar dinheiro para os flagelados.

AS LUTAS

Para o primeiro programa estão marcados três lutas: Robinson Gracie contra Manuel Maciel (“Tatuzinho”), praticante de luta-livre; Rodolfo Hermann, capoeirista, contra Guanair Gomes da Academia Gracie; e Luiz Aguiar (“Cirandinha”), também capoeirista, contra o campeão desta Academia, Carlson Gracie.

Antes dessas lutas, serão realizadas demonstrações de luta-livre entre atletas da Polícia Especial. Será juiz de todas as lutas o instrutor de Educação Física desta corporação, o conhecido desportista Paulo Amaral.

No próximo dia 21, provavelmente no Estádio Maracanã, será realizado o segundo espetáculo.

OS INGRESSOS

Os ingressos, ao preço de 20 cruzeiros a arquibancadas e 100 cruzeiros a cadeira especial, serão colocados a partir de amanhã à venda, nas bilheterias do Vasco da Gama e vários pontos da cidade. Não haverá entrada franca a não ser para os lutadores e autoridades esportivas e policiais de serviço no local. Como se trata de uma iniciativa em benefício dos flagelados nordestinos, até a Comissão Organizadora, constituída, de jornalistas, pagará ingresso. Toda a renda para o conveniente destino será entregue à L. B. A.

Quem quiser, portanto, ajudar os nossos irmãos nordestinos e ao mesmo tempo enfrentar as emoções de uma verdadeira tourada humana, com rapazes adestrados em jiu-jitsu, capoeira e luta-livre se degladiando ferozmente, sem qualquer vislumbre de acomodação (ou melhor, “marmelada”) pode comparecer, que sairá satisfeito do campo do Vasco!

2. Depois das Lutas

2.1 O 'Vale-Tudo' de Ontem...



Jornal O Popular, Rio de Janeiro, 18 de março de 1953.

– Transcrição da Reportagem –

Constituiu um autêntico, porém selvagem espetáculo a noite de "vale tudo" realizada ontem no Vasco em benefício dos flagelados nordestinos. Há muitos anos o Rio não via coisa igual. Um espetáculo chocante, duas horas de brutalidade. Como a palavra diz, valia tudo mesmo.

Foi o que se viu. Há a ressalvar, porém, que todos os lutadores que tomaram parte (três da Academia Gracie e três avulsos), num belo exemplo de cavalheirismo evitaram os golpes anti-desportivos e degenerescentes, tais como o dedo nos olhos do adversário, dentadas e outros ainda piores.

Na primeira luta, o jovem Robson Gracie venceu, sem grande dificuldade a Manuel Maciel ("Tatuzinho") por estrangulamento pelas costas, aos dois minutos. Impressionou bem a agilidade de Robson e a bravura com que os dois se empenharam. Do ponto de vista técnico, porém, não se viu nada de extraordinário. Para os seus 16 anos, Robson, porém, aponta para um futuro promissor.

UMA GRANDE SURPRESA

Rudolf Hermannny, capoeirista e principiante de judô (jiu-jitsu) da Academia do prof. Augusto Cordeiro, fez com Guanair Gial Gomes, da Academia Gracie, a segunda luta da noite.

Hermannny quase nada entende de jiu-jitsu, sendo, porém, capoeirista. Seu adversário, mais forte, com cerca de três anos de prática de luta-livre e no fim do curso de defesa pessoal da Academia Gracie, era o franco favorito. Rudolf, porém, lançando-se à luta com extraordinária coragem, e fazendo valer no chão o pouco que já aprendeu com o mestre Cordeiro, alterou a situação. Depois de atingir o adversário com vários pontapés na cintura, atracaram-se, indo para o chão. Guanair, mais pesado e lutando nesse meio, dominou-o por alguns instantes e por duas vezes tentou fazer com que ele fosse a “knock-out”, batendo-lhe fortemente com a cabeça no cimento da quadra de basquete que servia de “ring”. Rudolf tonteou e quase perde. Mas, num solavanco forte, desfez a posição vantajosa do adversário, levantando-se os dois.

*Guanair, em vez de atacá-lo rudemente em pé, aproveitou o cansaço de Rudolf para retirar a blusa do “kimono”, oferecendo uma chance de ser bem agarrado, **que Rudolf, esportivamente, não quis aproveitar.** Novamente os dois trocaram socos e pontapés em pé; voltando a luta no chão, com Guanair “montado” sobre Rudolf, mas preso entra as pernas do capoeirista.*

Nessa posição, dominados pelo cansaço e recuperando forças para uma arremetida definitiva, os dois ficaram quase uma hora. Rudolf nessa posição castigou severamente seu adversário com socos e cuteladas no pescoço e nas costelas, e pés nas costas, pondo-o quase prostrado. A luta prendia a atenção de todos sem que fôsse definida. À medida que o tempo ia passando acentuava-se uma vantagem que Rudolf, pouco a pouco, ia adquirindo sobre o adversário. Faltando-lhe força, no entanto, para o golpe derradeiro.

RECUSOU O EMPATE

Carlos Gracie quis dar a contenda por terminada, proclamando-se um empate. Hermannny, porém, recusou, preferindo ir até a desistência. O público nessa altura aclamava delirantemente, pela sua extraordinária fibra, o jovem capoeirista.

EMPATE

Como a luta demorasse em ser decidida, resolveram as autoridades policiais presentes, de comum acordo com os “segundos” dos dois rapazes, dar a luta por encerrada, sendo proclamado o empate. O numeroso público presente aclamou demoradamente Rudolf Hermannny, que foi, carregado em triunfo na pista. Merecia ter vencido, o que só não conseguiu por conhecer ainda pouco a luta de chão em que os Gracie e seus alunos são peritos.

UMA LUTA EMPOLGANTE

Seguiu-se a terceira e última luta, reunindo Carlson Gracie e o capoeirista Luiz Aguiar, esportivamente conhecido como “Cirandinha”. Foi a luta mais empolgante da noite, durando oito minutos.

“Cirandinha” e Carlson, logo de início, realizaram violenta troca de ponta-pés e socos, numa movimentação impressionante. Dado momento, “Cirandinha” agarra Carlson, aplicando-lhe violenta queda, que, por pouco não põe fim à luta. Logo em seguida, dá-lhe um forte murro, que faz Carlson tontear. O campeão da Academia Gracie, porém, é um lutador de grandes recursos e extraordinária resistência. “Cirandinha”, com o adversário quase des-norteado, não soube ou não pode aproveitar a oportunidade, por estar, também, extenuado.

Carlson recupera forças com rapidez e, daí por diante, passa a comandar a luta. Levando o adversário para onde quer, agredindo-o fortemente e procurando cansá-lo. “Cirandinha” reage, atraca-se com ele, os dois vão para o chão. Mas, não consegue dominar

por muito tempo o rapaz que se livra de seu peso para, instantes depois, arrastá-lo para o chão, onde domina por completo. Carlson tem grandes recursos de luta no chão. Percebe-se que “Cirandinha” perde as forças. Carlson castiga-o com uma saraivada de socos e cotoveladas e se prepara para aplicar-lhe uma chave de braço, quando o “segundo” do capoeirista manda o juiz parar a luta. “Cirandinha” estava extenuado, prostrado ao chão, com consciência, mas sem forças para oferecer resistência ao adversário.

Carlson é proclamado vencedor, merecidamente. Embora tivesse apanhado mais, soube jogar com a sua resistência e arrojo nos momentos necessários, cansando o adversário. “Cirandinha” deu-nos a impressão de que não estava, não obstante a sua grande vantagem de corpo e músculos, fisicamente preparados para uma luta com um adversário do quilate de Carlson, rapaz que se aprender melhor a luta em pé (aplicação de queixadas), em que falhou várias vezes, dificilmente será vencido por adversários da mesma categoria.

O povo aclamou-o também, demoradamente.

RENDA

O espetáculo rendeu a importância de Cr\$ 86.150,0 que serão pelos jornalistas organizadores do torneio, entregues a LBA e por esta aos flagelados nordestinos.

COOPERAÇÃO DA COMISSÃO DE RACIONAMENTO

Deve-se ressaltar a cooperação dada pela Comissão de Racionamento que, reconhecendo a alta finalidade do espetáculo, concordou em que fossem acesos em caráter extraordinário, dois conjuntos de refletores do estádio do Vasco da Gama, iluminando o “ring”.



Rudolf Hermann, elegante e perigoso, aplica uma pernada de capoeira num aluno da academia Gracie.



Depois de um combate duro, no curso do qual patenteou a sua fibra, Hermann recebe um abraço amigo.

Revista CRUZEIRO – RIO/RJ, 4 de abril 1953

Comentários do autor

Creio que não há o que discutir, pois, sem sombra de dúvida, os eventos acima, devidamente registrados pela imprensa, foram os mais representativos da boa prática da Capoeira-Luta. Particularmente o confronto entre Hermann / Gial, pela ferocidade e pelo tempo que levou (mais de uma hora). Nada parecido com as teatrais *voltas do mundo* de hoje em dia, onde o capoeira, mais um artista, tenta se passar por uma espécie de **ninja cabocla**. ***Voltas do Mundo*** que, na grande maioria das vezes, não duram mais do que um minuto, quando muito, terminando quase sempre de maneira melancólica com os dois falsos guerreiros enroscados no chão, sem saber o que fazer.

Tampouco fará sentido comparar tais eventos com qualquer outro ocorrido, décadas atrás, fora dos limites da Cidade-Capital do Rio de Janeiro. Incluindo-se aí os famosos confrontos realizados em Salvador, na década dos 30, onde Bimba venceu outros capoeiras e, também, lutadores de outras lutas. Segundo alguns especialistas em capoeira regional, Bimba teria ganho nesta ocasião um segundo apelido – **Três Pancadas** – pois não precisava mais de três golpes para vencer qualquer adversário, capoeirista ou não. Claro, teoricamente, sempre será possível aceitar que, se ao invés de Rudolf Hermann, o adversário de Guanair, ou mesmo de qualquer Gracie, fosse o capoeira Bimba, também aí, teriam bastado apenas três pancadas para o mestre baiano terminar a fatura. Sem jamais duvidar do mérito de Bimba, extraordinária figura humana (fiz com ele uma longa entrevista, em 1965, para meu programa na Rádio Roquette Pinto, no Rio de Janeiro), tenho para suas vitórias uma outra versão. Claro que Bimba foi um exímio e valente capoeira, mas o êxito obtido em seus confrontos deveu-se, basicamente, a dois fatores: 1. Sua admirável assimilação de alguns bons aspectos da capoeira utilitária do Rio de Janeiro (que gerou forte reclamação de seus oponentes), e 2. O nível não exponencial dos lutadores de jiu-jitsu que teve de enfrentar (pois os melhores, por motivos óbvios, estavam no Rio de Janeiro).

Sinhozinho também era um vencedor, não apenas em capoeira, e, o que é extremamente importante, era um formador de campeões (não apenas em capoeira).

Bimba, em que pese a cautela acima, foi também um campeão, mas não formou nenhum campeão, nenhum lutador de capoeira. A menos que se considere os registros duvidosos, fantasiosos encontrados na literatura e no “folclore” da regional.

Tais reflexões, longe de reduzir ou eliminar, aumentam o mérito da heróica excursão feita por Bimba com seus alunos em 1949 (São Paulo com o mestre, Rio sem o mestre). Até provarem em contrário esta foi a única tentativa verdadeira para mostrar os méritos da Capoeira Regional como luta eficaz. Alguns seguidores de Bimba, entretanto, movidos por uma cega (e compreensiva) paixão, e por um sentido marqueteiro muito forte, resolveram tentar jogar esta importante experiência para debaixo do tapete da História da Capoeiragem. E, prudentemente, passaram a evitar todo tipo de confronto de verdade escondendo-se por detrás dos mais variados argumentos, boa parte deles, subtraídos da sábia filosofia da Capoeira Angola. Nenhum capoeira regional ousa aceitar um confronto com um bom lutador de qualquer outra luta, pois sabe que perderá. Limita-se a demonstrar superioridade em rodas de angoleiros social e fisicamente menos robustos. E a tirar o lugar desses (angoleiros) nos palcos do mundo. Solução ruim, pois perde a Capoeira Tradicional, perde a Capoeira Regional, perde a própria Capoeira.

Está mais do que na hora, portanto, que a Capoeira Regional e a Capoeira Utilitária de Sinhozinho se reencontrem e, juntas, retomem a marcha da verdadeira Capoeira Marcial.

E que a Capoeira Tradicional continue *Tradicional*, livre como vento, cheia de mandinga, negritude e “blue note” !

E, certamente, sem a triste figura do “uncle tom” caboclo.

IV — O Confronto com o Mestre Artur Emídio de Oliveira

1. Duas palavras sobre o Mestre Artur
2. Três Reportagens sobre o Evento

1. Duas palavras sobre o Mestre Artur

Artur nasceu e passou sua juventude em Itabuna, no sul da Bahia, onde completou o ginásio no Colégio Divina Providência e fez o serviço militar no Tiro de Guerra local. Filho de Emídio Lindolfo de Oliveira e Leocádia Maria de Oliveira, Artur veio para o Rio em 1953, trazendo consigo, totalmente pronta para ser usada, sua fascinante (e surpreendente) capoeira que começou a aprender com sete anos de idade, na sua cidade natal, com “Paisinho” (Teodoro Ramos), seu único mestre. No Rio formou excelentes mestres e, durante muito tempo, sua academia funcionou como uma espécie de “quartel general” da capoeira praticada ao som do berimbau. Visita obrigatória para todo e qualquer capoeira ou estudioso interessado em ver uma roda de capoeira exemplar.

Bira Acordeon, considerado um dos melhores alunos de Mestre Bimba (Salvador, Bahia), corajosamente, registrou, em seu livro o extraordinário talento de Artur: **“Em 1963, passei algumas semanas no Rio de Janeiro onde conheci Artur Emídio, um baiano de Itabuna. Fiquei impressionado com sua velocidade e com sua técnica. Aprendi com ele algumas...”**. (Almeida, 1986)

Com o guerreiro e saudoso mestre Djalma Bandeira, Artur Emídio deu, há mais de quatro décadas, sua “volta do mundo”, levando sua excelente capoeira para o exterior, fazendo sucesso em Buenos Aires, Acapulco, Nova Iorque, Paris e em mais algumas outras cidades famosas do mundo. Se brilhou no palco — e capoeira é também uma arte — enfrentou no ringue diversos lutadores como Rudolf Hermann (RIO), Robson Gracie (RIO), Carlos Coutinho (Bahia, Fonte Nova), Carbone (RIO) e Edgard Duro (São Paulo, especialista em luta livre, com algumas vitórias sobre alunos de Mestre Bimba).



Exibição do Grupo Artur Emídio (e agregados eventuais) na Universidade de Agronomia do Rio de Janeiro, 1961. Da esquerda para direita: André Lacé, Vilmar Brito, Nilson, Walter Bate-Bate, Artur Emídio e Lamartine Pereira da Costa.



Mestre Paulinho do Cavaco (hoje com excelentes composições premiadas, uma delas gravada pelo grande Nelson Sargento), Marcelo "Macarra", Mestre Artur Emídio e o Dr. Arlindo "Cirurgião". A Roda, sob comando de Artur, era realizada na rua Gustavão Sampaio, no Leme, Rio, 82.



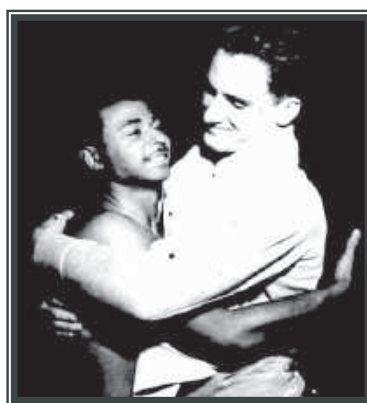
Jayme Ferreira, juiz do confronto Rudolf versus Artur, ergue nos braços, um de seus alunos de capoeira. Rio, 1935



Waldemar Santana, décadas mais tarde, com ajuda de Artur Emídio, aprimora o “levantamento” feito por Jayme Ferreira.



Mestre Artur recebe, merecidamente, a medalha Tiradentes. Rio, 1999.



Artur e Hermann, 1949. Quando Sinhozinho, Hermann e outros receberão uma medalha igual?

Comentários do Autor:

1. *Fontes de Informação: artigo “A Capoeira do Mestre Artur”, Jornal dos Sports, RIO, 26.03.93; transcrito no livro Administração Esportiva, Administração Pública e outras Administrações”, Rio, 1994; publicado, mais ampliado, no livro “A Volta do Mundo a Capoeira”, Rio, 1999; e, também, em forma de **e-books**, em 2001, no portal <http://www.novosuniversos.com.br> (“O Fascinante Jogo da Capoeira, Livro I, Coletânea “A Volta do Mundo da Capoeira – páginas 193 e 194”*
2. Mestre Artur Emídio merece cada medalha que vem recebendo; mereceria até muito mais; por exemplo, uma aposentadoria especial por relevantes serviços prestados à cultura popular brasileira. Trata-se de um caso especial que deve ser tratado de modo especial (Mestre Pastinha conseguiu, na Bahia, uma aposentadoria deste tipo).
3. Por outro lado e por oportuno volto a registrar minha estranheza e meu sereno protesto em relação à falta de homenagens a figuras exponenciais da capoeira do Rio Antigo. Nomes do passado, como Zuma Burlamaqui, Inezil Penna Marinho e, sobretudo, do extraordinário Agenor Sampaio já deveriam ter sido contemplados. Homenagem que poderia ser materializada na figura exemplar do Professor Rudolf Otero Hermann.

2. Três Reportagens sobre o Evento

2.1 Capoeira Sensacional



— Transcrição da Reportagem —

Realizou-se ontem, no Palácio de Alumínio, o esperado encontro de capoeira entre Rudolf Hermannny (carioca) e Artur Emídio (baiano), terminando com a vitória do primeiro por nocaute-técnico.

A Luta

O público que superlotou as dependências do Palácio de Alumínio foi surpreendido em parte agradavelmente pelo espetáculo de capoeira organizado pela Federação Metropolitana de Pugilismo e que teve o patrocínio de ÚLTIMA HORA.

É que os dois adversários, valentes e decididos, não tiveram dúvida em agir de forma violenta durante todo o combate, que terminou no segundo round.

Artur Emídio fisicamente inferior a Hermannny não parecia, antes de iniciada a luta, capaz de resistir aos golpes do carioca. Tal porém, não aconteceu. Autêntico malabarista conseguiu ainda aplicar alguns golpes em Hermannny, e, com seus pulos sensacionais provocar a hilaridade da assistência. Hermannny lutou como prevíamos. Sem fazer uso propriamente da capoeira (se é que capoeira é só pontapé e bofetão) soube ser mais prático e, com sua objetividade e valentia, anular Emídio.

Nocaute-Técnico

O primeiro assalto, terminou sem que se pudesse apontar um melhor. No segundo, porém, Hermannny entrou disposto a liquidar o adversário e com pontapés e bofetões violentíssimos, procurava quebrar a resistência de Emídio.

Nessa altura dos acontecimentos, aconteceu o seguinte: os adversários bem ao chão, trocavam pontapés e bofetões (autêntico vale-tudo) sem que o juiz, Sr. Jaime Ferreira separasse. Aqui não vai nenhuma crítica ao árbitro. Reclamaríamos se não tivesse, antes da luta, havido um acordo, entre os contendores, no vestiário. Pois a verdade é que segundo ficou estipulado nesta redação, na presença de outros jornalistas, era expressamente proibido lutar no chão. Enfim: Terminado o combate, Hermannny, sempre cavalheiresco abraçou Emídio. E o baiano que também lutou de graça, saiu meio tonto.

Na preliminar assistimos a lutas interessantes principalmente a final, entre Valdemar Adão e um paulista. O carioca, do C.R. Vasco da Gama, triunfou por nocaute. O juiz do combate, Sr. Jaime Ferreira, seguindo o regulamento combinado no vestiário, agiu bem.

Comentário do Autor

O acordo firmado antes do evento permitia lutar, também, no chão. O jornalista equivocou-se ao afirmar o contrário.

2.2 Ontem, no Palácio de Alumínio

Jornal O POPULAR, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1953.



– Transcrição da Reportagem –

Há muito tempo não se via uma luta de “capoeira” no Rio. O “Palácio de Alumínio”, por isso, na noite de ontem, foi completamente lotado por uma multidão de admiradores daquele perigoso método de ataque e defesa, do qual não se pode dizer seja precisamente um esporte, pois se assemelha mais a uma verdadeira briga, dada à natureza extremamente violenta da luta. Por isso, o encontro entre Rudolf Hermannny, aluno do mestre “Sinhãozinho”, e Artur Emídio, da escola regionalista baiana, despertou invulgar atenção.

A LUTA

Assim que Jaime Ferreira, o juiz, deu o sinal, os dois contendores, se aproximaram, com ginga de corpo inerente à luta, estudando-se. Hermannny foi o primeiro a atingir o adversário, com um violento pontapé pouco abaixo do ombro esquerdo, logo seguido de outro, pelo lado direito.

O baiano sentiu o golpe, fingindo ter sofrido mais que na realidade, no entanto, com a intenção de dar uma falsa impressão de fraqueza ao adversário, a fim de ver se este desfazia sua guarda. Hermannny, porém, não foi no “golpe” e continuou martelando com outros pontapés à altura dos rins e nas costelas e pancadas de mão aberta. Emídio, também acertou dois pontapés no contendor, mas sem efeito. Rudolf defendeu-se muito bem, usando as mãos e os ombros.

Por várias vezes o baiano foi ao chão, em consequência dos golpes que recebia, e Hermannny apenas uma, quando desferiu-lhe um “rabo de arraia”. No chão, Emídio chamava o adversário, a fim de aplicar-lhe a conhecida “rasteira”, deitado, ou golpeá-lo no rosto, com o giro de corpo, Rudolf, segurando-lhe as pernas, evitou os ataques, enquanto procurava circundar o adversário, para atingi-lo com o “pisão”, isto é, uma pisada de sola, no rosto ou no peito. Emídio, no entanto, soube se defender bem. Assim, terminou o primeiro round.

VENCE HERMANNY

Iniciado o 2º round, viu-se logo que Emídio não poderia suportar a maior classe e impetuosidade de Hermannny. Por mais de uma vez foi derrubado pelos pontapés laterais do carioca, e, no chão, defendia-se desesperadamente para evitar os “pisões”. Tentou aplicar uma “meia-lua” (golpe de pés ao rosto ou peito do adversário, com uma tesourada muito rápida acompanhando o giro do corpo no chão), não acertando.

Hermannny contra-atacou, dando-lhe uma rasteira, indo o baiano para o chão. E, rápido, acercou-se, aplicou-lhe um “pisão” ao peito, mas que foi pegar no rosto de Emídio, por ter este tentado se erguer justamente na ocasião. Emídio ficou completamente “grog”. Hermannny deixou que ele se levantasse. Deu-lhe outro pontapé, queda e “pisão” ao peito. Emídio quase perdeu os sentidos.

Foi quando o juiz resolveu dar por terminada a luta, pois, do contrário, o jovem baiano seria inexoravelmente massacrado pelo adversário. E levantou o braço do lutador carioca.

VITÓRIA INCONTESTÁVEL

Houve quem estranhasse aquele golpe extremamente violento. O “pisão”, no entanto, faz parte da capoeiragem. Hermannny, portanto, venceu limpamente. Observou-se até que o aluno de “Sinhozinho” se o quisesse, teria liquidado o adversário antes, com esse golpe, que só resolveu aplicar quando percebeu que o adversário procurava contornar a luta, no chão, ganhando tempo, a fim de ver se conseguia evitar o “knok-out”.

Artur Emídio, embora seja um capoeirista de recursos, de forma alguma, no entanto, pode enfrentar com possibilidade de êxito um adversário da categoria de Hermannny, que lhe é, técnica e fisicamente, muito superior. No entanto, foi ele que desafiou, pelas páginas de “Última Hora”, o capoeirista carioca.

HÉLIO GRACIE ASSISTIU

Hélio Gracie e seu irmão Carlos, os homens mais falados do jiu-jitsu brasileiro, foram assistir ao espetáculo. Sairam de lá, principalmente Helio, visivelmente aborrecidos. Helio, ao pedirmos sua opinião, sobre a luta, afirmou:

- Prefiro não fazer comentários...

CORDEIRO SATISFEITO

Augusto Cordeiro, de quem Hermannny é aluno de judô (o moderno jiu-jitsu), nos disse:

- Hermannny só lutou com o rapaz da Bahia porque foi desafiado. O desafiante, porém, não tem qualidades para enfrentá-lo. Hermannny venceu facilmente e se não atingiu mais duramente o adversário foi porque não o quis.

Artur Emídio, que é da Bahia, onde já tomou parte, com sucesso, em várias lutas com alunos do famoso “Mestre Bimba”, fez os preparativos para o encontro na Academia Gracie.

BOX NAS PRELIMINARES

Cinco lutas de box foram realizadas antes. As três últimas, entre paulistas e cariocas, dentro do torneio interestadual organizado pela Confederação e Federação Brasileira de Pugilismo, para seleção da equipe de amadores nacionais que tomará parte no Campeonato Mundial de Box Amador, a se realizar em outubro, em Buenos Aires. Os cariocas venceram as três: Waldemar Adão, peso pesado, ao paulista Brasilino dos Santos, por K-O, no 2º “round”; Ary Júlio dos Santos, médio, a Fernando Valverde, por pontos; e Celestino Pinto, meio-médio leve, a Augusto dos Santos por K-O, logo no início do 1º “round”.

2.3. Declara Hermann: “EMÍDIO LUTOU PELO RELÓGIO”

Jornal Última Hora, quarta-feira, 1º de julho de 1953

“Ele Tentava Ganhar Tempo” — “Lutei Porque Fui Desafiado” — O Representante da “Boa-Terra” já Entrou Derrotado — De Nada Vale a Técnica da Copoeira Regional Contra um Adversário Mais Forte — Fala o Vencedor — (De Carlos RENATO — (LEIA NA PÁGINA SEIS DO CADERNO IMOBILIÁRIO) —

A luta de capoeira entre Hermann e Emídio, realizada no Palácio de Alumínio, valeu pelo ineditismo e violência dos lutadores. E para os que viram, pela primeira vez, essa modalidade de esporte e não têm os nervos à flor da pele, a impressão deve

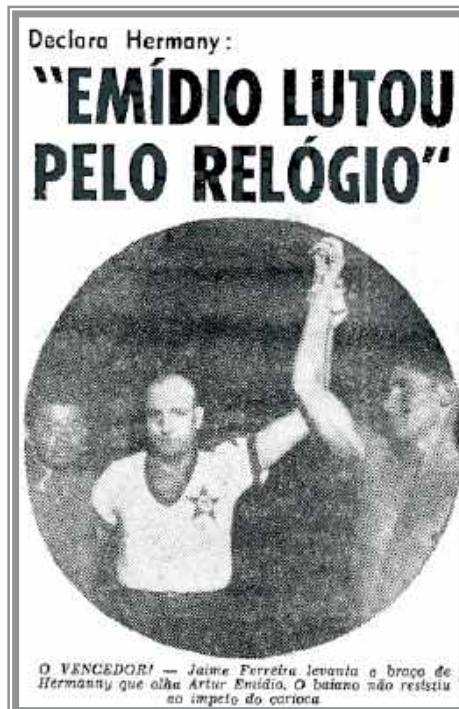
ter sido favorável. Muitas das lutas “vale-tudo”, realizadas no Maracanã, não fizeram vibrar tanto a torcida.

Ideais Diferentes

Rudolf Hermannny é um nome popular no Distrito Federal. Rapaz de tradição social, inteligente e educado, também é respeitado como desportista. Pratica capoeira unicamente por esporte. Jamais pensou em usufruir resultados financeiros.

O caso de Artur é diferente. Rapaz de origem humilde viu na capoeira uma possibilidade de ganhar dinheiro, de transformá-la em profissão. Veio ao Rio com este objetivo. Foi parar na Academia Gracie e fez algumas demonstrações. Os Gracie, embora pouco ou nada acreditando na capoeira ficaram entusiasmados com o malabarismo do rapaz. Este repórter também. Se capoeira existisse, aquilo devia ser a última palavra.

Alguém aventou a possibilidade de uma luta entre o baiano e um capoeira carioca. O da “boa-terra” quis saber o nome do melhor. Soube ser um rapaz, assim, assim, chamado Rudolf Hermannny. Perguntou: “que tal Hermannny?” Ninguém, a rigor, poderia falar do Hermannny capoeira. Ele já havia derrotado outros baianos. Isto, porém, em 1949, Hermannny tinha 16



anos. Do rapaz, porém, podia-se dizer o seguinte: topara um “vale-tudo”, pratica “Judô”, levantou um campeonato de box universitário. Em suma: madeira de dá em doido!

O Desafio

O baiano pensou: “capoeira só existe na Bahia”. Embora não acreditando que um carioca pudesse “bater pernas”, coisa que o baiano chega a considerar seu privilégio, ainda perguntou: “será que eu posso vencê-lo?” Houve gente que achasse que sim. Na capoeira, pelo que o rapaz apresentou parecia difícil a vitória do carioca. Por intermédio este jornal, Hermannny foi desafiado. O baiano exigia “bôlsa ao vencedor”.



Como bom desportista, Rudolf aceitou (). Em reunião levada a efeito nesta redação, ficou estabelecido que o carioca lutaria por dinheiro. Os contendores, donos de pontos de vista inteiramente diversos. Acabam chegando a um acordo. Também foi consertada a questão do regulamento.*

À saída, conversando conosco Artur disse: “Interessante, não pensei que Hermannny fosse tão alto!” Só. Nessa altura ele foi derrotado...

A Luta

Na noite de segunda-feira, dia de São Pedro, estouravam bombas dentro e fora do Palácio de Alumínio. As “bombas” que saudavam o milagroso santo era que explodiam no rosto de Artur. A luta serviu para provar outra coisa: contra um homem mais forte de nada vale o conhecimento técnico da capoeira regional. Para nós, esse esporte (falamos com reservas) deve ser “aquilo” que Emídio demonstrou: passos bonitos, acrobáticos, saltos-mortais etc.

Hermannny foi no “peito” e na “raça”, adotando outro “método” de capoeira. E acabou levando vantagem. O “angelical” Rudolf, usando, aliás, de um direito que a regra lhe concedia, pisou o rosto e o estômago do adversário.

Fala Hermannny

Ontem à tarde, fomos procurados por Rudolf Hermannny. O vencedor, com a modéstia que o caracteriza foi dizendo:

- Ninguém mais do que eu sentiu ter a luta se encaminhado para aquele desfecho. A culpa, porém, cabe ao próprio Emídio. Ele lutou pelo relógio tentando ganhar tempo. Minha situação não se apresentava nada interessante. Emídio, confirmando o que dele eu pensava e constatei logo de saída, embora valente e lutador, mostrava não ter possibilidades. Isto contra um adversário mais pesado, é claro.

“Fui Desafiado”

Rudolf explica que, por causa disso, seu adversário usou e abusou das quedas. Sabia ele que, no chão, não poderia ser atacado.

Sempre, apesar de suas atitudes de circo, deixava que ele se levantasse – diz. Acabei, porém chegando à seguinte conclusão: ele está lutando para o empate! Isto, francamente, não poderia conseguir. Empatasse com aquele rapaz fosse como fosse, não faltaria quem falasse. Nessa altura entre o primeiro e o segundo round, ficou estabelecido que valeria atacar no chão, com o adversário caído. Resolvi, portanto acabar de vez com o assunto.

O vencedor fala sobre a impressão que seus chutes causaram:

- Não pisei no rosto de meu adversário com muita força. Apenas apertei o suficiente para que ele desistisse, o que veio a acontecer. É preciso não esquecer que fui desafiado.

Terminando declara:

-Sou da opinião que na capoeira, como no box, o peso devia ser levado em consideração. Repito: só lutei porque fui desafiado. Desde o momento que pisei o ring, porém não poderia deixar que meu adversário me desmoralizasse.

Comentário do Autor:

1. Releve-se o tom da matéria que, com certa razão, concentrou-se na figura do ganhador. A rigor, a grande vencedora foi a Capoeira-Luta que teve a oportunidade de ser testada. A chamada “capoeira contemporânea”, por exemplo, esconde-se atrás dos fundamentos da sábia e mandingueira Capoeira Angola sempre que recebe um convite-desafio para subir no ringue. Esconde-se, também, por detrás do argumento que “sendo luta de matar” será muito perigoso para o adversário...
2. (*) Rudolf Hermann esclarece que sempre deixou claro que não lutaria por dinheiro

Sétimo Capítulo

O Pulo do Gato – Teoria e Prática

I – Aquecimento para o Pulo do Gato. II — Resumo do Pulo do Gato. III — Projeto CD-ROM — Bibliografia Crítica da Capoeiragem”. IV — Projeto Capoeira Arte Marcial.

I — Aquecimento para o Pulo do Gato

Bem que o grande Mestre Cervantes poderia ter feito, para o final do seu extraordinário Dom Quixote, um epílogo tão genial quanto o seu prólogo. Tivesse ele feito, teria eu agora igualmente o parafraseado. Com o mesmo teor de ironia, pois, afinal, para quê um prólogo (ou epílogo) pomposo explicando o óbvio, ou seja, a história simples de um capoeira pisante, digo, de um cavalheiro andante?

Tampouco faria sentido, pensei inicialmente, terminar o livro com um capítulo do tipo **Considerações Finais**. Afinal, boa parte do livro é transcrição comentada de depoimentos, entrevistas e reportagens. Que cada leitor tire suas próprias conclusões. E, certamente, tirará, aqui no Rio, pelo Brasil e, sobretudo, por este mundo afora onde, repito, começa a se avolumar uma cisma, uma crescente desconfiança a respeito das versões fantasiosas que modificam a cada dia, ao sabor do *marketing*, a História da Capoeira.

História que nasce na África ganha maioridade no Brasil e parte para a conquista do resto do mundo. Um grande somatório de eventos e personagens vem, ao longo do tempo, escrevendo esta linda História. Seria certamente injusto eleger um determinado evento como o maior de todos, da mesma forma

que será temerário eleger um determinado capoeira como o mais representativo de todos.

Afinal, pouco se sabe da resistência heróica dos capoeiras da Ilha de Reunião, no Oceano Índico, que, séculos atrás foram para as cavernas nas montanhas, pelos colonizadores (Macarty, 1986). Quantos heróis não teriam surgido aí?

Dando saltos no tempo, vamos encontrar, em Pernambuco, a figura impressionante de um Nascimento Grande. Quem sabe o temido José Antônio do Nascimento não terá sido o melhor de todos?

E a nossa querida e fascinante Bahia, celeiro generoso de extraordinários capoeiristas?

Impossível negar a importância de todos, incluindo-se aí, por motivos óbvios, a capoeiragem praticada na muy formosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Desde os primórdios, quando ainda uma cidade colonial, passando pelo Rio Imperial, chegando até aos tempos atuais. É só folhear os livros, jornais e revistas do passado, especialmente os do período compreendido entre os séculos XVIII, XIX e XX.

Alguns bons livros estão surgindo sobre a capoeiragem do Rio Antigo, entretanto, até agora, nenhum especificamente sobre a extraordinária *Capoeira de Sinhozinho*. Daí a importância do presente livro, muito embora não tenha a pretensão de esgotar o assunto que escolheu. Muito pelo contrário, pretende tão-somente mostrar a importância do tema e oferecer subsídios iniciais para, aí sim, uma pesquisa de maior fôlego.

O leitor, portanto, ao terminar sua leitura, ficará certamente espantado, sem atinar a razão do silêncio dos livros e revistas atuais em relação à Capoeira de Sinhozinho, do seu método (sempre vitorioso) de ensino, de seus alunos campeões, das suas fontes de saber. Como explicar a ignorância ou o silêncio geral em torno de extraordinários capoeiristas como um André Jansen ou um Rudolf Hermann?

Pecados que, não tenho a menor dúvida, daqui para frente serão redimidos. Todos ganharão com isso, os novos livros ganharão mais densidade e substância, e a própria História da Capoeiragem passará a ser apresentada de maneira mais completa e vitoriosa.

Claro, alguns livros e uma infinidade de artigos e crônicas terão que ser revistos, medida que, seguramente, será tomada por seus respectivos autores. Agradecidos e engrandecidos.

As revistas especializadas passarão a tomar mais cuidado, pois, até agora, vêm prestando um grande *desserviço* à verdadeira Capoeiragem, à medida que procuram imitar e vender os modismo de outras lutas, que procuram vender a Capoeira Regional como luta de verdade, como luta eficaz, como *luta de matar* quando, na verdade, não passa de um estilizado *show* de palco. Muito embora salpicando, aqui e ali, alguma negritude, tais revistas sempre arranjam de colocar, na capa ou na contra-capas, um pit-bull vestido de abadá. Senão um pit-bull, uma linda loura em pose estilizada e manchetes belicosas – tiradas, também, de outras lutas, como “o bicho vai pegar”, “trocação de golpes”, “finalização” e outras bobagens.

Os mestres de capoeira, enfim, serão mais cuidadosos e humildes ao alardearem a supremacia desta ou daquela capoeira, desta ou daquela grife capoeirista, deste ou daquele sistema de cordel, corda ou fita (sistemas que, por mim, seriam jogados no lixo).

Agora alertado, o leitor espantado seguramente saberá tirar suas próprias conclusões.

Em que pese tais considerações irrefutáveis, mais uma vez, entretanto, curvei-me aos conselhos de minha doce amiga sergipana, brilhante advogada e administradora. Todos eles apontando numa só direção: **um capítulo final**, com algumas filigranas – vá lá – mas, sobretudo, com sugestões concretas, com propostas objetivas para os mestres em geral e para os ad-

ministradores públicos responsáveis pelas áreas da Cultura e do Desporto (nesta ordem!).

Passemos, pois, ao capítulo final propriamente dito, onde vamos procurar desvendar e resumir o famoso e assaz misterioso **Pulo do Gato** da Capoeira.

Título curioso e sugestivo, pois lembra a advertência que sempre faço: “*alguns mestres escondem tanto este pulo do gato que, no dia que precisarem dele, perceberão que o gato fugiu*”.

Para não incorrer na mesma ingenuidade (na verdade, cada vez mais, esta história de pulo do gato, está virando uma jogada de *marketing*), este capítulo não se limita a algumas reflexões finais sobre o livro e à capoeiragem em geral, claro que não. Termino o livro com duas sugestões bem objetivas: um projeto para resgatar e potencializar a verdadeira face da **Capoeira-Luta**, e outro projeto para produzir e divulgar, pelo mundo um **CD-ROM** baseado numa **Bibliografia Multimídia da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem**.

II — Resumo do Pulo do Gato

1. Importância da Capoeira do Rio de Janeiro

O Rio foi o laboratório da urbanidade do país. Acompanhar o nascimento e desenvolvimento de sua peculiar anatomia social; reconstituir a formação dos costumes no âmbito de uma cultura popular; examinar a questão da ordem e do controle social na cidade; enfim, recuperar a evolução das instituições locais é retirar, deste laboratório carioca, padrões de referência para o debate sobre o desenvolvimento brasileiro. (Lessa, 2000 — p. 61)

Foi no Rio de Janeiro, sem sombra de dúvida, que a Capoeira criou e consolidou sua fama de luta eficaz. Acompanhada inicialmente de navalha e porrete, e mais adiante — Capoeira

de Sinhozinho! — com poderosos e desconcertantes tapas e socos. Sendo importantíssimo lembrar que o gingado, no RIO, era um meio e não um fim, ou seja, gingava-se na justa medida da necessidade, e não a ginga pela ginga, a ginga desnecessária, a ginga excessiva, a ginga exibição, a ginga que derrota, pelo cansaço, o próprio gingador. Daí a incrível eficácia, como jogo e como luta, da Capoeira de Sinhozinho.

2. Porque não se pratica mais a famosa Capoeira de Sinhozinho?

Muito simples, a Capoeira de Sinhozinho não era dança, era luta. Luta perigosa e violenta, até os treinamentos eram “para valer”, os pontapés acertando de verdade, e as mãos sendo, também, utilizadas com total contundência e eficácia. Afinal, com a proibição da terrível “sardinha” (navalha!) e da bengala “petrópolis” (muitas com punhal embutido, algumas até com pequeno revólver, e quase todas fabricadas na Cidade de Petrópolis), a mão do capoeira ficou praticamente sem a função de ataque.

Os treinos eram árduos, a preocupação com dieta e bom preparo físico era constante. Não havia uma organização forte que garantisse, permanentemente, bons espetáculos de luta. E, sendo única e exclusivamente um espetáculo marcial, sem marmelada nem berimbau, não era uma exibição atraente sob o ponto de vista turístico. Ao passo que a capoeira atual, chamada de contemporânea (sic), embora sempre fazendo discurso de luta, na realidade sobrevive com exibições de palco, onde o capoeira teatraliza a luta e várias outras manifestações folclóricas de origem afro-brasileira (maculelê, puxada de rede, dança dos Orixás, samba duro etc).

Para continuar a crescer, a Capoeira de Sinhozinho precisava de adversários à sua altura, o que não ocorreu. Para conti-

nuar crescendo, a Capoeira de Sinhozinho precisaria, também, continuar aperfeiçoando-se, transformando seus adeptos em verdadeiros guerreiros, com pés e mãos quase que deformados pelos treinamentos espartanos. Treinamentos que exigiriam uma dieta ainda mais rígida, e uma vida monástica. Como fazer isso sem patrocínio e sem campeonatos?

O exemplo de Rudolf Hermann é emblemático, passando para o judô, num tempo surpreendentemente curto, chegou à faixa-preta, acumulando medalhas dentro do Estado do Rio, em campeonatos nacionais e num pan-americano.

Claro, estou descrevendo um quadro antigo, de décadas atrás; a situação atual é bem diferente, sobretudo com o surgimento de torneios do tipo “ultimate fighting”. Com o desaparecimento da Capoeira de Sinhozinho e com a Capoeira Regional “mandingueiramente” evitando qualquer confronto de verdade, o Muay Thai vem, com alguns bons resultados, ocupando este espaço capoeirístico nos eventos internacionais de luta livre.

3. Estilos de Capoeira, dois grandes exemplos: Artur e Mário!

Não sem motivo, os governos tratam de criar leis contra os monopólios econômico-financeiros e empresariais. Trata-se de prática socialmente injusta. O monopólio cultural talvez seja ainda mais nefasto. Da mesma forma, o monopólio desportivo. Mesmo considerando que não se pode negar o mérito da hegemonia de uma determinada seleção de futebol, apenas para dar um exemplo sempre atual e mundial, durante um determinado período. Para isso existem os campeonatos, as copas regionais e a copa do mundo. Sendo justo, neste exemplo, registrar o brilhantismo quase rotineiro das apresentações da seleção brasileira. Mas não, é certo, o tempo todo. Nem seria desejável para o

próprio desenvolvimento do futebol. Outro bom exemplo, sem dúvida, seria o jiu-jitsu, durante muito tempo confundido com o próprio Oriente e, atualmente, confundindo-se mais com o Brasil.

Tais digressões, já se verá, visam a refletir um pouco sobre a imensa riqueza dos estilos dentro da capoeiragem. Na luta pelo sucesso e pela fama, muitos acabam cometendo graves esquecimentos e injustiças. Não posso embarcar nessa sinistra canoa. Não pretende, pois, este livro, lançar a Capoeira de Sinhozinho como a melhor do mundo de todos os tempos. Tampouco pretende apoiar o modismo (já circulando pelas revistas, livros, internet etc) que defende a existência de três grandes estilos de capoeiragem: Angola, Regional e o finalmente e em boa hora redescoberto Estilo Sinhozinho.

Bobagem, existem muito mais, talvez quase tantos quanto seja o número total de mestres.

Para provar, bastaria citar dois exemplos – Artur Emídio de Oliveira e Mário Santos (Toribio, 1966).

Dois exímios capoeiras que não jogavam, especificamente, nem Capoeira Angola, nem Regional e muito menos a Capoeira de Sinhozinho. Mas jogavam muito bem CAPOEIRA!

Tive o prazer de treinar com o Artur e jogar uma vez com o Mário. Mas, importante mesmo, para o meu aprendizado, foi ver um jogar com o outro. Tivesse eu filmado a memorável “volta do mundo” de Artur com Mário, seria extremamente fácil convencer a todos desta verdade, para muitos, surpreendente: foram os melhores de sua época (capoeira com berimbau).

Ubirajara Acordeon, considerado um dos melhores alunos de Bimba, jogou com Mestre Artur e saiu afirmando que aprendera mais alguma coisa. (Almeida, 1992).

Jair Moura, outro excepcional aluno de Bimba, treinou algumas vezes com o Mestre Mário Santos, ficou igualmente impressionado e aprendeu muito, tanto assim que está nos devendo algum artigo sobre essa sua experiência.

Aonde quero chegar?

Tivessem Artur e Mário seus vinte e poucos anos, estariam praticamente morando no Aeroporto Tom Jobim, única maneira de atender aos inúmeros convites internacionais que, certamente receberiam para palestras e exposições. Humildes e pobres, sem um poderoso apoio de marketing, sem apoio de verbas públicas, não puderam brilhar tanto quanto mereciam no cenário da Capoeiragem. Daí a importância desse registro. E a comprovação, mais uma vez, de que não existe um estilo magicamente superior, dentro da Capoeira. Aliás, nem fora dela...

4. A *Gymnastica Nacional*, o Jogo de Angola e a *Gymnastica Regional*

Em que pese a lógica do item anterior, vamo-nos render por alguns momentos, à fórmula acima mencionada, ingenuamente proposta no sentido de institucionalizar a Capoeira subdividida em três grandes vertentes: Angola, Sinhô e Regional.

Ora, para começar, não há como, nem porque, tentar comparar a Capoeira Utilitária de Sinhozinho, ou mesmo a Regional, com o fascinante Jogo de Angola da Bahia. Como diria qualquer phd de plantão “Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. Assim considerando, defendo, defenderei sempre, que a Capoeira Tradicional (Capoeira Angola e similares) deve ser resguardada e preservada de todo este terrível processo de institucionalização da Capoeiragem. Nada de abadás embranquecidos, nada de palmas nazistóides, nada de cantos sambados com letras alienadas e idiotas, nada de saltinhos de ninja e caras e bocas de samurai, nada de regulamentos, nada de campeonatos. A Capoeira Tradicional nasceu pronta, com luz própria e “com vários feitiços” como bem professora Mestre João Grande.

Já a chamada Capoeira Regional, como vimos, guarda algum parentesco com a *Gymnastica Nacional*, praticada no iní-

cio do século passado no Rio de Janeiro e divulgada por todo Brasil. Como a capoeira regional, em termos de luta, está parada no tempo, vivendo das gratas lembranças dos confrontos de Mestre Bimba nos tablados em Salvador, acredito que será uma boa e oportuna idéia criar um grupo de trabalho para mergulhar fundo neste assunto. Um dos projetos apresentados ao final deste livro trata exatamente dessa idéia.

Ao longo desta obra, destacamos alguns exemplos historicamente marcantes. Através de livros, jornais e depoimentos pessoais, todo o Brasil tomou conhecimento das façanhas da Capoeiragem no Rio de Janeiro.

A Capoeira Regional (ou “Gymnastica Regional”) foi criada à luz do modelo da “Gymnastica Nacional (Capoeiragem)” preconizada, em livros por “ODC”, Zuma Burlamaqui e outros, em várias revistas e jornais, e demonstrada, na prática, sobretudo, por Sinhozinho, André Jansen, Rudolf Hermann, Neyder Alves, Quim, Luiz Ciranda, Belisquete...

Da sua criação até os dias de hoje, a Capoeira Regional pode ser, perfeitamente, dividida em três grandes fases ou versões:

Versão Inicial: onde seus adeptos a vendiam como fruto do casamento da capoeira tradicional com os melhores golpes de várias outras lutas estrangeiras. Através de bom número de entrevistas, especialmente as feitas com Mestre Bimba, a Capoeira Regional é vendida como **capoeira estilizada**, mais eficaz do que a Angola. A rigor, esse contraponto com a Capoeira Angola é falacioso, na realidade, o nome “Regional” foi cunhado, não para se contrapor à Capoeira Angola, mas para se contrapor à “Capoeira Nacional”, ou melhor, à “Gymnastica Nacional” de Zuma e outros.

Essa versão estilizada, defendida numa época em que o Brasil atravessava uma fase extremamente nacionalista, foi muito torpedeada. Daí ter surgido uma nova versão.

Segunda versão: onde os biógrafos da Regional, de repente, repudiam e jogam no lixo a primeira versão, e passam a louvar o **Batuque** como a grande base da Capoeira Regional. Versão, aliás, sem grande originalidade, posto que Zuma Burlamaqui, em seu famoso livro (1928) já registrava que muitos golpes de capoeiragem inspiravam-se em golpes e movimentos dos **batuqueiros**. Além do que, qualquer angoleiro sabe que, também, a Angola tem lá alguns passos e movimentos inspirados no Batuque.

Terceira versão (atual): “capoeira é capoeira”, “capoeira é uma só”, “não há distinção entre Angola e Regional”, “todo capoeirista Regional faz, também, Angola” (crédito da frase-crítica para a contramestra Janja, ou melhor, doutoranda Rosângela Costa Araújo — História, USP) etc. Essa nova versão, que alguns regionalistas mais resistentes repelem, nasceu como uma pragmática solução de mercado. Pois, quase por milagre (Mestre **Pedro Moraes** teve uma participação relevante neste milagre), a capoeira Angola, dada como morta pelos regionalistas algumas décadas atrás, começou a crescer novamente e a dominar o mundo. A grande estratégia dos regionalistas, atualmente, é isolar os angoleiros mais preocupados em preservar e cultuar valores ligados à Negritude, cooptando os demais. Com exceção de alguns regionalistas mais “xiitas”, todos mestres da regional estão-se apresentando, também, como mestres de angola. Vejo aí um grande problema, é que, conscientemente ou não, esses mestres estão começando a deformar, ideologicamente, o Jogo de Angola. Pois estão levando, para as rodas de angola, a tradicional preocupação burguesa do confronto, da agonística preponderando ao lúdico.

Sem jamais negar o mérito do capoeirista regional e até louvando os bons mestres atuais (a maioria dos quais, aliás, um pouco pela realidade do mercado, um pouco pela idade que vai implacavelmente avançando, estão-se rendendo aos encantos

da Angola), não tenho dúvida ao creditar o sucesso desse modelo estilizado (Regional), entre outros, aos seguintes fatores:

- Nova estética de movimentos embranquecidos, menos no chão, menos *rastejante*, mais empinado, mais “nobre”, mais “samurai” ...;

- Lindas e caras roupas estilizadas para apresentação de palco, inspiradas no “folclore do negro”;

- Atabaque e pandeiros batendo de modo alucinado e cânticos de guerra passando para o turista desavisado a idéia de luta mágica e invencível (e ensurdecadora):

- “Filosofia” burguesa onde o agonístico prepondera sobre o lúdico;

- Velocidade exagerada e teatral, mas impressionante e mais apropriada para shows de palco;

- Utilização matreira de dois argumentos contraditórios entre si para evitar qualquer tipo de confronto de verdade com as demais lutas: a – Utilização indevida dos fundamentos sábios do Jogo de Angola; e b – Insinuação que, “numa luta de verdade, o capoeira pode ser obrigado a matar”;

- Maior nível acadêmico e sócio-econômico dos líderes da capoeira regional; quase todos brancos, “doutores” e filhos de “doutores”;

- Maior capacidade para pleitear verbas públicas e patrocínios na área privada para projetos (onde, via de regra, subcontratam um “negro de angola ou similar”);

- Domínio absoluto na mídia (entrevistas, reportagens etc);

- Marketing intenso e contínuo glamurizando para o mundo o *Pacote Capoeira Tipo Exportação* (show padronizado incluindo Maculelê, Puxada de rede etc. Sempre com figurinos folclóricos estilizados);

- Teses e dissertações acadêmicas deslumbradas com o próprio deslumbramento fantasioso;

– Revistas “especializadas”. Sem outra alternativa comercial (sobrevivência!) senão a de agradar ao paladar burguês, de quem tem mais poder aquisitivo, de quem anuncia, de quem compra;

– Produção em massa de novos capoeiristas. Há quem esteja chamando a Regional de capoeira tipo “fast food”.

Esse “sucesso” está saindo muito caro para a própria capoeiragem, como salienta realisticamente, Ângelo Decânio Filho: “...com o desaparecimento de Mestre Bimba... a capoeira regional perdeu a sua bússola...e sofreu uma transformação que não me parece benéfica, obedecendo que vem...aos impulsos de uma falsa eficiência...pela velocidade e violência de movimentos...”. (Decânio, 1946 – p. 164).

Na mesma página, Decânio (*um nome obrigatório em qualquer Grupo Ad Hoc que se forme, a nível nacional, para repensar a Capoeiragem*) lista alguns dos pecados mais graves que, com facilidade, podem ser encontrados na maioria das rodas atuais de Capoeira Regional: *desobediência ao toque da orquestra; gingado fora do compasso; gingado soltado; falta de golpe de vista; golpes violentos e inoportunos; afastamento excessivo entre os competidores; movimentos despropositados, inócuos, fugindo ao ritmo do berimbau; exposição de áreas vitais do corpo durante os movimentos de ataque, defesa, esquiva e floreio; gingado com guarda aberta; falta de jogo em baixo; gingado desprovido de movimentos de floreio; pobreza de seqüências, floreio e “esquetches”; musculatura tensa e dura etc.*

5. A parte rítmica cantada da Capoeira

A Capoeira é fascinantemente multifacetada. O berimbau está presente em quase todas suas formas (*Festival de uma corda só*, 1974). No meu próximo livro estarei mergulhando mais fundo nessas águas. Mas, para efeito deste, bastará registrar

nossa posição básica sobre a possível relação do **berimbau com a capoeira-luta**:

- O casamento do berimbau com a capoeira realmente foi um sucesso, veio para ficar, é indissolúvel, salvo em confrontos verdadeiros, especialmente contra os demais estilos de luta (jiu-jitsu, caratê, muay thai, vale-tudo etc). Quando praticada como luta de verdade, inquestionavelmente, não deverá haver nem ritmo nem canto.

Entusiasmado com André Jansen e outros, Mestre Bimba já advertia: “luta para valer tem que ser sem berimbau”. Um jovem mestre da regional que levei, junto a pequeno grupo, para uma série de exhibições na Ilha de Reunião, no Oceano Índico, segredou na viagem: “é uma dança guerreira, mas se eu disser isto para meus alunos não ficará nenhum na academia”. Academia, aliás, cujo aluguel, seu pai, alto funcionário do Banco do Brasil, ajudava a pagar (está para nascer um pai de angoleiro que possa arcar com tal despesa).

6. A Capoeira e o Professor de Educação Física

Filho feio ninguém quer, bastou a Capoeira pegar corpo, ficar bonita e famosa, todos a estão querendo. Ocorre que a Capoeira não tem dono, é livre como vento. Vai daí que a pretensão do chamado Sistema CONFED/CREFs (Conselho Federal de Educação Física e Conselhos Regionais de Educação Física) é absolutamente sem sentido: fiscalizar a Capoeira no Brasil?

Eu diria que mais depressa deve ser feito exatamente o contrário: velhos e consagrados mestres de capoeira avaliando se um professor de educação física, formado, pode ou não dar aula de capoeiragem.

Bem sei que já existe uma lei sobre o assunto, exatamente por isso, os gozadores de plantão estão sempre afirmando que, aqui no Brasil, “há lei que pega e lei que não pega”. Essa lei ab-

surda, seguramente, não vai pegar. Os mesmos gozadores estão publicando artigos lembrando que, respeitando-se com rigor os termos da absurda lei nº 9696/98 (uma espécie de Lei do Ventre Livre às avessas), não apenas a Capoeira, mas as escolas de samba e até mesmo os motéis de exercícios amorosos terão que contratar um professor de educação física para os devidos aquecimentos de praxe. Estranhamente, a lei em questão silencia sobre o crescente índice de analfabetismo no Brasil, sobre o crescente e assustador índice da mortalidade infantil, do desemprego, da criminalidade, do empobrecimento do povo brasileiro, em geral, e do mestre em capoeira, em particular.

Humor à parte, entendo que os professores de educação física têm tanto direito a pretender mandar na Capoeira, quanto os maestros ou os médicos. Não será, pois, por aí, que o Sistema CONFEF ajudará o Brasil a adentrar, definitivamente, no primeiro mundo.

O que não significa que a Capoeiragem não possa se beneficiar da experiência do professor de educação física (essa ajuda é importante e será sempre bem-vinda como veremos mais adiante). Da mesma forma que precisa, também, das luzes do médico, do maestro, do administrador, do contador etc. A nenhum deles, entretanto, cabendo monitorar a Capoeira. Do contrário, já imaginaram quanto um pobre mestre de capoeira teria que pagar para garantir um espaço para dar suas aulas?

Resumindo: os professores de educação física podem dar um apoio extraordinário ao avanço da Capoeira. Não, tentando **domesticá-la**, mas desenvolvendo bons cursos, facultativos, para os capoeiras interessados. Mais até do que isso, as escolas de educação física podem desenvolver projetos – especialmente na área da capoeira-luta – para aprimorar os métodos, por exemplo, do Sr. Agenor Sampaio, Sinhozinho (para detalhes, ver o Projeto Sinhozinho).

7. Capoeira, Governos e Administração Pública

Brilhava o Governo Federal no tempo da Campanha Nacional do Folclore. Excelentes trabalhos e gravações foram feitos na época, registrando admiravelmente a Arte afro-brasileira da capoeiragem. Também o antigo Ministério de Educação e Saúde, ao premiar em 1945 o trabalho de Inezil Penna Marinho (Marinho, 1945) mostrou grande sensibilidade para com a cultura brasileira.

Daí para frente os bons exemplos escasseiam, em todos os níveis, federal, estadual e municipal. Nenhuma verba, pouca verba ou, o que é muito pior, verba mal empregada em nome da capoeiragem. Os exemplos proliferam, alguns até dolosos, transformando-se em escândalos e exigindo até punições (veja, a seguir, manchete ilustrativa sobre um desses tristes exemplos, quando o Sr. Edson Arantes do Nascimento, o nosso Pelé, então ministro Extraordinário de Esporte, foi obrigado a tomar medidas drásticas).



Jornal O GLOBO, sábado, 21 de dezembro de 1996

Observação: quem tiver a paciência de garimpar as prestações de contas feitas pelos “mestres” que receberam tais verbas, com facilidade, descobrirá a razão do “sucesso” da chamada capoeira estilizada ou contemporânea.

A níveis estaduais e municipais a situação não é outra. A começar pelo Estado do Rio de Janeiro e pelo Município do Rio de Janeiro, onde os administradores públicos (e mesmo os legisladores de cada área) estão demonstrando total desconhecimento e insensibilidade para tratar a Capoeiragem Carioca como ela merece ser tratada. O que vem ocorrendo é uma la-

mentável malversação de verbas públicas em projetos de segunda categoria; nada tendo sido feito, ainda, nem na área do Esporte, nem na área da Cultura, para resgatar a Memória da Capoeira de Sinhozinho. Em “compensação” verbas públicas preciosas têm sido jogadas pela janela na tentativa de divulgar uma capoeira estilizada, de palco, que nem é luta, nem é folclore, nem é barro, nem é tijolo.

Urge modificar radicalmente esse quadro e — quem sabe? — os projetos aqui sugeridos possam ser um bom ponto de partida.

8. A Confederação Brasileira de Capoeira

Décadas atrás candidatei-me ao cargo de Diretor Nacional de Capoeira, da Confederação Brasileira de Pugilismo, com o declarado propósito de criar condições para o surgimento de uma organização absolutamente *sui generis* que abrigasse todas as fascinantes formas da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem. Defendia naquela época, e continuo defendendo agora, que não faz o menor sentido ajustá-la a modelos já existentes, especialmente se importados.

Considero, portanto, a criação de uma Confederação de Capoeira um grande equívoco, e a existência em seu organograma, de um Departamento de Capoeira Angola, literalmente, um humor negro (escravizou-se o corpo no passado, tenta-se, agora, por alguns trocados e viagens, escravizar a alma da nossa fascinante raiz africana).

Mas não é só isso.

Sem muito esforço, qualquer um que esteja acompanhando a marcha da capoeiragem pelo Brasil e pelo mundo, poderá nomear, por baixo, uns cinquenta excelentes mestres. Curiosamente, com absoluta certeza, nenhum desses grandes mestres e

respectivos grupos está associado à Confederação Brasileira de Capoeira.

E o que é ainda mais grave, a Confederação Brasileira de Capoeira, a julgar pela polêmica que vem causando, inclusive ao nível de Justiça, nada fica a dever ao padrão gerencial predominante na área do Futebol: cartolas perpetuando-se no poder sob a alegação de que são insubstituíveis, administração muito pouco transparente, resultados efetivos discutíveis etc.

Mais do que nunca, acredito eu, está na hora de se pensar, com seriedade e competência, numa solução à altura da magia da Capoeiragem para enfrentar esse seu processo – lamentável, mas inexorável – de institucionalização.

9. Afinal, quem tem razão, tais informações são lógicas?

“Prove to me”, Epictetus was challenged, that I should study logic”.

*How will know it is a good proof?” was the reply
(Kaplan, Abraham. The Conduct of Inquiry —
Chandler Publishing Company, 1964, USA – p. 7)*

Enquanto um professor de Lógica não entrar nessa Roda, será aconselhável que cada mestre, que cada capoeira-pesquisador vá construindo sua própria biblioteca e a sua própria argumentação. Ou, pelo menos, tome conhecimento do que há de melhor para ser lido sobre esta cada vez mais fascinante Arte Afro-brasileira da Capoeiragem. O que nos leva ao segundo anexo deste livro, a sugestão de projeto governamental nesta área. O caminho está meio andado, pois o projeto tomará como base trabalhos já existentes e, em muito boa hora publicados pelo Ministério da Cultura. Especialmente, o “Capoeira – fonte multimídia”, sem dúvida, um bom exemplo de ação governamental e de serviço público, na área da cultura popular brasileira.

10. Futuro da Capoeira

Em que pese tais considerações contundentes, não tenham dúvida, o futuro da Capoeira é mais do que promissor. Com e sem berimbau. Sendo que, quando praticada ao som do berimbau, será sempre uma dança guerreira, mandingueira e, às vezes até paradoxal e magicamente perigosa. Se praticada sem berimbau, perderá grande parte do seu fascínio, mas ganhará em eficácia, especialmente no confronto com as demais lutas.

Meu entusiasmo e certeza do sucesso cada vez maior da Capoeira decorre de dois bons argumentos: 1. Existe dentro da própria Capoeira um mecanismo de auto-preservação que lhe permite sobreviver a todos modismos e dissertações doutorais; e 2. O movimento que se vai avolumando de fora para dentro, do exterior para dentro do Brasil.

Nelson Sargento, muito inspirado, escreveu que o “samba agoniza, mas não morre”; fenômeno similar ocorre com a Capoeira. Deve haver forte componente religioso sustentando esse fenômeno...

Quanto ao segundo item, é o que venho absorvendo, há longo tempo, em minhas andanças pelo exterior. Refiro-me não apenas ao crescimento contínuo da prática da capoeiragem, mas, sobretudo, ao crescimento da preocupação em entender, em perceber (*perception*) a Capoeira em toda sua plenitude, sem preconceito, sem mistificação, sem fantasia.

Especialmente, como foi ressaltado no Capítulo V, em períodos de férias escolares, grupos e mais grupos de capoeira, oriundos dos mais diferentes países, vêm ao Brasil ávidos de conhecer toda a verdade. A experiência tem funcionado muito bem, com visitas a rodas autênticas de Capoeira Angola, com visitas a terreiro de Umbanda e roças de Candomblé, com visitas até – o que considero muito importante – às principais academias de judô, jiu-jitsu, luta livre e, seguramente, de Muay

Thai. O saldo é altamente positivo, o capoeira estrangeiro volta para sua terra mais guerreiro e, ao mesmo tempo, mais poeta sonhador e dançarino. **Esse é o espírito mágico da Capoeira e da Vida.**

Os mestres de angola e das demais capoeira, embora em grande parte empresariado pelo *capoeira-regional*, estão descobrindo o caminho dos aeroportos, estão ficando, também, internacionais.

III — Projeto “Cd-ROM — Bibliografia Crítica da Capoeira” (o *Projeto Memória da Capoeira*)

Coordenação: Professor-Doutor Lamartine Pereira da Costa
Instituições: Comitê Olímpico Brasileiro e Ministério da Cultura,
– *Sugestão do autor* –

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Já existem três trabalhos sobre o assunto:

1. “*Documentário – Bibliografia Crítica do Folclore Brasileiro, CAPOEIRA*”.

Publicado na Revista Brasileira de Folclore, da então Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura (n.º 23, jan/abr 1969). Pesquisa pioneira feita pelo extraordinário Professor Vicente Salles. Inclui, fazendo jus ao título da pesquisa, uma pequena apreciação crítica em cada verbete. Não apenas a revista, não apenas a pesquisa do Prof. Salles, mas todas as obras e artigos nela registrados estão à disposição de qualquer interessado na *heróica Biblioteca Amadeu Amaral (Rua do Catete, 179, Rio. Horário para o público, das 8 às 17 horas de segunda à sexta-feira, e das 8 às 13 horas aos sábados)*.

2. “CAPOEIRA – fontes multimídia”

Publicado pela Coordenação de Folclore e Cultura Popular, da Fundação Nacional de Arte, FUNARTE, do Ministério da Cultura. Pesquisa iniciada em 1990, dando seqüência ao trabalho pioneiro de Salles. Pode ser encontrada na forma de disquete (1993) ou livro (1996). Além de ser, obviamente, mais extensa que a primeira, vem, inteligentemente segmentada por região, contemplando as principais bibliotecas, bibliotecas especializadas e arquivos públicos de três estados: Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Também esse projeto, custeado com dinheiro público, como não poderia deixar de ser, está à disposição de qualquer interessado, não apenas na **Biblioteca Amadeu Amaral** já mencionada, mas, também, nas principais bibliotecas brasileiras.

Um trabalho excelente que pode e deve ser aprimorado.

3. “Bibliografia Crítica da Capoeira”

Publicação realizada, segundo informa o próprio livro, “com recursos oriundos do **Convênio nº 027/93** firmado entre o Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Desportos e o Governo do Distrito Federal/Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação-DEFER”. A edição coube ao Centro de Informação e Documentação Sobre a Capoeira – CIDOCA/DF, cabendo ao seu coordenador, Sr. César Barbieri, a apresentação do livro e do autor: “...*Raimundo César Alves de Almeida, o Mestre Itapoan, aluno e discípulo de Mestre Bimba, um genuíno “filho de Bimba”, hoje o principal divulgador da obra de seu mestre, após quase 30 anos de pesquisa e paciente trabalho de coleta e catalogação de informações sobre a Capoeira, nos brinda com este importante trabalho no campo da Capoeira*”.

Raimundo Almeida, em sua breve introdução, a exemplo do trabalho pioneiro de Vicente Salles, revela preocupação quanto à falta de informações mais precisas sobre a capoeiragem. No seu trabalho de catalogação, o Sr. Almeida contou com a cooperação de vários estudiosos, um deles, por feliz coincidência, colaborador também da pesquisa realizada pela FUNARTE (item anterior).

Um trabalho, sem dúvida exaustivo, revelando para o mundo uma biblioteca particular invejável. Há, entretanto, alguns reparos a fazer, sendo recomendável salientar cinco deles:

a) Dificuldade de Acesso

Para começar, uma consideração de ordem prática. Não sendo uma biblioteca pública, seu acesso estará sempre sujeito à disponibilidade de tempo do seu proprietário.

b) Comentário Crítico Redundante.

As críticas feitas, na maioria dos casos, são redundantes em relação ao próprio título do livro ou artigo. Um verdadeiro pecado mortal em jornalismo. Vejamos um bom exemplo. Na página 103 temos:

“1246. GOMES, Paulo. CAPOEIRA – ARTE MARCIAL BRASILEIRA etc etc”

Comentário crítico: “*Livro do Mestre Paulo Gomes sobre a Capoeira*”.

Crítica ao Comentário Crítico: Apenas acrescenta que o autor é um *mestre*, o resto é pura redundância. Não seria plausível que um livro com o título de “Capoeira” versasse sobre jiu-jitsu ou culinária, certo?

c) Comentário Crítico Inexistente.

Muitas vezes o comentário Crítico simplesmente inexistente, como se pode constatar na página 38:

“0368. Capoeira. Manchete, Rio de Janeiro, 24 jul. 1954”.

d) Comentário Crítico Empobrecido:

Claro, não haveria como estender demais os comentários críticos, pois o livro ficaria descomunal. Mas síntese demais tampouco fará sentido ou justiça ao trabalho desse ou daquele. O registro da contribuição de Salles é bom exemplo (pág. 155)

1993. SALLES, Vicente. *Bibliografia Crítica do Folclore Brasileiro – Capoeira etc.*

Comentário Crítico: também aqui, simplesmente, nenhuma “crítica” foi feita. Na minha opinião, de maneira bastante simples e objetiva, poderia ter sido feita a seguinte crítica:

Excelente trabalho pioneiro do Professor Salles, na época (1963), consultor da então Campanha Nacional do Folclore (RIO), atualmente, professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará.

e) Visão Regionalista

O acervo, por motivos óbvios e compreensíveis, concentra-se em informações sobre o famoso e saudoso Mestre Bimba. Sendo fraco, portanto, em relevantes áreas, dentro da capoeira, como, por exemplo, a contribuição das culturas negras. O livro deveria, pelo menos, ter feito menção ao acervo, igualmente invejável, de Mestre Pedro Trindade de Moraes, e — por que não? — ao acervo do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, da Universidade Federal da Bahia. Outro exemplo negativo, sem sombra de dúvida, é a escassez de informação a respeito de Agenor Sampaio, **Sinhozinho**.

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Não há porque complicar, muito menos esconder. Este Projeto será, pura e simplesmente, a continuação, o aprofundamento dos dois trabalhos similares realizados pelo Ministério da Cultura. Claro que deverá contar com a área do esporte, claro que deverá contar com as contribuições de trabalhos similares, como o do Sr. Raimundo Almeida (até porque não faz sentido o dinheiro público patrocinar, em dois ministérios, esforços tão assemelhados) e outros, mas será de suma importância, a visão-ação multidisciplinar, com a presença de sociólogos, antropólogos, folcloristas, religiosos (ritos africanos), maestros etc. Esse perfil é, por excelência e definição, o perfil de um Ministério da Cultura.

OBJETIVOS DO PROJETO

Inovações Básicas (à guisa de sugestão inicial)

- Garimpar informações, não apenas no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, mas nas bibliotecas e arquivos públicos locais dos demais estados (alguns estados, como Minas Gerais, São Paulo, Pará e Maranhão, surpreenderão);
- Estender as pesquisas à famosa Biblioteca Nacional de Lisboa;
- Colocar as listagens – por estado e por biblioteca – em ordem cronológica. Facilitará muito ao pesquisador. Como está, dificulta qualquer pesquisa, pois mistura informação recente com informação de dois séculos atrás.
- Incluir o código de localização do livro na biblioteca.
- Apreciação crítica realmente bem feita, redigida, consensualmente, por especialistas de várias áreas, inclusive a de jornalismo.

Criação de um Grupo Ad Hoc

Um grupo multidisciplinar e interdepartamental, para que a multifacetada Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem possa ser total e amplamente contemplada.

Como grupo multidisciplinar entendo um grupo formado com especialistas de áreas direta, indireta ou potencialmente relacionadas com a capoeira: sociólogos, antropólogos, médicos, enfermeiros, jornalistas, maestros, assistentes sociais, administradores, economistas, historiadores, fisioterapeutas, cientistas políticos, psicólogos etc.

Como grupo interdisciplinar entendo um grupo com representantes de áreas públicas (ministérios etc) igualmente relacionados com a Capoeira: Ministério da Cultura, da Educação, do Esporte e Turismo, das Relações Exteriores, do Trabalho etc.

Claro, será de fundamental importância a participação de mestres e estudiosos de capoeira. Nomes consagrados no Rio, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Pernambuco, pelo Brasil e mundo afora seriam convidados para colaborar com o grupo.

O nome do Professor-Doutor Lamartine Pereira da Costa, pelo pioneirismo de suas contribuições, por sua competência e pela sua posição no cenário sócio-esportivo nacional e internacional, será um bom nome para coordenação geral deste grupo tarefa. Vários outros excelentes nomes vêm igualmente à tona para um projeto dessa monta: Vicente Salles, Rudolf Hermann, Luiz Sergio Dias, Pedro de Moraes Trindade, Roberto Jeferson (Centros de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Federal da Bahia) e, sem pretender esgotar a relação, a doutoranda Rosângela Costa Araújo (História, USP).

Formas de Apresentação e Distribuição CD-ROM Memória da Capoeiragem.

Distribuição para todas bibliotecas brasileiras dotadas de sistema de consulta por computador. Distribuição para todas

embaixadas, consulados e centros de estudos brasileiros no exterior.

“Biblioteca Mínima da Capoeiragem” – Sub-projeto –

– Republicação de livros devidamente comentados –

O mundo está, crescentemente, encantando-se com a capoeira, exigindo, portanto, informações mais precisas sobre o seu passado. Cresceu, sem dúvida, o número de livros, revistas e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, mas grande parte dessa produção é excessivamente apaixonada e, conseqüentemente, parcial.

Alguns países já estão preocupados com o assunto, “pior” do que isso estão tomando sábias providências. Uma universidade norte-americana, por exemplo, acaba de aprovar um projeto o Projeto Memória da Capoeira cujo primeiro passo será enviar um estudante de pós-graduação para microfilmar o que estiver disponível, no Brasil, sobre o assunto.

O que enseja, naturalmente, uma singela pergunta:

- Não estará mais do que na hora de o Brasil partir para projeto, senão melhor, pelo menos igual?

O governo federal poderia tomar essa mais do que oportuna e louvável iniciativa. Não pulverizando suas escassas verbas entre vários projetos para cumprir um mesmo objetivo, mas criando um Grupo AD HOC, interministerial e multidisciplinar, para selecionar os livros que devam ser publicados ou republicados sobre essa cada vez mais fascinante Arte Afro-Brasileira da CAPOEIRAGEM.

Iniciativa que poderia contar com a parceria de cada estado interessado.

Os governos do Rio de Janeiro (Estado e Município), por exemplo, poderiam (deveriam!) participar desse esforço. Não

apenas co-patrocinando, mas, sobretudo, planejando e executando lançamento e seminários em torno de cada livro lançado.

Que sucesso não faria a republicação do misterioso livro, pioneiríssimo de ODC (1907!). Sucesso igual faria a republicação de livros como o de Annibal Burlamaqui, Inezil Penna Marinho, Plácido de Abreu e Raul Pederneiras, João Lyra Filho; bem como uma compilação de artigos direta ou indiretamente relacionados com a capoeiragem (Monteiro Lobato, Moraes Filho, Gilberto Freire etc). Especialmente, se tais republicações fossem enriquecidas por comentários feitos por um grupo de especialistas na matéria.

IV – Projeto Capoeira Arte Marcial (Projeto Sinhozinho)

Resgate da Capoeira como Luta Marcial Brasileira
Consultor: Professor Rudolf de Otero Hermann
– Sugestão do autor –

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A capoeira-luta, sem sombra de dúvida, parou no tempo. A chamada capoeira regional contemporânea, que pretende ser também luta eficaz, como já adiantamos, vive do passado em função dos confrontos, em Salvador, de Mestre Bimba com “angoleiros” e lutadores locais de várias outras lutas. Confrontos que teriam um valor infinitamente maior se tivessem sido realizados no Rio de Janeiro que era, na época, o palco dos grandes acontecimentos nacionais e internacionais. Mestre Bimba não enfrentou um Carlos, um Jorge ou um Hélio Gracie, enfrentou, nos tablados de Salvador, lutadores certamente valentes, mas sem nenhum reconhecimento a nível nacional e, muito menos, internacional. Caso tivessem, não estariam em Salvador, estariam lutando no Rio de Janeiro.

BREVE HISTÓRICO

Passo, agora, a fazer um breve retrospecto e algumas reflexões, filosóficas, históricas, teóricas e práticas sobre a Capoeira-Luta.

1. Em outubro de 1984, o PASQUIM publicou um resumo de uma monografia que apresentei, em 1973, à Campanha Nacional do Folclore. No resumo, menciono uma contundente, mas não menos realística afirmação do então excepcional lutador de jiu-jitsu João Alberto Barreto, hoje respeitado psicólogo: “capoeira regional não ficaria 15 segundos em pé na minha frente”. Claro, João Alberto não estava querendo

ridicularizar a Capoeira, até porque este não é o seu feitio, ao contrário, estava querendo mostrar a necessidade, cada vez mais flagrante e urgente, de ela deixar aflorar, plenamente, a sua dimensão marcial.

2. Estudiosos importantes, como Inezil Penna Marinho e Nelson Mello e Souza, com muita propriedade, sempre defenderam essa mesma posição. Em termos práticos, Agenor Sampaio, o famoso Sinhozinho de Ipanema, foi o que mais se aproximou desse entendimento, tendo em André Jansen e em Rudolf Hermann, seus melhores exemplos. Mestre Bimba é outro extraordinário exemplo; conhecendo vários outros tipos de luta, percebeu que a Capoeira, como arte marcial, deveria incorporar o que houvesse de melhor nessas outras lutas. Assim pensando, criou alguns movimentos cinturados, golpes de mão e defesa de socos. Na minha opinião, tudo que seus seguidores teriam que fazer seria aprofundar tais ensinamentos. Até porque, a Sociedade é dinâmica e está sempre evoluindo, as artes marciais, naturalmente, sofrem o mesmo processo. O resultado não poderia ser outro, enquanto as demais lutas evoluíram — inclusive incorporando muitos movimentos e golpes típicos da capoeira — a Capoeira Regional entrou num beco sem saída: pretendendo ser tudo ao mesmo tempo — luta braba, de “finalização”, jogo de mandinga, recreação, dança, balé etc. Os livros sobre Capoeira Regional ou são confusos, ou são imprecisos, ou são excessivamente apaixonados. Na prática, estamos vendo uma ginga excessivamente marcada, uma tática (discutível) de espera e tentativas, ao mesmo tempo pretensiosas e ingênuas de “finalizar” a luta com um golpe — mal dado — de jiu-jitsu ou com socos “*a la Ultimate Figthing*”.
3. Os seguidores dessa tendência estão transformando a Capoeira num produto híbrido de exportação. Estatisticamente, em cada dez “finalizações” nove são feitas fora do tempo, de modo inadequado, contra um oponente muito mais leve, muito menor,

de padrão sócio-econômico igualmente inferior e, via de regra, menos branco. Contra um lutador de jiu-jitsu, do mesmo peso, da mesma altura e com o mesmo tempo de treinamento essa “finalização” seria absolutamente ridícula e desastrosa. Não será sem razão que, no exterior, embora com um discurso de arte marcial brasileira, essa neocapoeira só encontra guarida em academias de dança e em espetáculos folclóricos, onde, entre uma série e outra de saltos circenses (ninjas tupiniquins), tenta imitar o fascinante ritual da Capoeira Angola. Quando cobrados e convidados a fazer uma luta para valer, escondem-se por detrás, ou de uma “filosofia” cheia de contradições, ou de um folclórico “pulo do gato”, aquele que se dá em momentos de grande precisão. Ora, quando esses intrépidos guerreiros procurarem o tal “pulo do gato” perceberão que o gato simplesmente fugiu. Não é sem razão, portanto, que boa parte desses bravos samurais caboclos, cada vez mais, estão filmando as rodas de Angola.

4. Em suma, o valor de Mestre Bimba é absolutamente inquestionável, assim como o de muitos de seus alunos; essa Capoeira Regional que anda por aí, entretanto, cada vez mais, deve ser questionada: ginga marcada, golpes teatralizados, alta velocidade totalmente ingênua e ineficaz, saltos ornamentais de circo de interior, atabaque desesperadamente alto, comandando o espetáculo (ao invés do “Mestre Berimbau”)...
5. Tais reflexões, duras, mas sinceras, são imperiosas neste momento, primeiro passo para resgatar e potencializar a Capoeira como Arte Marcial. Os demais tipos de Capoeira, as demais maneiras de jogar a Capoeira, predominantemente lúdicas — é bom que fique bem claro! — vão muito bem obrigado, não precisam de ajuda (só de mais respeito) e não estarão incluídos no projeto.
6. Projeto que não chega a ser totalmente pioneiro, posto que tentativas similares, há algum tempo, vêm surgindo não ape-

nas no Rio de Janeiro, mas, também, em várias outras cidades. Basicamente obedecendo à seguinte estratégia: alunos de jiu-jitsu (ou de vale-tudo, muay thai etc) fazem uma breve apresentação para os capoeiras; alunos de capoeira dão o troco; em seguida realiza-se uma longa série de confrontos devidamente orientados pelos respectivos mestres envolvidos. De fundamental importância para o total sucesso de tais experiências é o processo de seleção dos atletas que dela participarão. Na outra ponta deste trabalho, fatalmente, iremos encontrar confrontos de verdade (sem resultados práticos, em pouco tempo, o laboratório, perderá o sentido).

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Afora os polêmicos confrontos de Salvador, em 1949, a *capoeira contemporânea* (regional e outras) tem brilhado apenas nas conversas de fim-de-roda, em reuniões de aficcionados, em revistas *especializadas*, em dissertações doutorais suspeitas. Há muita fantasia, há muito “folclore” – confrontos incríveis, mortais, à luz de lampião; facas de tucum; corpo fechado, berimbau mandingueiro; morena faceira em noite enlutarada etc. A maior parte do que escuto lembra muito conversa de pescador. Em termos práticos a Capoeira-Luta parou, realmente, no tempo e no espaço. Outras lutas similares tomaram seu lugar, o Muay Thai, por exemplo, que vem surpreendendo como luta para valer. A capoeira “contemporânea” continua fazendo o discurso de luta invencível, derrubando com agarrões angoleiros desavisados e humildes, mas exibindo-se nos palcos do mundo dentro de um pacote “folclórico” juntamente com a dança do maculelê, samba de roda, dança dos Orixás. Fazem o discurso da luta, ganham dinheiro com o “folclore”, travestidos de angoleiros autênticos...

Urge perceber que o “rei está nu” e resgatar a verdadeira capoeira-luta.

A capoeira *contemporânea* está num beco sem saída: ou volta para o colo generoso da Mãe Angola, ou cai nos braços corporativistas de alguns maus professores de educação física (os bons, não são corporativistas). Hora, portanto, de um acordo realístico, que deverá ser feito por esta porta. Pela porta da Capoeira-Luta, onde o mestre deixa de ser um grande artista (nada errado com esta opção, diga-se de passagem) e passa a ser verdadeiro lutador de capoeira.

Capoeira-artista é aquele que joga, dança, toca berimbau e canta capoeira. Via de regra é um poeta, um sonhador, um *filósofo*, místico e boêmio.

O lutador de capoeira, obrigatoriamente, terá que ser um soldado espartano de sua própria Arte Marcial: treinos duros e quase diuturnos, alimentação sempre balanceada, vida regrada etc. Um profissional de verdade. Mesmo assim, verdade é para ser dita, deverá saber que, como todo lutador profissional, terá poucos anos de glória e bons contratos. Talvez, como mestre, dê alguma sobrevida à profissão que escolheu. Daí porque, a tendência, hoje em dia, é que o professor de educação física vá ocupando esse espaço.

Participação dos professores de Educação Física

Defendo há longas décadas, em minhas palestras e artigos, que a Educação Física não deve se intrometer com a capoeira tradicional, com a Capoeira Mãe, com a Capoeira Angola. Muito embora, mesmo aí, se chamada, possa dar também considerável (e respeitoso) apoio técnico.

Minha opinião, entretanto, muda radicalmente quanto à relação Conselho Federal de Educação Física e a Capoeira Marcial. Entendendo como Capoeira Marcial o estilo de Sinhozinho e, também (pelo menos teoricamente), o estilo Regional. Opinião que, como já registramos neste livro, foi também de-

fendida por Bimba: “**Capoeira como luta deve seguir a orientação de Zuma Burlamaqui**”. Além do mais, a simples observação de qualquer aula de capoeira regional permite comprovar sua grande afinidade com os métodos de ensino preconizados pelos professores de educação física.

Não havendo mais a famosa Capoeira de Sinhozinho e estando o estilo “regional” num beco sem saída, a Capoeira, como arte marcial, tornou-se uma grande farsa, absolutamente ineficaz. Todo mundo sabe disso, mas finge que não sabe, finge que não vê, alimentando-se de fantasias. **Situação que pode ser corrigida com a inestimável contribuição dos professores de Educação Física.** Não tenho a menor dúvida.

Responsabilidade do Projeto

Décadas atrás, a capoeira estava pendurada no organograma da Confederação Brasileira de Pugilismo. De lá para cá, embora de modo polêmico, foi criada uma Confederação Brasileira de Capoeira e respeitável número de associações e movimentos com objetivos similares. Na prática, entretanto, continua prevalecendo o valor pessoal de cada mestre; valor que, às vezes, é potencializado por fatores alheios à capoeiragem (padrão sócio-econômico do mestre, por exemplo).

Em suma, na minha opinião, a Capoeira ainda não conta com um órgão representativo forte, bem estruturado e respeitado por todos mestres. Assim sendo, um projeto como o que ora sugerimos só poderá frutificar se contar com o apoio institucional e financeiro do governo. Há décadas, venho batendo nessa tecla, talvez tenha chegado a hora.

Embora nada impeça que o governo municipal ou estadual realize essa idéia, sem sombra de dúvida, o Governo Federal é o mais indicado para segurar essa bandeira. Mais precisamente, o Ministério de Turismo e Desporto.

Criação de um Grupo Ad Hoc

O primeiro passo será a criação, pelo governo federal, dentro da área do ministério de Turismo e Desporto, de um Grupo *AD HOC*. Grupo formado por mestres e alunos selecionados, interessados em desenvolver a modalidade de capoeira-luta. O grupo contaria, evidentemente, com convidados especiais representantes das demais modalidades de luta. O grupo contaria ainda com especialistas da área da Educação Física e da Saúde (médicos, enfermeiros, assistente social, psicólogos, fisioterapeutas etc).

O nome do *Professor Rudolf de Otero Hermann*, pelos méritos que conquistou nos ringues, pela sua longa e respeitada experiência na área da educação física, em geral, e da luta, em particular, seria o nome mais indicado para coordenar esse projeto.

Vários outros excelentes nomes vêm igualmente à tona para um projeto desta monta, começando pelo extraordinário *Lamar-tine Pereira da Costa*, doutor em Educação, ex-capoeirista, autor do interessante livro “Capoeiragem – A Arte da Defesa Pessoal Brasileira”. Para representar a Capoeira Regional, é consenso, o nome do ilustre médico *Ângelo Decânio Junior*.

ESTRUTURAÇÃO E DINÂMICA DO PROJETO

Relembrando velhos tempos do Professor Augusto Cordeiro – confrontos dominicais informais entre todas as lutas – calcado, também, nos confrontos similares promovidos por *Neyder Alves*, o projeto convidaria especialistas de outras lutas, especialmente do jiu-jitsu (os Gracie!), Muay Thai, Caratê (Paulo Goes!) e Vale-Tudo (Marcos Ruas!) para palestras e enfrentamentos devidamente monitorizados.

Uma série de “laboratórios” seria, então, programada para os quatro cantos do Brasil, especialmente, por motivos óbvios,

no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná (está-se destacando no Muay Thai), em Brasília, em Minas Gerais, na Bahia e em Pernambuco. O segredo do sucesso (laboratórios Capoeira & demais lutas), impossível discordar, vai depender de uma pré-seleção cuidadosa e de uma coordenação mais cuidadosa ainda. Basicamente, os atletas selecionados deverão ter, pelo menos, três requisitos: 1. Compreensão plena do verdadeiro sentido do laboratório e de suas metas; 2. Bom preparo físico e motivação para a experiência; 3. Vocação para artes marciais (o que inclui, ao mesmo tempo, valentia, treinamento intenso, talento, alimentação adequada e vida muito regrada).

OBJETIVOS DO PROJETO — Tópicos Nucleares

1. Reavaliação geral da Capoeira como Arte Marcial
A Capoeira será ainda, nos tempos de hoje, realmente eficaz como luta marcial?
2. Recuperação das Lições de Sinhozinho & Rudolf Hermann
Quanto ao treinamento
Quanto ao combate (técnica e tática de luta)
Quanto aos equipamentos especiais
Quanto ao uso das mãos (por que não?)
3. Reestudo das lições de Bimba (Capoeira-Luta)
Por que a Cintura Desprezada foi desprezada?
Como recuperar suas intenções como estratégia marcial?
Técnica e tática de uma Volta do Mundo para a Capoeira-Luta
4. Laboratório de Luta com estudos similares
- Savate, Muay Thai, Karatê etc
5. Laboratório de Luta com os demais estilos
- Judô, Jiu-jitsu, Vale-Tudo etc

PRODUTOS FINAIS

1. Oficinas sobre capoeira-luta pelo Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco.
2. Produção de um Vídeo-Teipe e de um Manual sobre Capoeira-Luta.
3. Produção de um CD-ROM sobre a Capoeira-Luta
4. Torneios especiais, confrontando a Capoeira com as demais lutas.

Bibliografia

— Com todo respeito ao Prólogo deste livro e ao Mestre Cervantes —

I — Referências básicas

A – Especificamente sobre capoeiragem:

SALLES, Vicente. Bibliografia crítica do folclore brasileiro: capoeira. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, v. 8, n. 23, p. 79-103, jan./abr. 1969.

Pesquisa pioneira. Vicente Salles, além de redator chefe da Revista era um dos principais pesquisadores da Campanha. Vicente Salles já publicou vários trabalhos sobre a Capoeiragem; trabalha, atualmente, na Universidade Federal do Pará

BIBLIOTECA AMADEU AMARAL. *Capoeira: fontes multimídia*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1996.

Excelente e mais do que oportuno desdobramento da pesquisa de Salles, mas que, tenho a certeza, pode e deve ser aprimorado. Não sem razão, portanto, constitui o mote de um dos anexos do presente trabalho. A Biblioteca Amadeu Amaral está situada dentro do complexo cultural do Palácio do Catete (Rua do Catete, 179, RIO / RJ).

B – História e Costumes do Rio de Janeiro e do Brasil

FONSECA, Gondim de. *Biografia do jornalismo carioca – 1808/1918*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

Contendo a relação de todos os jornais e revistas cariocas que surgiram de 1808 a 1908, e um dicionário de caricaturistas. Fonte para pesquisa de fundamental importância para o pleno êxito do projeto “Memória da Capoeira”.

“Muitas coleções de jornais que consultei na Biblioteca Nacional estão quase desfeitas. Se não forem restauradas acabarão em poucos anos, e o leitor do futuro só terá notícias delas através deste cartapácio”. Gondim de Fonseca, Rio, 1941

RIBEIRO, Ida Regina Gomes de Oliveira, SANTOS, Elza Elena Pinheiros dos (Comp.). *Bibliografia Carioca*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.

Catálogos de periódicos brasileiros microfilmados na Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

BRASIL – histórias, costumes e lendas. São Paulo: Ed. Três, 1975.

Interessante levantamento sobre cultura popular brasileira, com destaque para danças e jogos. Além de mencionar, como não poderia deixar de ser, a capoeiragem, permite perceber a existência de íntimo parentesco do batuque, com o bambelô (Rio Grande do Norte), o caxambú (Minas Gerais), o bate-coxa (Alagoas), o jongo, o côco ou zambê, a chula e a pernada carioca. Uma verdadeira tentação, em termos de “reserva de mercado”, na opinião de alguns poucos professores de educação física excessivamente corporativistas.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussman Tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990. 330 p. il. Biblioteca Carioca.

Como já adiantamos, no corpo do livro, recomendamos também a leitura da crônica “O barão Haussmann”, escrita pelo jornalista Arthur Dapieve (Jornal O Globo, 2 ago 02).

C – Métodos de Pesquisa

KAPLAN, Abraham. *The Conduct of Inquiry USA*: Chandler Publishing, 1964.

Há uma tradição na Capoeira que, longe de desaparecer, vem crescendo atualmente: a falação de todos os mestres convidados em algum momento de uma Roda de Capoeira. Com prazer, constato que vão surgindo excelentes oradores, verdadeiros filósofos da capoeira, especialmente no âmbito da capoeira tradicional. Claro, não faltam, também, discursos vazios, pretensiosos, fantasiosos e sem nenhuma base histórica ou lógica. Para esses, urgentemente, seria recomendável a leitura de resumo simplificado das idéias de Kaplan – perceptions, beliefs, biases, values, attitudes, emotions! Talvez até bastasse traduzir algumas linhas que KAPLAN dedica ao permanente e muito comum risco de TENDENCIOSIDADE (“Bias” – p. 373).

BASTOS, Lília da Rocha, PAIXÃO, Lyra; FERNANDES, Lúcia Monteiro. *Manual para Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses e Dissertações*. [Rio de Janeiro]: Guanabara, 1979. 117 p.

Indo muito além de meia dúzia de sábias sugestões, Dra. Lília da Rocha Bastos presenteou o autor com um relógio de bolso suíço — verdadeira relíquia — para que ele pudesse melhor controlar e confirmar o longo e mandingueiro tempo de uma verdadeira “volta do mundo”.

II – Bibliografia utilizada e especialmente recomendada

1. Livros

Observação: Primeiro por ordem cronológica, e, dentro do mesmo ano, por ordem alfabética

1890 — AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

Livro comentado ao longo do presente trabalho. Recomendo especialmente, no capítulo X, a leitura atenta do confronto entre o capoeira Firmo e o português Jerônimo (armado com um varapau minhoto).

1907 — “O.D.C.” *Guia do capoeira ou ginástica brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Nacional

Livro duplamente misterioso. Pelo seu autor que não quis aparecer e, sobretudo, pelo seu sumiço da Biblioteca Nacional. Annibal Burlamaqui, tempos atrás, copiou todo o seu texto (“V – 267 – 1 – 4 – N.16” — não tinha ainda desaparecido da BN). Mas não teve, infelizmente, condição de reproduzir as figuras do livro o que seria, certamente, altamente revelador — estilo de jogo da época, movimentos, indumentárias etc. Zuma Burlamaqui, pessoalmente, entregou seu trabalho de cópia ao Dr. Lamartine Pereira da Costa que, por sua vez, repassou para mim. Enviei cópia para Mestre Bogado que teve por bem improvisar, com base no livro de Lamartine, as ilustrações dos escritos de “ODC”. Aliás, segundo Bogado, “ODC” não representa as iniciais do possível nome do misterioso autor; “ODC” significa simplesmente, “Ofereço à Distinta Mocidade”. Corre, ainda, uma curiosa versão onde a autoria do livro é atribuída ao primeiro tenente da Marinha José Egydio Garcez Palha. Tendo esse ilustre oficial falecido em 1898, seu livro sobre capoeira foi publicado posteriormente sobre a sigla ODC.

1908 (1ª Edição) — RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (Biblioteca carioca).

E, assim como as ruas, os bairros e as cidades também têm alma. Talvez, com uma ou outra exceção...

*“Eu amo a rua”, assim João começa o seu livro. “Eu amo a capoeira de rua”, escreveria ele se o livro fosse específico sobre a capoeiragem. Leitura recomendável, especialmente o Capítulo **PRESEPES**:*

- “Aquele é o rei da capoeiragem. Está perto do Rei Baltasar porque deve esta. Rei preto também viu a estrela. Deus não esqueceu a gente. Ora não sei se V.S^a conhece que Baltasar é pai da raça preta. Os negros de Angola quando vieram para a Bahia trouxeram uma dança chamada Cungu, em que se ensinava a brigar. Cungu com o tempo virou mandinga e S. Bento.

— Mas pra que tudo isso?

— Isso, gente, são nomes antigos da capoeiragem. Jogar capoeira é o mesmo que jogar mandinga.

Rei da Capoeiragem tem o seu lugar junto de Baltasar. Capoeiragem tem sua religião.

Abri os olhos pasmados. O Negro riu.

— V. S^a não conhece a arte? Hoje está por baixo. Valente de verdade só mesmo uns dez: João da Sé, Tito da Praia, Chico Bolívar, Marinho da Silva, Manuel Piquira, Ludgero da Praia, Manuel Tolo, Moisés, Mariano da Piedade, Cândido Baianinho, outros... Esses “cabras” sabiam jogar mandinga como homens.

-Então os capoeiras estão nos presepes para acabar as presepadadas...

Em tempo, João do Rio, em seu livro, registra a presença do berimbau no Rio.

1922 (2ª edição) — PEDERNEIRAS, Raul. Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria. 2. ed. rev. e aum. [Rio de Janeiro:] Officinas Graphics do Jornal do Brasil, 49 p.

“Geringonça carioca nasceu do vulgo híbrido, da mestiçagem que formou a nacionalidade. A primeira a destacar-se foi a do capoeira, essa entidade que teve foros de instituição, esse exercício que alcançou as principaes camadas da sociedade”. (Duas Palavras, p. 3).

Grande parte do livro de Pederneiras baseia-se na gíria específica dos capoeiras da época. Daí a importância de sua leitura.

———. *Scenas da Vida Carioca – caricaturas*. Segundo Álbum. Rio de Janeiro, 1924.

1928 — BURLAMAQUI, Annibal. Ginástica nacional (capoeiragem): methodizada e regrada. Rio de Janeiro: [s.n.], 1928.

Livro comentado ao longo do presente trabalho. Leitura obrigatória.

— ABREU, Plácido de. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro: Escola Serafim Alves de Souza, [19—].

Ninguém ainda se deu conta, mas trata-se de um livro cult, talvez o maior de todos dentro da história da capoeiragem. Não será surpresa para mim se, um belo dia, virar um especial de TV.

1932 — EDMUNDO, Luiz. O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis. 2. ed. rev. e ant. Rio de Janeiro: Athena, [1932]. il. Cap. 4: Aspectos da cidade e das ruas, p. 31-40.

“Socialmente é um quisto, como poderia ser uma flor. Não lhe faltam, a par de instintos maus, gestos amáveis e enternecedores. É cavalheiresco para com as mulheres. Defende os fracos. Tem alma de D. Quixote” (Capítulo IV – Aspectos da cidade e das ruas).

———. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: BNH, [19—]. il. Edição especial.

O livro foi publicado, pela primeira vez, em 1938. A primorosa edição produzida pelo misteriosamente extinto Banco Nacional da Habitação inclui caricaturas geniais de J. Carlos, Calixto, Armando Pacheco, Raul Pederneiras e vários outros. Neste livro, o carioca Luiz Edmundo (1878/1961) resume a história do lendário capoeirista Manduca da Praia (Capítulo 12 – A Vida de Cortiço, págs. 137/139). Luiz Edmundo pertenceu à Academia Brasileira de Letras e foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1944 (1ª Edição) — AMADO, Jorge. Bahia de todos os santos. 21. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Martins, 1971. 263 p.

O livro foi publicado pela primeira vez em 1944. Como todas as obras de Jorge Amado, esta também vem sendo reeditada constantemente e lançada em várias outras línguas pelo mundo afora. A partir da 22ª edição, entretanto, como aponte no presente trabalho, um substancial e revelador parágrafo sobre Mestre Bimba foi misteriosamente suprimido. Corte que, até agora, não mereceu nenhum comentário nas revistas e teses especializadas em Bimba.

1945 — MARINHO, Inezil Penna. Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

Livro comentado ao longo do presente trabalho. Leitura fundamental.

- OLIVEIRA, Valdemar de. *Frevo, capoeira e passo*. Recife: Ed. de Pernambuco, 1971. 145 p. il.
- Referindo-se ao histórico episódio da prisão do capoeira Juca Reis, na pág. 81 de seu livro, Oliveira comenta: “O exemplo repercutiu no país inteiro. A liquidação foi geral. As polícias estaduais se movimentaram, apoiadas no primeiro código Penal da República”.*
- A História da Capoeira, sem sombra de dúvida, passa por Pernambuco, e esse livro é uma das leituras de fundamental importância para bem entendê-la. A base do livro foi um trabalho produzido pelo autor, em 1945, e publicado, com destaque, no volume VI, do ano VI, do Boletim Latino-Americano de Música.*
- 1946 — MORAIS FILHO, Alexandre José de Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Revisão e notas de Câmara Cascudo. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1946. 551 p. il.
- “Capoeiragem e Capoeiras Célebres – Rio de Janeiro” é, certamente, leitura obrigatória para todos nós. Dois exemplos:
- “No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, há uma subclasse que reclama distintíssimo lugar entre as suas congêneres e que tem todo o direito a uma nesga de tela no quadro da história dos nossos costumes – a dos capoeiras (p. 444)”.
- “Os capoeiras, até quarenta anos passados, prestavam juramento solene, e o lugar escolhido para isso eram as torres das igrejas (p. 446)”.
- 1961 — LYRA FILHO, João. Sinais de sociologia dos desportos. [S.l.]: Confederação Brasileira de Desportos (Gestão João Havelange), 1961. Cap. 3: Miscigenação e capoeiragem.
- Pequeno libreto contendo a palestra de João Lyra Filho, realizada no dia 25 de agosto de 1960, no Clube de Regatas do Flamengo (tinha que ser no Flamengo!). Importante registro que serviu de embrião para trabalho de maior fôlego, cuja leitura, considero obrigatória para qualquer pesquisador na área do desporto em geral, e da capoeiragem em particular: **INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DOS DESPORTOS!***
- 1961 — COSTA, Lamartine Pereira da. Capoeiragem: a arte da defesa pessoal brasileira. Rio de Janeiro: [s.n.], 1961. 63 p. il.
- . Capoeira sem mestre. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1962. 116 p. il. (Esportiva).
- Lamartine Pereira da Costa praticou capoeira, introduziu oficialmente a capoeiragem na Marinha, escreveu vários artigos e um livro específico sobre o assunto. Como professor de educação física escreveu centenas de artigos,*

coordenou dezenas de projetos a nível nacional e internacional. Com doutorado em Educação, além de professor universitário, tornou-se um brilhante consultor internacional.

1965 — CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 187 p.

Décadas atrás tive o prazer e a honra de entrevistar, no meu programa radiofônico “Rinha de Capoeira”, o brilhante e saudoso Professor Edson Carneiro. O mote básico da entrevista, como não poderia deixar de ser, foi “como diferenciar a dinâmica do folclore da estilização folclórica da capoeira contemporânea”?

- LEMOINE, Carmem Nícias de. *Jogo de capoeira. Tradições da Cidade do Rio de Janeiro do século 16 ao 19*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965. p. 226-233.

Lemoine exagera um pouco ao citar e louvar certo capoeira paranaense.

1972 — SANTOS, José Francisco dos. *Memórias de Madame Satã: (conforme narração a Sylvan Paozzo)*. [S.l.]: Lidador, 1972.

“Minha pessoa estava muito feliz naquela noite” – assim começa o livro de Satã! Obra que deve ser lida, também, como importante registro social e sociológico do Rio Antigo. Merecendo especial registro a maneira brilhante como o jornalista Sylvan Paezzo desempenhou o seu papel.

1974 — LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bloch, [19—].

Leitura obrigatória, não sendo possível ler o livro todo, pelo menos, o Capítulo dedicado à Capoeira deve ser lido com especial atenção. Um Capítulo que deveria ser republicado, devidamente comentado por meia dúzia de especialistas no assunto.

1980 — PEIXOTO, Mário. *Ipanema de A a Z: dicionário da vida ipanemense*. [S.l.]: AACohen, 1980.

Preciosa fonte de informações para o presente trabalho.

1981 — GOMES, Paulo, Mestre. *Capoeira: a arte brasileira*. [S.l.]: Centro de Capoeira Ilha da Maré, 1981.

O baiano Paulo Gomes fez-se mestre no Rio de Janeiro e teve seu melhor momento em São Paulo onde, infelizmente, foi covardemente assassinado. O livro é o escritor falando, quem o conheceu entende muito bem o que ora afirmo. Testemunhei, certa vez, Paulo Gomes jogar com todos os capoeiras de uma roda extremamente hostil. Saiu respeitado e admirado. Recomendando a leitura do livro.

- 1990 — FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. clxix, 810 p.
- Entre outras importantes reflexões, Freire oferece subsídios para um melhor entendimento sobre a famosa e jamais bem explicada Guarda Negra: fiel ao Império, contra a República (o que, aparentemente, não faria sentido....).*
- 1993 — DIAS, Luiz Sérgio. Quem tem medo da capoeira? 1890-1904. 1993. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- Preciosa fonte de informações para o presente trabalho.*
- 1995 — PETTEZZONI, Sergio. RIO para não Chorar, Ed. Catau.
- 1996 — ANGELO, Decânio Filho. A herança de Mestre Bimba: filosofia e lógica africanas da capoeira. Salvador: [s.n.], 1996. Edição própria.
- Apresentação de Jorge Amado e Esdras Magalhães dos Santos. Ângelo Decânio foi aluno e médico de Mestre Bimba, e conviveu com Cisnando Lima ("foi o primeiro aluno branco da classe social dominante em Salvador; Cisnando logo induziu o Mestre Bimba a enriquecer o potencial bélico da luta negra...". Pág. 112). Com profunda admiração, mas com singular realismo, Decano exalta a figura de Bimba. Com autoridade, às folhas tantas, chama atenção para graves distorções que estão ocorrendo, atualmente, com a Capoeira Regional. Leitura obrigatória.*
- SANTOS, Esdras M. dos. *Conversando sobre capoeira...* São Paulo: JAC, 1996. 65 p.
- Livro emocionado, desassombrado e extremamente informativo. Preciosa fonte de informações para o presente trabalho. Recomendo a leitura (há uma segunda edição em marcha).*
- 1999 – LACÉ LOPES, André Luiz. *A Volta do Mundo da Capoeira*. Rio de Janeiro: Markgraph. 460 p. il.
- Seleção de artigos, cartas e reflexões sobre a Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem. O primeiro artigo selecionado data de 1962. O livro focaliza a marcha da capoeira pelo mundo, mas com especial ênfase na capoeira do subúrbio do Rio, na décadas de 60/70.*
- 2000 — CASTRO, Ruy. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Preciosa fonte de informações para o presente trabalho. Leitura recomendável.*
- 2000 — MARINI FILHO, Humberto. O estranho caso de Monteiro Lobato com a identidade nacional. 2000. Tese (Doutorado em Comu-

nicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Tese com a qual o autor obteve, em grau de excelência, o título de Doutor em Comunicação e Cultura, pela Escola de Comunicação, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

— LESSA, Carlos. *Metrópoles: o Rio de todos os Brasis*. [S.l.]: Record, 2000. 478 p.

Leitura obrigatória para quem, além de Capoeira, queira entender também de Rio de Janeiro e Brasil. Preciosa fonte de informações para o presente trabalho.

2. Jornais e revistas

1906 — CAPOEIRA. *Kosmos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, mar. 1906.

Excelente artigo escrito pelo cronista Lima Campos, magistralmente ilustrado pelo famoso Calixto. Valioso registro de uma época. Leitura obrigatória.

1935 — ANDRÉ Jansen em Salvador. *O Imparcial*, Salvador, 25 out. 1935.

Breve, mais importante registro de uma das passagens de André Jansen por Salvador. Promotores de um grande evento de pugilismo, inspirados em promoções similares realizadas no Rio de Janeiro, convidaram Jansen para inaugurar as apresentações num confronto com Ricardo Nibbon (também do Rio, aluno dos Gracie). Como preliminar, Mestre Bimba fez uma exibição com seus alunos.

— *André Jansen em Salvador*. Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*. 30 out. 1935.

“O público carioca conhece sobejamente o sportista André Jansen, considerado o mestre absoluto da luta brasileira (a capoeiragem). Várias vezes André teve ocasião de brilhar em nossas arenas, demonstrando sua technica admirável, servida por uma valentia e uma resistência extraordinária.

...Jansen, o maior discípulo de Agenor Sampaio, Sinhozinho...

... O hospitaleiro povo bahiano vae ter ocasião de apreciar o espírito combativo, a inteligência, dextreza e sagacidade do jovem sportista brasileiro”...

1949 — REGRESSOU Mestre Bimba. *A Tarde*, Salvador, 07 mar. 1949.

Não concordando, mas também não proibindo lutas combinadas, Mestre Bimba voltou a Salvador fazendo declarações elogiosas sobre o desempenho da Regional nas apresentações em São Paulo.

1945 — MALANDRAGEM nasceu com a própria cidade: do capoeira de ontem ao malandro de hoje. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 19 jan. 1955.

1953 — ANTÔNIO, Carlos. A ARTE dos moleque de Sinhá – Camarada bota sentido! Capoeira vai te Batê...”. Flan, Rio de Janeiro, 31 mai, 1953, 1. cad.:9; Última Hora, São Paulo, 25 abr. 1956:9.

Neste mundo cada vez mais dependente do marketing, parece que só existiu e que só existe quem está todos dias na mídia. Mídia paga ou não. Daí a ignorância sobre a extraordinária Capoeira de Sinhozinho de Ipanema. Outro bom exemplo, ou melhor, outra boa injustiça pode ser registrada em relação ao Sr. Antenor dos Santos, mineiro, vice-presidente da Portela e um “animador da capoeira”. Nas décadas de 40/50 o Sr. Santos coordenava um grupo de bons angoleiros, na prática, comandados por Joel Lourenço do Espírito Santo. Estivemos, eu, Neyder Alves (capoeira de Sinhozinho) e Paulo Castro, na casa de Joel, em Madureira. Não houve jogo, mas houve um papo que deveria ter sido gravado.

Em tempo: fui apresentado ao Mestre Joel pelo próprio “Antônio Carlos” (pseudônimo do querido e saudoso Professor Edison Carneiro).

1959 — CAPOEIRISTAS baianos dançam no aeroporto. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 10 abr. 1959.

1961 — DANÇA de negros e arma de malandros: capoeira oficializada na Marinha. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 30 mar. 1966, tablóide: 1.

Lamartine Pereira da Costa, com a cooperação dos Mestres Artur Emídio e Djalma Bandeira promove um curso de capoeira especialmente para oficiais e praças da Marinha.

Aliás, um grande mote, ainda virgem, é o papel das marinhas – de guerra e mercante – na propagação e no intercâmbio capoeirístico nos portos brasileiros e do mundo.

1963 — CAPOEIRA renasce no Rio com suas velhas tradições. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 dez. 1963.

Reportagem de página inteira, com duas ilustrações (uma delas inspirou a capa do livro “A Volta do Mundo da Capoeira”). Gira em torno de uma “Operação Capoeira” deflagrada no Rio, registra a importância de Sinhozinho, Artur Emídio e outros.

TORÍBIO, Alderico. Grupo Folclórico defende o bom nome da capoeira. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 6 out. 1963, 3 cad.: 1,6.

- . CAPOEIRA comanda o espetáculo de folclore. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1966, 3. cad.: 1.
- Toríbio foi quem melhor escreveu sobre a grandeza de Mestre Mário Santos e sobre os tempos áureos do Grupo Bonfim (sob o comando do próprio Mário e de Mestre Zé Grande com quem tive a honra de, também, dar uma pequena volta do mundo).*
- . BATISMO de capoeira em Copacabana. *Jornal A Noite*, 23 jun. 1963
- Mestre Caboclo (?) forma mais uma turma da capoeira: Turma Artur Emídio.
- 1968 — SIMPÓSIO quer mudar capoeira. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1968. (2) f. il.
- . *SIMPÓSIO chegou ao final sem decidir se capoeira é luta ou apenas folclore. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1968. (2)f. il.
- O evento reuniu altas autoridades do governo, do esporte e da capoeira: Ministro Lyra Filho, Professor Edison Carneiro, Maria Lenk, Dr. Lamartine Pereira da Costa, Dr. Ângelo Decânio, Professor Rudolf Hermannny e outros. Iniciativa bem intencionada, mas sem nenhum resultado prático. Particularmente na reportagem do Jornal do Brasil assumo posição excessivamente crítica.*
- 1974 — FESTIVAL de uma corda só traz ao Rio mestres da capoeira. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1974. (1)f il.
- Realizado no IBAM, RIO. Estratégia pioneira onde os concorrentes tinham que improvisar os versos em função de um jogo feito na hora. Participaram, entre outros, os mestres Zé Pedro (vencedor), Paulo Afonso “Corvo”, Silas, José “Macaco Preto”, Adilson Victor, Alcino “Dentinho”, Adilson Faria, Luiz Américo e Paulão. Na multidisciplinar comissão julgadora (maestro, comunicador, sociólogo, professores de português e de educação física): Carlos Henrique Gomide, Orlando Mara, Lamartine Pereira da Costa, Alves Soares e Muniz Sodré. Evento idealizado por André Lacé.*
- 1977 — CURVELO, Ivan. Capoeira: a falta de rumos é processo de embranquecimento. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1977. (4)f il.
- Entrevista com André Luiz Lacé, então Superintendente Administrativo do Clube de Regatas do Flamengo, sobre o processo de institucionalização da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem.*
- 1986 — MACARTY, José. Quand la Capoeira rencontre le Moringue. *Jornal Témoins*. Ilha de Reunião, 8 out. 1986.

— L'HISTOIRE DE LA CAPOEIRA AU BRÉSIL. *Jornal Témoignages*. Ilha de Reunião, 9 out 1986.

Entrevista com André Luiz Lacé Lopes

- LE MORINGUE (CAPOEIRA!) à la Réunion – sortir du fénoir une pratique culturel lè authentiquement réunionnais. *Jornal Témoignages*, quotidien du parti communiste réunionnais. Ilha de Reunião, Oceano Índico, 11/12 out 1986

III – Capoeira da Bahia (registros mencionados neste trabalho)

1. Livros

1963 — BIMBA, Mestre. Curso de capoeira regional. Salvador: [s.n.], 1963.

Livreto que acompanha as duas edições (1963 e 1985) do disco de Mestre Bimba “Curso de Capoeira Regional”. A 2ª edição sofreu, misteriosamente, uma pequena, mas significativa modificação no texto. Alteração comentada no presente trabalho.

1968 — RÊGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoã, 1968. 416 p. il.

1982 — ALMEIDA, Raimundo César Alves de. Bimba, perfil do mestre. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFPBA, 1982. 102 p.

— . *Bibliografia crítica da capoeira*. Brasília: DEFER, Centro de Documentação e Informação sobre a Capoeira, 1993 178 p.

1986 — ALMEIDA, U. (Mestre Acordeon). Capoeira, a Brazilian art Form. Berkeley: North Atlantic Books, 1986.

— *Ubirajara, “Bira” Acordeon, curso superior de Administração (Bahia), há 16 anos vivendo nos Estados Unidos, onde ensina e faz apresentações artísticas de Capoeira Regional, Maculelê, Puxada de Rede, Samba de Roda etc. Livro citado ao longo do presente trabalho.*

1991 — MOURA, Jair. Mestre Bimba, a crônica da capoeiragem. Salvador: Fundação Mestre Bimba, 1993. 86 p. il.

— *Conhecido nas rodas de capoeira como Jair Pequeno (existem outras versões quanto ao apelido, por exemplo, Jair Perigo). Autor de vários artigos e um livro. Pecando apenas, como demonstrei no livro, por uma visão excessivamente apaixonada em algumas de suas pesquisas.*

2. Artigos e textos diversos (eventos em Salvador)

- 1936 — O ADVERSÁRIO de Bimba abandonou o “ring” porque estava irregular. *O Estado da Bahia*, Salvador, 23 mar. 1936.
- AINDA a luta Bimba x José Custódio. *Diário de Notícias*, Salvador, 11 mar. 1936.
- UMA noitada fraca no Stadium Odeon... é preciso que se veja até onde vai o esporte. *O Estado da Bahia*, Salvador, 19 fev. 1936.
- NO PARQUE Odeon o capoeirista Bimba venceu brilhantemente o seu adversário. *Diário de Notícias*, Salvador, 07 fev. 1936.
- NO PARQUE Odeon uma noite de capoeira e Box. *O Estado da Bahia*, Salvador, 16 mai. 1936.
- NO STADIUM Odeon, como decorreu a noite esportiva de ontem. *O Imparcial*, Salvador, 01 fev. 1936. p. 7.
- 1949 — OS CAPOEIRISTAS estão brilhando em São Paulo. *A Tarde*, Salvador, 25 fev. 1949.
- 1949 – Os capoeiristas estão brilhando em São Paulo. *A Tarde*, Salvador, 25 fev. 1949
- Embora os resultados fossem combinados, mesmo assim, como salientamos ao longo deste livro, o saldo capoeirístico da incursão foi altamente positiva.*
- 1974 – Curso PM. DN, Salvador, 02 ago.
- “A Polícia Militar da Bahia realizou ontem a Aula Inaugural do Curso de Instrutores e Monitores da Capoeira, que foi ministrado pelo professor André Lacé Lopes, Diretor do Departamento Especial de Capoeira da Confederação Brasileira de Pugilismo”.
- Curso e palestra foram noticiados, também, em jornais do RIO, alguns de circulação nacional:*
- *Carioca é quem abre curso de capoeira na Bahia. Última Hora*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1974
- *Capoeira, Professor Lacé ministra aula em Salvador. A Notícia*, 30 jul. 1974
- *Começou Curso de Capoeira – Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 ago. 1974
- *Institucionalização da Capoeira será debatida em seminário nacional. Diário de Notícias*, Salvador, 15/16 nov. 1974
- Divulgação, na Bahia, do seminário realizado no Instituto Brasileiro de Administração Municipal, de nos dias 7 e 8 de dezembro, sob a coordenação de André Luiz Lacé Lopes, então, Diretor de Capoeira, da Confederação Brasileira de Pugilismo.*